

FAZEDOR DE SENTIDO

josé luis de leonardo ferrer



JOSÉ LUIS DE LEONARDO FERRER

FAZEDOR
DE SENTIDO

FAZEDOR DE SENTIDO

José Luis de Leonardo Ferrer

Contacto con el autor:
www.hacedordesentido.net
hacedordesentido@gmail.com

Ilustración de portada: Morgana Miranda (morguis.gram@hotmail.com)
Versão em português crisobredor@yahoo.com.br

Primeira edição em espanhol: Ediciones Askasis, Isla de Maipo, julio de 2017
Primeira edição em português:

ISBN 978-956-9455-26-1

Este livro foi publicado sob licença License of Use Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual

O uso de seu conteúdo é autorizado, desde que as três condições a seguir sejam atendidas: (1) que não tenha fins lucrativos, (2) que a fonte seja claramente citada e (3) que o produto derivado de seu uso seja compartilhado em As mesmas condições.

contacto@askasis.cl | www.askasis.cl

JOSÉ LUIS DE LEONARDO FERRER

FAZEDOR
DE SENTIDO

*Basta com que uma geração desperte
para que o Universo desperte*

SILO

Á Silo, o maior dos poetas. Tudo neste livro é dele.

Aos jovens, construtores do novo Mito Mundial. Este é o seu tempo.

Aos Mensageiros da nova vida.

A meu propósito por me trazer até aqui.

Aos meus pais, eu sou sua continuidade no tempo.

CAPITULO I: TERUEL

Não imagines que estas só em teu povoado, em tua cidade, na Terra e nos infinitos mundos...

Era o primeiro dia da universidade em outubro de dois mil e dezessete. Nesse outono deprimente e colorido, Lorién caminhava pelo Campus sem vontade, com sono e com sede, produto da ressaca da festa da noite anterior, a boca um trapo e a cabeça como um tambor.

Não podia imaginar, desde esse obscuro estado em que se encontrava que nesse dia ele ia começar uma profunda e total transformação de sua vida, que daria sentido a sua existência e provocaria uma poderosa reação em cadeia que afetaria toda a humanidade.

Depois de uma série de aulas, cada uma mais chata que a outra, finalmente tinha chegado à última aula do dia arrastando o corpo. A aula era opcional e ele tinha escolhido Antropologia Cultural.

Havia somente seis pessoas, quatro delas ele já tinha visto, mesmo que não tivesse trocado uma palavra com elas. Os outros ele não conhecia. Lógico, quem é que podia escolher tamanha babaquice de matéria?

O professor chegou logo atrás dele. Era um cara de 65 anos, alto, de óculos, com o cabelo escuro e algumas mechas brancas. Surpreendentemente, para a idade que aparentava, ele se mexia com uma estranha agilidade, com um domínio pouco comum do corpo e um estranho olhar que fazia sentir que te conhecia. Seu sorriso contagioso o confirmava. Ele encontrou todos desanimados, jogados sobre as cadeiras, cada um ligado no seu celular, todos isolados.

Cumprimentou e apresentou-se muito sucinto.

—Sou Federico Arcos e estaremos juntos o ano todo com este interessante tema. O escolheram por ser apaixonante, não é? — disse, com ligeiro acento sul-americano, enquanto ria com um riso contagiante.

Por uma parte Lorién sentiu-se predisposto a rir com ele, gostou de seu desembaraço, esse do qual ele carecia e só mostrava com alguns tragos dentro do corpo. Por isso mesmo ficou incomodado e decidiu que não simpatizava com ele.

Sem dizer mais nada o professor foi até o quadro e escreveu: *Consciência—Mundo*.

— Consciência e Mundo são uma única estrutura, — disse com sua expressão cúmplice e divertida.

Isso foi uma agulhada para Lorién, uma sacudida que o fez tirar o olhar do celular e mudar imediatamente sua postura, e seu corpo, antes largado na cadeira, ficou erguido e atento.

—Vejam os que é a consciência para vocês e que é o mundo.

Ninguém disse nada, os outros continuavam igualmente largados e desinteressados, escrevendo mensagens no celular. Só Lorién tinha aguçado os ouvidos, e o professor o notou.

—É isso que eu gosto! Uma aula participativa e protagonista — riu ele, imune ao desalento —, mas antes, o que acham de nos apresentarmos?

—Não, que chato, que porre, avance e nos deixe tranquilos... — se queixaram os presentes.

—Bem, vamos nos apresentar da seguinte maneira: primeiro o nome, em segundo lugar porque escolheu esta matéria opcional e em terceiro lugar vão dizer pelo menos três virtudes de vocês. Quem começa? Vamos partir com este voluntário — disse assinalando um dos alunos que fechou a cara.

—Meu nome é Kiko e estou aqui porque erre e virtudes eu não tenho — comentou com desleixo o rapaz magro e alto de cabelo castanho enrolado, sorridente e sem tirar os olhos do celular.

—Bem, esse é o espírito! Perfeito, e já que ele é um tanto tímido, vamos ajudá-lo, cada um afina a sua intuição e mesmo que não o conheça diga uma virtude dele. Eu começo — disse —, direto, claro e criativo. Agora vocês — insistiu.

Lorién começava a achar isso divertido. O tom solto, muito eloquente e histriônico do professor, contrastando com o dos estudantes, todos desmotivados, chateados e perdidos nos celulares. Enquanto os outros colegas se queixavam, Lorién olhou para Kiko e ficou surpreso ao perceber que, mesmo sem conhecê-lo, tinha a impressão de que era criativo e inteligente, apesar da atitude. Então disse: inteligente e valente.

Kiko ficou olhando para ele com os olhos arregalados, assim como os outros que olharam surpresos, como querendo dizer: *o que aconteceu com esse cara que segue o jogo do tonto do professor?*.

Uma das garotas se animou e disse:

—Eu o acho engenhoso.

Os outros dois disseram que não sabiam.

O professor olhou para Lorién e piscando o olho disse:

—Bem, vamos com o segundo voluntário.

Lorién sorriu ante sua ironia divertida, embora os outros não achassem graça nenhuma, com exceção do Kiko, que já estava mais envolvido no jogo e meio surpreso de que tivessem acertado em suas virtudes.

—Meu nome é Lorién.

Olhou ao redor para ver se alguém rira de seu estranho nome. O professor ficou sério e logo depois sorriu com um grande sorriso que deixou Lorién meio tocado.

—Lorién, um nome com raízes, com sonoridade, um nome especial, fala ao mesmo tempo, de sensibilidade e fortaleza.

Lorién gostou disso, embora ficasse meio encabulado, continuou com de forma decidida.

—Estou aqui porque o dia em que me matriculei estava bêbado. Virtudes? Sou bom para beber, tenho uma boa postura na barra e sou um dos mais brutos da região.

Isto despertou uma gritaria divertida entre seus colegas.

–Boa, colega! Grande cara!

O professor ficou olhando com muito, muito afeto e disse suavemente:

–Você esqueceu a sensibilidade, você é um ser sensível e luminoso, é uma boa pessoa, é leal e tem muitas inquietudes internas, com certeza gosta de ler.

Lorién ficou vermelho e não disse nada, só queria sumir para não passar vergonha diante dos colegas. Estava impressionado. O professor o tinha sacado com um olhar. Os colegas ficaram olhando sem rir, sérios e concentrados. Depois voltaram a atenção para o professor. Agora estavam todos atentos e se notava outro tom na turma. Os telefones tinham sumido magicamente.

–Bom, vamos com você – disse assinalando a garota que tinha falado antes.

–Meu nome é Maribel, e na verdade não sei muito bem porque estou aqui, gosto da geologia, da arqueologia e dos mistérios do passado. Também gosto muito de ler – terminou ela com desdém.

–Isso é maravilhoso – disse o professor. Quem não conhece o passado não pode fincar raízes para construir o futuro. É uma mulher com base sólida, vocês veem quanta solidez e quanta segurança? Uma mulher audaz. Sem dúvida que você tem o futuro aberto e conseguirá tudo o que se propuser, tem muita força de vontade.

Maribel ficou de queixo caído e piscou rapidamente, um pouco receosa, sem saber se ele estava falando sério ou não. – Que grandes virtudes! – fechou o professor.

–Meu nome é João Paulo – disse o colega de aspecto recio e simpático –, também não sei muito de que se trata isto, mas acho que se trata de como conhecer algo de nossas raízes. Minha virtude é ser bom amigo e ter senso do humor.

–Que bom, apareceu a alegria! Claro, basta um olhar! Quem não vai acreditar que é alegre? Aliás, tens aspecto de ser um cara nobre, confiável, com bom caráter e generoso.

–Suponho que não está me sacaneando, não? – disse João Paulo com seu sorriso franco.

–De maneira nenhuma – disse o professor devolvendo o sorriso. Ou estou errado no que disse?

Vamos com você – disse para a garota magra e bonita de cabelo castanho.

–Meu nome é Paula, gosto de dançar e cantar, na verdade não sei muito bem porque estou aqui – disse com um sorriso amplo.

–Grande! – disse o professor. O canto é divino, é a forma de agradecer aos deuses por estarmos vivos, que boa virtude! E a dança, a forma de fazer o ritual de conexão com o divino. Muito bom! Vamos contigo – convidou outro colega de barba e bigode cerrados, de aspecto sério e que parecia ser um pouco mais velho que o resto.

–Meu nome é José Inácio, tampouco sei muito bem para onde vai dar isto, mas acho que é como entender o que está por trás das coisas. Minhas virtudes: sou reflexivo e tenho um bom senso do humor.

—Que boas virtudes, e juntas melhor ainda — disse o professor. Reflexivo e com bom humor, fantástico. E é outro que tem inquietudes profundas. Um buscador — afirmou. Bem, resta nossa última companheira.

—Meu nome é Iovanka — expressou ela com voz suave, a típica pessoa que a gente sente próxima e agradável, de cabelo longo e olhos escuros como os árabes —. Sou honesta, empática e boa amiga e estou aqui porque algo me tocou quando vi o nome da matéria, é mais uma intuição do que outra coisa.

—Excelente! Além de ser um grande ser humano, vê-se que é muito compassiva. Quem não gostaria de tê-la como amiga ou colega? Certo, amigos?

Em poucos minutos o clima da aula tinha mudado radicalmente. Todos gostaram, mesmo sem saber muito bem do que se tratava. Todos sentiam o mesmo, que tinham acertado plenamente ao matricular-se nessa matéria.

—Esse tema das virtudes é de importância vital. Desde crianças nos treinam para vermos o negativo em nós e nos demais. O sistema educativo todo tem como base a ideia de que educar é corrigir. Não fomos educados numa cultura que reforce o positivo. O positivo é o óbvio, o que se tem como certo. Ninguém olha para o que essa criança tem, para o que ela já sabe, mas para o que lhe falta. Assim é que, desde pequenos, estamos mais treinados para ver o pior em nós — comentou o professor olhando divertido —. Vocês lembram como era quando eram pequenos? Se Federico era tranquilo, o que diziam para ele? Que parecia meio bobo, que não se mexia... “Mas, essa criança que não se mexe”. — hahaha. — riam os alunos com ele —. “Olha o Antonio, ele sim se mexe e brinca e faz coisas, não é como você...” A gente sempre estava errado. E a António, o que lhe diziam? “Olha essa criança, que bagunceira, não para nunca, por que não fica quieto um pouco, como faz Federico?”... hahaha — agora todos riam com vontade —. Nós sempre estávamos errados, não importava o que fizéssemos. Estamos super treinados para ver nossos defeitos. Se ao invés de pedir a vocês que contassem suas virtudes tivesse pedido um listado de defeitos, aí é que não parávamos mais... Sem duvidar teríamos feito uma lista de 100, mas vejam o quanto é difícil fazer uma lista de dez virtudes, — frisou, sério —, já viram? Somos todos diferentes, cada qual com suas virtudes, que maravilha podermos nos olhar desse jeito, não é mesmo? Digam-me, quem de vocês é o melhor?

Ficaram todos olhando uns para os outros em silêncio.

—Ninguém — disse Maribel com leveza —, todos somos iguais em valor, mas diferentes no que cada um contribui.

—Excelente Maribel! Efetivamente, isso é o grandioso da diversidade: todos somos extraordinários e maravilhosamente diferentes. Cada qual aporta algo que ninguém mais aporta. Podem imaginar o chato que seria se todos fôssemos iguais? Oito bilhões de Federicos, hahaha — riu com vontade, com o coro do resto da turma —. Como é que vou namorar outro Federico?! Que horror!

A turma toda estourou em risos.

—Cada um de nós — continuou depois de silenciarem os risos e com tom reflexivo —, cada ser humano é algo enorme, um verdadeiro milagre. Nunca mais deixem que os façam acreditar que não valem nada, que são só um número.

Quando se trabalha em torno das virtudes, do olhar positivo, às vezes fica o registro de irrealidade. Parece que quando se fala dos aspectos negativos, da minha parte raivosa, minha angustia, minha depressão, de minha pressa, é como se tudo isso fosse mais real pra mim do que minha capacidade de organizar, minha bondade, minha criatividade, minha inteligência, minha generosidade, minha amabilidade, etc.

Isto se deve ao fato de que os defeitos têm um apoio corporal mais nítido. A raiva, a tristeza, a angustia, são percebidas claramente no corpo e sentidas como mais reais, mais parte da gente: esse sim sou eu! Que triste, não é? Identifico-me mais com meus defeitos do que com minhas virtudes. Certo? – Os estudantes assentiram pensativos –. Por outro lado, as virtudes parecem não ter sustento físico, são tão leves, como penas.

Assim, os problemas e defeitos são mais facilmente reconhecíveis. O reconhecimento e expressão das virtudes é uma tarefa difícil, porque temos que lidar com essa armadilha e esse condicionamento social e histórico que destaca os defeitos e carências do ser humano. Que mal nos ensinaram tudo! – se exaltou Federico –. Em geral, podemos tomar dois caminhos: martelar nossas cabeças e nos culpar para tentarmos mudar tudo que não gostamos de nós mesmos, ou reforçar o bom que temos.

Esta é a proposta: potencializar ao máximo o positivo que temos, observarmos e conhecermos a nós mesmos. Somos seres maravilhosos, desde que acordamos até a hora que vamos dormir, fazemos milhares de coisas bem feitas e por um pequeno erro que cometemos em algum momento do dia nos tratamos muito mal. Por que não agradecer e valorar as coisas que fazemos bem? – Piscou o olho de forma cúmplice – Vamos ver, me contem, há alguma relação entre o reconhecimento das próprias virtudes e a autoestima?

Ficaram em silêncio olhando uns aos outros.

–Claro! Se não vejo virtudes em mim não me quero bem – pulou João Paulo, espontâneo como sempre.

–Que interessante o que acaba de falar. Efetivamente, se a gente não reconhece em si mesmo um mínimo de virtudes, de algo que faz bem, como vai querer-se bem, como vai ter a mínima autoestima? Quer dizer que posso estar de bem comigo ou estar de mal. Se reconheço algumas virtudes em mim, na certa estarei de bem comigo, caso contrário, estarei mal comigo mesmo. Terrível, não é? O inimigo em casa. Não tenho pior inimigo do que eu mesmo. Ninguém me trata tão mal quanto eu mesmo! – ficou olhando para eles com profundidade –. Isto é o que quero que mudemos a partir de hoje: que comecemos a nos tratar como ao melhor amigo, do qual as circunstâncias da vida ou algum mal-entendido nos afastaram. A única forma de reconciliar-se consigo mesmo é ver o melhor que cada um tem.

Ficou em silêncio reflexivo olhando para o rio pela janela.

–Esta mudança no olhar sobre nós mesmos – continuou – também nos leva a mudar o olhar sobre os outros. Que acontece quando olho para o melhor dos outros e os outros veem o melhor em mim?

—Parece que é muito fácil de relacionar—se assim — disse José Inácio com o seu tom baixo e profundo.

—Muito bem! Efetivamente, quando vemos o melhor dos outros e vice-versa, as relações se transformam em uma dança; podemos tropeçar, podemos errar, mas tudo é divertido, os erros se transformam em coisas engraçadas das quais rimos e das quais aprendemos. É como fluirmos facilmente uns e outros. Ao contrário, o que acontece quando vemos o pior dos outros e eles veem o pior de nós?

—A vida se transforma num inferno, todos contra todos — expressou espontaneamente Paula.

—Assim é. Nessa situação, diante do menor problema, discutimos e acabamos brigando, como você bem disse, todos contra todos. Já viram o que acontece quando sentimos o olhar crítico de todo mundo sobre nós, quando sabemos que nos estão secando?

—Claro, a gente fica abalado, sente-se inseguro porque ninguém confia na gente — respondeu Iovanka com seu tom calmo e mensurado.

—Sim, é como andar num campo minado, como caminhar pisando em ovos. Andamos com a sensação de estarmos sendo vigiados e isto nos leva a matar nossa espontaneidade, a perder nossa autenticidade, nosso frescor. — Ficou em silêncio, olhando para eles com atenção. Isto nos leva à hipocrisia, a tentar agradar os outros, a tentar ser como os outros nos pedem, ou achamos nos pedem. Acabamos perdendo o contato com nosso ser interior e nos identificando com o ser que nos pedem, ou que acreditamos que nos pedem para sermos. É como a morte do espírito, é como morrer em vida, ficar sem brilho interno, como um zumbi que anda, come, dorme, mas sem vida, sem brilho nos olhos. Triste, não é?

—Sim, triste e sofrível — comentou Kiko. Depois custa um dobrado voltar a ser a gente mesmo.

—Alguém quer nos dizer o que é a escuridão? — perguntou Federico, como que pulando de plano com um grande sorriso e tom alegre.

Os sete ficaram se fitando até que finalmente Lorién disse:

—É a ausência da luz.

—Bem, muito bem! — disse Federico entusiasmado. Então podemos deduzir que a escuridão não tem existência própria, certo?

—Claro — comentaram vários, sem saber onde iria a pergunta do professor.

—Mas isto é muito interessante! — voltou a ficar entusiasmado Federico —, quer dizer que a escuridão aparece quando a luz desaparece, caso a luz não desapareça, a escuridão não existe. Bem, é isso que acontece com as virtudes, exatamente o mesmo, enquanto se está conectado com as virtudes, os defeitos não aparecem. Todos temos experiência de termos passado por momentos, poucos lamentavelmente — riu divertido o professor —, com uma grande sensação de bem-estar, de alegria. Lembrem, nesses momentos os defeitos não têm lugar, não aparecem por nenhuma parte, NÃO EXISTEM — quase gritou. Os defeitos só aparecem quando as virtudes não estão, isto é, quando desviamos o olhar de nossas virtudes, quando nos

distraímos delas. Só então aparecem os defeitos, mas não porque eles existam e sim porque nossas virtudes desaparecem ou são ocultadas. Fica claro? Os defeitos não existem. – terminou com um sorriso largo.

–Mas, se eles não existem, o que acontece com as coisas que fazemos mal, nas quais somos brutos? – perguntou José Inácio, um tanto incomodado.

–Bem, eu digo que os defeitos não existem, o que sim existe é o nosso campo de melhora, nosso espaço de crescimento, de desenvolvimento pessoal. Não é verdade que isso parece bastante diferente de dizer que estamos cheios de defeitos, como nos fizeram acreditar? Mas não quero aborrecer mais vocês com este tema. Um velho ditado diz que quem persegue dragões acaba se convertendo em um. Se acreditar nos defeitos, acabarei só observando os defeitos em mim e nos outros. Pelo contrário, se aprender a resgatar as minhas virtudes, aprenderei também a resgatar as virtudes dos outros. Agora quero que vocês sete conversem sobre como as coisas mudariam se cada um conectasse com o melhor de si e o melhor dos outros.

Ficaram todos mudos, refletindo sobre o que tinha dito o professor. Lorién pensou que era verdadeiramente revolucionário o que ele propunha. Nunca tinha pensado em ver as coisas desse jeito. É claro que estava acostumado a ver o pior dele e, como esse olhar se filtrava, acabava criticando os demais, embora o fizesse mentalmente. Dava no mesmo, era como estar grudado no pior de si e dos outros. Assim estávamos todos habitualmente. Sentia que um feixe de luz tinha entrado na escuridão de sua vida. Via a si mesmo conectado com suas virtudes e as dos outros e podendo construir uma vida diferente: mais feliz, gentil e solidária. Saiu de sua introspecção ao perceber que seus colegas já estavam conversando animadamente sobre as enormes implicações na vida e na sociedade do que propunha o professor.

–Fim da aula. Nos vemos na segunda, à mesma hora.

Sem perceber, a aula tinha passado voando, apesar de ser a última do dia.

Saíram os sete animados batendo papo, deixando para trás a aula e o professor.

–É um cara divertido, não é? – disse João Paulo.

–Sim, é ‘o cara’, realmente! – comentou Lorién

José Inácio continuava com seu olhar perdido.

–E você, o que acha? – perguntou Paula.

–Não sei, só sei que entrei num tom interno muito potente na aula, como se alguma coisa tivesse aberto dentro de mim, algo que estava adormecido – disse reflexivo.

–Pensando bem, aconteceu o mesmo comigo. A sensação foi muito clara – manifestou Kiko.

–Sim, comigo também foi assim – concordaram o resto dos colegas. Ficaram todos em silêncio por um momento no pátio.

–Até mais ver, nos vemos na próxima aula – disse Maribel, enquanto se distanciava determinada.

O resto do grupo caminhou reflexivo, cada qual em sua direção.

Lorién foi embora refletindo sobre o quanto seu estado de ânimo tinha mudado, do sem-sentido total até estar vibrando junto aos colegas, que minutos antes eram perfeitos desconhecidos.

—Há alguma coisa de especial neste homem — pensou. E ao que tudo indica ele vê esse especial em nós também...

Pensou em como ele se sentia antes de entrar na aula, cheio de tudo: de si mesmo, de sua vida, dessa cidade pequena e matuta, do mundo, da vida em geral! Nada o entusiasmava, tudo era difícil e árduo.

—Que tipo de vida era essa?— se perguntou.

Ele tinha tentado se adaptar uma e outra vez, mas nada resultava. Nem com as mulheres, nem com os estudos e nem com os trabalhos esporádicos que conseguia no verão.

Todos pareciam se encaixar bem, menos ele. Era como se os demais tivessem uma chave que ele não tinha.

De vez em quando ele fazia esforços para se enturmar, para se comportar como era esperado, mas já não aguentava mais: era uma vida insuportável.

Como as pessoas podiam viver assim? No fim sempre ia parar no álcool, nas drogas e se dedicava a fazer todo tipo de loucuras. Em varias oportunidades esteve a ponto de perder a vida pelas barbaridades que fazia estando bêbado. Poucas horas atrás lhe dava no mesmo viver ou morrer. Essa sociedade em que vivia o tinha cansado.

Somente nos livros, de tempos em tempos, ele encontrava algo interessante: pessoas que se faziam esse tipo de pergunta, que tinham achado algum sentido para sua existência; mas passados esses momentos que disparavam algumas intuições, ele voltava ao sem-sentido, à agonia de viver, ao álcool. Durante o verão tinha passado de povoado em povoado, de festa em festa, sem voltar para casa, jogado em qualquer canto, numa bebedeira eterna que durou quase três meses, durante os quais se encontrou em situações cada vez mais obscuras. Em uma delas, acordou em uma casa que não conhecia e escutava vozes fora do quarto que não tinha a menor ideia de quem eram. Estava totalmente desorientado.

Ainda entre os eflúvios do álcool, toda vez que ouvia alguém passar pela porta, ele se encolhia dentro da cama, até que entrou uma garota que ele não reconheceu, mas que pareceu reconhecê-lo e, pelo jeito, tinha algo entre eles...

Tomou uma ducha e fugiu da casa tão rápido quanto pôde, com a roupa nojenta. Ao sair para a rua e começar a andar reconheceu o lugar. Era a cidade em que tinham chegado na noite anterior para as festas. Já estavam altos e desde que entraram no lugar tinham feito barbaridades nos bares e na rua, incomodando às pessoas. Várias vezes estiveram perto de levar porrada, mas ele tinha muita habilidade para terminar fazendo amizade com os caras que os queriam golpear. Depois de alguns tragos ele ficava tagarela, solto, como se tivesse outra personalidade.

Outra noite, ele andava na garupa da moto tão bêbado que tinha caído para o lado empurrando o piloto e fazendo com que a moto fosse parar num canal, per-

dendo o seu celular, que foi o único fato que o incomodou. Não fosse a água podiam ter morrido.

Em outra ocasião, após andar em zigue-zague pela cidade, completamente bêbado, quis saber o que sentiria ao pendurar-se no viaduto, uma ponte de quarenta metros de altura. Estava atravessando para o outro lado do corrimão para se segurar pelas mãos e ficar pendurado no vazio, quando dois conhecidos o viram e correram para impedi-lo.

Foi embora chateado. Mais adiante viu um guindaste numa obra cujo braço horizontal estava a uns trinta metros de altura. Subiu pela grua até encima e quando chegou ao braço horizontal se pendurou como um macaco, percorrendo o braço mecânico, com o corpo pendurado no vazio. Quando já voltava para descer, uma mão soltou-se e quase caiu.

Subitamente a bebedeira passou e ele ficou impregnado de um suor frio e angustiado. Estava quase caindo quando sentiu que alguém do seu lado o sustentou permitindo que voltasse a segurar a mão no braço mecânico. Com certeza tinha sido uma alucinação, produto do álcool, já que ele estava sozinho. Mas ficou pensando.

Em outra ocasião, indo para uma festa em outro povoado, bateram o carro contra uma casa ao sair da estrada. O amigo que conduzia foi lançado através do para-brisa e ficou com a cabeça sob os escombros da casa, desmaiado. Ele teve mais sorte, saiu pela porta e ficou apenas com alguns machucados.

No último acidente de carro que sofreu, por um triz não perdeu o braço quando o carro virou. Ele viajava com o braço para fora da janela, apoiado na porta. O carro amassou o braço quebrando o osso em três lugares. Levou oitenta pontos, colocaram três varas de titânio para soldar. Também levou quarenta pontos na cabeça, aberta desde a testa até a orelha deixando esta em duas partes.

Apesar destas e outras histórias de acidentes, braços e pernas quebradas, nada nele tinha mudado. Continuava com aquela sensação de tédio, com a sensação de estafa existencial, como se não tivesse sido entregue a ele algo que os outros sim tinham.

Caminhou reflexivo um bom tempo e quando estava na rua do Óvalo, escutou uma voz que lhe dizia.

—Oi, Lorién, como vai?

Ele se virou, era o professor Federico.

—Bem, bem — disse —, a verdade é que sua aula chamou a minha atenção e estava ainda matutando sobre o que aconteceu.

—Que interessante! Nada melhor que a gente refletir, se fazer perguntas. Você alegrou a minha noite, Lorién! Está vendo que eu tinha razão sobre suas inquietudes internas? — riu —. Não quer compartilhar comigo alguma das suas reflexões?

—Pensava que a vida tal qual é vivida habitualmente não faz muito sentido, isto de dormir, comer, estudar ou trabalhar e morrer..., talvez seja possível estar de outra forma no mundo. Isso das virtudes me faz sentir de outra forma, me olhar de

outra forma e olhar os outros de outra maneira. Faz-me sentir que minhas ações podem ter um sentido mais transcendente... Enfim, não quero aborrecê-lo com estas coisas.

—Como é que vai me aborrecer com elas? Sem chance! Não encontro um tema de conversa mais interessante do que este. Essas mesmas perguntas e inquietudes são as que me movem, assim é que me sinto irmanado com você. Não é que as coisas que você comenta estejam erradas, isso de comer, dormir, trabalhar, etc. É só que, como vida humana, isso é um pouco pobre; é como se fossemos chamados para um destino maior e estivéssemos adormecidos. Em poucos instantes essas inquietudes nos acordam e nos permitem ver a nós mesmos e ao mundo de uma forma nova, o que é muito interessante, não é? Hahaha.

Chamava a atenção de Lorién o bom humor do professor, seu riso fácil, seu tom leve, apesar de estar falando de coisas muito profundas.

—Bom, não quero seguir interrompendo suas reflexões. Adeus. — e foi embora com seu passo elástico e alegre, enquanto Lorién ficava olhando para ele absorto, sentindo que uma porta estava se abrindo dentro dele, uma esperança que lhe abria o futuro, uma nova forma de ver o mundo, a vida e a si mesmo.

Passou-se uma semana e apesar de tentar manter esse tom interessante dos primeiros dias e de ver suas virtudes e das pessoas que o cercavam, o fastio, a chateação, o sem-sentido voltaram. Assim chegou na segunda feira com o tédio habitual. Finalmente era a hora da aula de Antropologia Cultural e ali se encontrou com os seus outros 6 colegas.

Logo que sentaram o professor chegou com um: *boa tarde, queridos companheiros de viagem*

—Isto de sermos companheiros de viagem é simpático, não acham?

Companheiros de viagem, de reflexões, de aventuras internas e externas — riu — Bem, alguém quer comentar como foi a sua semana?

—A minha esteve muito interessante — disse Paula. Estou num grupo de dança e canto e estamos preparando uma peça para um concurso que vai rolar daqui a dois meses. Aliás, comentei com meus colegas isso das virtudes e gerou uma coisa simpática nos ensaios, me agradeceram pela contribuição.

—E como foi para você, José Inácio?

—Bem, foi uma semana um tanto estranha por conta da aula anterior, andei me fazendo algumas perguntas a respeito da vida que levo e o sentido...

—Hahaha — riu o professor. Ao que parece você não é o único. Lorién, que você acha?

Lorién sorriu ficando um pouco vermelho.

—Sim, também fiquei me fazendo perguntas desse tipo, mas por pouco tempo, logo voltei a meu tom habitual aborrecido e sem brilho...

—Caramba! — pulou João Paulo —. Eu também andei me fazendo algumas perguntas dessas, hahaha. Que legal, não é?

—E você, Maribel?

—Eu andei resolvendo alguns problemas em casa, não foi uma semana muito boa.

—Olhem só o que Maribel comenta — exclamou o professor. São os problemas, as dificuldades, as resistências o que nos fortalecem. Aliás, olhem que bom exemplo ela nos dá. Ela nos diz que andou resolvendo problemas, e não que esteve problematizada, não que esteve preocupada, mas que se ocupou e, portanto, os problemas já estão resolvidos, certo? Ou melhor, você está lidando para que os problemas se resolvam.

—É isso! — disse Maribel um pouco confusa, mas agradecida pela mudança de perspectiva.

—Interessante, não é? Apareceu a intencionalidade humana, isso é maravilhoso.

Todos ficaram em silêncio, sem saber o que dizer.

—Cada um de vocês é algo extraordinário, um verdadeiro prodígio. Vocês levam dentro de vocês o sagrado, o divino, não são só um número estatístico, não são um número de identidade, não são um número de consumidores. São algo grande, cada um de vocês, e quero que comecem a perceber isso —. Enquanto ele dizia isso seus olhos brilhavam de uma forma incrível e hipnótica, com todos os alunos observando seu olhar e atentos às suas palavras, seu tom de voz era profundo e baixo.

—Gostaria que cada um de vocês fosse erradicando esse olhar de se ver como uma formiguinha e comecem a perceber o quão grandes são e que podem chegar a ser, o fogo sagrado que levam dentro de si. E, se começarem a compartilhar esse fogo com outros e, enquanto despertam, acordarem os outros dessa letargia, já não haverá quem os possa deter — deixou essas frases no ar vibrando, enquanto cada um dos assistentes vibrava internamente —. Fomos enganados! Fomos estafados! Contaram tudo ao contrário para nós! Fizeram-nos acreditar que não somos nada. Isto não foi casual. Há intenções por trás, para controlar, manipular, manter o Ser Humano com letras maiúsculas adormecido, acreditando que não pode fazer nada interessante com sua vida...

Estavam todos atônitos, completamente identificados com o professor, escutando com todo seu ser. Nunca antes tinham ouvido algo semelhante. Sentiam como seus corpos se energizavam e algo grande e potente se manifestava através deles. Sentiam como se suas mentes se abrissem e aparecessem implicações que não tinham percebido antes. Era como se tomassem contato com essa parte deles que nem sabiam que estava lá e que ia se abrindo de dentro para fora. Era como um parto interno.

—Se acaso te imaginas como um bólido fugaz que perdeu seu brilho ao tocar esta terra aceitarás a dor e o sofrimento como a natureza mesma das coisas. Mas, se acreditas que foste lançado ao mundo para cumprir com a missão de humanizá-lo, agradecerás aos que te precederam e construíram trabalhosamente teu degrau, para continuar na ascensão.

Nomeador de mil nomes, fazedor de sentido, transformador do mundo. Teus pais e os pais de teus pais continuam em ti. Não és um bólido que cai, mas uma brilhante seta que voa para os céus. És o sentido do mundo e quando aclaras teu sentido iluminas a terra. Quando perdes teu sentido a terra escurece e o abismo se abre.

Ama a realidade que constróis e nem mesmo a morte deterá o teu voo!

Houve um silencio épico, fazia quinze minutos que tinham entrado na aula e já haviam mudado radicalmente suas visões da realidade, a percepção sobre eles próprios, sobre os demais, sobre o mundo e sobre a vida. Estavam perplexos, mas foram se conectando com uma Força interior que fazia eles se sentirem capazes de qualquer coisa, não ficou nem o rasto do coitadinho ser humano que tinha entrado na aula alguns minutos atrás. Os olhos do professor e dos estudantes brilhavam como vagalumes, era como se estivessem todos maiores, crescidos, até mais altos, seus rostos estavam brilhantes e formosos, estavam todos transfigurados. Para Lórién foi o momento mais mágico e poderoso de sua vida e com certeza para outros também.

O silencio tinha durado uns poucos segundos, mas foram eternos instantes que todos compartilharam em especial sintonia.

Aos poucos o momento passou e todos trocaram olhares sem poder acreditar no que tinham vivenciado.

—Que forte, cara! Não tinha me sentido assim em toda a minha vida! — exclamou João Paulo, pondo em palavras o que todos sentiam.

O professor ficou olhando para eles com um sorriso reflexivo.

—Agora já sabem o que vocês são e o tremendo poder interior que vocês têm — disse com voz profunda, como vinda de além dele —. Bem-vindos à vida com sentido e plenitude. O tema é: o que fazer com isto? Temos meia hora para que conversem sobre o tema.

—Professor, a que se refere com ‘o que fazemos com isto’ — perguntou Iovanka.

—Não sei a que me refiro, hahaha! Vocês verão se algo ressoa em vocês e o que acham que podem fazer com isso...

Depois de uma intensa conversa entre os sete, decidiram convidar amigos para compartilhar e levar essa experiência a outros e encarar ações com sentido no mundo. Convidariam durante a semana, para o encontro no sábado que seria na casa de José Inácio, que era grande o suficiente. Estavam todos eufóricos, com centenas de ideias na cabeça, mas decidiram deixar tudo para o sábado, para ver o que saia do intercambio entre todos os participantes. Criaram um grupo em whatsapp para estarem todos comunicados. Finalmente disseram ao professor que gostariam que ele assistisse.

—Bem — disse o professor —, se é o que vocês querem estarei com prazer no sábado na casa de José Inácio às 10h da manhã, hahaha! Têm certeza? Porque agora estão todos entusiasmados, mas levem em conta a sexta feira à noite...

Todos disseram que sim, que era importante contar com as pessoas capazes de priorizar e sair da mecanicidade.

—Bem, amigos, nosso tempo acabou. Veremo-nos no sábado.

Saíram da aula conversando animados, com muito entusiasmo. Sem saber por que, ao sair, decidiram despedir-se com um abraço, era como um selo de compromisso entre eles, como um propósito compartilhado.

Os dias se passaram rápido; agora tudo tinha um sentido, conversar com outros, convidá-los. O mundo via-se de outra maneira, havia algo mais interessante que fazer com a própria vida e tinham descoberto outra forma de estar no mundo, conectada, potente, intensa...

No sábado foram chegando todos às 10h. Em total eram vinte e uma pessoas, mais o professor que comentou: *que poder de convocatória vocês têm*.

Respirava-se uma atmosfera fresca, entusiasta e com muita faísca. Depois de cinco minutos de intercambiar bobagens, Iovanka tomou a palavra, deu as boas vindas e propôs que todos se apresentassem. Primeiro pelo nome, depois dizendo por que tinham aceitado o convite e em terceiro lugar, dizendo pelo menos duas virtudes próprias. Começaram eles, o grupo organizador, incluído o professor, que disse que estava ali porque tinha sido convidado, como se ele não soubesse nada sobre o assunto...

A maioria manifestou que estava por curiosidade, que tinha chamado sua atenção a mudança que tinham visto nos amigos que estavam diferentes e queriam saber o que tinha acontecido, por que tinham mudado, agora tinham outro tom e o convite tinha sido algo intrigante, tipo mudar a própria vida e dar-lhe um sentido, ninguém queria perder isso.

O ambiente desde o começo foi muito bom. Desde as motivações para comparecer até o tema das virtudes, que pôs um tom muito emotivo, próximo e inclusivo. José Inácio fez o fechamento de forma magistral, como era seu hábito. A acolhida esteve em mãos de Paula e Lorién, com sua proximidade e calor humano, enquanto João Paulo e Maribel eram mestres de cerimônia, com sua simpatia e brilho habitual, marcando os tempos. Foi divertido porque, sem planejar, cada um tinha assumido um papel e funcionaram como se fossem uma equipe treinada há muito tempo.

Kiko terminou lendo as frases que o professor tinha transmitido e que tinha feito todos vibrarem: *Nomeador de mil nomes, fazedor de sentido...*, e o fez com um tom tão conectado, desde seu interior, que deixou todos pasmos, voltando a envolvê-los nesse tom épico e transcendente que tinham vivenciado na segunda feira na aula.

No final da exposição de Kiko se produziu um silêncio perplexo e em sintonia, onde todos sabiam o que os demais sentiam, sem necessidade de palavras. Todos se sentiam vibrando num nível muito alto. Foi tremendo. Passado esse instante, vários amigos se emocionaram até as lágrimas. O ambiente gerado foi enorme, altíssimo, multiplicado por cada um dos presentes.

Após um tempo forte e emotivo Iovanka lançou a pergunta:

—O que fazemos com isto?

Produziu-se uma chuva de ideias e rapidamente acordaram juntar-se em quatro grupos para que cada equipe fizesse suas propostas. Uma hora depois, João Paulo disse que já era tempo.

—Bem, temos umas cartolinas. Vamos ter um participante de cada grupo para anotar as propostas e depois explicá-las aqui na frente.

Logo depois de ter explicado às propostas chegaram à seguinte síntese:

. Pedir ao professor Federico que nos oriente na direção do sentido e o despertar e que continue nos nutrindo com informação, materiais e técnicas.

. Desenvolver atividades, campanhas e projetos que levem a superar a dor e o sofrimento em nossa cidade.

. Convidar outras pessoas para essas atividades e para as reuniões organizativas.

Finalmente acordaram incluir todos no grupo do whatsapp ao qual batizaram como *Fazedor de Sentido* e divulgar nas redes sociais a experiência que tinham vivido e convidar seus contatos para participar dos projetos e atividades.

—Estas atividades e projetos devem ter uma característica: não devem ser paternalistas, mas devem pôr as pessoas que se beneficiarão delas como protagonistas e não como coitadinhos que se deve ajudar. Facilitando para que se façam responsáveis, organizando-se com outros para resolver seus próprios problemas — fechou Lorién.

Uma vez terminada a síntese, pediram ao professor que os orientasse.

—Com gosto! — respondeu o professor. Nada me agradará mais, embora, na verdade, sem orientação, vocês já têm feito muito. Estou à disposição para aportar em tudo que lhes pareça bem. Para começar a andar sugiro que para a próxima reunião nos dediquemos a definir as atividades, campanhas e projetos que vamos tocar. Também proponho que sempre em nossas reuniões tenhamos uma parte de trabalho pessoal para potencial e fortalecer nossa Força, nosso fogo interno. Nessa direção quero lhes ensinar uma técnica muito simples para conectar com a Força Interna e fazê-la crescer. Convido vocês a fecharem seus olhos e seguir as indicações que irei guiando. É uma experiência para tomar contato com a Força Interior.

Começou a guiar a experiência.

Relaxa plenamente teu corpo e aquieta a mente...

Então, imagina uma esfera transparente e luminosa que descendo até ti termina por alojar-se em teu coração...

Reconhecerás que a esfera começa a se transformar numa sensação expansiva dentro de teu peito...

A sensação da esfera se expande de teu coração para fora do corpo, ao mesmo tempo em que amplias tua respiração...

Em tuas mãos e no resto do corpo terás novas sensações...

Perceberás ondulações progressivas e brotarão emoções e lembranças positivas...

Deixa que se produza a passagem da Força livremente, essa força que dá energia a teu corpo e mente...

Deixa que a Força se manifeste em ti...

Tenta ver sua luz dentro de teus olhos e não impeças que ela atue por si própria...

Sente a Força e sua luminosidade interna...

Deixa que se manifeste livremente...

Deixou transcorrer uns instantes em silêncio.

Com esta Força que recebemos concentremos a mente no cumprimento daquilo que necessitamos realmente...

Após a experiência todos permaneceram um bom tempo em silêncio, comovidos pela experiência, em elevado estado de consciência, sentindo como a Força circulava com grande intensidade por seu interior e entre eles, alguns extasiados e desfrutando dessa enorme luminosidade interna que os tinha invadido. Um imenso agradecimento invadiu todos em meio a essa atmosfera na qual os corpos tinham sumido para dar espaço a essa Força interior que tinham descoberto dentro de si.

Aos poucos foram abrindo os olhos e voltando da poderosa experiência, focalizando a visão para voltar para a 'realidade'. Olhavam uns para os outros sem falar e era como estar compartilhando com muita clareza, sem necessidade de palavras... Era como ter dentro um ciclotron de energia poderosíssimo, que fez com que seu interior se expandisse de forma infinita em uma explosão de luz, vida e amor. A experiência era tão poderosa, forte e comovedora que os deixou sem palavras.

—Como é possível que dentro de nós exista essa enorme Força, esse poderoso fogo interior, esse fogo dos Deuses, sem que nos déssemos conta? Como é possível que com todo esse poder interior sentíssemos que não valemos nada, que não somos nada? — se perguntavam maravilhados.

Agora compreendiam melhor o que o professor lhes dissera com essas palavras: *És o sentido do mundo e quando aclaras teu sentido iluminas a Terra.*

Enquanto olhavam uns para os outros, o professor disse:

Voa para as estrelas o herói desta idade. Voa através de regiões antes ignoradas.

Voa para fora de seu mundo e, sem sabê-lo, vai impulsionado para o interno e luminoso centro.

Ficaram todos meditando nessas palavras tão poderosas, inspiradoras, sugestivas e certeiras com respeito ao que estavam sentindo, compreendendo e reinterpretando de si mesmos.

—Alguém sente ainda que não vale nada, que é uma formiguinha? — perguntou o professor.

E subitamente estouraram os risos, riam muito, até as lágrimas. Aproximavam-se dos companheiros e davam palmadinhas nas costas, se olhavam rindo uns dos outros, não podiam parar de rir. Esta catarse de risos durou alguns minutos.

Tinham a sensação de estarem purificando e apagando todas as tristezas com o riso. Todas as dores, os sofrimentos, os pesares, as angústias e desesperos sumiram para sentirem-se limpos internamente, cheios de luz e bem-estar. Os olhos de todos expressavam essa nova sabedoria, proveniente do novo estado de consciência ao que tinham alcançado...

—Essa é uma pequena parte de nosso legado — continuou Federico —, o legado de toda a humanidade, é a sabedoria que A Escola preservou ao longo da História e que ressurge uma e outra vez transmitindo os procedimentos para conectar com O Profundo, com o fogo sagrado que se desenha no mito de Prometeu, que nos põe em contato com nosso deus interior.

O ser humano não é uma coisa, não é um animal, ele é algo a mais — prosseguiu —, é como um deus acorrentado que precisa se libertar — disse fazendo o gesto de ter as mãos amarradas e depois as separando — tem que libertar-se, mas para isso deve ter outra atitude. Para libertar-se precisa de outro olhar. Não é uma imagem que se possa trabalhar com exercícios e práticas, é algo que a gente sente. Essa sensação se produz pelo fato de entrarmos em outro olhar — agora fez o gesto de descer sua mão desde os olhos para o coração, como uma onda —. Um olhar para o outro no qual o outro é algo a mais que se quer libertar.

Este sistema desumanizado não tem esse olhar. Para o sistema o ser humano é só seu trabalho, sua situação econômica, uma formiga, paciente, consumidor e agora finalmente é algo que está sobrando. Mas o ser humano é algo mais, não é sua dor de dente, nem sua fome, é algo mais do que os seus problemas e quando entramos nesse olhar um pouco especial, tudo muda. A gente mesmo se sente como algo mais. Tem que falar com as pessoas de suas coisas profundas, das coisas importantes de sua vida, sem medo nenhum, com convicção, com muita força. E haverá pessoas que ficarão chocadas, melhor isso do que não lhes acontecer nada. Tem que buscar a sensação, tem que buscar esse olhar para o outro e acontecerão coisas interessantes ao compartilhar estes temas com toda a força.

A este sistema não lhe interessa que as pessoas cresçam, que despertem e se sintam como algo grande e maravilhoso, porque ele perde o controle e o manejo. As pessoas conectadas com seu fogo interior não são controláveis, não são previsíveis. Isso escapa de sua alçada, porque sendo um fenômeno que não controlam nem entendem, os assusta, portanto, tentam evitar que estas coisas se divulguem e multipliquem.

É uma longa luta ao longo da história humana. Mudam as pessoas, mas as colocações permanecem. Por uma parte a Escola que emerge nos momentos críticos da História, por outra parte, o sistema que tenta controlar, manejar as coisas, coisificar a humanidade para seus próprios fins. É o sim e o não, a liberdade e a imposição. Evidente que o sim e o não estão também dentro de cada um de nós. Somos parte do sistema, mas ao tomar contato com nosso Deus interior, se produz o Despertar. É como tirar a cabeça para fora d'água, elevar o olhar e passeá-lo pelo horizonte. Nesses momentos aparece a possibilidade de escolher, de exercer nossa liberdade.

Enquanto não sairmos da caverna, não veremos do mundo e da realidade mais do que sombras e reflexos de reflexos. Converteremo-nos assim em espectros, em seres que caminham e comem, se reproduzem e trabalham, mas que não têm vida própria. Que não têm um Propósito próprio, cujas ações não têm um sentido, um significado, uma direção, não têm transcendência.

Ficou calado uns instantes. Estava sério. Sua expressão tinha escurecido, como vendo algo que só ele via. Sacudiu a cabeça como afastando pensamentos pouco gratos e sorriu exorcizando esses temores.

—Mas, hoje estamos celebrando nosso Despertar e nosso Propósito de ajudar outros a despertarem, de termos uma vida própria e não nos preocuparmos agora por estes personagens sinistros do sistema.

Eu agora me retiro. Lorién tem meu telefone, caso alguém necessite inter-cambiar algo comigo. Veremos-nos em breve.

Lorién se dirigiu a ele e lhe deu um apertado e sentido abraço enquanto murmurava ‘obrigado’ no seu ouvido. Ele olhou para Lorién com seu sorriso resplandecente e disse:

—Obrigado a você, Lorién, e a todos estes maravilhosos amigos que renovam e fortalecem nossa direção na vida.

Os demais amigos foram se despedindo do professor com um abraço. Depois de ele ir embora todos ficaram conversando sobre o extraordinário que tinham vivido, sobre o incrível que era o contraste entre a vida de cada um somente um momento antes e a que sentiam palpitando dentro de si nesse momento. Era como se todos tivessem ficado conscientes da vida que há dentro deles e no mundo, do milagre que é cada qual, e do milagre que os cerca e do qual fazem parte. Era como ver o mundo pela primeira vez, tudo tinha outro brilho, outra profundidade. O mundo enfadadinho, cinza e plano tinha desaparecido. Não podiam acreditar como tinham estado tão cegos por tanto tempo...

O domingo foi um dia diferente para Lorién. Essa noite dormiu cedo, mas teve sonhos muito vívidos. Em um deles teve uma experiência com a Força, enorme, tanto que acordou completamente eletrizado, sentindo essa enorme quantidade de energia ao redor e dentro dele. Ficou pensando no destino da espécie humana, viu que o ser humano leva dentro de si o germe para se desenvolver evolutivamente, para se converter em verdadeiro Ser Humano. Que todos o levamos dentro, mas que muito poucos são capazes de tomar consciência disso. Agradeceu profundamente a enorme sorte que teve de poder despertar para esse Destino Maior, essa possibilidade de maior de desenvolvimento.

Depois de algum tempo meditando sobre estes temas, finalmente dormiu e acordou na metade da manhã. Acordou luminoso, sentindo como se estivesse maior, sentia-se mais amplo, relaxado e feliz. Percebeu que isso tinha a ver com a experiência com a Força, que de alguma forma o fazia conectar e identificar-se com a energia e como esta se ampliava. Era como se seu corpo tivesse esvaecido um pouco, ficando no segundo plano e essa sensação da energia estivesse em primeiro plano.

Tomou o café da manhã ainda refletindo sobre estas coisas e sentiu vontade de dar um passeio pela mata. Então foi caminhar nos bosques de pinheiros, a dez quilômetros dali. Andou calmo, sem pressa, desfrutando de tudo ao redor, do frescor do dia, do sol que o iluminava e dava calor, dos pássaros, das montanhas que o cercavam, da beleza e da vida em sua totalidade.

Aos poucos foi se afastando da cidade para internar-se nas trilhas da mata já em perfeita solidão. Então se deteve, fechou os olhos nesse silêncio que o conectava com tudo, sentiu como seu Ser se expandia e fundia com tudo que o rodeava. Sentiu que ele era parte de todo o existente, que tudo estava bem. Teve uma tremenda comoção interna ao compreender isto: tudo estava bem. Não soube quanto tempo se passou. Quando voltou à ‘realidade’ percebeu que tinha os olhos banhados em lágrimas que tinham corrido silenciosas pelo rosto e sentiu um agradecimento e uma emoção tão grande em seu interior que por um momento pensou que ia explodir.

Chegou ao bosque de pinheiros e andou e andou sem rumo entre eles, vendo como cada pinheiro contribuía para a preservação do bosque como um todo, em perfeita sinergia. Cada árvore era importante, cada uma entregava ao conjunto algo diferente, as sentia vivas, assim como aos animais que viviam no interior do bosque.

—Que perfeição, que maravilha! — se admirava.

Assim esteve desfrutando do bosque, das montanhas, do dia, dos animais e de si mesmo, como nunca tinha desfrutado, em total plenitude. Ao entardecer começou seu regresso, lentamente, ainda desfrutando, embora já tivesse perdido parte da inspiração que o tinha extasiado de manhã.

Quando chegou à periferia de Teruel já era noite. Pensou em ir diretamente a sua casa, mas de repente, apesar de estar cansado pela longa caminhada, sentiu a necessidade de dar um passeio pelo Óvalo, talvez porque, dias atrás, tinha se encontrado com o professor nesse local.

Começou a lembrar de tudo que viveu desde que ele tinha aparecido em sua vida, até que se encontrou no Óvalo. Era noite fechada e fria, mas sentou num banco para contemplar a beira do rio que adivinhava na penumbra. Passados cinco minutos lhe pareceu ouvir um assobio “ptssshhhh ptssshhh”. Olhou em volta, mas não viu nada. De repente apareceu uma sombra através da mureta. Ptssshhh repetiu. A silhueta lhe pareceu familiar e subitamente o viu, era o professor! Foi se aproximando lentamente por conta da forma misteriosa de ele se comportar e se apoiou de forma casual sobre a mureta. Então o professor lhe falou muito suavemente,

—Que bom que chegou, Lorién! Já estava desesperançado de que vieras. Não olhe para onde eu estou, continua olhando para o rio e o horizonte como se estivesse sozinho — murmurou desde as sombras —. Lorién, escuta com atenção. Estão me procurando, estou em uma situação muito perigosa. Falo do sistema e dos personagens sinistros que sempre querem parar a evolução e o desenvolvimento humano. Eles estão atrás de mim faz tempo. Pensei que desta vez os tinha desorientado, mas me acharam mais rápido do que pensei — interrompeu a fala alguns instantes e logo prosseguiu:

—Escuta, como já disse, a Escola preservou os procedimentos para aceder ao Sagrado e estes sicários buscam apoderar-se deles para controlá-los e fazê-los inacessíveis para as pessoas. Este tesouro da humanidade foi sintetizado há milhares de anos em quatro Disciplinas de Acesso ao Profundo. Para evitar que alguém se apropriasse delas foram ocultadas em distintas partes do mundo e cada uma delas protegida por um Iniciado. Neste pendrive, junto à tua mão direita, está a introdução e as pistas para chegar até o local onde se oculta a primeira delas, pega sem olhar.

Devido ao perigo da situação, peço que não fale disto com ninguém e que busque, preserve e ajude para que as quatro Disciplinas cheguem a todo mundo. Lamento entregar uma tarefa tão pesada e perigosa, mas algo me diz que é a pessoa indicada. Repito, tenha muito cuidado e não fale disto com ninguém. Caso eu consiga escapar, tentarei ajudar na tarefa, mas você aja como se eu não existisse, siga o caminho com o coração e este o guiará quando não souber o que fazer, assim como fez agora: trouxe você ao local onde eu esperava.

Quando consultar o pendrive, desconecte a internet. É muito importante para que não tenham acesso a você nem ao material. Esta é uma aposta bem arriscada. Nossa vantagem é que ninguém vai suspeitar que entregamos esta enorme responsabilidade para alguém tão jovem e que pouco conhecemos. Confio plenamente em ti, quando queira se encontrar comigo, faça a experiência da força e nesse vazio evoque-me e pergunte o que precisar, sempre estarei contigo. Desejo-te paz no coração e luz no entendimento...

Nesse momento as lágrimas caíam caudalosas pelo rosto de Lorién, silenciosamente, mas não se atreveu a se mexer para não delatar o professor. Depois de alguns segundos não pode evitar olhar para o lugar de onde vinha a voz e para sua surpresa não viu ninguém. Olhou em volta, entre os arbustos e pela lombada, mas não viu nem rastro dele. Pensou que podia ter sido uma alucinação, mas sentiu o pendrive na sua mão direita. O guardou em seu bolso com um movimento casual, secou as lágrimas com dois movimentos bruscos e subitamente se virou. Conseguiu vislumbrar uma pessoa alta, vestindo roupas escuras perdendo-se ao virar uma esquina. Não sabia se era um dos perseguidores ou não; nesse momento sentia-se numa paranoia total, desconfiava de tudo e de todos, via olhos e sons estranhos por todos os lados. Foi andando em direção a um bar que ele frequentava, estava morrendo de medo. Enquanto caminhava dizia para si mesmo que isso não podia estar acontecendo, que era uma ilusão.

—Estou sonhando, já vou acordar e tudo terá passado.

Mas, algo em seu interior lhe dizia que estava acordado e bem acordado. Seguia andando enquanto sentia ao redor todos os tipos de ruídos e olhares, se virou várias vezes, mas não viu mais do que pessoas andando normalmente. Mesmo assim, seu coração batia forte, o estômago estava completamente embrulhado, sentia náusea e uma vontade imensa de chorar. Por fim, chegou ao bar. Ao entrar foi recebido pelo estrondoso som da música e o calor ambiente. Pediu uma bebida ao garçom.

—O que está acontecendo, Lorién, por que tem essa cara? Está passando mal? Viu algum fantasma?

—Se nota muito?

—Bom, a verdade é que sim, está sem cor e tem um olhar nervoso, como de ovelha espreitada por lobos, está transpirando e a noite está fria, você olha para todos os lados como se esperasse que a qualquer momento algo caísse sobre você... Quer que continue? Hahaha...

—Você está certo, Fernando. A verdade é que tomei um baita susto e ainda não me repus, mas ao ver teu rosto feioso estão se aclarando minhas ideias — disse Lorién com um riso amarelo.

—Me alegro que meu formoso rosto tenha serventia — respondeu o garçom com bom humor, enquanto lhe servia a bebida e se afastava para atender outro frequentador.

—Tenho que me acalmar — pensou Lorién —, se Fernando percebeu, qualquer um pode fazê-lo e mais ainda esse pessoal de quem falou o professor.

Respirou fundo e tentou conectar com a sensação da Força em seu corpo. Sentiu como sua respiração ficava ampla e mais tranquila, aos poucos foi relaxando com a ajuda do álcool e voltou a sentir certo domínio de si mesmo.

—Tenho que pensar com clareza, sem me estressar. Tudo isto é incrível, não pode estar acontecendo comigo, sou uma pessoa insignificante, vivendo nesta pequena e ridícula cidade. Espera aí, de novo me deixando levar pelo que o sistema diz de mim — disse a si mesmo —. Vamos recapitular tudo o que sucedeu desde que conheci o professor. Fernando tem uma folha de papel em branco?

—Claro, aqui está, você já tem uma cor melhor, são bons meus drinques, não?

Começou a tomar nota do mais importante que o professor tinha falado e do que tinha acontecido desde então. Era impressionante. Só tinham passado duas semanas e como tinha mudado sua vida, a percepção de si mesmo e do mundo! Como tinha se acelerado tudo! Era incrível! Ao evocar as palavras do professor, do milagre que cada um de nós é, que somos o sentido do mundo e que quando aclaramos nosso sentido iluminamos o mundo, lhe foi invadindo novamente essa sensação de força interior.

—Somos como deuses acorrentados que querem se libertar — se disse.

Voltou a conectar-se com o fogo interior posto ali pelos deuses...

—Bem, Lorién, bem, já estamos um pouco melhor.

Levantou a cabeça para cumprimentar um conhecido que passava. Seguiu lembrando e tomando nota dos eventos e situações mais importantes e o panorama foi ficando mais claro.

Bem — pensou —, por uma parte temos os grupos em marcha iniciados sábado passado, por outra parte, a enorme responsabilidade que o professor depositou em minhas mãos, de grande perigo, claro, e nem sequer sei bem do que se trata o que está no pendrive... Vamos por parte. Primeiramente, o projeto de humanizar a

cidade, não me necessita e pode seguir sem mim. O tema central é isto que Federico me passou: o que faço, jogo o pendrive no lixo? Caso venham atrás de mim, o entrego, o escondo, me responsabilizo ou dou uma de louco, como se não tivesse nada a ver com isso? Faço isso sozinho ou falo para os colegas?

A cabeça girava com tantas perguntas e dúvidas numa tentativa de se esclarecer.

—Ele fala em viajar, fugir, buscar, em ser o cuidador, o protetor de algo tão, mas tão importante, como o futuro da humanidade. É foda! E ainda nem estou com 18 anos! — pensou em voz alta.

Fernando, o garçom, e outros que estavam no balcão lançaram para ele um olhar estranhado.

Lembrou o que o professor tinha dito sobre o caminho do coração. Fez um pequeno exercício sobre a experiência com a Força ali, no meio do bar, do barulho de copos... E foi conectando aos poucos com seu interior, com sua força, sentindo como se esvaziava de conteúdos, pensamentos, temores... e ia sendo preenchido primeiro por uma paz crescente e depois pela Força com sua poderosa e cálida luminosidade. Ficou ali uns minutos no meio dessa borbulha luminosa e pediu internamente que o caminho a seguir ficasse claro, o caminho do coração... Um sorriso apareceu em seu rosto e quando abriu os olhos ficou surpreso ao perceber que estava no bar, tinha se desligado totalmente do local em que estava, imerso completamente na experiência da força e na meditação da direção que devia escolher. Agora, mais calmo, tranquilo, voltava a se sentir forte e enorme, com o futuro aberto e claro.

Tinha tomado uma decisão. Assumia como seu o desafio e a responsabilidade que isso implicava, com seus perigos e incertezas, com seus temores e desasossegos, mas com intensidade e pleno sentido. Algo dentro dele sentia-se capaz de levar isso adiante. Então lembrou: *Ama a realidade que constróis e nem mesmo a morte deterá o teu voo.*

Bem, estava na hora de começar a trilhar o caminho que a sua decisão colocou à sua frente. Continuava nesse estado de luminosidade que lhe permitia manter a força e a clareza nas imagens e propósitos. O primeiro a fazer era ir para a casa de um amigo para que lhe emprestasse o computador. Tentou pensar em algum conhecido que não tivesse participado do encontro de sábado passado, então se lembrou de Adolfo que morava bem perto do bar. Imediatamente pegou o celular e ligou para ele.

—Oi, Adolfo, é o Lorién. Preciso de um pequeno favor, que me empreste seu computador por vinte minutos.

—Tranquilo, colega, venha para casa, sem problemas — respondeu Adolfo com seu tom alegre.

Lorién sorriu. — Quando a gente esclarece seu sentido, tudo se aclara, se ilumina e se dá... Olha que bela frase me surgiu, não é que vou acabar me convertendo em filósofo?! Hahaha — riu de si mesmo.

—Bem, Lorién, agora sim que tem boa cara — disse Fernando —, sempre soube que meus drinques são bons, mas não sabia que eram miraculosos... hahaha... Boa sorte!

—Sim, realmente miraculosos, muito boa mão! Adeus e obrigado, Fernando. Não sei se voltarei a te ver e a esta cidade, que agora entendo que quero bem — pensou com um pouco de nostalgia.

Levantou-se da cadeira, pagou a conta e saiu. Andou tranquilo as quatro ruas até a casa de Adolfo, desfrutando da noite, olhando para as estrelas e sentindo o frio como um manto protetor e acolhedor que o mantinha a salvo, desperto e vivo. Essa sensação foi estranha. Nunca imaginou que sentiria essas emoções a respeito do frio. Deviam fazer entre oito e dez graus negativos! E ele sentindo essa cordialidade, essa proteção, esse abraço do clima de sua cidade, duro, tosco e acolhedor com sua gente. Emocionou-se até as lágrimas com essa inédita sensação.

Chegou até a casa de Adolfo e ele abriu a porta rapidamente.

—Putz, meu, que surpresa! Domingo e nessa hora...!

—Espero não estar incomodando...

—Não, de jeito nenhum! Você sabe que durmo tarde. Entra ai, faz um frio tremendo esta noite!

Foram até o seu quarto onde estava o notebook.

—Ai está. Estava jogando, mas vai, pode usar. Esta não é minha noite mais inspirada.

Lorién foi andando até o notebook quando percebeu no canto um velho computador.

—E esse, será que ainda funciona?

—Sim, funciona, mas está sem internet e é muito lento.

—Para mim está perfeito! Assim não tiro você do jogo — exclamou Lorién. Só tenho que ver uns arquivos no Word. Não preciso de internet, os tenho no pendrive.

—Tem certeza? — perguntou Adolfo. De verdade que não me incomoda deixar o notebook.

—De verdade, amigo, obrigado.

—Tudo bem, como quiser.

Ligou o velho computador e enquanto abria pensou no estranho da situação. Apesar do perigo e da enorme responsabilidade, não só não estava assustado como estava entusiasmado e tranquilo, sentia uma onda energética suave mas potente em todo seu corpo.

—Não sei quem sou! — pensou —. Parece que dentro de mim há alguém que nem conhecia e estou gostando muito.

O computador terminou de abrir e ele introduziu o pendrive. O abriu e apareceram quatro arquivos com nomes sugestivos: *Para Lorién*, *As quatro disciplinas*, *A Escola* e *O caminho*. Uma grande excitação o invadiu. Sabia que se encontraria numa situação irrevogável uma vez que lesse os arquivos. Apareceu uma leve dúvida, mas

foi varrida rapidamente pela necessidade de saber e desvendar o que eram essas quatro disciplinas e o que implicavam. Abriu primeiro o arquivo que dizia *Para Lorién* e começou a ler:

Querido Lorién:

Espero que esteja lendo esta carta, caso contrário, terei fracassado e possivelmente não possamos seguir transmitindo e preservando as Quatro Disciplinas de Acesso ao Profundo. Estas disciplinas são o patrimônio mais valioso da Humanidade e sua preservação e transmissão é a tarefa mais importante do Ser Humano.

Sei que deve estar cheio de dúvidas e perguntas, lamentavelmente só vou poder aclarar a mínima parte delas.

Primeiro quero agradecer que tenha decidido tomar a difícil decisão de carregar nos ombros esta tarefa. Quero te dizer que sim, você é a pessoa apropriada para levar adiante esta missão. Você tem a clareza, resolução e sensibilidade necessárias. Com certeza neste momento algo te diz que é para isto que esteve se preparando a vida toda.

Como sabia o professor que era isso exatamente que estava pensando e sentindo? – pensou atônito.

Quando conheci você naquele primeiro dia de aula tive a certeza que você podia ser o novo Prometeu, a pessoa que teria em suas mãos a responsabilidade de preservar o conhecimento, de abrir a Escola para toda a Humanidade e levar o Fogo Sagrado ao resto de nossos irmãos. O momento preciso está chegando e você estará preparado, não tenho a menor dúvida. Também sei que vai cuidar com total devoção deste conhecimento fundamental e único para nossa espécie.

Temos pouco tempo, eu esperava contar com um par de meses para poder preparar-te melhor, mas tudo foi se precipitando. O primeiro a fazer será viajar a Madrid. Na rua Cuchilleros, 328, encontrará Carlos Alcázar, ele lhe dará um passaporte com uma nova identidade e ajudará a mudar a sua imagem. A contrassenha para ele é renascer. Aliás, ele lhe entregará o dinheiro que precisar.

É urgente que parta assim que puder, enquanto ainda estão ocupados me perseguindo, para evitar que te alcancem ou prejudiquem seus seres queridos. Sei que é muito forte o que digo, pedir que se afaste de seus seres queridos com apenas 18 anos, mas não há outra opção. Não comente nada com o resto dos colegas, diga que vai viajar por assuntos familiares, que eles se encarreguem de levar adiante o projeto de Humanizar Teruel.

Em sua casa deixe uma carta dizendo que vai viajar dois meses pela Europa, pedindo carona, já que sempre quis viajar e conhecer o mundo pelos seus próprios meios. Não poderá comunicar-se com eles, enviar e-mails e nem telefonar, tudo estará grampeado.

Viaje com o primeiro ônibus do dia e leve somente a roupa do corpo.

O mais importante, siga o caminho com o coração, quando sentir necessidade busque dentro de si e encontrará as respostas, pode evocar minha presença como seu Guia Interno para que lhe ajude nos momentos difíceis. Se tudo correr bem e eu puder tirar de

cima de mim estes cães de caça irei lhe ajudando no caminho. Caso eu não consiga, você tem os recursos suficientes para levar adiante esta missão.

Deixo-te por aqui com um afetuoso abraço e desejando-te muita Paz no coração e luz no entendimento!

Federico

–Merda! – disse baixinho.

Adolfo se virou.

–Está tudo bem? – perguntou

–Sim, tudo bem, valeu.

Mas tinha ficado branco de novo. Voltou a intencionar conectar com sua força interior e se acalmou um pouco.

–Estou entrando numa puta confusão. Merda!

Depois de alguns segundos conectando com sua força interior, já mais tranquilo, abriu o segundo arquivo: *Introdução às quatro Disciplinas*

AS QUATRO DISCIPLINAS ANTECEDENTES

Desde a antiguidade existiram procedimentos capazes de levar as pessoas a estados de consciência excepcionais nos quais se justapunham maior amplitude e inspiração mental com o entorpecimento das faculdades habituais. Aqueles estados alterados apresentaram similitudes com o sono, a embriaguez, algumas intoxicações e a demência. Frequentemente a produção de tais anomalias foi associada a *entidades* pessoais ou animais, ou a *forças* naturais que se manifestavam, precisamente, nessas paisagens mentais especiais.

À medida que se foi compreendendo a importância daqueles fenômenos se foram depurando explicações e técnicas, com a intenção de dar direção a processos que até então estavam fora de controle.

Já em épocas históricas, nas distintas culturas, (e com frequência à sombra das religiões) desenvolveram-se escolas místicas que foram ensaiando suas vias de acesso ao Profundo. Ainda hoje na cultura material, nos mitos, lendas e nas produções literárias se pode apreciar fragmentos de concepções e práticas grupais e individuais muito avançadas para a época em que essas pessoas viveram.

Nas Disciplinas se realiza um processo interno de transformação. O trabalho Disciplinário é calmo e se propõe sem prazo fixo, tratando-se de um caminho que se percorre ao longo de toda a vida.

Para entrar nas Disciplinas deve se chegar a penetrar a linguagem das mesmas. Este é um ponto importante. Não se pode entrar em tema sem uma localização mental próxima à que deu lugar ao desenvolvimento destas atividades. Não se pode entrar nos mundos da poesia ou da mística transladando linguagens ou dando explicações que não correspondem às experiências próprias daquelas.

Quando falamos da Disciplina Material trabalhamos os objetos externos e a matéria do próprio corpo, tentando desestabilizá-los .

Quando falamos da Disciplina Energética nos referimos à energia psicofísica: sua geração, deslocamento e transformação.

Quando falamos da Disciplina Mental nos referimos ao trabalho com os diferentes atos mentais, que se referem a objetos mentais.

Quando falamos da Disciplina Formal nos referimos ao processo das formas, trabalhando em sua formação e transformação no interior do operador.

AS DISCIPLINAS

As vias que hoje conhecemos apoiam-se nas descobertas realizadas por diferentes povos em um lapso não maior que sete mil anos. É tal a diversidade de fontes fragmentarias que não se pode pretender abranger todo o conhecimento e a prática de acesso ao Profundo. Nossas quatro Disciplinas trabalham com a manipulação de objetos materiais externos (D.Material), com a energia psicofísica (D. Energética) , com os objetos mentais (D. Mental) e com as formas mentais (D. Morfológica). Fica claro que estas Disciplinas não esgotam outras possíveis vias.

A Disciplina Material tem sua base nos trabalhos de taoistas e budistas chineses, assim como de babilônios, alexandrinos, bizantinos, árabes e ocidentais. Esse conjunto de trabalhos em sua contínua transformação e deformação foi conhecido com o nome de *Alquimia*. Para finais do século XVIII a Alquimia havia declinado irremediavelmente, passando muitos de seus descobrimentos, procedimentos e instrumental às mãos da Química nascente.

A Disciplina Energética busca suas raízes na Ásia Menor de onde o orfismo e o dionisismo se propagaram para Creta e Grécia sofrendo importantes modificações até serem abolidos pelo Cristianismo triunfante. Também em algumas linhas shivaístas e do tantrismo pode se resgatar fragmentos de experiências extraordinariamente ricas.

A Disciplina Mental encontra no budismo sua maior fonte de conhecimento. Para favorecer as distinções entre atos e objetos mentais apela à linguagem rigorosa de alguma corrente filosófica contemporânea.

A Disciplina Morfológica reconhece antecedentes significativos em algumas correntes de pensamento pré-ático que floresceram sob a influência *oriental* do Egito, Ásia Menor e Mesopotâmia, tal é o caso da escola pitagórica.

As Disciplinas trabalham com rotinas que se repetem em cada momento do processo (passo), até que o operador obtém o registro indicado. Todo o processo está convencionalmente organizado em doze passos, separados em três quaternas. Assim como cada passo tem uma designação que aproxima à ideia do registro buscado, cada quaterna indica uma significativa mudança de etapa.

As Disciplinas levam o operador na direção dos espaços profundos.

Concluído o processo Disciplinário se está em condições de organizar uma *Ascesis* independente de passos, quaternas e rotinas.

Conforme ia lendo o texto foi entrando em um estado como de transe.

—Que impressionante o que tenho nas mãos — disse para si enquanto sentia como o invadia a sensação de luminosidade interna.

Quando acabou de ler ficou em silêncio, profundamente conectado, com a sensação de uma enorme ampliação da consciência e de compreensão. Intuíu mais do que entendia o texto, mas estava claro que as implicações do mesmo iam além do que jamais teria imaginado.

—Então, na base de todas as religiões e conexões com o divino estão estas Disciplinas — refletiu. Os procedimentos básicos que levaram os místicos de todas as épocas e culturas a transcender e conectar com o Sagrado, a chegar à iluminação... Caramba! E sem sacerdotes, nem igrejas, nem intermediários. É como ter o link direto para o céu, com razão são tão importantes, isto é uma verdadeira bomba, tremendo tesouro... E isso tudo está nas mãos deste infeliz!

Levantou da cadeira e começou a andar pelo quarto agonizando Adolfo.

—Que se passa, cara?

—Nada, nada, só estou pensando um pouco.

—Você está muito estranho hoje, não cheirou nada não? Imagino que me convidaria, hahaha... Tá bom. Deixo você em paz.

Outra vez tinha se instalado o temor, a dúvida, a sensação de ser uma formiguinha mínima ante a enormidade da tarefa que tinha pela frente.

—Por que eu? — se questionava — Para isto é preciso um Indiana Jones, não um carinha que nem eu. Outra vez estou caindo na degradação e na desvalorização! Não és uma formiga, és o sentido do mundo, levas dentro de ti um Deus que tem que se libertar! — se dizia.

E aos poucos retomou a energia e a força interior. Sobreveio novamente a excitação e o entusiasmo que erradicou o temor e as dúvidas.

—Já está! — disse em voz alta. Não há o que discutir!

—Se está dizendo... — disse Adolfo, divertido.

—Desculpe amigo, estou pensando em voz alta.

Voltou para o computador, tirou o pendrive e sem Adolfo perceber começou a formatar o disco rígido. Quando terminou virou-se para ele e lhe disse com tom de surpresa e pesar: Caramba, cara, sem querer formatei o disco, que merda! Sinto muito, espero que não tenha perdido nada importante.

Adolfo ficou olhando para ele com um sorriso travesso, meio irônico e disse: deixa para lá, não esquenta, quase nem estava usando mais.

—Sinto muito mesmo. Vou te compensar, pode crer.

Adolfo o fitou lentamente

—Não entende, não?

—Do que fala? — disse Lorién perplexo.

—Tenho o palpite de que você anda em algo importante e que não vamos nos ver novamente tão cedo, por isso vou te dizer — e ficou olhando pela janela uns instantes —. Você tem me dado muito ao longo dos anos.

—Eu? — disse Lorién confuso.

—Sim, você — respondeu Adolfo mexendo com sua cabeça sem entender como Lorién podia ser tão obtuso —. Quando eu fui mauricinho você foi meu amigo, quando fui meio punk você foi meu amigo, quando estive nos temas folclóricos, aí esteve você. Durante esses anos todos, em cada mudança que eu fiz mudaram os amigos e o único que permaneceu aí, firme como uma rocha, sem me julgar, me aceitando, foi você.

Quando eu tinha problemas ou estava confuso, o único que me ouvia paciente e refletia comigo, o que deixava tudo para me atender, quem era? Você, sempre foi você. A pessoa mais importante em minha vida! E vem falar para mim que vai me compensar? Não entende nada mesmo!

Disse isso tudo com lágrimas nos olhos, enquanto Lorién sentia correr suas próprias lágrimas pelo rosto.

—Sempre fomos amigos — disse com a voz afogada — mas nunca imaginei que fosse tão importante para você, não sabe o fundamental que é ouvir isso para mim. Nunca teria imaginado — balbuciou confuso e boquiaberto.

—Todos os amigos a sua volta sentem igual: que você é a pessoa mais confiável, mais próxima e importante que já tivemos perto. Você, sempre com teu sorriso, apesar de tuas tribulações, em tua permanente solidão. Parece que é tão natural que você não percebe a pessoa excepcional que é. Sempre tivemos a impressão de que estava chamado a fazer algo importante e cedo ou tarde isso ia acontecer.

Ficaram se olhando através das lágrimas e se abraçaram sem dizer mais nada.

—Até breve, Adolfo, e obrigado por teu afeto, que por sinal, é recíproco e pelas tuas palavras, não sabe como são importantes para mim. De verdade! Sobretudo neste particular momento de minha vida.

Saiu da casa de Adolfo como um sonâmbulo, não podia acreditar no que acabara de ouvir. Ele que achava que sua vida era um completo fracasso, que não tinha nada para resgatar, de repente recebia este imenso testemunho de afeto profundo e de admiração e ainda parecia que vários opinavam e sentiam do mesmo jeito. Incrível! Estava profundamente surpreso, com um goze no peito que chegava a doer, o sentia a ponto de explodir. Soltou sua emoção e chorou. Chorou longamente enquanto caminhava, cego pelas lágrimas, no meio da noite. Lágrimas de alívio, de alegria, de uma linda emoção que lhe enchia o peito. As lágrimas saíam com gemidos, quase gritos, sozinho nas ruas de sua querida cidade que tantas vezes tinha encarado e da que tanto tinha se queixado.

Começou a ver tudo de uma forma nova, tudo se reinterpretava em seu interior. Estava verdadeiramente maravilhado e surpreso. Andou lentamente para sua casa, desfrutando dessa nova sensação de sentir que não só não era um lixo social como era profundamente valorizado e apreciado pelo pessoal a sua volta. Adolfo não sabia o presente que lhe tinha dado, e logo quando mais o necessitava. Ressoaram nele palavras que tinha ouvido do professor Federico: *Não imagines que estas*

só em teu povoado em tua cidade, na Terra e nos infinitos mundos. Isso o reconfortou muito e alegremente e com o coração *estufado* se dirigiu a sua casa sentindo que o frio o acolhia de forma protetora, como se o universo estivesse cuidando dele.

Quando estava a duas ruas de casa começou a ficar alerta, caso visse algo estranho e diminuiu o passo para fazer menos barulho. Não se ouvia nada, só algum carro ao longe. Chegou até a porta do prédio, abriu com a chave e subiu pela escada até o segundo andar. Tudo estava em silêncio, seus pais deviam estar dormindo. Os dois irmãos maiores já não moravam com eles. Abriu a porta devagar e entrou no quarto. Ligou a luz sobre o criado mudo e sentou na cama com seu coração acelerado, para meditar sobre o que faria. Voltou a conectar com seu interior para se acalmar, coisa que já quase tinha se convertido num ritual. Tranquilizou-se e pediu internamente:

—Necessito clareza para saber o que levar e o que fazer.

Escrever uma carta para meus pais. Isto o deixo para o final.

O dinheiro. Buscou e achou 103 euros, era tudo. Uma pequena mochila onde colocou duas camisetas, duas cuecas e dois pares de meias. Trocou a camiseta do corpo, vestiu uma camisa de flanela, um agasalho grosso por cima e uma calça jeans. Levaria a mesma jaqueta que estava usando. E mais nada. Olhou para seus discos que cobriam a metade da parede numa mobília feita à medida para eles. Quantas horas ele passou escutando música, pensando, sonhando, chorando, compreendendo coisas. Sorriu e se emocionou ao lembrar a sua mãe que sempre lhe dizia: *discos e livros comeremos nesta casa...* Olhou para a biblioteca que ocupava a parede mais longa, do chão até o teto, cheia de livros. Quanto ele devia a esses livros que junto com os discos tinham sido seus melhores companheiros na busca de compreensões, de explorar e conhecer lugares, outros mundos! Olhou para seus quadros, os dois que tinha eram muito especiais. Um, ele tinha comprado um ano atrás, grande e sugestivo com uma mulher loira e a noite ao fundo, com texturas e relevo. Nesse quadro ele tinha gasto todo o dinheiro que tinha naquele momento. Foi algo inesperado que aconteceu.

Uma tarde ele andava sem nada para fazer, dando voltas por Teruel e sem saber por que decidiu entrar a uma exposição de quadros, coisa que ele nunca fazia. O normal seria percorrer bares. Ao entrar na sala logo viu o quadro e ficou grudado, sentiu um tipo de magnetismo que o atraía para ele. Essa noite, já em sua cama, continuava com o quadro na cabeça sem saber por quê. Algo sugestivo emanava dele, algo significativo que não conseguia desvendar. No dia seguinte voltou para contemplá-lo por muito tempo, não entendia o que lhe acontecia com a pintura, mas lhe produzia uma forte pulsação interna. Algo ressoava fortemente dentro dele. Foi embora e voltou ao dia seguinte, era demais! O que lhe acontecia com esse quadro? Voltou a olhar para ele por um tempo e enquanto estava absorto na contemplação ouviu uma voz próxima e amiga.

—Gosta?

Assentiu com a cabeça sem se virar e continuou em silêncio a sua contemplação.

—Tenho visto você varias vezes por aqui. Vem, olha para o quadro um tempo e eu não sei se fico chateado porque nem olha para o resto de meus quadros ou agradeço pela impressionante atenção que dedica a este —riu.

—Você é o autor!

—Isso ai, Antônio é o meu nome.

—Prazer, Antônio, o meu é Lorién.

Deram as mãos olhando—se com cordialidade e voltaram a olhar para o quadro.

—É muito sugestivo — disse Lorién — não sei porquê, mas mexe comigo, sensações que não sei expressar, mas que não me deixam tranquilo. É como se tivesse algo a ver comigo, mas não entendo o que... Levo três dias grudado a ele, só penso no quadro e não penso em nada, haha. É estranho, não?

—Bom, a arte tem dessas coisas — disse Antonio. Ela bate em lugares dentro de nós que não sabemos descrever com facilidade, às vezes são coisas do passado, da primeira memória, quando tínhamos apenas um ano. Quer dizer, gera sensações cenestésicas, já que ainda não há ‘tempo’ nem ‘pensamentos’ e há poucas imagens. Outras vezes move coisas do futuro, coisas que ainda não vivemos, mas que de alguma forma reconhecemos como o que vem. Em outros casos move ou conecta com estados de consciência não habituais, para os que não temos palavras. Em teu caso, acha que corresponde a alguma dessas situações?

—A verdade é que não sei, mas gera algo dentro de mim, isso é indubitável — disse Lorién.

—E por que não fica com ele?

—Não o tinha pensado! Na verdade, nunca comprei um quadro, eu não tenho uma ligação com a pintura, por isso estranho o que me acontece com este.

Perguntou o preço do quadro.

—Bom — disse Antonio — o valor você sabe que é um do ponto de vista econômico, medido em dinheiro, outro o que tem do ponto de vista artístico e um terceiro é o valor subjetivo, o que se relaciona com os significados que cada qual dá. O valor em euros é 600.

—Claro — disse Lorién — é uma obra muito boa, lógico que vale tanto dinheiro, aliás, é bem grande.

—É verdade, tem 120 por 75 cm. É o maior da exposição.

—Lamentável que eu não tenha essa quantia.

—Bom, e quanto poderia pagar?

Lorién ficou vermelho, mas disse a verdade.

—Só tenho 200 euros, por isso não posso dar um valor, não posso nem chegar perto do que realmente vale, de fato eu acho que ainda é barato para a obra artística que é.

—Sabe, Lorién, alguns quadros nascem pertencendo a alguém, como neste caso. O quadro é teu já de antes, só faltava que fizéssemos a ponte para concretizar. Assim é que, se é isso que pode pagar, isso é que vale o quadro. O importante é que fique com a pessoa que saberá apreciá-lo e valorá-lo. Trato feito? — e ofereceu sua mão.

—Trato feito! — disse ele sem poder acreditar no que acontecia—. Amanhã posso vir com o dinheiro, mas se alguém vier antes e pagar os 600, entenderei se o vender.

—Trato é trato, meu amigo. Amanhã o quadro estará te esperando. Como já falei, o quadro era teu desde antes, o pagamento é mera formalidade. Até amanhã então. — terminou Antônio despedindo-se.

Lorién sorriu lembrando que tinha saído da exposição como flutuando, não podia acreditar que esse quadro fosse seu. Ainda agora, ao olhar para ele, lhe aconteciam coisas. Ai estava esse enorme quadro, tanto pelo tamanho como por sua qualidade artística, com seus símbolos futuristas, com a mulher loira com esse olhar especial de futuro, tão profundo...

Olhou para o outro quadro que havia no quarto, era tudo o contrário, o marco era de uma janela pequena, de 40 por 25 cm, com uma frase gravada nele: *As crianças jogam pedras nas rãs, brincando, mas as rãs morrem de verdade*. Lembrava que sua amiga Antonia, três anos atrás, tinha lhe pedido uma frase que ele gostasse para lhe fazer um presente e então lhe surgiu essa frase que tinha lido tempos atrás em algum livro dos tantos que devorava tentando achar respostas às suas inquietações. Pouco depois Antonia apareceu em sua casa com esse baita presente. Quase caiu de costas quando o viu, que maravilhosa obra de arte tinha criado ela, partindo de uma frase e usando elementos que tinha em sua volta: um lençol e o marco de uma janela que ainda conservava na lateral um suporte da dobradiça. Ficou perplexo, não podia falar de tanta emoção.

—Que foi? Não gostou? — perguntou ela preocupada.

—Estou chocado — disse ele — não posso acreditar na grande obra que você fez! Que maravilhosa inspiração! Aliás, tremendamente significativa.

—Bem, isso é culpa sua — disse ela com um sorriso. Você, com tua proximidade, compreensão, lealdade e amizade é quem semeou em mim. E essa frase também foi você que me deu, assim é que não há outro culpado que não você mesmo.

—Você é incrível, muito obrigado. Não sabe como fico grato com este belo presente.

Sorriu emocionado ao lembrar a cena.

Finalmente, com um suspiro profundo, sentou para escrever a carta a seus pais. Era o mais difícil. Quando estava para começar bateram à porta e apareceu sua mãe de camisola.

—Esta bem, meu filho?

—Sim, mãe, muito bem. É só que... — e de pronto estava chorando em seus braços. Tenho que ir para uma viagem que ganhamos com uns amigos de Zaragoza — mentiu. E saímos daqui a pouco. Você me pegou escrevendo uma carta contando os detalhes.

—Mas, filho, assim de repente? Com que dinheiro? Com quem, para onde?

Ele disse que tinha sido o prêmio de um concurso para conhecer a Europa, feito meses atrás, quando se matriculara na universidade, era um tipo de bolsa que tinham ganhado três pessoas.

—Ao que parece a carta se extraviou e só fiquei sabendo há pouco por um colega que me ligou para comentar Assim é que o ônibus sai às 8hs de Zaragoza. Tenho que pegar minha mochila e me juntar a meu amigo para ir de carro e chegar a tempo. É tudo pago, então não se preocupe, mãe — continuou mentindo e se sentindo mal por isso.

Sua mãe olhou para ele longamente e disse:

—Não sei como, mas eu sabia que cedo ou tarde tomarias teu próprio rumo, não sei para onde te conduzirá, mas sei que é uma boa direção. Muitas vezes, eu entrava no teu quarto e te encontrava lendo sobre outros países ou mundos, ou você estava com o olhar perdido, visualizando sabe-se lá que lugares e aventuras. Outras vezes com tua forma de ver a realidade, o que estava bem e o que não... Lembro quando tinhas essas saliências de pequeno, questionando tudo. Como aquela vez no hotel de luxo onde trabalhava tua irmã, e eu te falei para ter cuidado com o que dizias porque aí só tinha gente de bem e você olhou em volta e logo falou em alto e bom tom: pois é, eu não vejo ninguém do bem! Sempre soube que você teria um destino diferente ao que tivemos nós. Quando nós casamos, teu pai e eu tiramos o passaporte para viajarmos para o Canadá, onde nos dariam terra e máquinas para trabalhar a terra a fundo perdido. Estavam repovoando uma zona agreste desse país e buscavam gente desta terra pela fortaleza para que fossem capazes de aguentar a dureza dos primeiros tempos e do clima. Finalmente seu pai ficou com medo e pensou que seria melhor que ficássemos aqui. Como íamos deixar tudo para trás? Tudo o que? Pensei eu: miséria, trabalhar como burros, salários de pobreza... Não tínhamos nada.

Conforme iam passando os anos, muitas vezes dizia para mim mesma: quisesa eu tivéssemos ido para o Canadá! Alguns amigos foram e poucos anos depois estavam com uma situação econômica de dar inveja, e nós ainda na pobreza, trabalhando de sol a sol. De alguma forma eu soube que isso não ia acontecer com você, que você iria atrás de seus sonhos — disse emocionada, com as lágrimas correndo pelo rosto —. Voa alto, meu filho, voa alto — lhe disse enquanto o abraçava — eu viajarei e voarei com você no seu caminho. Quando duvidar ou estiver cansado pense em mim e siga voando. Se cuide muito e voe alto!. Eu contarei para seu pai, não se preocupe.

Obrigado pela compreensão e por acompanhar-me em meu voo, mãe — lhe disse, dando o último abraço de despedida, completamente tomado pela emoção.

Saiu de casa com uma grande quantidade de emoções desencontradas. Tão grande que não podia definir o que sentia. Por uma parte, o coração encolhido por deixar sua casa, sua cidade e seus seres queridos. Por outra parte, sentia-se pleno e alegre, por saber que com certeza estava fazendo o correto e surpreso pelo rumo que as coisas iam tomando nessa estranha e surpreendente noite.

Andou rápido até a rodoviária. Quando chegou já eram cinco horas da manhã. O café estava apenas abrindo, então foi consultar pelo primeiro ônibus que saísse para Madrid. Disseram que saia um às cinco e meia. Foi até o balcão, com-

prou a passagem e foi até um canto mais escuro para esperar a hora. Não queria ser visto, mas queria ver caso alguém estivesse rondando a rodoviária. A ansiedade e o temor de que aparecessem os caras que estavam atrás deles fizeram com que os minutos parecessem eternos. Às cinco e vinte começaram a chegar algumas pessoas no balcão para Madrid. O ônibus já estava no andem e partiu às cinco e trinta, pontualmente. Foi o primeiro a subir. Colocou o assento para trás para não ser visto de fora. No total eram dez passageiros, a maioria conhecidos de vista, os outros tinham aspecto normal. O condutor revisou as passagens e partiu. Finalmente!

Lorién relaxou com um suspiro profundo e se dispôs a dormir nas cinco horas da viagem, após o dia mais intenso de sua vida. Era incrível que apenas tivessem passado umas poucas horas desde que se encontrou com o professor no Óvalo e tudo começou. A sensação que tinha era de vários dias. Que quantidade imensa de acontecimentos! Pensou no relativo que resultava o tempo. Segundo os estímulos que chegam até a consciência assim é como se percebe o transcorrer do tempo internamente, muito diferente da percepção do tempo do relógio.

CAPITULO II – MADRID

Se acreditas que tua vida não termina com a morte, deve coincidir o que pensas com o que sentes e o que fazes. Tudo deve avançar para a coerência, para a unidade.

Ficou dormido em questão de segundos, acordou sobressaltado, alguém o estava mexendo e lhe dizendo:

–Ei, rapaz, chegamos a Madrid!

–Obrigado – falou ainda meio dormido.

Nossa! Como peguei no sono! – com tanta adrenalina nem tinha percebido o quão cansado que estava. Desceu do ônibus um pouco confuso pelo profundo sono. Finalmente estava em Madrid.

–O que faço agora? Não conheço Madrid no mais mínimo, minha cidade é tão pequena...

Sentiu-se abrumado ante o tamanho de Madrid com seus cinco milhões de habitantes, ele que vinha de uma cidade de apenas trinta mil. Sentiu tontura então sentou até passar e perguntou como chegar na rua Cuchilleros.

–O melhor é tomar um ônibus que deixará você a duas ruas da Praça Maior, ali pergunte pela rua Cuchilleros, é muito fácil.

–Ta legal – disse ele com ar de pessoa do interior.

Saiu da rodoviária e vendo a enorme quantidade de prédios que o cercavam por todas as partes novamente sentiu-se agoniado.

–Isto é descomunal – pensou.

A sensação de ser insignificante, se sentindo uma formiga voltou e ele ficou angustiado.

–Mas o que estou achando que sou? O paladino dos novos tempos, da nova sensibilidade, o super-homem? Não sei me orientar numa cidade grande, para onde posso ir sozinho? Pior nos outros países que nem falam espanhol. Isto é uma puta loucura! Estou dando uma de idiota acreditando que sou Indiana Jones quando na verdade sou um simples matuto que nunca viajou nem deu a volta na esquina, isto é um absurdo.

–Sentou na escadaria de um prédio e rompeu a chorar.

–Não sou nenhum herói, não sirvo para isto – se dizia enquanto cobria seu rosto em desespero.

Então sentiu uma mão delicada em seu ombro.

–Você esta bem?

Era uma voz feminina. Levantou a cabeça e viu uma jovem mais ou menos de sua idade que sorria e o olhava preocupada

–Você esta bem? – repetiu.

–Sim, obrigado – disse inseguro, soluçando. É que é minha primeira vez em Madrid e não conheço nada nem ninguém e por um momento me senti sobrepuxado no meio da cidade grande.

—De onde você é?

—De Teruel.

—Olha só, Teruel também existe! Hahaha. É a primeira vez que conheço alguém de Teruel. É o único que sei de tua cidade. Correu por todos os lados essa campanha de Teruel também existe! Muito boa. Eu acho que todo mundo ficou sabendo da existência de Teruel.

—Sim, acho que deve ser um acontecimento e tanto — disse sem graça.

—Bom, bem-vindo a Madrid. Para onde você quer ir?

—Vou para a rua Cuchilleros. Disseram-me para pegar um ônibus por aqui, mas de repente fiquei tonto. Agora, falando com você, já me sinto melhor. Se puder me indicar o ponto de ônibus ficarei grato.

—Claro, rapaz, está aqui mesmo. Mas você não tem boa cara, já comeu?

Lorién ficou pensando quando tinha sido a última vez que comeu e não conseguiu se lembrar, parecia que tinha sido há séculos.

—Na verdade não me viria nada mal comer, claro, por isso estou com essa sensação de debilidade. Não tenho comido faz tempo. Será que tem algum bar onde comer algum bocado por aqui?

—Hahaha, claro. O que não falta em Madrid são bares. Acompanho você, também não me fará mal comer algo. Meu nome é Concha, e o seu?

—Lorién. Sabe, Concha, você é como um anjo da guarda, ou uma fada boa, em um segundo soluciona todos os problemas que me deixavam pesaroso. Comamos, agora vejo que tenho um buraco no estômago.

Caminharam alguns metros e entraram num bar cheio de petiscos de todo tipo, lulas, almôndegas, batatas, frutos do mar... Agora sim que as tripas de Lorién rugiam como leões. O garçom os atendeu na hora.

—O que vão beber?

—Eu quero um churrasquinho — disse Lorién.

—Eu, um pincho de tortilla

—E para beber?

—Eu quero uma cana — disse Concha

—Para mim uma coca cola, para esfriar a mente.

Em cinco minutos estavam comendo e conversando animados como se se conhecessem de sempre.

—O que você faz, Concha?

—Estou estudando psicologia.

—Que interessante! Eu estudava sociologia, mas na verdade podia ser qualquer outra coisa. Tudo que eu gosto mesmo é de ler, escutar música, viajar e sou apaixonado pelo ser humano. Penso que a diversidade é uma maravilha, adoro conhecer gente, quanto mais estranha melhor. Sinto que dentro de cada ser humano há algo grande, como um deus interno que tem que se libertar — disse Lorién olhando tímido para Concha para ver sua reação.

—Oh — disse ela. Que boa descrição! Bom conceito. Adorei isso de que todos levamos dentro um deus que se tem que libertar, de algum modo eu sentia isso mas

não conseguia expressar tão bem como você. Gostei muito, vou usá-lo de hoje em diante. Você é uma caixa de surpresas, Lorién.

Ele ficou vermelho e reconheceu que na verdade não era seu o conceito.

—É de um professor ao qual quero e admiro muito, mas faz muito sentido para mim.

—Para mim também — disse Concha. Por isso estudo psicologia, para ajudar a puxar o melhor de cada pessoa. Quando alguém tira o melhor de si, isso tem um potencial sanador. Estou convencida que se todos víssemos o melhor dos outros, este seria outro mundo.

—Incrível! Entusiasmou-se Lorién. Eu penso igual. Se todos pudéssemos ver as virtudes e as coisas maravilhosas que levamos dentro e pudéssemos ver também o melhor dos outros, mudaria totalmente a percepção que temos de nós mesmos, dos demais e do mundo. Eu tenho experimentado isto com muita força nos últimos tempos. O mesmo que tomar contato com a força interior que nem sabemos que existe. Se quiser posso te ensinar uma técnica simples para experimentá-la.

—Sério? Interessa-me muito. No final, em lugar de eu te ajudar é você que vai terminar me ajudando.

—Bom, ao que tudo indica, assim são as boas relações, recíprocas, todos aportam para todos. Esse é o espírito dos Projetos de Apoio Humano. É bem diferente ajudar outros desde o humanitarismo, do que fazê-lo desde a reciprocidade, da igualdade, onde não há um *coitadinho* que recebe, já que ele nada pode fazer para sair da situação na qual está. Ao contrário, desde os Projetos de Apoio Humano, todos podem aportar, e nesse ir aportando vão percebendo que podem resolver qualquer necessidade se juntando a outros com as mesmas necessidades. Desta forma eles vão se fortalecendo e desacreditando de serem *coitadinhos*, como foram acostumados a se ver. Começa a resolver as coisas mais simples e vai avançando conforme vai se fortalecendo no individual e no coletivo, resolvendo problemas mais complexos e estruturais.

—Não posso acreditar no que me conta, Lorién — disse ela maravilhada —. Sempre pensei que a caridade não serve, que, como diz o ditado, é melhor ensinar a pescar do que dar o peixe. É maravilhoso te ouvir, é que conversando com você vão se concretizando os sonhos que sempre tive. E estes projetos já estão sendo aplicados em algum lugar?

—Bem, estamos começando em Teruel, se tiver tempo, te conto em que estamos.

—É claro, não me ocorre nada de mais importante do que isto que conversamos. Estou totalmente disponível pelo tempo que for. Não imagina o presente que isto significa para mim! Que paradoxo! Me aproximo de você para te ajudar e é você que termina me dando o presente de minha vida....

Então Lorién foi contando para ela a experiência de Teruel. Como tinham se reunido alguns poucos e depois tinham feito uma convocatória maior aos amigos, como tinham trabalhado com as virtudes, as poderosas frases de Humanizar a

Terra como *és o sentido do mundo e quando aclaras teu sentido iluminas a Terra* e outras igualmente potentes. Comentou que o professor teve que ir embora, porém que eles continuaram com muito entusiasmo os Projetos e que ele teve que fazer uma viagem, mas que em poucas semanas estaria de regresso.

—É fantástico tudo o que me conta — exclamou Concha com os olhos brilhando —, é o que sonhei toda a minha vida, você pode pôr-me em contato com esses amigos?

—Óbvio!

—Que bom! Esse espírito que não considera o dinheiro nem interesses estranhos, e sim o bem-estar de todos, dando cada um o melhor de si, é o que sempre quis. E tenho vários amigos que com certeza irão gostar também. Acho que em pouco tempo isto pode vir a explodir numa enorme rede mundial pela mudança e transformação do ser humano — disse ela com o olhar perdido na janela, como vendo horizontes longínquos que vão se aproximando.

—Você é incrível! Acabo de te contar uma pequena parte e já está vendo mais além do que qualquer um de nós. Realmente, ‘quando aclaras teu sentido iluminas a Terra’. Quando conectamos com esse Sentido Maior e agimos em consequência, as coisas vão acontecendo e começam a aparecer situações *casuais* que fazem com que tudo marche com fluidez. Disto já teve uma grande quantidade de fatos confirmativos nestas últimas horas. Bem, você tem uma folha de papel?

—Sim — disse ela passando um pequeno caderninho.

Lorién anotou os telefones, endereços e e-mails dos amigos de Teruel.

—Para que possa tomar contato com eles. Diga que fui eu que passei. Somente peço que espere uma semana para entrar em contato.

—Claro, como quiser. Desculpa que repita mil vezes, mas isto é alucinante. Verdade, você é como um mago que vem me trazer meu sonho mais dourado, que é ser útil aos demais de forma digna e não humanitarista. Não sabe as noites que tenho ficado pensando nisso e ai chega você e em um segundo me coloca na mesa os pratos preferidos, e grátis! hahaha. É uma loucura, obrigada, obrigada, — e se lançou sobre ele dando um forte abraço e um grande beijo no rosto.

Lorién ficou corado e seu rosto iluminou-se com um amplo sorriso.

—Desculpa, Lorién — disse Concha meio confusa pela sua própria reação — por ser tão expressiva, não pude evitar — comentou baixando o olhar.

—Não há o que perdoar! Perdoar você por me tratar bem, por se preocupar comigo, por me acolher e me ajudar, por tua generosidade e humildade? Isso é imperdoável — disse Lorién sorrindo. Ao contrário, sinto que tenho muito que aprender com você, obrigado pela proximidade e pelo afeto, que, claro, é mútuo.

Agora foi a vez dele ficar encabulado pelo seu entusiasmo. Pigarreou para sair do embaraço e disse:

—Bem, fica só mais um tema: passar a você a técnica para te conectar com o Fogo, como tua Força Interior. Há algum lugar tranquilo onde possamos ir?

—Claro, a minha casa! Eu moro ai onde você sentou na escadaria quando nos encontramos, mais perto impossível!

—Vamos então.

Pagaram e foram embora entusiasmados sem conseguir parar de falar. Chegaram à casa de Concha.

—Oi, mãe, este é Lorién, um bom amigo. Vamos fazer um exercício no meu quarto para conectar com nossa força interior.

—Que interessante! — disse a mãe, sem cumprimentar Lorién — é privado ou posso participar? Não quero incomodar, só pergunto.

—É claro que pode. Desculpe não tê-la convidado, que bobos.

—Bem, obrigada, mas não me trate de senhora, me faz parecer velha e não sou...

—Então, vamos fazer aqui na sala, que acham? — perguntou Concha.

—Tudo bem — disse Lorién. Sentemo-nos, estas cadeiras são ótimas, nem tão confortáveis que fiquemos dormidos, nem tão desconfortáveis que nos atrapalhem. Fechou os olhos um instante para tomar contato com seu interior e, já mais apaziguado, começou: respiramos fundo três vezes. Fechamos os olhos.

Relaxa plenamente teu corpo e acalma a mente...

Enquanto guiava a experiência foi sentindo como a Força e sua luminosidade o invadiam, sentindo-se pleno, forte e com uma grata sensação de ampliação de sua consciência.

Ao terminar abriu os olhos e esperou até suas companheiras fazerem o mesmo. As lágrimas corriam pelo rosto da mãe de Concha, ainda de olhos fechados, mas curiosamente estava com um sorriso nos lábios. Concha estava com a boca semiaberta, com uma expressão como de transe, enquanto seu corpo oscilava quase imperceptivelmente. A mãe abriu os olhos com expressão de felicidade. Um momento depois Concha abriu os seus, lentamente, com o olhar desfocado, com uma expressão luminosa e ampla, como se tivesse crescido.

—Isto é grandioso! — exclamou Concha.

—Obrigada, Lorién — disse a mãe —. Tenho me encontrado com emoções tão profundas e bondosas que não acreditava que fosse possível. Muito obrigada.

—Isto é uma bomba, Lorién — disse Concha com o olhar sério. E é uma técnica muito simples... Muda radicalmente a percepção que a gente tem de si mesmo. Ajudou-me a conscientizar da vida que levo dentro de mim. É uma experiência formidável!

Sua mãe assentia silenciosa, ainda com os olhos cheios de lágrimas e com um sorriso beatífico em seu rosto. Levantou da cadeira e tomou as mãos de Lorién.

—Por favor, preciso te dar um abraço para agradecer toda esta poesia que sinto dentro de mim.

Deram um longo e sentido abraço, sentindo-se mutuamente. Depois foi a vez de Concha, que enquanto o abraçava dizia:

—Isto é maravilhoso, agora sei o que é sentir o humano em mim e o sinto em vocês também, muito obrigada, Lorién. E o dizia tão séria que Lorién começou a rir.

—Está bem, parece que me está culpando de algo com essa expressão tão séria e dramática, rrsrs

—Temos que levar isto a outras pessoas. É muito formoso e potente para deixa-lo guardado só com a gente — disse a mãe —, podemos compartilha-lo com outras pessoas?

—Mas é claro! Essa é a ideia, verdadeiramente não há nada melhor que conectar com o humano em si e em outros, tão longe isso da sensação habitual que temos de nós mesmos, não é? É como se habitualmente a gente fosse um fantasma sem vida, depois desta experiência tudo tem outro brilho, a vida se vê de outra forma — disse Lorién fazendo um gesto amplo a seu redor.

—Lorién, você é como um rei mago que chegou com seus presentes ao nosso lar. Estamos profundamente agradecidas — disse Concha emocionada —. Nunca esqueceremos isto! Eu já estou impaciente para falar com meus amigos e conta-lhes sobre os Projetos de Apoio Humano e compartilhar com eles esta maravilhosa experiência, junto com as outras coisas que você me presenteou.

—Que são esses projetos de que falam?

—Mãe, depois te contarei com detalhes, vai adorar. Se esta experiência de força diz do profundo e íntimo da gente, os projetos dizem respeito do social, com caixa alta, de compartilhar o melhor de cada um para superar qualquer dificuldade, já te contarei.

Lorién lembrou-se de sua missão.

—Vão ter que me desculpar. Fiquei tão emocionado conversando e compartilhando que esqueci que tenho que me encontrar com uma pessoa. Estava indo lá quando a fada Concha apareceu em minha vida.

—Você é um ser mágico e bondoso que apareceu na minha vida — disse Concha. Bem, acompanho você até o ponto de ônibus.

A mãe o abraçou dizendo:

—Aqui você tem sua casa e sua família sempre que desejar, obrigada pelo presente.

—Obrigado a vocês — disse Lorién emocionado. Eu estou viajando para fora da Espanha, mas em poucas semanas estarei de regresso e com certeza passarei aqui para ver como estão.

—Até breve então, se cuida. Não duvido que onde você for vai semear a vida a seu passo — disse a mãe.

Concha ficou olhando para ele, o tomou pelo braço e o levou em silêncio pela escada. Quando fechou a porta olhou para ele outra vez e disse:

—Claro, agora entendo. Acho que tem algo muito importante pela frente. Por isso você estava tão angustiado quando nos encontramos umas horas atrás. Não é possível! Estou com a sensação de levarmos dias conversando e fazendo coisas, sinto uma proximidade com você que faz tempo não sentia com ninguém.

—É o humano — disse Lorién. Quando compartilha essa experiência com outros e se abre o humano, a sensação de conexão é tão potente que gera essa impressão de familiaridade e proximidade intensa, como de se conhecer de toda a vida. É como se o Humano se encontrasse consigo mesmo.

—Sim, deve ser isso. Me deixa com tanta coisa para pensar e refletir... Mas, voltando ao tema, era por isso tua angustia, certo?

—Sim, mas não posso falar disso, há inimigos perigosos que estão atrás e não querem que a humanidade se liberte. Tenho que cumprir minha missão. Se tudo correr bem nos veremos em poucas semanas. Caso contrário, de todas as maneiras, terá valido a pena tudo o que vem acontecendo desde que a assumi, incluindo o fato de ter conhecido vocês.

Andaram em silêncio até o ponto de ônibus, muito conectados e resolvidos cada um com as decisões que tinham tomado. O ônibus chegou e se despediram com mais um abraço.

—Muita sorte, Lorién. Pedirei todos os dias que se saia bem na tarefa que tem que cumprir e esperarei impaciente as duas semanas para me comunicar com teus amigos.

Entrou no ônibus e os olhos dos dois continuaram ligados num longo olhar de despedida enquanto o ônibus se afastava.

—Senhor, pode me avisar quando chegarmos à Praça Maior?

—É claro — disse o motorista —, senta próximo de mim e me lembra mais adiante.

—Quanto tempo leva aproximadamente?

—Uns quarenta minutos, dependendo do trânsito. Madrid está colapsada com tanto carro, mas são quatro da tarde, boa hora, não devemos achar muitos engarrafamentos.

Lorién sentou próximo do motorista, olhando para Madrid na janela. Tudo era impressionante, muitas das ruas, praças e monumentos que via lhe resultavam familiares por tê-los visto na TV, era como estar dentro da TV.

—Demais — pensou.

Quilômetros e mais quilômetros de ruas, de casas, de prédios, milhares de carros, era uma loucura total. Isto é Madrid, aqui você pode se perder e não se re-encontrar mais. É enorme! Uma coisa é saber que tem mais de cinco milhões de pessoas e outra é estar no meio, sem conhecer nada nem ninguém.

Bom, agora sim conhecia alguém. Apesar do pouco tempo, eram amizades profundas que permaneceriam em seu coração. Isto deu uma segurança que ele não tinha sentido até esse momento, se sentia acompanhado.

Voltou a lembrar daquelas palavras: *Não imagines que estas só em teu povoado, tua cidade, na Terra e nos infinitos mundos.*

Estava tão ensimesmado que não ouviu o motorista.

—Estamos chegando à Praça Maior. Não é você que vai para lá?

—Sim, certo — disse Lorién. Muito obrigado.

—Tivemos sorte, a hora é boa. Este é teu ponto.

—Obrigado de novo, senhor, tenha uma bela tarde.

O motorista ficou olhando para ele meio surpreso pelo afeto e honestidade dos bons desejos.

—Você também, filho, tenha uma boa tarde e que esta Madrid de loucos não estrague seu bom humor e seu bom caráter.

Os passageiros do ônibus cruzavam olhares por conta do diálogo tão alheio ao cotidiano, acostumados ao trato rude, a não se olhar nos olhos, a não expressar o afeto, à indiferença e à violência no trato. Este intercâmbio era pouco comum, mas todos eles sorriram e uma brisa de humanidade correu entre eles. Ficou no interior do ônibus uma espécie de cumplicidade afetiva que durou alguns minutos e permitiu que evocassem outros tempos quando todos se cumprimentavam ao subir no ônibus, conversavam todos com todos, sem importar se eram conhecidos ou não.

Lorién chegou à Praça Maior e ficou admirado. Agora sim que era como estar na TV. Quantas vezes tinha visto essa praça! Claro que vê-la ao vivo era outra coisa, era como estar dentro do filme. Se bem que nos dois últimos dias, tinha sentido que estava dentro de uma novela. Ficou um tempo contemplando a praça, andou por ela devagar, desfrutando do *mito* feito realidade. Quem sabe ele também não ia fazer de um mito realidade!

O professor tinha dito que ele era o Prometeu moderno... Sentiu vontade de rir, ele, um mito! Era como estar dentro de um sonho do qual ia acordar, mas nunca acordava. Isto não podia estar acontecendo com ele, nem com ninguém. Era o tipo da coisa que só acontece no cinema, mas a verdade é que tinham acontecido tantas coisas, tantos indicadores confirmando sua decisão que em algum momento, apesar da estranheza que lhe produzia, teria que assumir esta louca situação que vivia. Depois de um tempo perguntou no bar onde era a rua Cuchilleros.

—Olha aquela esquina, vê aquele arco? — perguntou o garçom. Esse é o arco de Cuchilleros, atravessa ele, desce as escadarias e estará na rua Cuchilleros.

De repente sentiu calafrios, estava tão perto de confirmar que tudo aquilo era verdade que os tremores o imobilizaram. Ainda podia ser um truque, um conto, uma loucura do professor. Ainda podia ser uma piada. Quase desejou que fosse isso. Por outra parte, sentiria pena se fosse um conto, uma brincadeira, depois de tudo que ele sentia ter crescido como pessoa.

—Bom — pensou —, menos história e vamos ver o que encontramos.

Assim foi como atravessou o arco de Cuchilleros com essas emoções e desejos encontrados, em busca de seu destino. Desceu as escadas e começou a buscar o número trezentos e vinte e três. O achou, era um atelier de reparação de moveis, uma casona antiga. Um senhor idoso lixava uma cadeira. Pensou em ir embora.

—O que é isso de andar brincando de espião e perguntar por pessoas que não existem, dando contrassenhas ridículas! Isso não acontece na realidade — disse para si mesmo. Esta bem, Lorién, você chegou até aqui, não é? Então assumo!

Entrou no atelier e cumprimentou.

—Boa tarde, procuro Carlos Alcázar — disse rápido e com tom baixo.

—Perdão, o que disse? — respondeu o senhor colocando a mão atrás da orelha. Fala mais alto e devagar para que eu entenda — gritou.

—Busco Carlos Alcázar — disse mais lento e alto, com a voz tremida e o coração batendo forte.

Enquanto olhava ao redor e atrás de si, para o caso de alguém o estar espiando, sentia como a cor tinha sumido do seu rosto.

–Não, não conheço ninguém com esse nome, garoto.

Dois sensações contraditórias o invadiram ao mesmo tempo. Por uma parte, um grande alívio e pela outra, uma sensação de frustração, de tristeza, como de ter sido estafado.

–Obrigado – e já estava começando a sair quando outra pessoa apareceu no atelier, também com roupa de trabalho e cheio de poeira e serralhem da cabeça aos pés. Olhou para ele de cima abaixo.

–Busca Carlos Alcázar? – disse com a voz baixa e cálida.

–Sim – respondeu Lorién.

O homem o observava por cima dos óculos.

–Passa por aqui, Carlos trabalhou conosco anos atrás, mas foi embora faz tempo. De todas as formas, entra.

–Não importa – disse Lorién querendo sair logo daquilo.

Continuava pálido, tremia e apenas conseguia se manter em pé. As mãos transpiravam.

–Entra, filho, entra – disse de forma mais afetuosa, ele me deixou um recado caso viessem procura-lo.

Lorién não sabia se saia correndo ou entrava, finalmente resolveu entrar enquanto dizia a si mesmo: acabemos com isto de uma vez! Respirou fundo e avançou pelo corredor seguindo o homem que lhe indicou para entrar num pequeno escritório e o convidou a sentar.

–Tem alguma palavra para mim?

Nesse momento ficou em branco. Estava tudo tão claro uns minutos atrás, quando estava na praça e agora tinha apagado de sua cabeça.

–Sim – disse nervoso – mas não lembro. – falou quase chorando. Faz cinco minutos eu lembrava, mas já não lembro mais.

–Tranquilo, rapaz, relaxa, respira e toma um par de minutos, bebe um pouco d'água – disse com voz amável e um sorriso acolhedor que apagou a severidade de seu rosto.

Tirou uma garrafa do móvel e serviu água num copo longo com muitas filigranas, com uma mulher que saía da água como renascendo. Lorién sorriu e já mais tranquilo olhou para o homem. A sua piadinha interna tinha o ajudado a relaxar.

–Renascer – disse.

O homem ficou olhando uns segundos sem dizer nada, depois, baixando a voz, perguntou:

–Federico te enviou?

–Sim – disse Lorién aliviado. Finalmente pareceu que estavam se entendendo.

–Bem, espera aqui um segundo, vou avisar que não nos incomodem.

Voltou em segundos.

—Siga—me — disse.

Agora estava com uma atitude muito alerta. Abriu uma pequena porta e desceram uma escada de caracol estreita e com bastante pó acumulado. Chegaram a um pequeno porão com ferramentas e um grande armário antigo, com baixo-relevo e figuras alegóricas talhadas. Abriu uma porta do armário e houve um som de estalo.

—Passa por aqui — assinalou.

Passaram por baixo das roupas penduradas, abaixados, e uma pequena porta nos fundos se abriu, deixando-os num quarto pequenininho, onde apenas cabiam os dois. O homem tocou algo no canto e uma parede inteira se abriu. Ele empurrou e passaram para o outro lado. Agora estavam numa sala ampla com as quatro paredes repletas de livros, aparentemente antigos, e uma mesa grande no centro, com seis cadeiras em volta e modernas lâmpadas de leitura. Num canto tinha uma escrivaninha pequena com um moderno computador.

—Bem, bem, bem, depois de tanto tempo temos notícias de Federico. Ele está bem?

—Eu não sei — disse Lorién com a voz estrangulada pela garganta apertada e seca. A última vez que o vi ele estava fugindo de um pessoal que o perseguia e parecia preocupado.

—Pois sim que tinha que estar com problemas para que parecesse preocupado Federico, com toda a fleuma que tem.

Isto acalmou visivelmente Lorién, que até aqui não sabia o que faziam nem para onde estavam indo. Os nervos estavam tensos como cabos de aço e suas mãos tão apertadas que tinha tirado sangue nas palmas com suas unhas. Ao soltar a tensão percebeu o quanto tinha estado tenso.

—Parece conhecê-lo bem — disse Lorién.

—Digamos que sim. E você, o conhece faz tempo?

—Faz só duas semanas — e comentou o que sabia dele, dos projetos de apoio humano e seu aparecimento atrás do muro no Óvalo. Bom, e aqui estou, sem saber o que fazer. Me diga você — terminou Lorién com um suspiro.

Ele o fitou com afeição e compaixão.

—Tremenda carga depositou Federico nos teus ombros, mas parece que escolheu bem, sempre foi um conhecedor das pessoas.

—Escolheu bem? Você quer dizer que pegou o primeiro que achou...

—Não, Lorién, Federico jamais teria agido assim, entregar esse conhecimento a qualquer um, não estar certo que era a pessoa adequada para ser responsável por tamanha missão. Mesmo que estivesse desesperado, nunca teria agido assim. Eu concordo com ele em que escolheu bem, quando a gente está em ressonância com o universo não se age mais desde o eu, mas desde um propósito maior, a gente se abre e se entrega a uma intencionalidade maior que se expressa através da gente. Essa intencionalidade que nos precede e nos transcende, muito além da nossa curta vida neste plano — disse de forma incompreensível para Lorién, que não entendeu nada, mas se tranquilizou.

O lugar onde achará a primeira Disciplina é Istambul, na Turquia. Ali se conectará com Zuleima Martín, a encontrará na rua Hailcilar, 320, no Grande Bazar de Istambul. A contrassenha para ela te reconhecer é Leão Alado. Ela indicará a etapa seguinte de sua missão.

Ficou em silencio uns instantes olhando para ele e continuou:

—Cada Protetor das Disciplinas somente conhece o seguinte e não sabe nada do anterior. Como pode entender, é fundamental sermos cuidadosos e discretos nestes temas.

Lorién assentiu muito sério.

—Bem, então vai viajar para Istambul, já saiu da Espanha antes?

—Não, senhor.

—Hahaha — riu com vontade —. E, claro, não tem passaporte, certo? E imagino que também não tenha muito dinheiro, não é?

—Não. Dinheiro, só uns cento e vinte euros — disse Lorién.

—Não se preocupe — disse rindo novamente.

—A partir desse momento seu nome é Bruno Illescas. Mudaremos um pouco seu visual — disse sorridente. Vou cortar um pouco suas longas melenas e vamos colocar fixador no cabelo para que fique bem liso e grudado na cabeça. Terás óculos, grandes, com isso eu acho que será o suficiente. Está com fome? Quer passar no banheiro? Precisa de algo?

—Na verdade gostaria de tomar uma ducha, se for possível.

—Não, a ducha depois de cortarmos o cabelo. Passa por aquela porta à direita que eu vou pelo equipamento e volto logo.

Lorién foi ao banheiro, lavou seu rosto e suas mãos, se olhou no espelho e disse para si: Caramba, em que confusão estou entrando!

Voltou para a biblioteca e logo o senhor voltou carregando varias caixas. Ligou o computador e uns equipamentos sofisticados.

—Você é Carlos Alcázar? — perguntou Lorién.

—Carlos Alcázar não existe, mas pode me chamar de Carlos, se quiser. Quanto menos saibamos um do outro, melhor. As prevenções que lhe passou Federico não são exagero nenhum. Ao contrário, toda prudência é pouca... Mas mostre-se natural, dessa forma não chamará a atenção e com sua encantadora personalidade vai atrair todo tipo de ajuda que precisar.

—Como é que sabe isso? — disse surpreso.

—Bom, é o que acontece quando a gente se guia pelo Sentido, como você neste caso, vejo que já lhe aconteceram coisas extraordinárias deste tipo, não é? Nem tudo que acontece é ruim. Siga o caminho com o coração, não traia você mesmo e então tomará sempre as decisões corretas, estará sempre no momento certo, no lugar certo e aparecerá a pessoa certa que você precisa.

Terminou de fazer uns ajustes com a máquina de fotos, o computador e a impressora. Vamos agora cortar o cabelo. Lamento pela sua linda melena, tinha certo simbolismo para você, é provável que fosse uma expressão externa de liberdade e anarquia, estou certo? — Lorién mexeu sua cabeça afirmativamente.

—Bom, agora está encarnando esses valores desde dentro, então já não precisa símbolos externos. Sente nesta cadeira.

Colocou um tipo de lençol em volta do pescoço, quase cobrindo ele todo e com uma tesoura cortou—lhe o cabelo.

—Agora sim pode tomar uma ducha, no banheiro tem toalhas e xampu e também a roupa que vestirá, vamos ver se tenho bom olho e fica bem em você.

Lorién foi até o banheiro, tomou uma longa ducha quente reparadora e no final abriu a água fria, sentindo seu corpo descansado e relaxado.

—Claro, uma cama seria ótimo, mas no momento estou bem — pensou sorrindo. Vestiu a roupa preta que lhe deixaram e que ficava quase perfeita. Voltou para a biblioteca e Carlos colocou fixador no cabelo e o penteou esticando—o para trás.

—Terá que aprender a fazer isto sozinho para ficar parecido com a foto do passaporte. Agora coloque os óculos.

Eram terríveis, de míope total, desses que têm tipo círculos concêntricos.

—Com isto vou ver menos que uma cabra cega — mas, para sua surpresa, conseguia ver normalmente. Olhou—se no espelho e quase deu um pulo do susto. Que cara tão feio, tinha jeito de nerd total.

—Impossível que alguém me reconheça agora — disse a Carlos.

—Efetivamente, não vai ter quem te reconheça. É disso que se trata, hahaha. Está perfeito. Senta que vou fazer as fotos para o passaporte. Fica quieto. Perfeito. Outra vez, vai...

Foi até o computador e esteve trabalhando com as fotos nos equipamentos de última geração até ficar perfeito.

—Este é teu passaporte. Teu nome é Bruno Illescas, você é de Sória e está estudando arte bizantina.

Olhou para ele, era impressionante, perfeito, com seu novo rosto e seu novo nome ninguém poderia dizer que era falso.

—Aqui está sua reserva da passagem para Istambul. O avião parte amanhã às 8h da manhã. Tem que estar duas horas antes no aeroporto. Aqui tem quatro mil euros para qualquer necessidade que surgir. Como está seu inglês?

—Inglês, o que é isso? — exclamou Lorién com bom humor, provocando o riso de Carlos compartilhando a piada.

—Bom... tudo não dá. Aqui tem os dados da reserva do hotel no mesmo aeroporto para que não perca tempo. Aqui está este pequeno notebook onde pode ler seus arquivos tranquilo — ele não tinha mencionado os arquivos e nem o pendrive, mas a essas alturas já tinha deixado de se surpreender. Toda vez que termine de ler um arquivo faça um control F mais D e apagará a informação sem deixar marca. Quando quiser conectar a internet faça um clique aqui. Fique atento para não ler esses arquivos com a internet ligada.

Não se comunique com ninguém que conheça, sei que a sua família ficará preocupada, mas é melhor que se preocupe do que ter que chorar seu corpo morto ou que seja torturada ou morta para tirarem informações dela.

Carlos notou que Lorién tinha ficado angustiado com o comentário sobre sua família.

—Lorién — disse apoiando as mãos sobre os ombros dele —, a verdade é que isto não é uma brincadeira. Eu gostaria de fazer as coisas mais fáceis, mas não te ajudaria nada com isso. A situação é essa e temos que encara-la. Você já tomou sua decisão e sabia das possíveis consequências. É verdade que o fato de ouvi-lo faz com que tenha mais peso, fica mais doloroso, mas a verdade não é nem boa nem ruim, simplesmente não tem jeito, é o que é!

O pessoal que está atrás de nós tenta controlar o planeta todo e não lhes importa matar, torturar ou fazer o que for preciso para obter o que querem. Eles têm muita prática e vem fazendo isso faz muitos anos. Tem todos os poderes a seu favor, menos um, o poder sobre o ser humano e sua capacidade para se recriar, se reconstruir, para surpreender, uma e outra vez. Tentam domesticá-lo, lavar seu cérebro, anestesia-lo, confundi-lo e isola-lo, mas nunca conseguem controlá-lo completamente. Tentam hipnotiza-lo, mas sempre há alguns que acordam e se encarregam de ajudar outros a acordar. Isto já aconteceu antes. Eles não têm memória, porém nós temos e também temos uma fé total no Ser Humano e suas ilimitadas possibilidades de desenvolvimento. Mas não basta ter fé, deve-se agir em consequência. Ajuda-te que Deus te ajudará.

Caso contrário acontecerá como na piada que diz: Estava sempre pedindo à virgem para ganhar na loteria, isso durante anos, até que um dia a virgem apareceu e lhe disse: está bem, você vai ganhar a loteria, mas compra, homem, compra! Ajuda um pouco, por favor!

Agora me entregue seu telefone que temos que destruí-lo. Aqui tem esse celular, é internacional, poderá fazer ligações, mas não receber. Ele tem um pequeno software dinâmico que faz com que mude o número após cada ligação, para que não seja possível rastreá-lo — ficou em silêncio olhando para suas mãos. Depois continuou — apesar de difícil e de enfrentar os maiores poderes da história, eu tenho certeza que tudo irá bem. Com teu novo aspecto, a mochila já não serve. Nesta mala de mão tem uma muda completa, até a cueca é preta hahaha.

—Meu, que impressionante logística!

—Bem, cada qual é bom em um aspecto, este é o meu forte, estar sempre preparado para todo tipo de conjuntura. Levo vinte anos esperando!

—Anos?— se surpreendeu Lorién...

—Sim, vinte anos — repetiu Carlos. Com isto concluí a minha missão. O momento se aproxima. No final desta década provavelmente se abrirá uma janela na História e caso 'o nosso' entre, teremos garantido o porvir da humanidade. Caso contrário, então poderá acontecer qualquer coisa — comentou de forma reflexiva estas crípticas palavras que não significavam nada para Lorién —. Bem, querido amigo, te desejo muita Paz, Força e Alegria. Tenho certeza de que tomará as decisões corretas, Federico escolheu muito bem.

Deu um abraço muito conectado e mostrou a porta para Lorién. Saíram para uma ruela estreita que levou Lorién para uma rua mais ampla onde pegou um taxi para o hotel do aeroporto.

No caminho ia admirando a cidade de Madrid com uma forte sensação de entusiasmo por tudo que estava vivenciando.

–Acha pouco? Então, eu, um experto em Arte Bizantina, viajando de taxi para o hotel do aeroporto, em trânsito para Istambul. Quem diria? – riu sozinho.

Já no hotel foi até a recepção se inscrever e confirmar sua reserva. Era um hotel imenso e elegante. Sentiu algo de vergonha pelo seu aspecto descuidado até passar por um espelho e perceber que estava com novo aspecto.

–Pois é, sou um experto em Arte, rsrs. Míope, porém elegante!

–Seu quarto é o quinhentos e seis, senhor Illescas – disse a amável recepcionista enquanto lhe passava um envelope de papelão com um cartão pequeno –, aqui tem a chave, é no quinto andar. Ernesto o acompanhará.

–Isto é uma chave? – perguntou surpreso, sentindo-se novamente um caipira.

–Não se preocupe, Ernesto lhe explicará como funciona.

–Tem bagagem? – perguntou Ernesto.

–Não, somente esta mala.

–Por favor, me siga – disse Ernesto, andando para o elevador.

Era um hotel enorme e muito refinado. Sentia-se pequeno novamente. Respirou fundo, colocou os ombros para trás e andou atrás de Ernesto. Na porta, Ernesto tirou o cartão do envelope, o colocou na fechadura da porta e a luz vermelha ficou verde ao retirá-lo. A porta abriu.

–Nossa – pensou –, vivendo e aprendendo.

Já dentro do quarto, Ernesto colocou a chave num receptáculo da parede à direita da porta e as luzes acenderam.

–Quando quiser sair tire a chave e feche a porta.

–Obrigado, Ernesto.

–Por nada, senhor – disse sem se mexer.

Lorién fez um gesto como para entrar no quarto e Ernesto não se mexia, então ele percebeu que Ernesto devia estar esperando a gorjeta, conforme tinha visto em vários filmes...

–Como sou caipira! – constatou enquanto pegava um euro de seu bolso e passava para Ernesto.

–Obrigado, senhor – disse Ernesto com um sorriso fazendo uma pequena inclinação, encaminhando-se para o elevador.

O relógio do quarto marcava as 19.14h. Havia uma cama enorme. Correu, se jogou sobre ela e começou a rir sozinho enquanto girava e pulava alegremente de um lado para o outro. Pulou fora da cama para o macio carpete do chão, abriu as gavetas, o frigobar, explorou o serviço. Era um quarto quase tão grande como sua casa e tudo era tão cuidado e elegante... Voltou para o frigobar buscando algo para beber. Tinha champanhe, vodca, genebra, whisky, cerveja. Subitamente lembrou porquê estava ali. Sentou na cama, eram coisas demais em pouco tempo. Sentiu o barulho de sua barriga.

–Claro, não tenho comido nada desde o aperitivo da manhã com Concha.

Viu um telefone e discou o o. A recepcionista respondeu.

–Recepção, pois não.

–A partir de que hora se pode jantar?

–O refeitório está aberto desde as 19hs.

–E onde fica?

–No segundo andar, senhor.

–Muito obrigado.

Voltou para o banheiro, olhou no espelho e teve um sobressalto ante sua imagem.

–Merda. Esqueço que sou esse nerd míope vestido de coveiro.

Tirou os óculos e se olhou novamente.

–Bom, meus olhos são os mesmos...rsrs

Lavou o rosto e as mãos e desceu para o segundo andar. Estava morto de fome. Sentou numa mesa e olhou em volta. Era um refeitório muito grande, mas só tinha ele e mais um casal. O garçom se aproximou com o cardápio.

–Nossa. Quanta coisa gostosa!

Pediu um consomê de frango e costeletas de cordeiro com purê de batatas. Devorou a comida em quinze minutos.

–Amanhã devo embarcar às 6h da manhã, tem algo mais para arrumar? – se perguntou –. Não, então posso aproveitar para ler um pouco sobre As Disciplinas e A Escola.

Comeu um pudim de sobremesa, pagou e voltou para o quarto. Estava ansioso para ler os arquivos. Ligou o notebook e colocou o pendrive, Ai estavam os arquivos, a carta de Federico, o arquivo das Disciplinas, outro sobre A Escola e mais um ao que não tinha dado atenção até agora: O Caminho.

–Nome sugestivo para um viajero como eu. Hahaha

O abriu.

O CAMINHO

Se acreditas que tua vida termina com a morte, o que pensas, sentes e fazes não tem sentido. Tudo termina na incoerência, na desintegração.

Se acreditas que tua vida não termina com a morte, deve coincidir o que pensas com o que sentes e com o que fazes. Tudo deve avançar para a coerência, para a unidade.

Se és indiferente à dor e ao sofrimento dos demais, toda ajuda que peças não encontrará justificativa.

Se não és indiferente à dor e ao sofrimento dos demais, debes fazer com que coincida o que sentes com o que pensas e fazes para ajudar os outros.

Aprende a tratar os demais do modo que queres ser tratado.

Aprende a superar a dor e o sofrimento em ti, em teu próximo e na sociedade humana.

Aprende a resistir à violência que há em ti e fora de ti.

Aprende a reconhecer os signos do Sagrado em ti e fora de ti.

Não deixes passar tua vida sem te perguntar: *Quem sou?*

Não deixes passar um dia sem te responder quem és

Não deixes passar tua vida sem te perguntar: *Para onde vou?*

Não deixes passar um dia sem te responder para onde vais.

Não deixes passar uma grande alegria sem agradecer em teu interior.

Não deixes passar uma grande tristeza sem reivindicar em teu interior aquela alegria que ficou guardada.

Não imagines que estás só em teu povoado, em tua cidade, na Terra e nos infinitos mundos.

Não imagines que estás encadeado a este tempo e a este espaço.

Não imagines que em tua morte se eterniza a solidão.

—Caramba! O Caminho é curto, mas contundente! *Se acreditas que tua vida não termina com a morte...* Isto é muito forte, está dizendo que a vida pode não terminar com a morte. O que seria isso? As religiões dizem que a alma, o espírito é o que vai além da morte, que o corpo é o que morre. Interessante isto de que a vida não termine com a morte, mas... Será possível ter alguma experiência disto em vida? Estamos falando de experiências extraordinárias. Quais experiências extraordinárias eu tive? Mas claro! As experiências com a Força, mas que bobo, como não o relacionei antes...

Quería bater sua cabeça contra a parede. Depois dessas extraordinárias experiências com o Fogo Sagrado, como tinha mudado a percepção de si mesmo e do Mundo! E não somente nele, mas em todas as pessoas que tinham experimentado a Força. O último exemplo era o que tinha acontecido com Concha e sua mãe. Ao tomar contato com a Força ele aparecia em outro espaço—tempo diferente do habitual, o corpo desaparecia, porém não era o nada. Ai estava essa poderosa Força, luminosa e bondosa, onde a gente sentia e percebia de outra forma.

—Claro, isso é o que se vive além da morte do corpo. Essa Força que dá vida ao corpo, à Transcendência... Uau! Estamos falando da Imortalidade.— o corpo dele começou a vibrar —, que forte!

Voltou a sentir essa forte energização que sentia com a experiência da Força e não podia ficar sentado, então ficou em pé e começou a andar.

—Isto é muito forte, muito forte. É o mais importante que existe, agora começo a ver com clareza, agora começa a fazer sentido o que o professor disse e o que diz O Caminho. É como um guia, um Caminho. Obvio, agora está mais claro —estava tão entusiasmado que queria gritar. A gente não é o corpo, é essa Força que o alenta, claro, o corpo é fundamental para viver nesta vida, mas ao deixa-lo para trás, ao soltá-lo, essa Força se libera. Que bom! Soltar. É o mesmo que se passa com a experiência da Força, a gente tem que soltar o controle e deixar que se expresse para que aconteça algo interessante.

Sentia todo seu ser palpitando enquanto raciocinava numa velocidade não habitual para ele, as implicações do que estava compreendendo o ultrapassavam. Sentia a ampliação de sua consciência, sentia como o conhecimento se abria para ele sem pensa-lo. Se tentasse segurá-lo ele se afastava, quando não tentava segurá-lo, ele vinha aos borbotões.

—Que paradoxo! E com razão estão perseguindo Federico. Isto é o mais importante na vida. Então, a Transcendência não só existe como se pode experimentar, registrar de alguma forma nesta vida, uma aproximação seria o trabalho com a Força.

Lembrou-se de uma frase que tinha lido faz tempo, era algo como *Quem morre antes de morrer não morrerá jamais*. É verdade que ele não tinha sentido que morria, mas estava claro que o tema ia por ali, que esse vislumbre de experiência podia se aprofundar e assim liberar-se do temor à morte.

—Isso é extraordinário! — pensou —. Se a humanidade perdesse o temor à morte e tivesse experiência do transcendente que vive em cada um de nós, sem dúvida mudaria radicalmente a nossa percepção de nós mesmos, dos demais, do Mundo e da Vida.

Não conseguia parar, era tal a energia que sentia que parecia que seu corpo ia estourar, pulava de uma compreensão para outra a uma incrível velocidade. As compreensões iam se desenvolvendo dentro dele com poderosas sensações, com emoções altas e sutis. Sentia que todo seu Ser tinha se ampliado muito além de seu corpo, apesar de se manter de olhos abertos, diferente da experiência com a Força. Associou isto com a explicação que dera seu professor de Física uma e outra vez e à que nunca lhe dera importância de que tudo é energia em distintos estados vibratórios. Nesse momento quase podia sentir a energia nas paredes, nos móveis, no ar a sua volta, em tudo.

—Tudo é energia em distintos estados vibratórios!

Agora isto produzia um imenso impacto dentro dele, tinha um sentido total.

—Então, também a vida podia vibrar em distinto nível.

Estava claro que neste momento ele estava vibrando em outro nível diferente do habitual, que podia perceber, sentir e compreender sutilezas que no cotidiano lhe escapavam. Por que não imaginar que ainda podia haver níveis vibratórios mais elevados dos que já tinha experimentado até este momento? Ali se abria uma possível visão da Transcendência que ia elevando o nível vibratório em cada *vida* ou ciclo ou plano no transcórre imortal e que não se esgotava com a *morte* do corpo, mas podia seguir evoluindo esse ser energético para outros níveis ou planos.

Bom, isso tudo ainda estava longe de sua experiência, mas as possibilidades que se abriam eram tão incomensuráveis que estava totalmente surpreso. Por alguns instantes sentiu que podia chegar a compreender e experimentar tudo, mas era como se tivesse chegado a um limite energético, como se tivesse chegado a seu ponto álgido e depois fosse diluindo lentamente. Finalmente sentou e agradeceu pelas compreensões e pelas implicações que elas tinham.

—É fundamental abrir o horizonte mais além da morte para todos os seres humanos — pensou —. Eu me comprometo a fazer tudo o possível para contribuir nessa direção. — Ficou em recolhimento meditando, decantando e integrando as compreensões obtidas —. Sinto que hoje a morte já não me assusta como antes, não digo que já não a temo, mas sinto que estou perto de perder esse medo.

Veio à sua memória a frase *Ama a realidade que constróis e nem mesmo a morte deterá o teu voo*. Isso estava fazendo, construindo uma realidade profundamente querida para ele e para os demais, e sentia que o condicionante máximo, a morte, ia perdendo força em seu sistema de crenças.

Olhou para o relógio e tomou um susto ao ver que já eram 22h.

—Como passou o tempo! Bom, vamos para a cama, amanhã terei que madrugar para estar no balcão da Turkish Airlines às 6h da manhã.

Deitou e dormiu em poucos segundos e teve um sono reparador e profundo.

Na manhã seguinte estava pontual às 6hs no balcão da companhia aérea para checar sua passagem para Istambul. Na verdade, ele não, quem estava era Bruno Illescas. Recebeu o ticket, fez o check in e ingressou na zona internacional. Ao passar pela policia ficou um pouco nervoso, mas passou sem problemas. Já na zona restrita aos passageiros escapou—lhe um suspiro profundo.

—Enorme este aeroporto. Quilômetros e mais quilômetros, centenas de aviões ou milhares, talvez. — Seu velho sonho de viajar e conhecer o mundo estava se concretizando em forma de marchas forçadas —. Ontem Madrid, hoje Istambul, a antiga Bizâncio, Constantinopla, a ponte entre a Europa e a Ásia com o Bósforo, estreito que divide a cidade em duas, unindo o mar de Mármara ao mar Negro. — Sempre sonhou em conhecê-la e em poucas horas mais estaria lá.

Estava tão entusiasmado pela viagem que esqueceu por um minuto a sua missão. Olhou para trás e ficou impressionado com todo o vivido em apenas um dia e meio.

—Isto é uma verdadeira maratona, eu queria aventura, mas isto é uma loucura total — disse para si sorrindo.

Até tinha uma nova identidade e um aspecto totalmente novo, ninguém que o tivesse conhecido seria capaz de reconhecê-lo. Buscou a porta de embarque, tinha tempo, uma hora e quinze minutos. Quando a encontrou sentou num assento próximo. Buscou seu notebook, conectou a internet e procurou no Google maps a rua onde tinha que ir para se encontrar com seu contato, Zuleima Martín.

—Como seria ela? Provavelmente uma velinha, como Federico ou Carlos, com a sabedoria e o brilho deles.

—Viu que a rua ficava dentro do Grande Bazar que conta com 58 ruas e 4000 lojas.

—Barbaridade! — exclamou —. Um mercado tão grande como todo Teruel.

Depois buscou Istambul na Wikipedia. — Realmente é uma cidade dos sonhos. Um verdadeiro crisol de culturas e etnias, com enorme peso cultural e histórico. Foi capital do Império Romano, do Império Romano de Ocidente, do Império

Latino e do Império Otomano. E com uma enorme diversidade humana, de povos e civilizações.

Deleitou-se vendo fotos dos locais mais relevantes.

—Enfim, muito para ver e, com certeza, o mais interessante para os que gostamos de gente, além dos monumentos, palácios, museus, praças, e igrejas, é passear pela rua desfrutando do fantástico colorido e diversidade humana — disse para si.

Estava absorto na leitura quando chamaram a embarcar. Ficou entre os primeiros da fila com seu cartão de embarque, o passaporte e sua pequena mala. A aeromoça sorriu e lhe desejou boa viagem. Teve a sorte de ficar na janela e longe da asa, então teria uma vista privilegiada de cima de Istambul. Sentia-se como uma criança, feliz na sua primeira viagem de avião e nada mais, nada menos do que para Istambul...

—Estou com esse nervoso gostoso do novo, como um gordinho frente a uma mesa cheia de bolos, hahaha.

Foi uma boa viagem. Após o café da manhã aproveitou para dar um cochilo.

—No ritmo que levo nem sei quando poderei pegar uma cama novamente — se disse.

Teve um sono intranquilo e nervoso. Sonhou com gente que o perseguia pelas ruas estreitas, ele corria e corria e nada podia fazer para se liberar dos perseguidores. Acordou sobressaltado e com menos entusiasmo sobre sua chegada a Istambul do que tinha antes de dormir.

—É só um sonho — pensou —, é normal, com a correria destes dias.

Viu que apenas faltava meia hora para pousar. Pouco depois se ouviu a voz do capitão pedindo para afivelar os cintos porque começavam a descer.

—Em Istambul são 12:40, uma hora a mais do que em Madrid. A temperatura é agradável, 22 graus. Em nome da tripulação desejamos uma feliz estada.

CAPITULO III – ISTAMBUL

Aprende a reconhecer os signos do sagrado em ti e fora de ti.

Olhou pela janela e viu que as nuvens começavam a se abrir e abaixo apareceu a bela Istambul, com o chifre de ouro brilhando nessa hora, com a cidade estendida aos dois lados do Bósforo, com as cúpulas dos palácios, igrejas e mesquitas riantes sob o sol, com casas e prédios até onde o olhar alcançava e começava o mar.

–Se Madrid tinha me parecido grandiosa isto já é o cúmulo. Que beleza! – pensou extasiado, vendo essa preciosidade de cidade instalada nessa paisagem maravilhosa.

Esqueceu o pesadelo e já ia desejando aterrizar para ver de perto esse prodígio. Voltou a excitação de criança pequena, feliz e saltitante ante o novo.

As rodas tocaram terra e em poucos minutos o avião se deteve. Lorién estava ansioso para contemplar tudo. Desembarcaram. Era uma verdadeira delícia ver o exótico do aeroporto, com seus toques árabes, com sua gente e vestidos típicos junto aos executivos de terno, gravata e pasta executiva, além de centenas de turistas com suas mochilas.

–E eu com minha roupa negra – riu de si mesmo.

Como não tinha que pegar sua bagagem foi dos primeiros a sair. Mostrou seu passaporte na policia. Perguntaram o motivo da viagem, ao que respondeu que vinha a estudar algumas das principais amostras da arte bizantina, já que estudava arte na Espanha. Perguntaram pela quantidade de dias e disse que seriam 30. Algo a declarar? Nada.

–Bem-vindo a Istambul e desfrute sua estadia – disseram com um sorriso de boas vindas.

Saiu do aeroporto e foi invadido por um mar de gente e táxis gritando e oferecendo serviços e começou a ficar agoniado. Tentou sair daquele gentio. Viu uns pontos de táxi e se aproximou. Falaram algo em inglês que ele não entendeu e disse: espanhol

–Ah, espanhol! – com bastante boa pronuncia. Onde quer ir? – Lorién passou um papel com o endereço de Zuleima Martín escrito. Grande Bazar, bem, espere um momento – disse o atendente.

Falou pelo radio e logo chegou um senhor.

–Este é Erkin, ele será seu chofer – disse com sua pronuncia engraçada, apresentando um homem baixo e forte, de meia idade, de rosto com rasgos fortes e que naquele momento mostrava um sorriso franco.

–Pago para você ou para ele? – perguntou

–Para mim, por favor.

–Posso pagar com euros?

–É claro. São 25 euros.

Lorién pagou e recebeu um ticket.

—Vamos então — disse para Erkin

—Vamos — disse Erkin em bom espanhol—, ao Grande Bazar, verdade?

—Sim — respondeu Lorién e passou o papel com o endereço.

—Bem, isto é pela porta 8, estaremos lá em 25 minutos.

—Mas que bom é seu espanhol!

—Sim, estive morando em Madrid dois anos e aprendi algo — riu —, depois voltei, sentia saudade. E foi bom, porque ao regressar comecei a trabalhar nesta companhia de táxis e o fato de falar espanhol e algo de inglês me ajudou muito para ter a vaga. Estou o tempo todo com turistas e todo tipo de gente interessante, algumas poucas pessoas chatas, mas eu desfruto de meu trabalho, gosto das pessoas e sou fascinado por minha Istambul. Para mim é a cidade mais bela do mundo e olha que já percorri bastante da Europa — ficou uns instantes em silêncio antes de prosseguir —. Desculpe se o ofendi, não quero dizer que na Espanha não tenha cidades muito bonitas, Granada, Toledo, Segovia, Salamanca, mas eu sou apaixonado por Istambul.

—Não se preocupe —riu por sua vez Lorién —, não me senti ofendido, ao contrário, agradeço sua franqueza.

—Às vezes me traz problemas — reconheceu —, mas a gente só tem uma vida e não pode estar todo o tempo censurando—se e sendo hipócrita, não acha?

—Hahaha — riu Lorién — o senhor é um personagem, gosto muito que tenha sido o senhor a me levar.

—Outros não opinariam igual, rs. Como os do governo, que dizem uma coisa e fazem outra. Eu valorizo nosso governo que nos trouxe modernidade sem tirar de nós as raízes islâmicas, mas o duplo discurso me incomoda. Aqui ainda temos muita censura, justamente nestes dias deram a ordem de não seguir investigando a corrupção do governo e os juízes acatam tudo o que eles dizem. Depois aparecem falando como se fossem os paladinos da liberdade de expressão. Isto me incomoda muito, ou você é ou não é — disse com força. Bom, eu sou muçulmano e não gosto, por exemplo, que se fale mal do Profeta, mas matar as pessoas por isso como acontece com os jihadistas, ai não, né? Se matarmos todos os que pensam diferente de nós terminaremos atirando em nós mesmos, porque no fim, há também formas nossas de pensar e de agir que não gostamos. Eu não gosto da intolerância, da hipocrisia, da censura. Não quero dizer com isso que nosso governo seja o único hipócrita. Acho que isto passa na maior parte dos países, não acha?

—Hahaha, eu acho que o senhor é um gênio. Pela minha parte estou totalmente de acordo com o que disse. E como ao senhor, a mim me deixa doente a hipocrisia e todo tipo de violência. Aprendi que em todas as pessoas há algo sagrado, algo grande e belo. Se pudéssemos atender essa maravilha que cada um de nós leva dentro, nossa relação com os demais e conosco mesmo mudaria totalmente. Dói-me profundamente a desigualdade, a injustiça, a pobreza, a indiferença ante a dor e o sofrimento alheio.

Enchemos—nos de palavras, de valores, de princípios e finalmente não vemos nossos irmãos, só os vemos como próteses, como objetos de nossa intenção

– foi ficando acalorado e chateado –, os queremos na medida em que são úteis ou servem para nossos objetivos. Quando não é assim os descartamos como se fossem coisas quebradas ou velhas – terminou Lorién, exaltado.

Erkin olhou para ele longamente pelo espelho retrovisor e diminuiu a velocidade para lhe dizer:

–Sabe? Suas palavras me tocaram. É maravilhoso que gente tão jovem como o senhor possa ver o mundo e as pessoas dessa forma, me emocionou.

–Por favor, não me chame de senhor, meu nome é Lorién – algo o impulsionou a confiar nesse taxista que acabava de conhecer para lhe dizer o seu verdadeiro nome –. Se me permitir, eu também não o tratarei de senhor.

–É claro! – exclamou Erkin –. Por favor!

–É uma pessoa boa e sensível, Erkin, eu agradeço muito ter conhecido você. Nesse momento tocou o celular de Erkin interrompendo a conversa.

–Desculpe – disse.

Conforme foi falando em turco no telefone, seu rosto foi obscurecendo. Terminou de falar e notava-se que recebera uma má notícia.

–Erkin, desculpa que interrompa – disse Lorién com tom afetuoso –, algum problema?

–Sim – disse com a voz cortada –, meu filho acaba de ser atropelado por um carro e está em coma no hospital. Eu deixo você no Grande Bazar e vou para lá.

–Não, não! – disse Lorién. Volte agora, eu tomarei outro táxi, não tenho pressa. O importante é que esteja com seu filho logo, pelas circunstâncias...

–Não sabe quanto o agradeço, Lorién – disse emocionado –, mas não gostaria de deixar você em qualquer lugar, para nada de mal acontecer a você.

–Vamos fazer o seguinte: acompanho você até o hospital e depois de ver como está seu filho você pode buscar um táxi de confiança para que me leve até o Grande Bazar. Como disse, eu não tenho pressa e não importa se chego hoje. O que importa é que você chegue para ver seu filho.

Erkin olhou para ele surpreso.

–Tem certeza?

–Sim, acelera, vai ao hospital, não há mais nada a falar.

–Obrigado, Lorién – disse Erkin com um sorriso sensibilizado –, não sabe quanto o agradeço, realmente você é uma pessoa especial. Vamos então, segura aí!

Virou numa rua à direita e acelerou. Ia muito rápido, porém dirigia com cuidado, notava-se que era um profissional. Em quinze minutos chegaram ao hospital que tinha gente por todos os lados. Estacionou o carro e saíram os dois correndo a toda velocidade. Enquanto corriam Erkin tirou seu celular do bolso e ligou para alguém, trocou duas frases e disse para Lorién:

–Está na UTI, quarto andar, siga-me o mais rápido que puder.

Entraram no hospital pela porta principal e subiram correndo pela escada para ganhar tempo. Chegaram ao quarto andar sem fôlego pelo esforço feito e, na entrada da UTI, Erkin achou sua esposa e a abraçou. Era uma mulher de aproxima-

dos 40 anos que chorava desconsolada. Ele falou um pouco rude e ela respondeu entre soluços e choros com grande desespero. Erkin também começou a chorar. Lorién se manteve perto, mas deixando espaço.

–Este é Lorién, um amigo – apresentou-o para sua mulher–, Lorién, ela é minha esposa, Lale – seguiu Erkin em espanhol –. Diz que ele está em coma e que os médicos dizem que não podem fazer nada, que se em duas horas não sair do coma, morrerá. Ele tem apenas 15 anos! – terminou, desesperado.

–Sinto tanto – disse Lorién unindo-se a sua tristeza.

–Quero entrar a vê-lo – disse Erkin em espanhol.

–Só deixam entrar um por vez e pode ficar 10 minutos – respondeu Lale em um espanhol menos fluente.

Lorién, sem saber o porquê, ouviu a si mesmo dizendo:

–Posso entrar com você?

Erkin o olhou por um segundo e dando de ombros disse:

–Vamos

Bateu à porta e falou com o enfermeiro. Erkin entrou, mas quando Lorién ia entrar o enfermeiro lhe cortou o caminho. Erkin se virou e com voz seca disse duas ou três frases em turco. O enfermeiro duvidou. Erkin disse algo a mais e finalmente o deixou entrar.

Lorién seguiu Erkin em silêncio até o quarto 4 em que estava seu filho. Estava muito pálido e a respiração apenas se notava. A máquina mostrava que o pulso estava fraco. Erkin pegou a mão do filho chorando em silêncio. De repente, sem saber como nem porque, Lorién começou a pedir internamente:

–Federico, como posso ajudar esta gente? Você disse que quando necessitasse de ajuda evocasse a sua imagem. Agora necessito ajuda, me diz como podemos ajudar esta boa gente?

A palavra Força se instalou em sua mente. Não soube se a ouviu ou a pensou, mas estava aí. Abriu os olhos e disse:

–Erkin, talvez você ache estranho o que vou propor, mas dada a situação... – Erkin olhou para ele com os olhos cheios de lágrimas e voltou a encolher os ombros. Vou guiar uma pequena experiência para conectar com nossa Força interior, com o Fogo Sagrado que todos levamos dentro e passá-la para teu filho. Como ele chama?

–Haluk – disse com voz lúgubre.

–Está certo! Vamos fechar os olhos e tomar a mão de Haluk.

Lorién respirou fundo, pedindo internamente a Federico:

–Ajude-me a conectar, me ajude para que Erkin conecte. Nos ajude a trazer Haluk de volta.

Depois começou a guiar a experiência com a Força:

–*Relaxa plenamente teu corpo e quieta a mente...*

Enquanto ia guiando a experiência escutava os soluços entrecortados de Erkin.

–*Deixa que a força se manifeste em ti*

Sentiu como a Força brotava dentro dele, como o inundava com sua luminosidade e bondade. Percebeu que a respiração de Erkin era mais ampla e que já não soluçava

–*Sente a Força e sua luminosidade interna... Deixa que ela se manifeste livremente....*

Sentiu-se pleno de Força e luminosidade, todo seu ser vibrava.

–*Esta Força que recebemos, vamos fazê-la chegar até Haluk....*

Canalizou toda a Força que sentia através da mão de Haluk enquanto dizia:

–*Haluk, toma esta Força que estamos te entregando e volta para nós...*

Continuava intencionando canalizar a Força para Haluk e voltou a repetir:

–*Haluk, toma esta Força que estamos te entregando e volta conosco...*

Em um momento sentiu que os três estavam conectados e achou que sentiu a presença de Federico também, conectando com eles e canalizando a Força para Haluk. Continuaram assim uns minutos, até que o silêncio foi interrompido por um gemido e uma respiração abrupta. Abriram os olhos e viram Haluk respirar de forma bem mais pronunciada e de pronto, para surpresa deles, abriu os olhos com um sorriso fraco. Erkin começou a chorar de novo, mas agora de felicidade.

–Erkin, avisa os médicos, rápido! – lhe disse.

Erkin olhou para ele e saiu correndo. Voltou com dois médicos que olharam para Haluk estranhados e surpresos. Trocaram algumas palavras e enquanto um deles tomava o pulso o outro o auscultava e olhavam para os indicadores vitais na máquina.

Finalmente disseram algo para Erkin e Lorién. Mesmo sem entender as palavras, Lorién compreendeu que queriam que eles saíssem do quarto. Saíram e Erkin correu para abraçar sua esposa enquanto lhe falava em turco muito exaltado e contente. Depois de alguns minutos a soltou e abraçou Lorién, enquanto se derretia em pranto e expressões de gratidão.

–Obrigado, Lorién, muito obrigado. Não sei como poderei te agradecer por isto, obrigado. Chorava e ria ao mesmo tempo enquanto o abraçava e pulava com ele apertado entre seus braços. Haha...está se recuperando! Al Hamdu Lillah, al Hamdu Lillah.

Enquanto isso, Lale tinha ficado de joelhos aos pés de Lorién e agradecia abraçada a suas pernas, em meio a uma poça de lágrimas de gratidão.

Erkin e Lorién a tomaram dos braços e a levantaram, terminando abraçados e chorando de alegria os três.

As pessoas na sala olhavam surpresas.

Um dos médicos saiu e Lale e Erkin foram até ele. Falou para eles alguns segundos e eles voltaram até Lorién e o abraçaram novamente.

–Vai sair dessa, Lorién. Vai sair dessa! Al Hámdu Lillah!

Finalmente sentaram e Erkin contou o que o médico tinha dito.

–Ele disse que os sinais vitais são bons agora, que seu coração está bem e que sua respiração é boa, o traumatismo craniano parece ter remitido, tem duas

costelas e uma perna quebradas, mas vai se salvar. Lorién, vai se recuperar. Vai ser trasladado para uma sala de observação, mas tudo indica que está fora de perigo. Obrigado, Lorién, muito obrigado – repetia enquanto o abraçava novamente. Isso que você fez foi algo extraordinário, eu senti Deus, dentro e fora de mim. Senti sua Força, sua luz, seu amor e, fora, senti sua presença trazendo Haluk de volta. Senti você, como um ser luminoso e bondoso. Nunca poderei te pagar por isto, ficarei em dívida contigo para sempre.

–Não faltará alguém a quem ajudar no caminho, sempre há gente que necessita da gente, igual que nós necessitamos dos demais – disse Lorién um pouco envergonhado pelas coisas que dizia Erkin.

–Meu Amigo, você precisa me contar de onde vem isto, eu quero saber mais, isto é algo maravilhoso – prosseguia Erkin, entusiasmado.

–Não entendo nada do que está falando, Erkin – disse sua esposa. Será o meu espanhol tão ruim assim, você pirou ou tem algo que não me contou?

Erkin contou para ela com detalhes o que tinha acontecido na sala da UTI, a experiência com a Força que Lorién tinha guiado e todo o extraordinário que tinham vivenciado e o abrir de olhos de Haluk e sua mudança na respiração. Contou que ele sentiu Deus flutuando sobre eles, enquanto passavam a Força para Haluk. Quando terminou de contar, Lale estava com a boca aberta, olhando para Lorién com uma adoração total e de novo foi se ajoelhar para lhe agradecer, mas Lorién foi mais rápido e o impediu.

–A verdade é que me ensinaram esta técnica faz apenas quatro dias, só o que eu fiz foi guia-la e concentrar-me em canalizar a Força para Haluk. Sou tão responsável como Erkin – disse vermelho.

Erkin o abraçou novamente.

–Não seja humilde, Lorién. Desde que estávamos no táxi já expressou coisas de uma profundidade e beleza extraordinárias, que naquele momento me comoveram e depois, ao invés de permitir-me te levar a teu destino, quase me obrigou a te trazer comigo e finalmente salvou a vida de meu filho... Conte para nós, queremos saber mais desta maravilhosa mensagem que traz com você.

–A verdade é que não há muito mais.

Contou para eles tudo que tinha acontecido desde que começou a ir para as aulas de Federico, como sua vida tinha mudado e sobre o grupo que formaram para pôr em marcha os Projetos De Apoio Humano em Teruel.

–É extraordinário o que conta, Lorién. Com Lale sempre quisemos ajudar na construção de um mundo melhor e é exatamente o que está descrevendo.

Lale afirmava enfática com a cabeça.

–Bom, eu posso pôr vocês em contato com meus amigos para que compartilhem experiências, tenho certeza que estarão felizes, mas peço a vocês que esperem pelo menos uma semana. Escreveu num papel telefones e endereços dos colegas, como tinha feito com Concha em Madrid.

Erkin olhou para ele profundamente.

–Sei que tem muito mais do que me diz, mas ao que parece não pode falar disso. Não importa, querido amigo, já nos presenteou com mais do que poderíamos pagar em dez vidas. Além de ter o coração mais compassivo que eu conheço, você tem o dom com que abençoa todos os que temos a sorte de te conhecer. Obrigado, meu Deus, por ter nos enviado Lorién! – terminou Erkin levantando os braços e olhando para o céu.

Erkin ficou em pé e voltou a bater à porta. Falou algo com o enfermeiro e desapareceu dentro. Voltou cinco minutos depois com um sorriso enorme.

–Pedi que me deixassem vê-lo um minuto e ele segue bem, falei para ele e me entendeu, não pode falar ainda, mas está lúcido e já recuperou a cor. Dizem-me que, se seguir assim, amanhã já estará em um quarto normal.

Novamente os olhos encheram de lágrimas ao olhar para Lorién. Abraçou a Lale e disse:

–Como vejo que Haluk está bem vou terminar meu trabalho com Lorién. Vou leva-lo a seu destino.

–Obrigado, Erkin, mas é suficiente com que me ajude a pegar um táxi.

–Não, de maneira alguma. Eu mesmo te levo. Aliás, estamos muito perto, em dez minutos estaremos no Grande Bazar. Lale, daqui a pouco bate à porta e pede para ver Haluk, vai ver a surpresa que vai ter. Eu volto em meia hora.

Lale se virou para Lorién e voltou a abraça-lo com a emoção transbordando agradecimento.

–Obrigada, Lorién, nunca te esqueceremos, você é um anjo que Deus enviou para nos trazer essa mensagem e salvar nosso filho. Nós nos encarregaremos de divulgar esta maravilhosa mensagem aqui em Istambul.

O beijou nas duas bochechas com muito afeto após o abraço final.

–Adeus, Lale, eu sinto que Deus me abençoou pondo em meu caminho seres tão formosos como são vocês, agradeço profundamente. Vocês reforçam a fé no mundo e em mim mesmo, para a tarefa que tenho pela frente. Sempre os levarei no coração.

–Vamos – disse Erkin, e Lorién o seguiu até a saída, enquanto Lale batia à porta da UTI.

–Primeiro, toma meu cartão – disse Erkin –, aqui está meu celular, qualquer coisa que precisar, seja lá o que for, na hora que for, me liga, por favor, me deixe devolver em alguma medida o muito que nos deu.

–Tenha certeza que o farei com muito gosto caso precise, querido amigo – disse Lorién, guardando o cartão na carteira.

Entraram no táxi e logo depois adentravam a cidade velha, estavam mesmo muito próximos, começaram a ver os enormes e majestosos monumentos.

–Olha, essa é a mesquita azul, aquela é Santa Sofia – Lorién olhava tudo, impressionado.

–Vendo as fotos na internet nunca podia imaginar que fossem tão grandes, tão majestosas e belas. Estar aqui é como estar em meio de um conto das mil e uma

noites – disse impressionado. Entendo perfeitamente porque voltou e porque está apaixonado por Istambul, é uma cidade com espírito, com vida própria, gosto das pessoas que vejo, de seus rostos cheios de vida, seus olhos brilhantes. Nesta enorme mistura de povos e raças que consigo ver.

–Bem, já estamos nas redondezas do Grande Bazar, vou te deixar na porta 8, aí você gira para a direita e já estará na rua, só tem que buscar o número, é muito fácil.

Parou o táxi em frente a uma magnífica porta, antiga, desgastada pelos séculos, mas conservando sua substancia, beleza e solidez.

Erkin saltou do táxi e se estreitaram num longo e sentido abraço.

–Muito obrigado, Erkin.

–Obrigado a você, meu irmão, obrigado a Deus por ter conhecido você. Por favor, se precisar de algo, na hora que for, me liga, estarei feliz de voltar a ver você e de te ajudar.

–Assim farei, meu amigo.

–Até breve então – despediu-se Erkin.

Lorién andou até a porta e quando estava para transpassá-la virou-se e viu Erkin olhando para ele com sua expressão emocionada. Levantou a mão e Erkin respondeu, depois entrou no bazar. Era um mar de gente. Cheio de turistas, de lojas pequenas e grandes. Jamais teria imaginado um bazar tão enorme. Virou à direita conforme Erkin lhe indicara e na primeira loja que achou mostrou ao vendedor seu papel com o endereço.

–Busco este endereço – disse em espanhol.

–Spanish, si, si, bien. Tu cerca.

O acompanhou até a porta e assinalou para o número de sua loja que era o 23 enquanto mostrava com um gesto que seguisse na direção que levava.

–Obrigado.

O vendedor fez uma pequena inclinação e com a mão direita assinalou as mercadorias de sua loja, cheia até acima com tapetes, joias, sandálias e milhares de coisas mais.

–Muito linda sua tenda, mas não venho comprar.

O vendedor sorriu e Lorién continuou o caminho. Cada tanto ele procurava os números nas lojas, embelezado com a diversidade de pessoas e de mercadorias e com o próprio bazar, com as crianças que lhe falavam e o tomavam da mão querendo entrar em alguma loja. Era como andar pelo pântano, não avançava muito, mas estava feliz. Buscou de novo o número e viu que estava no 305.

–Estou bem perto – pensou e começou a ficar nervoso.

Continuou andando, já mais atento à numeração. Estava no 323. Deteve-se. Olhou para trás e viu uma pequena loja que tinha passado despercebida em meio a tanta gente e produtos enchendo os muros. Aproximou-se e buscou o número. Enquanto o fazia escutou uma voz juvenil que vinha de dentro da loja.

–What are you looking for?

–Estou buscando o número 321– disse enquanto olhava no interior na penumbra, mas só conseguia ver uma silhueta sentada cercada de tapetes.

–O que precisa? – disse ela em espanhol com acento entre espanhol e sul-americano.

Olhou em volta para se certificar que ninguém estava olhando e entrou na loja, enquanto sua visão se adaptava à penumbra. Agora a via com clareza, com seu cabelo loiro escuro, brilhando sob um único raio de luz que se filtrava de cima. Uma garota com idade próxima da sua. Ficou sem ar, ela era linda, tinha um halo em volta e algo de familiar que não conseguia precisar. A sensação era de conhecê-la, mas tinha certeza que nunca a tinha visto. Estava nesse estado de perplexidade quando ela voltou a perguntar com tom seco:

–Que necessita?

Não tinha mais ninguém no local, só eles dois. Voltou a olhar para trás e disse:

–Busco Zuleima Martín

Ela ficou boquiaberta.

–A mando de quem? – perguntou após pigarrear nervosa.

–Federico – disse Lórién com a voz trêmula.

Ela levantou precipitadamente, tirou os tapetes que estavam pendurados na porta e a fechou.

–Venha por aqui – disse e passou através de uma cortinha para uma sala muito pequena atrás.

Levantou varias esteiras e apareceu um alçapão que também levantou. Fez sinal para ele a seguir e desceram uma escadaria até um porão desproporcionalmente grande, cheio de tapetes muito bem ordenados.

–Hahaha – riu ela. Uma tenda tão pequena com um porão tão grande, não é? – adivinhou seu pensamento. São as vantagens de ter um dos locais mais antigos. Faz anos que meu pai vendeu noventa por cento do espaço acima e a loja ficou como está hoje. Mas ele manteve o porão no tamanho original, já que o principal negócio é a exportação de tapetes, mais do que a venda direta no Grande Bazar – disse com seu charmoso acento.

Lórién não podia parar de contempla-la, com essa sensação de conhecê-la de antes.

–Por que me olha desse jeito, nunca viu uma mulher antes? – riu.

Ele sacudiu a cabeça.

–Não é isso, é que há algo em você que me resulta familiar. É como se te conhecesse de antes, mas tenho certeza que nunca antes nos vimos. Eu não teria esquecido – disse e ficou vermelho.

Ela riu novamente com seu riso alegre e fácil. Lórién pigarreou enquanto passava a mão pelo rosto.

–Desculpa, como já disse, busco Zuleima Martín, não se encontra?

–É claro que se encontra, por isso é que fiz você entrar. Espera que a chamo: Zule!, Zule!..

E foi para um canto e desapareceu entre uma enorme pila de tapetes.

—Aqui estou! — se ouviu uma voz feminina.

—Entra! — gritou a garota.

Ele se dirigiu até ela e se encontrou com a mesma garota, morta de rir.

—O que acontece? — disse perdido. E Zuleima?

Ela já não pôde aguentar mais.

—Quá, quá, quá. — seu riso potente e contagioso enchia o porão.

Depois de alguns instantes de perplexidade Lorién se juntou ao riso. Riram como dois bobos um bom tempo, as lágrimas caíam pelo rosto e não conseguiam falar. Cada vez que o tentavam as estrondosas gargalhadas voltavam, eles se olhavam e morriam de rir. Finalmente Lorién recuperando—se perguntou:

—Porque tanta diversão? — Isso significou mais um ataque de riso por parte da garota —. Desculpa que pergunte novamente, e Zuleima?

Foi como um alarido saindo dela que se deixou cair sobre um monte de tapetes, se torcendo de tanto rir.

—Que divertido é você — chorou e depois de um tempinho, quando por fim conseguiu falar, ainda com o riso a flor da pele, comentou: Eu sou Zuleima! — ficando um pouco séria.

—Como é? — disse Lorién surpreso.

—Parece que Federico perdeu a sua habilidade para conhecer gente, muito inteligente você não é, não! — e voltou a rir dessa maneira solta e desenfreada, tão alegre que Lorién não pôde se sentir ofendido.

—Você é Zuleima? Putz! — disse surpreso. Você é o contato, o Professor da primeira Disciplina — comentou incrédulo.

—Sinto muito ter decepcionado você — sorriu ela, ainda com o riso nos olhos. Tem algo para me dizer?

—Leão Alado — disse Lorién, um pouco intranquilo, sem saber a que se ater.

—Bom, pois parece que sim vem da parte de Federico. Chama—me de Zule. E você, como chama?

—Meu nome é Lorién, mas no passaporte diz Bruno Illescas. Então será melhor me chamar de Bruno.

—Depois de tanto tempo — ela ficou séria de repente —. Pensei que esse dia nunca chegaria — comentou murmurando.

—Muito tempo, duas ou três semanas?

—Está louco? Faz seis anos que meu pai morreu e Federico deixou a meu cargo esta missão.

—Seis anos! — exclamou Lorién atônito—, mas como é possível? Apenas faz três semanas que eu conheci Federico.

—Federico e o pessoal da Escola vinham prevendo esta situação já há muitos anos. Em princípio o contato era meu pai, mas o mataram. Em sua agonia passou a missão para mim — ela ficou ensimesmada e os olhos se encheram de lágrimas. Bom, mas já passou — disse com raiva e secou seus olhos. Agora temos que nos pôr

em marcha. Vamos caminhar um pouco – e de um canto tirou um pequeno pacote que guardou na bolsa que pendurou em seu ombro –. Vamos.

Subiram até o térreo, colocaram cadeado no alçapão e o cobriram com os tapetes, então saíram para a rua fechando a porta com chave.

–Vamos para a agência de viagens de um amigo.

Saíram do gentio do Bazar para a avenida. Andaram um par de ruas e entraram numa agência de viagens.

–Oi, Ibrahim – cumprimentou ela. Este é Ibrahim, mas não fala espanhol– disse ela.

Cumprimentaram–se dando as mãos. Zule disse algo para Ibrahim e ele procurou no computador e lhe respondeu, provavelmente com os voos que tinha achado. Conversaram algumas coisas mais e ela entregou o cartão de crédito. Logo depois ele pediu os passaportes. Zule alcançou os dois para Ibrahim e cinco minutos depois estava pronto. Despediram–se e saíram da agência.

–Zule, desculpa perguntar, mas supõe–se que você ia passar a primeira Disciplina e o contato da pessoa que tem a segunda. Não entendi porque tirou duas passagens.

–Você acha que vou deixar algo tão importante como a primeira Disciplina nas mãos de um palerma como você? Com todos os perigos e sacrifícios feitos por anos a fio para cuida–la! Aliás, pomos em risco a vida do Protetor da segunda Disciplina. Então, quanto menos gente conheça sua identidade e seu paradeiro, melhor.

–Mas ninguém me disse que você ia me acompanhar.

–Bom, agora estão te dizendo, ou você é surdo por acaso?– brincou ela, deixando ouvir seu riso sonoro.

–Bom, bom, eu sou uma pessoa muito obediente, sempre faço o que me dizem – riu ele por sua vez.

Caminharam de regresso para a loja de Zule, entre brincadeiras, com Lorién feliz por ter uma companhia tão especial na viagem e na aventura. Quando estavam a cinquenta metros da loja Zule pegou Lorién pelo braço com força e disse:

–Vamos embora, estão nos seguindo – muito alterada, enquanto o arrastava para uma rua lateral.

Foram ziguezagueando entre ruelas pelo interior do Bazar, andando rápido. Lorién, apesar de ter uma boa orientação, estava completamente perdido. Não sabia mais qual era o norte e qual o sul. Finalmente saíram do enorme mercado para outra grande avenida. Entraram num caixa automático e Zule tirou dinheiro. Quebrou o cartão de crédito em duas partes e jogou no lixo. Lorién olhou para ela desconsertado e ela deu de ombros sem palavras. Depois entraram numa tenda e Zule comprou dois chips para celular, ligou para alguém falando em turco um par de frases curtas. Tirou o chip e jogou fora. Colocou outro novo e fez sinal a um táxi. Deu um endereço e partiram.

Ele começou a dizer algo, mas ela impôs silêncio com o dedo na boca. Atravessaram o Bósforo por uma ponte. Eram as 18:30h na Turquia e o estômago começava roncar, não tinha comido nada desde o avião.

—Com o regime que levo vou ficar mais magro que cachimbo de índio — pensou.

Estava começando a escurecer e o entardecer incendiava o estreito. Refletia— nas cúpulas das mesquitas, enchendo de encanto o ocaso. Agora entendia porque o nome de ‘Chifre de Ouro’. Ficou boquiaberto, impressionado por tanta beleza. O rosto de Zule, contraído pela preocupação relaxou e um sorriso fascinado iluminou seu rosto.

—Istambul — pronunciou em turco—, é mágica, não acha?

Lorién só pôde assentir, arrobado pelo feitiço e esplendor desse incrível entardecer.

Atravessaram o Bósforo e seguiram por umas ruelas até chegar a uma praça onde desceram do táxi e sentaram num banco. Ele foi dizer algo, mas seu estômago falou primeiro com um estrondoso rugido.

—Sinto muito — disse ele encabulado. Não tenho comido desde o café da manhã no avião.

O rosto de Zule amoleceu, ela sorriu e foram a um kebab próximo. Lorién chegou a lamber os dedos.

—Que delícia! — exclamou.

A comida pingou na sua roupa por todo lugar, enquanto ela morria de rir. Pagou e voltaram a sentar no banco da praça já de noite.

—Me conta o que está acontecendo — pediu Lorién.

Ela ficou séria.

—Estavam me vigiando constantemente. Pensei que depois de tanto tempo já me teriam esquecido, que ingênua! Minha estupidez quase nos custa a vida. Devia ter suposto e saído imediatamente da loja, em lugar de perder o tempo. E para piorar, ainda voltei para lá — disse com amargura.

—Bom — disse ele —, afortunadamente percebeu a tempo.

—Sim, afortunadamente — suspirou.

—Como percebeu?

—Quando estávamos chegando à loja, ao longe vi dois sujeitos dos dois lados da rua, com aspecto de gente local, mas os olhos olhando em todas as direções, mas não para as mercadorias. A porta estava diferente de como a deixei, estava fechada sem a ponta de um tapete no canto de cima, é um pequeno sinal por qualquer coisa. Por sorte, nisso não fui descuidada. Estão sempre atrás de nós. Sem dúvida chamou a atenção deles o fato não te conhecerem, de você ser estrangeiro e de que tenhamos saído juntos...

—Claro — disse ele em voz baixa —, sobretudo agora que estão perseguindo Federico, ou talvez já o alcançaram, com mais razão extremaram a vigilância.

Ele contou seu encontro com Federico e como tinha lhe passado o pendrive enquanto pedia que assumisse a missão.

—Obvio! Estão em alerta com todo mundo.

Estremeceram—se enquanto observavam o pessoal passando na rua e na praça, vendo em todos seus possíveis perseguidores.

—Temos que mudar de aspecto e identidade, este já o conhecem. Afortunadamente pensei em colher os passaportes alternativos que guardava no porão. As passagens que compramos já não servem, a essas alturas eles já têm a informação. Se chegarmos ao aeroporto com essas identidades, nos deterão imediatamente. Necessitamos de ajuda urgente! Um lugar onde possamos operar e acomodar teu passaporte com novo aspecto — desesperou Zule. O problema é que eu estou sendo controlada e devem estar vigiando todos meus contatos. O que podemos fazer? Pensa, pensa, Zule .

Lorién pigarreou e disse:

—Eu conheço alguém que pode nos ajudar.

—Alguém aqui, em Istambul?

—Sim. O taxista que me trouxe até o Grande Bazar

—Claro, é como se eu pedisse ajuda ao taxista que nos acabou de trazer para a praça. Não seja ingênuo! Me deixa pensar — disse ela incomodada.

—Confia em mim, vou ligar para ele.

Tirou o telefone do bolso. Ela olhou para ele séria.

—Isto não é um jogo. Lorién, isto é muito sério. Não só é perigoso para nós como é a Missão mais importante da humanidade, e depende de nós.

—Estou ciente disso — respondeu Lorién meio chateado. Mas, antes de chegar ao Bazar salvei a vida do filho desse taxista e ele falou varias vezes que se chegasse a necessitar algo, o que for, a qualquer hora, que o chamasse.

—Você é uma caixa de surpresas! Como é isso de ter salvado a vida do filho? Quando foi isso? Bem, você está certo, por algo Federico te escolheu. Se ele confiou em você, também tenho que confiar. Aliás, temos que aprender a confiar um no outro. Desculpe-me e chame seu amigo, mas melhor ligar pelo meu celular, logo que ligar a gente muda o chip.

—Não se preocupe, o telefone que me deram em Madrid tem um software dinâmico que toda vez que faz uma ligação muda o número, assim não é possível rastreá-lo. O chato é que ninguém pode me ligar, só eu posso ligar.

Lorién marcou o número de Erkin e se ouviu a voz em turco do outro lado.

—Erkin, sou eu, Lorién. Desculpa te incomodar, mas estou em uma situação crítica e necessito de ajuda.

—Diga-me onde está e estarei ai imediatamente.

—Espera — disse —, vou passar para minha amiga, para ela te explicar.

Zule tomou o telefone e falou rapidamente em turco com Erkin.

—Bem — disse finalmente —, estará aqui em vinte minutos. Bom, por que não me conta algo de tuas andanças aqui em Istambul? — disse ela com um sorriso.

Lorién contou e ela foi assentindo e lançando exclamações de surpresa. Quando terminou ela disse:

—Realmente você é um cara incrível, cheio de surpresas. Já me vai contar mais desses Projetos de Apoio Humano, mas sua resposta para a situação crítica de Erkin, sua compaixão e sensibilidade me comovem. Venha para cá, seu bobo, que me fez chorar — disse enquanto o abraçava.

Minutos depois um táxi chegou à praça e buzinou, se aproximaram lentamente e Lorién reconheceu Erkin, o cumprimentou com a mão e ele abriu as portas.

–Aonde vamos? – perguntou.

–A verdade é que não sabemos aonde ir. Estamos totalmente vigiados pelos serviços secretos, a policia e talvez um monte de sinistros mercenários – disse Zule, provocando para ver como respondia Erkin.

–Uau! Quase nada! – falou Erkin.

–Todos os meus contatos em Istambul estarão controlados – disse Zule.

–Então levarei vocês a uma casinha que deixaram conosco uns amigos que saíram de férias.

–Erkin – disse Lorién –, leva a sério o que Zule falou, estamos em uma situação complicada e não queremos te envolver nela.

–Tenho certeza disso, sei o tipo de pessoa que você é, tua amiga está com cara de ser parecida com você. Devem estar em uma situação muito problemática, sei que havendo outra alternativa não teria me ligado Não há mais o que falar, vamos! – disse Erkin com resolução.

–Erkin, como está Haluk?

–Está muito bem – disse contente –, realmente isso é um milagre, Lorién. Quando você ligou eu estava com ele. O mudaram para uma sala de observação. Ai enviam os que estão quase fora de perigo, e sabe o melhor? Adivinha, estávamos conversando com ele – se emocionou. Se expressa bem, está bastante dolorido, mas entende tudo, não tem nenhuma sequela. Ninguém pode acreditar. No hospital os médicos estão verdadeiramente impressionados. Ele até comeu um pouquinho. Se passar a noite tão bem como a tarde, amanhã ou depois vão manda-lo para casa. Pode acreditar? – a voz de Erkin ficou quebrada. E tudo graças a você. Agradeço profundamente a Deus por ter te enviado – terminou com um soluço.

–Sinto uma grande alegria de saber disso, querido amigo, uma enorme alegria – disse Lorién, também emocionado.

–Me digam enquanto vamos para a casa de meus amigos, de que forma posso ajudar?

Zule falou:

–O primeiro é o que você disse. Um lugar onde estarmos tranquilos algumas horas, para poder trocar a identidade e o aspecto. Necessitaremos que compre algumas roupas, as passagens de avião e alguns equipamentos especiais.

–Podem me contar o que acontece?

–Na verdade, quanto menos você souber, melhor para você e tua família. Tem a ver com a Mensagem que faz livre e feliz o Ser Humano. Nós estamos encarregados de velar para que esta Mensagem seja preservada e possamos entrega-la para todo o mundo quando o momento chegar. É o patrimônio mais importante da humanidade e os poderes de fato querem impedi-lo e controla-lo. Você já teve uma amostra com a experiência da Força.

–Imaginei que seria algo assim – disse Erkin. Malditos poderosos! Querem manter o poder a qualquer custo.

Chegaram a um bairro de classe media baixa, com casinhas pequenas, mas jeitosas, Erkin deteve o carro e os convidou a descer.

–É aqui.

Tirou um molho de chaves e foi provando para ver qual era, ate que acertou com uma. Nesse momento saiu uma pessoa da casa ao lado. Erkin cumprimentou com afeto e apresentou os rapazes em turco. Lorién fez uma pequena inclinação estendendo a mão e Zule falou algumas palavras em turco. Conversaram uns segundos todos e depois entraram na casa. Conectou o automático e ligou a luz.

–Bom, aqui tem um refugio por algum tempo. Era uma casinha muito bem arrumada e limpa, notava-se que era gente de trabalho que tinha custado a conseguir suas coisas e as cuidavam. Foi muito bom que tenhamos encontrado Hasan, agora ele já conhece vocês e não achará estranho que estejam aqui. Conhecemos-nos faz muitos anos. Ele é muito boa gente.

–Erkin, necessitamos que compre varias coisas para nós – pediu Zule. Como já disse: algumas roupas para Lorién, bem coloridas e vistosas, óculos grandes de sol, e varias perucas que você achar que podem combinar com as roupas. Leva uma camisa e uma calça para ver o tamanho. Também necessitamos de uns equipamentos de ponta que vai achar nestas lojas – e escreveu em um papel as características técnicas. As perucas e roupas pode ver nesta loja que está...

–Sim, sim– interrompeu Erkin –, sei perfeitamente onde está.

–Os equipamentos você encontrará nesta outra loja que esta em...

–Sim, também sei onde fica.

–Caso não tenham as que te indiquei, eles que sugeriram outras com o mesmo ou com melhor rendimento, mas não inferior. Se puder comprar algo de comida pronta, também te agradecemos, não sabemos quanto tempo estaremos nesta casa. Aqui tem dinheiro, acho que mais do que suficiente – disse Zule.

–Fiuu – assobiou Erkin–, quanto dinheiro...

–Sim, são equipamentos caros, mas o dinheiro neste momento não é importante, o que importa é que o passaporte de Lorién fique perfeito e não gere nenhuma dúvida.

–Bem, nos vemos logo – disse Erkin partindo.

Foram explorar a casa, viram os quartos que estavam muito arrumados, o banheiro, a cozinha. Atrás havia um pequeno pátio muito agradável, com cadeiras. Na cozinha puseram água ao fogo e Zule preparou chá para os dois.

–Bom, Lorién, agora que estamos tranquilos, por que não me conta desde o começo como entrou nisto?

–Faz pouco tempo, apenas três semanas – e começou seu relato com detalhes enquanto Zule ia fazendo algumas perguntas.

Quando terminou Zule exclamou:

–Realmente, você é extraordinário. Sem ter nada a ver, você entrou de cheio nesta aventura perigosa, e apesar de tudo, a tomou como sua, sem se queixar, e mais, por onde passa vai deixando um rastro de gente maravilhosa conectada com

a Mensagem e os Projetos de Apoio Humano, como Concha e sua mãe em Madrid ou Erkin e sua família aqui. Você é uma bomba relógio andando, onde passa deixa uma semente em pouco tempo. Deve estar um pouco tonto com tanta coisa vivida nestes últimos três dias, e não só não se queixa como também se dá o tempo de tomar decisões completamente loucas para ajudar as pessoas que conhece. Realmente Federico escolheu muito bem. Passou de ser um caipira a se converter em sujeito do mundo em apenas algumas horas, estou certa que teus amigos e família não poderiam acreditar se vissem tudo que tem feito e pelo que está passando.

—Bem, agora gostaria que me contasse sua história, Zule. Por certo, que bem se está aqui, com essa luz suave e o clima tão agradável.

—Bom, como já te disse, meu pai era o contato inicialmente. Ele... — se interrompeu ao ouvir que batiam à porta. Zule pediu silêncio e se aproximou da entrada com cuidado, olhou pelo olho mágico da porta e viu que era Erkin.

—Caramba, que rápido voltou! Comentou ela abrindo a porta.

—Nem tão rápido, estive fora uma hora e meia.

—Nossa! Como o tempo passou rápido! — disse Lorién entrando no comedor. Erkin olhou para eles com um sorriso amplo e pigarreou como mudando de assunto.

—Me ajudam a descer as coisas do carro?

—Claro, com prazer — disseram os dois se olhando sem entender.

Desceram todos os pacotes e caixas.

—Nestas bolsas está a roupa de Lorién. Já pode ir experimentando. Nesta caixa estão os equipamentos. Tive que entrar em três locais para achar tudo. Neste pacote tem diversos tipos de comida pronta, só precisam esquentar. Espero que gostem.

—Erkin, você é uma maravilha! — E Zule lhe deu um beijo no rosto. Lorién, vai experimentando a roupa enquanto monto os equipamentos.

Erkin sorriu novamente olhando para os dois sem dizer nada.

Lorién experimentou as roupas de cores fortes, tipo rastafári. Vinham com dois óculos de sol grandes. Davam um ar de jamaicano desorientado. Finalmente, colocou a peruca de cabelo castanho com rastas penduradas. Agora era outro!

—Excelente! — disse Zule.

Erkin concordou.

—Sim, está perfeito, nenhum de nós teria reconhecido você se tivéssemos te encontrado na rua com esse visual.

Por sua parte, Zule terminou de montar os equipamentos e os conectou ao notebook de Lorién.

—Pronto. Venha, Lorién, vamos ver se estão calibrados.

Lorién se aproximou e sentou na cadeira como ela indicou. Ela fez varias fotos com o novo visual. Zule pegou um papel especial de fotografia e imprimiu uma das fotos.

—Excelente! — disse Lorién surpreso. Na primeira!

–Não, não está perfeita ainda. Pixeliza um pouco, muito pouco, mas um experto perceberia. Ajustou de novo a câmara e os equipamentos. Fez novas fotos. Voltou a imprimir. Agora sim! – disse ela satisfeita.

Tirou de seu bolso o pacote que tinha pegado na sua loja. Pegou o passaporte, o colocou em um dos equipamentos que ajustou novamente e escreveu no notebook os novos dados de Lorién.

–Cruzem os dedos, amigos. Lá vai – Imprimiu o passaporte com a foto e os dados de Lorién. Com outro equipamento imprimiu as marcas d'água e as tramas especiais. Finalmente com outro aparato instalou o chip. Tirou uma pequena lupa e olhou o resultado de vários ângulos– Se vê bem!

–Bem? – disse Lorién–, se vê perfeito. Então agora meu nome é Antônio Aguilar Sánchez, nascido em Madrid, filho de Juana e de Enrique. Valeu! A partir deste momento me chamem de Antônio para que nos vamos acostumando. E você – perguntou Lorién a Zule–, também conhecem teu nome e aspecto, não vai mudar?

–A cada ano eu mudo meu aspecto e faço um novo passaporte de reserva.

Entrou no banheiro e saiu totalmente transformada, também com aspecto rasta, com suas rastas envolvidas em um lenço de cabeça e com a roupa combinando.

–Uuuu! – disseram eles. Formavam um lindo casal.

–Meu nome é Márcia Jones, original da Jamaica. Residente em Madrid.

–Você sim que é precavida! – disse Lorién.

–Sim, tenho estado alerta durante seis anos. Falta uma última coisa – de sua mochila ela tirou um selo que estampou no seu novo passaporte com a entrada da polícia internacional. Tomou o de Lorién e fez o mesmo.

–Agora tenho que comprar as novas passagens. Erkin, pode me levar até uma lan house para comprar pela internet? Uma que dê segurança e esteja relativamente perto.

–Claro que sim – disse ele –, Lorién, nos espere que em meia hora estaremos de regresso.

Entraram no carro e partiram.

Lorién aproveitou para recostar-se na cama para descansar uns minutos e ficou dormido no instante. Tinha sido um dia muito intenso.

Acordou sobressaltado ao escutar que abriam a porta e ficou alerta ouvindo com atenção. A voz de Zule o chamou.

–Lorién, onde esta?

–Aqui – disse ele bocejando, levantou e saiu para a sala onde estavam Zule e Erkin sorridentes. Tudo bem? – perguntou.

–Muito bem – disse Zule. Temos as passagens. Amanhã partimos às 9h da manhã para Lima, no Peru. Primeiro pensarão que nos vão pegar no voo para Santiago. Eles não sabem que nós sim sabemos que nos esperam. Já são 10hs da noite, hora de comer já que às quatro da manhã teremos que acordar.

–O que diz, Erkin, fica para comer com a gente? – convidou Zule.

—Não, obrigado, tenho que voltar para casa. Amanhã pegarei vocês às quatro.

—Obrigado, Erkin, você é um grande amigo, estamos em dívida com você — disse Lorién.

—Está doido? Você salvou a vida de meu filho, me ajudou a conectar com Deus e ainda diz que está em dívida comigo? Nem pense em voltar a dizer isso — disse Erkin cortante. Aqui, quem não só está em dívida, mas maravilhado por ter conhecido vocês, sou eu. Aliás, estou meio consciente do importante que é para toda a humanidade que a missão de vocês tenha sucesso. Mesmo que não tivesse salvado a vida de Haluk, estaria fazendo o que faço com todo o gosto do mundo.

—Obrigado, de todas as formas — Lorién o abraçou espontaneamente.

—Obrigada, Erkin — disse Zule em meio ao abraço.

Erkin foi embora como se custasse a se separar dos garotos, em poucas horas tinha tomado carinho por eles.

Zule ficou olhando para a porta quando Erkin saiu.

—Que grande pessoa é, não acha?

—Sim — disse Lorién—, desde o primeiro momento que o conheci ele me emocionou pela pessoa que é: honesto, limpo de coração e compassivo. É um presente ser seu amigo!

—Hahaha — riu Zule—. É como se tivesse descrito a você mesmo. Assim é você. Nunca mais voltarei a duvidar de seu critério, peço desculpas novamente.

—Não tem importância, teria acontecido com qualquer pessoa.

—Qualquer pessoa, sim, mas não tu. Tenho certeza que não teria reagido como eu e isso me envergonha.

—Tá tudo bem.

Lorién a abraçou. Nesse momento viram seus reflexos no espelho, os dois abraçados com suas fantasias de rasta, e deram uma gargalhada ao unísono.

—Que par de dois... O duo... deno — terminou Zule.

—Kkkk — estouraram os dois numa explosão de risos escandalosos.

Zule começou bisbilhotar nas bolsas de comida.

—Vamos ver o que Erkin nos trouxe de bom. Durum, Falafel, Lahmacun, Arroz Basmati, Cordeiro Samosa. Que barbaridade de diversidade e quantidade, isto dá para alimentar meia dúzia.

—Erkin quis ter certeza que gostássemos de algo do que trouxe, é um homem santo. Fico com água na boca de cheirar essas coisas gostosas, quero experimentar tudo — comentou Lorién.

—Vou esquentar logo — disse Zule.

Aos poucos minutos estavam os dois comendo com muito apetite, intercambiando piadas. Sobretudo Zule que tirava sarro de Lorién, pela sua pouca habilidade para comer a comida turca e seu talento inato para se sujar de cima a baixo.

—Que delícia a comida turca! — deleitou-se Lorién alisando o estomago.

—Sim, é muito saborosa e diversa. Vão dar 11h da noite e às 4 da manhã teremos que estar em pé. Será melhor ir dormir.

—De acordo, chefe — concordou Lorién com um sorriso que enchia seu rosto.

Cada um deitou em um quarto e assim que deitaram ficaram dormidos. Estavam cansados por tantas emoções, incertezas, temores, compreensões.

Às 4h estavam em pé. Lavaram-se e vestiram. Erkin chegou às 4.15h. Rapidamente colheram seus pertences.

—Erkin, — disse Zule —, você pode devolver os equipamentos para que te reintegrem o dinheiro ou uma parte dele, para não perder tudo e para que não fiquem rastros deles na casa de teus amigos?

—Farei isso, mas acho que é pouco honesto eu ficar com o dinheiro, são equipamentos caros.

—Bom — disse Lorién —, se finalmente decidem pôr em marcha os Projetos de Apoio Humano essa grana será bem-vinda para iniciar e poder ajudar muita gente, confiamos em teu critério e teu reto coração.

Entraram no carro e Zule pediu a Erkin que os deixasse numa avenida no centro para pegar outro táxi, para não comprometê-lo com as câmeras do aeroporto. Erkin se negou, ofendido, mas entre os dois conseguiram convencê-lo de que era o mais sensato para todos.

Despediram-se com abraços muito sentidos. Lorién pediu que Erkin levasse seus melhores desejos para Lale e Haluk e Zule agradeceu por tê-lo conhecido e por tudo que tinha feito para ajudar. Os três tinham lágrimas nos olhos.

Erkin disse que nunca os esqueceria e que assim que o perigo passasse gostaria de ter notícias deles. Logo ficou parado na avenida, olhando para eles com as lágrimas ainda correndo pelo rosto, enquanto eles aguardavam outro táxi a caminho do aeroporto.

—Tomem cuidado, meus filhos, tomem cuidado! Que grandes seres humanos são os dois, tão jovens e tão grandes! — murmurou para si mesmo emocionado.

Dez minutos depois eles estavam no aeroporto, que nessas horas estava lotado de gente chegando e partindo. Pegaram suas bagagens e decidiram embarcar. O quanto antes, melhor — disse Lorién enfático —, para sairmos dos temores com os passaportes.

Passaram pela porta que os levava até a polícia e Zule começou a fazer piadas para Lorién para deixá-lo mais relaxado e solto.

—Mas que pinta de rasta você tem, até que parece um desses rastas de Wall Street, hahaha, — ria ela com vontade.

—E você — respondeu ele — parece a princesa de Mônaco, embutida numa roupa rastafári...

Assim, com essa aparente tranquilidade, foram chegando até o balcão de controle. Os policiais os estavam olhando por conta do bom casal que formavam, tão alegres e expressivos. Todo mundo olhava para eles com simpatia. Apresentaram seus passaportes e logo de um rápido olhar, o funcionário colocou o carimbo de saída lhes desejando uma boa viagem. Eles continuaram andando entre piadinhas, pequenos empurrões e risos, como se nada... Buscaram a porta de embarque e sentaram com um profundo suspiro.

—Na verdade corremos um risco desnecessário viajando juntos, devíamos ter viajado em separado, para diferentes destinos.

—Tem razão — disse Lorién—, também pensei nisso, mas não queria me separar de você.

—Foi o mesmo comigo — disse ela puxando nervosa a sua blusa enquanto olhava com atenção para um fiapo na sua calça.

—Temos mais de uma hora até nosso voo partir — disse Lorién. Por que não aproveitamos e me conta a sua história? Estava começando ontem à noite quando Erkin nos interrompeu.

—Como quiser. O senhor precisa alguma outra coisa?— disse ela com tom de falsa submissão e os olhos faiscando.

—Não, com isso seria suficiente por enquanto, obrigado — disse ele com tom altivo. E os dois riram com vontade.

—Como te contava, o contato era o meu pai, Eduardo Martín Lange, neto de espanhol e filho de alemã, nascido em Puno, no Peru, às margens do mágico lago Titicaca. Ele era loiro como o sol num país de gente morena que adora o sol. Por sua parte, ele ficou fascinado pelos Andes e sua cultura, a qual fez sua, diferente de outros descendentes de estrangeiros que sempre se sentiram e se mostraram como não peruanos. Meu pai sempre fez apologia de ser peruano e andino. Desde criança sempre leu e foi um buscador com muitas inquietudes internas, um humanista de coração, acreditava que se todos os povos conectassem com o melhor de sua cultura, com os melhores momentos que ele chamava de *Momentos Humanistas*...

—Espera um pouco, Zule, o que é isso de Momentos Humanistas?

—O que caracteriza os Momentos Humanistas é a sensibilidade, a *Atitude Humanista*, que pode sintetizar-se em seis pontos: A localização do ser humano como valor e preocupação central, a afirmação da igualdade de todos os seres humanos, o reconhecimento da diversidade pessoal e cultural, a tendência ao desenvolvimento do conhecimento por cima do aceito ou imposto como verdade absoluta, a afirmação da liberdade de ideias e crenças e, por último, mas não menos importante, o repúdio à violência.

—Que grande teu pai! — exclamou Lorién. Esses seis pontos descrevem o fundamental do que eu sempre senti e nunca consegui colocar assim, tão resumido e claro — disse surpreso. Isso é o que nos une, agora entendo, o vejo nos meus amigos de Teruel, o vejo em Concha e sua mãe, o vejo em Erkin e sua bela família, o vejo em você e em mim. É maravilhoso — ia ficando mais entusiasmado. Tudo que bateu em nós tão forte desde o começo, o tema das virtudes, ver o melhor na gente e nos demais... No âmbito pessoal é o mesmo do que com os povos. Se cada povo conecta com o melhor de sua cultura, também conecta com o melhor da sensibilidade dos outros povos, que se sintetiza nessa maravilha da Atitude Humanista. Maravilhoso!

Abraçou Zule exaltado. Ficou em pé e brincou de dançar com ela na sala de pré-embarque, até que subitamente percebeu que estavam no aeroporto. Ficou tão sugado pelo relato que tinha esquecido onde estavam. As pessoas em volta olhavam divertidas.

Ficou corado e voltou a sentar junto dela que olhava com os olhos cheios de humor e de afeto.

–Desculpa, fui um bobo – disse Lorién meio envergonhado –, mas fiquei maravilhado com o simples que é e que bem explica nossa sensibilidade, independente do povo ou cultura em que formos criados. É magistral!

–Vai dançar de novo? Vai continuar a me abraçar ou vai improvisar algo novo desta vez? – disse Zule com sorna e com um sorriso de orelha a orelha.

Outra vez ficou corado, mas riu imediatamente.

–Você é uma malvada, sempre ri de mim.

–E você é um ser maravilhoso que trouxe mais alegria para minha vida em poucas horas do que teve em seis anos – disse espontânea ela, meio envergonhada no final.

–Rsrs, – riu Lorién por sua vez –, que bom casal formamos, espontâneos, alegres e divertidos. É tão fácil ser espontâneo com você e passar bem. Desde o primeiro momento em tua loja de tapetes senti isso. Apesar da tremenda responsabilidade que carregamos nos ombros temos a capacidade de rir de nós mesmos e desfrutar de cada situação. Adoro estar com você!

–Eu também – disse ela – Quero dizer, eu também adoro estar comigo. Hahaha.

E suas gargalhadas se ouviram em todo o setor de espera. Logo disse:

–Bom, quer que continue ou não? Para de me interromper, desse jeito não vamos terminar nunca, hahaha.

–Desculpa – disse Lorién. Outra vez fiquei entusiasmado, só uma última coisa. Acabo de sacar que o que aparentemente era uma incoerência, na verdade não é – Zule olhava para ele curiosa e atenta. Quer dizer, por uma parte, eu sempre senti gosto e necessidade de me conectar com os mitos de meu povo, de minha gente, de minha cultura, e por outra parte, sentia a necessidade de estudar, de conhecer e valorizar os mitos e as culturas de outros povos. Mas sentia isso como contraditório, como incoerente. Como se houvesse duas linhas antagônicas: se valorizo minha cultura, me separo e diferencio das outras, e se valorizo as outras deixo de valorizar as próprias. Mas, com esta genialidade, a dicotomia fica diluída, valorizar o melhor de minha cultura me conecta com o melhor da cultura dos outros, com a sensibilidade por trás dos melhores momentos de cada povo.

Mais ainda – ficou em pé motivado –, isto o associa com algo que li anos atrás nem lembro onde, nem de quem era. Era um tipo de alegoria com o desenho de uma roda de carro na qual cada raio era uma pessoa e no centro estava Deus, no eixo da roda. Então, se a gente se aproximasse de Deus para o centro, se aproximava inevitavelmente das outras pessoas, e vice-versa, se a gente se aproximasse das outras pessoas, também se aproximava a Deus. Ao contrário, se a gente se afastasse das pessoas, dos outros raios, se afastava de Deus, do centro, indo para a parte externa da roda, onde os raios estão mais separados – disse apaixonado. Outra vez ficou corado ao cair em conta de seu entusiasmo.

—Merda! Estou falando como um putinho místico — e sentou envergonhado.

—É isso que você é — disse Zule, agora muito séria e com o olhar emocionado. Um místico, um ser profundamente espiritual, todos os teus atos vão sempre a ajudar outros, sem pensar nas consequências. Fiquei muito tocada com essa relação que você fez entre os Momentos Humanistas, a Atitude Humanista, as pessoas e Deus. É algo impressionante a construção que você fez. Agradeço de verdade por compartilhar comigo tuas compreensões — disse muito conectada e séria enquanto novamente puxava sua blusa olhando para lugar nenhum, nervosa. Basta! Vai me deixar continuar ou não? Para de interromper!

—Hahaha — Lorién a abraçou —, é claro! Obrigado pela paciência.

—Bom. Mas deixa de interromper, que cara molesto!... — riram os dois.

—Pela sua vocação meu pai estudou história, antropologia, história das religiões, história das civilizações e buscou esses momentos humanistas nas diferentes culturas. Comentava que vamos em direção à Nação Humana Universal e se perguntava pela contribuição que cada cultura e cada povo fariam para o projeto comum da Nação Humana Universal. Aportariam a frustração, a discriminação, as guerras e a violência que caracterizaram alguns momentos do passado? Ou buscariam os momentos humanistas em suas próprias culturas? Esses momentos nos quais o ser humano era considerado o valor mais importante, a paz e a cooperação entre grupos diversos eram consideradas fundamentais, se rejeitava a violência como o pior inimigo da humanidade, esses momentos quando respeitava-se todas as crenças religiosas, inclusive o ateísmo, e nos quais a ciência e as novas ideias eram desenvolvidas para fazer retroceder a dor e o sofrimento nos seres humanos.

É tempo que cada cultura apele para esses momentos humanistas, nesta fase histórica tão crítica e especial que estamos vivendo. Ele buscou esses momentos humanistas, principalmente na América, por exemplo, na Mesoamérica pré-colombiana, com a figura do governante tolteca da cidade de Tula, Topiltzin, a quem se adjudica a instauração da atitude humanista denominada *toltecatoyoti*. Outro tanto aconteceu com o governante de Chichén-Itzá e fundador da cidade de Mayapán chamado Kukulcán. Também com Metzahualcōyoti, em Texcoco, observa-se a abertura de um novo momento humanista. Na América do Sul pré-colombiana, a mesma tendência aparece no Inca Cuzi Yupanqui, que recebeu o nome de Pachacútec, *reformador*, e em Túpac Yupanqui.

Deste ponto de vista ele interpretou a ação dos grandes reformadores religiosos e dos heróis culturais como a abertura de novos momentos humanistas. Desde esse olhar, o renascimento europeu foi mais um momento humanista, na longa e diversa história da humanidade.

Zule deteve-se olhando reflexiva para Lorién. Ele fez um gesto com sua mão como fechando sua boca, mostrando que não ia interromper mais. Ela sorriu divertida e mexida com o gesto.

—Meu pai se perguntava o que faltava para que nossa espécie pudesse chegar à Nação Humana Universal. Ele acabou achando que tem que acontecer algo novo

na psique humana, um modo inteiramente novo de experimentar a sociedade; tem que aparecer um novo mito mundial que facilite que isto novo aconteça em nosso psiquismo. A pergunta que devemos fazer é: com qual sociedade? Com qual grupo social cada pessoa vai se identificar? Será com todo o pessoal do planeta ou será com um grupinho particular, com sua própria cultura? Essa é a chave da questão – pensou.

–Isso é apaixonante – pulou Lorién sem poder se conter. A Nação Humana Universal para onde a humanidade toda tenta chegar, apesar dos mesquinhos interesses dos que sempre semeiam discórdia e destruição entre os povos. Realmente teu pai era um erudito, Quanta sabedoria! O novo mito. O mito mundial! Obvio!

–Sim, com uma sensibilidade fina, como a tua – disse ela, com um sorriso sério.

–Você quer dizer como a tua – respondeu ele rápido.

Depois de alguns segundos de reflexão disse:

–Então, produto de seus estudos, em algum momento deve ter encontrado com Federico e o pessoal da Escola.

–Isso. Você é bem intuitivo. Produto de seu trabalho e publicações, alguns membros se conectaram com ele e rapidamente começaram a trabalhar juntos. Ele contribuiu com esse olhar e, em troca, recebeu os procedimentos para aceder ao Profundo, o Sagrado, no seu interior, sintetizado nas Disciplinas. A experiência com a Força, como você anda espalhando a destra e sinistra – brincou ela – vem das Disciplinas.

–Uau! Estou impaciente para conhecer mais, até agora não tive tempo mais do que para ler a introdução, e que parece bem potente. Aliás, essa se supõe que é a nossa labor, compilar as Quatro Disciplinas, preserva-las e, quando o momento chegar, fazer com que elas cheguem a toda a humanidade.

–É isso aí. Essa é a nossa missão. Meu pai integrou-se na Escola. Em um dos encontros que houve ele conheceu a minha mãe Esra, turca, nascida em Istambul. Em algum momento dos anos 80 começaram a perseguir os membros da Escola, matando vários para tentar ficar com esse conhecimento, restringi-lo, manipula-lo e controla-lo como sempre fizeram os grupos das religiões oficiais e alguns poderosos associados.

Foi então que ficou acordado nomear quatro Protetores, um para cada Disciplina, separar-se e não tomar contato entre eles. Federico ficou como coordenador e seria o único que saberia onde estavam e quem eram os quatro Protetores, somente ele ou alguém enviado por ele poderia fazer contato com eles. Meu pai foi um deles, com minha mãe decidiram viver em Istambul. Logo depois eu nasci. Mataram minha mãe quando eu tinha apenas três anos – disse com voz triste. Teria gostado tanto de ter desfrutado dela... Só tenho algumas lembranças vagas, mais do que lembranças, sensações. – escapou um choro. Meu pai contou para mim tantas coisas dela...

Lorién a abraçou sem dizer palavra e ela chorou.

—Tenho estado tão sozinha, tão sozinha, Lorién. Você não pode imaginar o quanto. Todos os dias com o temor de que viessem à minha procura. Suponho que minha idade os confundiu. Quem ia deixar a mando de uma garota de quatorze anos semelhante tesouro!

Lorién tirou um lenço de papel e lhe passou. Ela limpou suas lágrimas.

—Mas, me estou adiantando. Desculpa, é que o de meus pais mexe demais comigo.

—Lógico! Não quero nem imaginar tudo que deve ter passado esses anos, realmente você tem muita coragem e uma consistência interna extraordinária. Teus pais claramente se continuam em você e de forma melhorada, estou certo disso.

Zule sorriu com os olhos ainda úmidos e prosseguiu:

—A mataram por pertencer à Escola e sem dúvida tentaram tirar alguma informação dela, mas desde o momento da separação da Escola, cada um dos membros leva um anel com uma carga de cianureto para o caso de serem apreendidos por esses miseráveis. Em caso de não ter saída deviam ativa-lo e morrer antes de serem torturados e acabar revelando dados de outros membros, ou da Escola e suas Disciplinas.

Meu pai, depois do assassinato de minha mãe, decidiu que fôssemos morar na Espanha, te parece familiar? Fomos morar em Toledo, cidade que fascinava meu pai, por ter sido o lugar onde conviveram numa boa três culturas: cristãos, judeus e muçulmanos, e por suas bibliotecas que ainda hoje contem alguns incunábulo que só se encontram ali. Isso, para um erudito e estudioso como ele era, é um atrativo enorme. Então, moramos lá até meus doze anos, depois voltamos para Istambul. Quando eu estava com treze anos meu pai me confiou o seguinte: se eu morrer, não importa de qual forma, você continue aqui na tenda de tapetes com o teu tio. Levou-me ao porão que você conhece e me mostrou um tijolo na parede que se ativava ao fazer pressão sobre ele abrindo e deixando um espaço onde ele deixou uma carta e a Primeira Disciplina em sua caixinha. E frisou para mim: Abre somente em caso de minha morte, nunca em outra situação. Fez-me prometer pela memória de minha mãe. Eu fiquei muito assustada com o tom grave de meu pai, ele sempre foi muito alegre... Com o tema da morte, após a morte de minha mãe, o único que eu não queria pensar era na morte de meu pai. Assim é que praticamente tirei isto de minha cabeça até o dia de sua morte, quase um ano depois de ter mostrado o esconderijo no tijolo.

Quando eu soube que ele tinha morrido eu quis morrer também, isso não podia estar acontecendo de novo, perder meu pai, não podia ser. Chorei e gritei durante dias, fiquei sem comer, sem querer saber de nada nem de ninguém. Meus tios tentaram cuidar-me e me devolver o bom senso, eles acreditavam que o tinha perdido e não estavam muito errados. Fiquei vários meses me sentindo quebrada por dentro, com o sofrimento latejando em meu coração e em todo meu ser. Foram os piores e mais sofridos momentos de minha vida. Eu andava como um zumbi, onde me sentavam ai eu ficava, sem expressão alguma. Se me levavam na rua eu andava sem ver.

Até que um dia Federico chegou. Comentou para meus tios que conhecia meu pai e tinha passado para ver como ele estava e ficou sabendo de sua morte. Vendo o meu estado ele pediu a meus tios para ficar comigo um tempinho sozinho, já que ele era psiquiatra e talvez pudesse fazer algo por mim.

Não sei exatamente o que ele fez, só sei que tinha a sensação de estar em um quarto escuro onde não chegava nenhum estímulo sensorial, luz, cheiros, sensações de nenhum tipo. De repente uma luz suave e amável apareceu no quarto e aos poucos foi me sarando por dentro, até que de alguma forma derrubou o muro de proteção que eu tinha levantado em volta de minha consciência para não sofrer, então voltei para o mundo, vi ele, o senti em todo seu amor e compaixão comigo – voltou a soluçar Zule.

–Zule, se é muito forte não é necessário que conte – disse enquanto a abraçava com afeto.

–Quero fazê-lo, Lorién, necessito fazê-lo, descarregar essa enorme tristeza que levo dentro por tanto tempo e com você eu sinto que posso. Permite que o faça – pediu ela.

–Mas é claro, claro. É um tremendo honor que me faz, obrigado por isso – disse abraçando ela com mais força.

–Como dizia, eu voltei para o mundo, vi Luis e me abracei desesperadamente a ele e chorei e chorei e chorei durante horas. Meus tios ouviam através da porta e em uma ocasião assomaram e nos viram abraçados enquanto eu chorava desconsolada. Claramente entenderam que tinha saído do ostracismo em que tinha caído e estava voltando para a vida depois de cinco meses. Assim é que não interromperam. Finalmente eu fui me acalmando enquanto ele me acariciava o cabelo e a cabeça com uma paciência e um amor eternos. Tenho certeza que o teria seguido até o fim do mundo se fosse necessário. Federico falou com meus tios e lhes disse que eu me estava recuperando, mas que precisava ficar perto de mim por mais um tempo para eu me recuperar totalmente. Eles ficaram loucos de alegria, o que Federico tinha feito ante seus olhos era um milagre, assim é que tudo que ele dissesse ou fizesse referido a mim era aceito sem duvidar.

Federico instalou-se em meu quarto e me cuidou dia e noite durante um mês. Em uma semana já podíamos conversar quase normalmente. Duas semanas e começamos a sair do quarto dando alguns passeios pelas ruas e praças próximas. Finalmente, na terceira semana começamos a falar sobre o que tinha acontecido. Contou para mim sobre a Escola em grandes rasgos e perguntou se meu pai tinha me confiado algum segredo antes de morrer. No início eu disse que não, nem me lembrava do tijolo. Ele tornou a me perguntar varias vezes até que de repente lembrei e falei para ele. Acompanhei-o ao porão e abrimos o esconderijo. Lá estavam a carta, uns passaportes falsos e a Primeira Disciplina. Lemos juntos a carta, na que meu pai dizia o quanto me queria e que esperava que nunca tivesse que ler essa carta. Mas, que se a estava lendo, não sentisse pena, porque ele tinha voado livre para a transcendência imortal. Que provavelmente isso me pareceria um conto,

mas que era verdade e que esperava que eu em breve tivesse a experiência direta de que a morte não existe. Que a caixinha de prata guardava um dos maiores tesouros da humanidade e que eu tinha que guarda-lo, como ele tinha feito por anos. Que em algum momento Federico se poria em contato comigo e me daria mais detalhes. Dizia também que em nenhum caso fosse embora de onde estava morando com meus tios, que tentasse fazer uma vida normal e seguisse com o negocio familiar da exportação e venda de tapetes. Que o mais importante era preservar a caixinha. Nada no mundo era mais importante que isso. Que quando Federico chegasse eu poderia entender mais. Despedia-se dizendo que eu era a luz de seus olhos e de seu coração e que confiava plenamente em mim, que ele e minha mãe continuavam em mim, que sempre estariam em meu coração.

E assim tem sido até hoje – disse assuando o nariz –. Ao terminar a carta voltei a chorar desconsoladamente, mas algo em mim tinha sarado. Havia um estranho consolo nessas palavras de que a morte não existe e que eles continuavam em mim e que pronto eu compreenderia por experiência direta. Federico me abraçou e consolou de novo e me falou da Escola, da Missão que tinha meu pai como Protetor da Disciplina Material, que tinha mais três Disciplinas, cada uma a cargo de uma pessoa diferente, em lugares remotos para facilitar sua preservação.

Deu-me os dados para encontrar o Protetor da Disciplina Energética. Disse que corriam tempos muito perigosos e que tivesse total e completa discricção. Que ele também confiava em mim e me pedia que fosse a Protetora da Disciplina Material. Deu-me este anel, você sabe o que é, e me deixou outro por se alguém viesse em seu nome – nesse momento Zule abriu sua bolsinha e entregou a Lorién um anel de ouro branco, liso, sem nenhuma inscrição, como o dela.

–E como atua?– perguntou Lorién

–É oco, dentro está o cianureto. Tocando você nota um ponto que é um pouco mais fino que o resto, quase nem se nota, sente?

–Não – disse ele girando-o.

–Faça lentamente, em algum momento vai sentir, na medida em que se familiarizar com ele, quando o sentir, é coisa de apertar justo nesse lugar com a unha do polegar e se ativará.

Zule seguiu seu relato.

–Federico me disse para me capacitar em manipular passaportes, para isso me enviou a uma escola de desenho especial, para me familiarizar com as impressoras, câmaras e com os programas, para poder desenvolver as funções perfeitamente. Fiz um curso especial de impressão e manipulação de chips com equipamentos de tecnologia de ponta. Sugeriu que aprendera alguma arte marcial, como o judô ou aikido, que me manteriam com a mente e o corpo afinados e em caso de necessidade viriam bem.

Lamentavelmente me alertou que não poderiam se comunicar para não fazer perigar a missão, mas que o tempo de abrir de novo a Escola e dar a conhecer as Disciplinas a toda a humanidade estava próximo. Repetiu que em algum momento

ele mesmo, ou uma pessoa enviada por ele, viria – ficou olhando para Lorién com olhar de deboche – e olha quem apareceu, nada menos que você... Tamanho exemplar! – brincou –. Bom, é o que há – disse com ar de resignação de sacanagem.

Nesse momento anunciaram o embarque para o seu voo.

–Vamos, preguiçoso – disse com humor.

–Você é verdadeiramente admirável, Zule, realmente é a pessoa mais extraordinária que eu conheço.

–Bom isso não é muito, vindo de um matuto que nunca saiu de sua casa – zombou ela outra vez.

–É uma admirável e maravilhosa ma pessoa – disse ele rindo. Tenho tantas coisas para perguntar a você...

–Bom, terá que ser em outro momento, agora está todo mundo embarcando.

Efetivamente já tinha embarcado quase todo mundo. Mostraram seus cartões de embarque e seus passaportes para a aeromoça e embarcaram.

Ocuparam seus assentos, desta vez foi sobre a asa. O avião decolou e voltaram a ver parte da formosa Istambul pela janela.

–Sinto pena por não ter podido apresentar esta bela cidade, Lorién. Espero que em outro momento tenhamos oportunidade de voltar e percorrê-la juntos tranquila e prazerosamente.

–Gostaria muito – disse ele feliz –, Zule, você conhece O Caminho? Ele começa assim: *Se acreditas que tua vida termina com a morte...*

–Sim, estive lendo e estudando ele constantemente nos últimos tempos, tem sido uma fonte de compreensão e inspiração na minha vida. Sem ele teria sido muito difícil aguentar sozinha esses anos.

–Bem, eu li pela primeira vez antes de ontem e me gerou umas reflexões que gostaria de compartilhar com você; são umas notas que escrevi no hotel no aeroporto de Madrid, sobre a transcendência. Na carta de teu pai, ele comenta o tema.

–Com prazer – disse ela.

Lorién leu suas notas e ela escutou com muita atenção. Quando terminou ela disse:

–Lorién, você não para de me surpreender. Sem ter os dados, sem ter uma guia sobre esses temas, sem tê-los estudado nem trabalhado antes, é incrível como você chega com uma velocidade e uma fineza a estas compreensões e reflexões tão complexas. É realmente surpreendente. Tem uma intuição muito, muito desenvolvida e sutil, que, ainda que sem dados, sempre te leva a fazer o correto e às conclusões certas. Você é muito estranho – disse ela puxando da orelha dele.

–Mas você, hein! – riu Lorién. O que quero te perguntar é o seguinte, embora nessas notas eu intua coisas, gostaria que me ajudasse a precisar conceitos. Por uma parte está o corpo, pela outra essa energia que o alenta, tem algo mais? Pode me precisar e ampliar estes temas?

–Vamos tentar, será difícil com alguém tão cabeça dura como você, mas o intentaremos – riu novamente –. O que você experimentou e descreveu com tanta

precisão nas notas é a experiência do Sagrado. Ela se manifesta desde a profundidade do ser humano, daí a importância da experiência da Força como fenômeno extraordinário que podemos fazer irromper no mundo cotidiano. Sem a experiência, tudo é duvidoso, com a experiência da Força temos evidências profundas. Não necessitamos da fé para reconhecer o Sagrado. Isso é algo que você intuiu muito certamente.

—Sim, mas não tinha ficado evidente até que você o disse. Que não necessitamos da fé para reconhecer o sagrado. Uau! Tremenda frase para o bronze.

—Na verdade não é minha, a li em algum material da Escola dos que Federico me deixou.

Bem — continuou ela —, o contato com a Força produz uma aceleração e o aumento da energia psicofísica. Sobretudo se cotidianamente realizam-se atos coerentes que criam unidade interna, orientando para o nascimento espiritual. A força pode se exteriorizar à distancia e sua influencia é maior se atuam numerosas pessoas. Entre familiares, amigos e seres queridos a ação da Força aumenta — olhou para ele com desdém. Ainda me segue ou já se perdeu? Hahaha

—Um pouco, mas faço o que posso — riu ele —. É muito interessante o que diz, isso de experimentar diretamente o Sagrado, dentro da gente e nos demais. E que não necessitamos da fé para viver diretamente essa experiência — disse ele muito concentrado —. É muito forte. Desde essa lógica desaparecem todas as castas sacerdotais que em lugar de facilitar o contato com o sagrado, o atrapalham, usando sua posição para manipular e controlar as pessoas, para subjuga-las e atemoriza-las — terminou reflexivo.

—Bem, seguindo a tua pergunta inicial... A matéria vivente gera um campo de energia que tradicionalmente se chamou de 'alma'. A alma, o duplo energético, atua no interior e ao redor dos centros vitais dos seres animados. Com a morte se produz a dissolução do corpo, ao tempo em que ocorre a separação e aniquilação do duplo energético. A evolução constante de nosso mundo produziu o ser humano, também em trânsito e mudança, no qual se incorpora (diferente das outras espécies) a experiência social capaz de modificá-lo aceleradamente. O ser humano chega a estar em condições de sair dos ditames rigorosos da natureza, inventando-se, fazendo a si mesmo, física e mentalmente. É no ser humano onde aparece um novo princípio gerado: o duplo. Desde antigo a este novo princípio se chamou de *espírito*. O espírito nasce quando o duplo volta sobre si mesmo, se faz consciente e forma um *centro* de energia nova.

—Uauuu — disse supresso Lorién — isso sim é revolucionário: *O ser humano chega a estar em condições de sair dos ditames rigorosos da natureza inventando-se, fazendo a si mesmo, física e mentalmente* — parafraseou Zule. Então, é o ser humano, como maior expoente da vida na terra, que em sua acumulação histórica e social pode se fazer consciente e construir a si mesmo, gerando o espírito. Enorme! E andamos pela vida nos sentindo uns coitadinhos... — terminou.

—Realmente você é incrível, Lorién — disse ela surpresa —. Que capacidade tem para intuir a captar o fundamental! Levei anos para compreender minimamente estes temas e você em dois segundos os incorpora.

—Então é o espírito o que transcende — comentou pensativo e em voz alta Lórién.

—Sim, assim é. Bom, seguindo com o relato: o ser humano não terminou sua evolução. É um ser incompleto e em desenvolvimento que tem a possibilidade de formar um centro interno de energia. Tal coisa acontecerá de acordo com o tipo de vida que se leve. Caso os atos realizados sejam coerentes irá se estruturando um sistema de forças centrípetas que chamamos *espírito*. Se os atos forem contraditórios, o sistema será centrífugo, portanto não haverá nascido o espírito ou terá uma conformação elementar, sem desenvolvimento.

—Zule, desculpa você já mencionou antes isso dos atos coerentes, que atos são esses?

—Os atos coerentes são os que dão unidade interna. É o que se expressa como pensar, sentir e agir na mesma direção. Durante milênios discutiu-se sobre qual era a melhor forma de agir, o que fazer, qual é a ação válida. As pessoas da Escola séculos atrás compreenderam que a resposta não pode estar fora da gente. Qual é a base da ação válida? A base da ação válida não está dada pelas ideologias, nem pelos mandados religiosos, pelas crenças, ou pela regulação social. Ainda quando todas estas coisas sejam de muita importância, a base da ação válida não está dada por nenhuma delas, e sim pelo registro interno, pela sensação interna que deixa a ação que se leva adiante. Há uma diferença fundamental entre a valoração que parece provir do exterior e esta valoração que se faz da ação, pelo registro que o ser humano tem do que precisamente faz. E qual é o registro da ação válida? O registro da ação válida é aquele que se experimenta como unitivo, que dá ao mesmo tempo sensação de crescimento interno e, por último, é aquele que se deseja repetir porque tem sabor de continuidade no tempo.

—Você é tremenda, Zule. Realmente é maravilhoso o que conta. Todos damos muitas voltas nos perguntando pela melhor forma de atuar no mundo e nunca chegamos a nada. Com a Ação Válida que você descreveu a referência deixa de estar fora para pô-la dentro da gente. Se entendi bem, é a sensação interna que sinto quando faço algo a que se transforma em minha referência na hora de agir. Se me deixar uma impressão de unidade, então vou bem. Se me deixar a sensação de contradição, então vou mal. É claro! Agora que penso, quando atuo com unidade e coerência me sinto bem, e quando atuo em contradição interna sofro, passo mal. Maravilhoso! Com isso já não necessito perguntar a ninguém se o que faço está bem ou mal, só tenho que atender a minha impressão, ao registro interno que me deixa a ação que realizo. Obrigado, obrigado! — disse entusiasmado, abraçando-a e dançando com ela no corredor do avião, para divertimento do resto dos passageiros que olhavam com doçura esse casal tão jovem desfrutando e sendo felizes, enquanto davam cotoveladas em cumplicidade e sorriam contagiados por eles.

—Psiu — disse Zule com um sorriso pícaro —. Não pretendo cortar tua espontaneidade nem tua alegria, mas não estamos sozinhos.

Lórién percebeu que todos estavam olhando para eles e ficou vermelho como um tomate, enquanto murmurava atropeladas desculpas para Zule e sentava rapidamente.

Por sua parte, Zule teve um ataque de riso e apenas conseguiu sentar no seu assento já que suas pernas não a sustentavam e não parava de fazer todo tipo de barulhos estranhos, ao tempo que segurava o estomago completamente dobrada sobre si mesma. Passados alguns segundos Lorién contagiou assim como a maior parte dos passageiros próximos e todos terminaram mortos de rir com lágrimas nos olhos.

Alguns minutos depois, e já mais calma, Zule perguntou:

—Quer que continuemos ou vai prosseguir com outro de teus shows para a galera?

—Segue, vai, por favor, e desculpa de novo minha falta de tom.

—Então, como você intuiu, um ser humano pode nascer, levar sua vida adiante, deixar o seu corpo e continuar evoluindo sem limite.

—Obrigado, obrigado, Zule — se entusiasmou novamente Lorién —, acaba de me dar uma chave muito valiosa.

Fez menção de se levantar quando percebeu os brilhantes e burlões olhos de Zule e voltou a sentar envergonhado, enquanto ela morria de rir. Acabou com um forte ataque de tosse, que fez com que Lorién se preocupasse seriamente por seu estado e sem saber o que fazer, apenas deu umas batidinhas nas costas. Paradoxalmente, elas produziram um fortalecimento da tosse. Depois de um tempo de estar respirando com dificuldade ela ficou em pé para andar um pouco, tentando controlar sua respiração. Logo voltou a sentar com o rosto cheio de lágrimas.

Lorién olhava para ela entre envergonhado e divertido.

—Por favor, Zule, continua com tua explicação, não me deixe assim. Estou ciente do disperso que sou e o muito que interrompo, mas é que as coisas que me conta são de verdade muito profundas e uma guia fundamental para mim.

—A verdade é que não dá vontade de te contar nada, que desastre de homem, não para de interromper e dar espetáculo — disse enquanto o abraçava e o beijava no rosto, ficando logo vermelha, ao se dar conta do que fizera. Esta vendo as coisas que me faz fazer? Não só me distrai como me envergonha na frente de todo mundo, não atende as coisas que conto e, não contente com isso, ainda por cima me deixa tonta e me leva a fazer o ridículo. Não tem jeito! Em que estaria pensando Federico quando te embarcou nesta missão? — terminou voltando para seu tom zombeteiro.

Bem, voltando para o tema do corpo, o duplo e o espírito, e espero que desta vez me deixe terminar. A produção e a reprodução artificial da vida estão ao alcance do ser humano e também a prolongação do ciclo vital. Em todos os casos o ser humano será acompanhado por seu campo energético até algum tempo depois da morte física. Caso se tenha gerado o espírito, este poderá permanecer em regiões próximas ao plano da vida física, mas finalmente cumprirá com seu ciclo de espírito individual para seguir avançando para planos mais evoluídos. O espírito pode se formar tomando energia do duplo.

—Caramba! Isso que você disse: ‘A produção e reprodução da vida estão ao alcance do ser humano’ é verdade. Faz pouco tempo eu li em algum lugar que final-

mente tinham conseguido criar vida artificial. Isso muda tudo. Esse descobrimento da vida artificial merece um brinde! Sim, merece! Este novo descobrimento vai ser manipulado, vai ser instrumentalizado..., não há dúvida, isso se fez com todas as coisas. Mas, de todas as maneiras, já escapou das mãos dos controles de sempre. Escapou – se exaltou de novo.

Porém, há alguns que estão muito chateados com isso. Há que se deixar de brincar de Deus! – dizem estes que querem controlar tudo –. Sim, estamos brincando de Deus e isso de brincar de Deus, eu acho que é uma boa direção. Como nossos antepassados diziam: Nem deus, nem amo! Desculpa, Zule, saltou a minha veia anarquista.

–Hahaha. Você é bem divertido. Mas, estou totalmente de acordo com o que diz. Os mesmos que nos perseguem e não querem que as Quatro Disciplinas cheguem até as pessoas são os que rasgam suas vestes porque *‘estão brincando de deus!’*.

Voltando para o tema. Então podemos falar de três princípios no ser humano: um é o corpo, outro, o duplo energético ou alma, que lhe dá alento e vida ao corpo e o terceiro é o espírito que se pode desenvolver desde o duplo, dependendo de ter conseguido unidade interna. Agora percebo, é a isto que se referem alguns como *‘centro de gravidade permanente’* – terminou batendo de leve na testa.

–É isso aí, meu querido paraquiano – disse ela com tom divertido, para depois, de forma mais séria continuar –, você o expressou de forma simples e precisa. Efetivamente, todo o processo vital seria um processo no qual a pessoa pode gerar essa coesão interna, esse centro de gravidade interno que não depende do que aconteça fora com sua própria identidade; tem sua autonomia.

–Ufa, deixemos até aqui, por agora. É muita informação para digerir para um recém-chegado que nem eu. Necessito pensar e refletir sobre tudo o que me disse, tremenda classe magistral sobre o corpo, o duplo e o espírito. Eu pensando que tinha feito uma pergunta simples e curta, mas você me deixou perplexo. Obrigado, Zule.

–Está vendo que é um cabeça–dura? Jogam–te um par de dados e não é capaz de retê–los – riu ela –, assim não chegaremos a lugar nenhum – burlou–se com os olhos faiscando.

–Bom, no momento vou dar um cochilo, aproveitando que estamos no avião, porque uma vez que aterrizemos... Já sei como é, a gente não para mais – disse Lorién reclinando o assento e se acomodando para dormir.

–Assim são os homens – disse ela –, te deixam sozinha em qualquer momento, a gente se desvela por eles, para culturizá–los e eles só pensam em dormir, hahaha

–Tá, tá, paz! – disse com voz sonolenta Lorién –. Eu quero bem você – e dormiu.

Zule ficou pasma com a expressão de carinho de Lorién. Seus olhos encheram de lágrimas e uma bondosa e tenra expressão invadiu o seu rosto olhando para Lorién adormecido.

—Eu também quero você bem, Lorién — disse em um murmúrio emocionado e quase inaudível.

Lorién acordou com o barulho do carro da comida que a aeromoça trazia repartindo as refeições aos passageiros. Tinha a sensação de ter sonhado com algo importante. Quando olhou para Zule lembrou de repente.

—Zule, Zule! — a sacudiu agitado.

—O que é? — perguntou ela meio dormida.

—Zule, já lembro de onde te conheço, onde tinha visto você antes — disse Lorién exaltado.

—Mas, Lorién, nunca nos vimos antes.

—É verdade, mas eu já te conhecia. Você é a mulher do quadro que comprei — se entusiasmou ele.

—Do que está falando? É algum tipo de delírio, bebeu algo estranho? — disse ela esfregando os olhos, ainda meio dormida.

—Não, o quadro! O quadro! — repetiu ele sem poder sossegar.

—Está bem, Lorién — disse ela com tom suave, como se falasse com uma criança —, vamos fazer uma coisa. Vamos fazer de conta que eu não sei de nada e você me conta tudo com detalhes, acha bom esse método? — disse ela.

Lorién sorriu, sempre via graça nas piadas de Zule e se tranquilizou um pouco.

—Claro, não tenho contado nada do quadro. Desculpa o ímpeto, mas é que me remexeu quando percebi.

—Bem, bem. O que acha de voltarmos para o método que acordamos? Lembra? Você me conta tudo calmamente como se eu não soubesse de nada, está bem? Que cara mais difícil! — disse com tom divertido.

—Está certo. Parto do começo. Faz um ano fui a uma exposição de arte onde havia mais de vinte quadros expostos. Era um dia de chuva e eu andava vagando na rua, então entrei sem qualquer motivo especial. Chamou a minha atenção um quadro grande com uma mulher de cabelo loiro pintada nele... — E contou tudo o ocorrido com o quadro, terminando com sua compra depois de ir vê-lo por várias vezes, investindo todo o dinheiro que tinha — entende agora?

—Não — disse ela —, ainda não me disse o que isso tem a ver comigo.

—É que a mulher do quadro é você! É por isso que me resultava familiar, conhecida desde o início, apesar de estar certo que não tínhamos nos visto nunca antes.

—Quer dizer que a mulher do quadro se parecia comigo? Perguntou ela com tom pedagógico.

—Não. Essa mulher é você, não só tem teu aspecto físico, como teu clima interno, tua forma de ser. Toda você está representada no quadro. Me entende? Não conheço só teu aspecto, como também a tua forma de ser, de alguma maneira me tinha apaixonado por essa mulher — disse ficando vermelho até a raiz do cabelo — e é por você que estou apaixonado, agora o vejo com clareza. Eu quero você, Zule, eu te amo! — disse exaltado e vermelho, e de improviso a beijou nos lábios.

Zule ficou que nem pedra, com a boca aberta.

–Desculpa, desculpa – disse ele consternado – por ter faltado com o respeito, sinto muito, de verdade, não queria te fazer sentir mal.

–Não me fizeste sentir mal, nem me tem faltado com o respeito – disse ela já recomposta e achando engraçado. É só que você tem uma forma muito particular de manifestar seus sentimentos, hahaha. E com toda essa história do quadro, enfim, tem que reconhecer que é criativo. Um pouco rebuscado e meio intempestivo e invasivo. Não sei se vou poder levar tamanho espécime comigo, mas fazer o que? É isso que me tocou – disse ela com tom divertido e o segurou puxando para si o surpreso Lorién e o beijando calma e participativamente.

De repente ouviu-se uma tosse respeitosa.

–Desculpem que interrompa o amor com temas banais como a comida – disse a aeromoça.

–Oh – disseram os dois ficando vermelhos.

–Não, tranquilo – disse Zule –, Obrigada.

Após a aeromoça deixar as bandejas Zule olhou para Lorién com gesto de estar chateada e disse:

–Está vendo a situação em que me deixa? Devia sentir vergonha!

Lorién fez cara de estar desolado e começou a gaguejar uma desculpa e ai ela rompeu a rir às gargalhadas.

–Que bobo divertido é você – riu.

–Então você não está zangada? – disse ele surpreso e aliviado.

–Como vou estar zangada, bobo? – riu novamente ela. Adoro você! – e voltou a segurar ele para terminar o beijo interrompido.

Desta vez ninguém atrapalhou o prazer dos dois desse longo e desejado beijo.

–Sou o homem mais feliz da Terra! – disse Lorién ao ouvido dela.

E ela, comovida, respondeu:

–Eu também Lorién, eu também, nem pode imaginar o quanto sou feliz – batendo de leve na cabeça dele e rindo. Vamos comer que a comida vai esfriar. Você se distrai do importante com qualquer coisa.

–Importante? – murmurou ele meio confuso.

–Eu te amo, bobo! – com outro beijo. Não quero viver sem você! Só levo susto e sobressalto desde que te conheço. Desde que você chegou a paz sumiu junto com a vida calma, que calamidade de homem! Venha e me de outro beijo, seu atrapalhado – dando-lhe outro beijo. Onde será que você aprendeu a namorar? – dizia ela indignada, enquanto lhe dava mais um beijo.

Ora, e fica assim, imóvel, feito um panaca, em lugar de me abraçar. Não tem jeito, ou vai muito rápido ou muito lento, que desastre! – enquanto se deixava abraçar por Lorién que não dizia nada, mas tinha um sorriso de felicidade como nunca antes teve.

Assim ficaram em silêncio, felizes, desfrutando o momento único. Finalmente Zule recuperou o fôlego.

—Então, está me dizendo que um ano atrás você gastou todo o dinheiro que tinha comprando um quadro?! Pois é. Está claro que terei que assumir as finanças porque você é um inútil! — exclamou feliz —, e se não fosse porque se lembrou do maldito quadro nunca nunquinha é que eu ia ganhar um beijo?! Nada de iniciativa, não? Enfim, para isso estou eu! Obvio que você só acumula problemas e confusões, ainda não o vi fazer nada de produtivo. A sorte de vocês é que existimos nós, as mulheres!

Lorién continuava em silêncio e feliz abraçando-a, com um sorriso de idiota, desejando que esse momento eterno nunca acabasse.

—Bom, fala alguma coisa! — o cutucou ela enquanto se aninhava em seus braços — embora, pensando bem, melhor que fique calado... — ria ela flutuando no colo dele.

Passaram as aeromoças recolhendo as bandejas de comida.

—Que felizes se vem os dois.

—Sim, — disse Lorién com os olhos brilhando e seu sorriso amplo.

—Sim, — disse Zule — apesar deste senhor, kkk.— riam os dois.

Quando as aeromoças foram embora Zule comentou:

—Bom, embora não possa levar a sério nada do que você fala, realmente é incrível o que comenta do quadro. É verdade que se parece comigo?

—Sim, é você, sem dúvida nenhuma. É tua forma de ser, não sei como, mas está refletida no lenço. O autor disse para mim: *a arte tem dessas coisas, ela bate em lugares dentro de nós que não sabemos descrever com facilidade, às vezes bate em coisas do passado, da primeira memória, quando apenas tínhamos um ano, quer dizer, gera sensações cenestésicas porque ainda não há pensamentos e quase nem imagens. Outras vezes ela move coisas do futuro, coisas que ainda não vivemos, mas que de alguma forma algo dentro de nós reconhece isso que vem. Outras vezes, move e conecta com estados de consciência não habituais para os quais não temos as palavras.* Claramente algo de extraordinário aconteceu primeiro com o artista que plasmou na tela alguém que não conhece e depois comigo, que reconheci algo que ainda ia suceder no futuro. Neste caso alguém, e que grande esse alguém! — riu.

—Vamos ver — disse Zule e começou a recitar:

Às vezes, tenho me adiantado a fatos que depois vieram a ocorrer.

Às vezes, tenho captado um pensamento distante.

Às vezes, tenho descrito lugares que nunca visitei.

Às vezes, tenho contado com exatidão o sucedido em minha ausência.

Às vezes, uma alegria imensa tem-me envolvido.

Às vezes, uma compreensão total tem-me invadido.

Às vezes, uma comunhão perfeita com tudo tem me extasiado.

Às vezes, tenho rompido meus devaneios e visto a realidade de um modo novo.

Às vezes, tenho reconhecido, como se visse novamente, algo que via pela primeira

vez.

...E tudo isso me tem dado o que pensar. Dou-me conta de que, sem essas experiências, não poderia ter saído do sem-sentido.

–O que é isso? – perguntou Lorién.

–É um texto que Federico me deixou, chama-se *Suspeita do Sentido* – respondeu ela. É obvio que nossas capacidades mentais estão praticamente sem desenvolver nem explorar. Todos já tivemos em algum momento experiências extraordinárias ou não habituais.

–Sim – disse ele –, eu já tive varias de essas que descreveu, deixam a gente refletindo, como se o psiquismo entrasse em outra frequência por um tempo e esse tipo de experiência faz com que a gente questione *a realidade*. Corretíssimo o titulo ‘Suspeita do Sentido’, porque essas experiências fazem com que a gente suspeite que seja possível funcionar de outra forma, perceber a realidade de outra forma, ter clareza de que a gente não é um troço de carne se mexendo no mundo..., que a gente é algo mais, muito mais do que isso... É como nas experiências com a Força, a gente percebe a si mesmo de outra forma, tem outra visão de si e da realidade. Muito interessante!

Ficaram refletindo em silencio um tempo.

–Federico te instruiu bem – disse Lorién.

–Sim, e me deixou muito trabalho, materiais e exercícios para eu me instruir em sua ausência.

–Voltando a Federico, agora que temos conosco a Disciplina Material, vamos a Cusco, para encontrar a segunda Disciplina, a Energética, certo?

–Isso – disse ela.

–Por que Istambul, por que Cusco?

–Boa pergunta. Eu não sei exatamente, mas suspeito que sejam lugares que já foram centros do conhecimento onde se deram momentos humanistas. Lembra que Bizâncio, o nome inicial da atual Istambul, concentrou todo o saber do Império Romano mais todo o saber acumulado da Alexandria. Quando esta foi tomada pelos cristãos esvaziou-se de sábios, estudiosos e cientistas que migraram para Bizâncio. Como vê, os motivos sobram para ser um dos lugares escolhidos para a Disciplina Material. Em relação a Cusco, foi algo parecido, mas na América do Sul. Foi o centro de um grande Império, e dois de seus Incas instalaram Momentos Humanistas: Cuzi Yupanqui, mais conhecido como Pachacútec e Túpac Yupanqui. Cusco é considerada a Roma de América. Dizem que é a cidade habitada mais antiga da América e capital administrativa e espiritual do Império Inca, ou América do Sul. O Império se estendia desde o Equador até o Sul do Chile. Suficientes argumentos, verdade?

–Sim, acho que sim. Como encontraremos o Professor em Cusco?

–Não sei dizer. Quanto mais pessoas souberem, maior será o risco.

–Certo – concordou Lorién –, mas se chegasse a acontecer algo com você, eu não teria forma de me comunicar com ele...

–Mmmm – disse pensativa –. Acho que você tem razão. De fato, quando chegarmos a Lima, será bom desembarcar separados e nos juntarmos na rodoviária. Temos sido imprudentes e não podemos voltar a sê-lo. Eles nos buscarão juntos. Isto nos dará uma oportunidade, caso nos estejam esperando.

—É o mais prudente — concordou ele novamente. Embora todo o meu ser se revele contra isso. Agora que te achei, sinto-me mais feliz que nunca e pensar em nos separarmos e não saber o que aconteceu com você será insuportável.

—Pois é, comigo é igual — disse ela —, mas é o mais prudente — suspirou pensativa.

Depois de instantes de reflexão comentou:

—A Protetora neste caso chama Charlotte James. Tem um sebo na rua Heladeros 135, no centro histórico de Cusco. A senha é *transmutação*. Quando aterrissarmos eu sairei primeiro e você o fará com os últimos. O primeiro a fazer é trocar dinheiro. Depois cada um pegará um táxi e se encaminhará para o terminal de ônibus Cruz del Sur. Ali nos encontraremos no café. Poderíamos ir de avião, seria mais rápido, mas os aeroportos são mais controlados. Na rodoviária tiramos as passagens juntos. Os ônibus saem de tarde e chegam pela manhã.

Esperaremos o outro somente quatro horas, caso não apareça nesse tempo quer dizer que foi pego. O outro terá que seguir seu caminho. Nesse caso, será mais prudente comprar a passagem para outra cidade, como Nazca, por exemplo, e só ali pegar o ônibus para Cusco. Também seria bom mudarmos o aspecto. Antes de pegar o ônibus em Lima, perto da estação tem umas lojas de roupa. Mas não pensemos nisso agora — disse Zule —. Tenho certeza que tudo ira bem e nos encontraremos na rodoviária sem problemas.

—Eu também — disse Lorién com um sorriso.

Aos poucos voltaram para seu animado e meigo ritmo de conversa. Tinha tanta coisa que queriam saber um do outro, que as perguntas não tinham fim, e se interrompiam mutuamente com abraços e beijos no meio. Até que passou novamente a aeromoça com o carrinho do jantar.

—O tempo passou voando — disse ela com um bocejo — e parece que já estou com sono outra vez.

—Você é uma dorminhoca e uma comilona, isso é que acontece, não vai poder sair do avião, não vai passar pela porta — brincou ele.

—Você queria uma magricela, devia ter comprado outro quadro! kkk.

Finalmente adormeceram abraçados e felizes.

Horas depois as luzes acenderam e foram acordados para o café da manhã.

—Em mais uma hora estaremos no aeroporto de Lima — comunicou o comandante da nave.

—Lorién bocejou esticando o corpo. Acorda, dorminhoca! — disse a Zule —, sacudindo-a com carinho.

—Que cara molesto! Não deixa dormir, nem viver, nem respirar. Está explicado porque não tem namorada... — riu ela de bom humor.

—Passamos o tempo todo comendo e dormindo — disse ele, compartilhando os risos. Aqui vem o desjejum.

Comeram fazendo piadas e quando terminaram o comandante falou novamente, convidando a ajustar os cintos para descer no aeroporto de Lima no qual

pousariam em minutos. Aproveitaram para ir ao banheiro e rapidamente a nave pousou sem inconvenientes.

–Tenha cuidado, Lorién, não me faça ficar nervosa! Se algo acontecer com você vou te matar! – disse ela sacudindo-o energicamente.

Beijaram-se e se abraçaram longamente. Despediram-se com um sorriso e os olhos cheios de lágrimas.

–Te amo, se cuida – disse Lorién enquanto ela se afastava no corredor, sentindo um nó na garganta e uma espécie de desgarro interno.

CAPITULO IV – LIMA

Aprende a resistir à violência que há em ti e fora de ti

Lorién esperou até a maior parte dos passageiros descerem do avião para ele fazê-lo. Quando o fez já não conseguia ver Zule. Andou até a polícia onde tinha uma grande fila. Conseguiu ver Zule que passava sem problemas. Após dez segundos foi a vez dele. O funcionário olhou para ele e carimbou o passaporte. Lorién sentiu alívio.

–Esta tudo bem – pensou já mais tranquilo.

Buscou o banheiro e lavou o rosto e as mãos. Tirou a peruca e jogou no lixo. Saiu da zona de trânsito e perguntou por um lugar para trocar dinheiro. Trocou mil euros em soles, a moeda peruana.

Teve a impressão de estar sendo observado por um par de sujeitos, mas não deu bola. Foi ate o ponto de táxis e de pronto sentiu uma presença perto dele. Olhou e viu que eram aqueles sujeitos que o pegaram pelo braço colocando uma arma no seu peito, dissimulada embaixo da roupa.

–Fica quieto ou te mato aqui mesmo. Não diga nem uma palavra – disse um dos caras com acento peruano.

Tentou se desvencilhar, mas os caras eram fortes e o revolver apertou mais forte contra seu peito.

–Outro movimento e disparo. Somos policiais, não acontecerá nada conosco, mas você vai ficar como um terrorista do Sendero Luminoso que resistiu a prisão.

Saíram do aeroporto e entraram num carro azul escuro com os vidros escuros. Uma vez dentro, Lorién viu que tinha mais dois homens no carro.

–Tem certeza de que é ele? – perguntou o que estava no banco do carona. Parece diferente da foto.

–Acreditamos que sim.

–E a companheira?

–Não sabemos se saiu antes ou depois. Se foi antes não a vimos. Se saiu depois é possível que Horacio e German a peguem.

O copiloto pegou o radio e falou.

–Horacio, temos o rapaz, copia? Temos o rapaz.

–Sim, chefe, copio alto e claro.

–Viram a garota?

–Ainda não.

–Fiquem ai até que apareça. Revistem os banheiros de mulheres, elas sempre demoram nesses quefazeres.

–A sua ordem, chefe – respondeu Horacio.

–Onde está tua companheira? – perguntou o chefe.

—Não sei do que esta falando. Estou viajando sozinho — disse Lorién com cara de surpreso enquanto pedia internamente para que não pegassem a Zule, sentindo um medo profundo. Não me espere Zule, corra, corra rápido, por favor, que não te peguem. Dá muita pena não voltar a ver você, mas a felicidade que já me deu nestes dias será o meu passaporte para a eternidade. Obrigado, minha amada! — dizia em seu interior —. Tinha esquecido a missão e estava completamente aterrorizado, mais por Zule do que por ele mesmo. Foi invadido por um grande temor de que a pudessem torturar e machucar.

—Não se faça de sonso, sabemos que viaja com essa Zuleima, quanto antes nos dizer a verdade menos vai sofrer. Onde está sua amiga? — perguntou de novo com dureza.

—Não sei do que esta falando, de verdade.

O chefe fez um sinal para um dos policiais atrás e ele deu um murro que o deixou atordoado, com um zumbido na cabeça.

—Não se faça de difícil. Seja um bom rapaz — diz o chefe com tom de afeto —. Onde está?

—Já falei que não sei do que está me falando, exijo que me leve à embaixada da Espanha.

O chefe fez outro gesto quase imperceptível e deram-lhe um tremendo soco no estômago que lhe produziu muita dor e falta de ar.

—O que acham?— disse com ironia para seus colegas. O rapaz quer ir para a embaixada da Espanha. Com certeza estarão te buscando por falsificação de documentos. Caso te entreguemos a eles, coisa que duvido muito se não cooperar, te esperam vários anos de cadeia. Está difícil, rapaz!

—Bem, vamos para o refugio. Lá o amaciaremos — disse o chefe com tom sinistro enquanto o carro partia cantando pneu. Aqui não temos os instrumentos para fazer o trabalho fino que precisamos, já que o garoto não quer colaborar.

Lorién estava completamente apavorado além de dolorido e ainda tonto pelos golpes. Tentou conectar com sua respiração baixa, mas foi muito esforço. O temor e o golpe lhe dificultavam ampliar a respiração que sentia estrangulada e curta. Finalmente começou a consegui-lo, fechou os olhos para estar mais concentrado e começou uma experiência com a Força.

Imediatamente sentiu um forte murro no rosto que fez dançar sua mandíbula e rasgou os lábios, deixando-o meio apagado.

—O que pensa que é isso, um passeio? O senhor acha que pode dormir quando quiser e relaxar como se fosse uma viagem de prazer? — disse o chefe —. Espera que cheguemos ao refugio para ver como é. Aqui não gostamos dos espanhóis que nos fizeram merda, nos escravizaram, levaram nosso ouro, destruíram nosso mundo. Quinhentos anos de massacres e roubo. Você espera que estejamos agradecidos porque vocês, safados de merda, vieram para nos civilizar? — cuspiu as palavras com raiva.

Apesar da enorme dor que sentia na cabeça, na boca e no estômago, o único que o tocava era o sofrimento e o ressentimento daquele homem, lhe produzindo

uma grande compaixão. A compaixão e o amor o foram preenchendo de tal forma que o temor desapareceu. Agora olhava para os quatro e sentia o mesmo.

–Quantas pessoas sofridas no mundo! – pensou enquanto começava a chorar por eles, transbordado pela consciência de seu profundo sofrimento.

–Ao que parece o rapaz já não se faz de durão – disse o chefe olhando para as lágrimas de Lorién. Está com medo, não é, sacana? Daqui a pouco vai estar se borrando nas calças, escutou, seu filho de uma puta?

Lorién sentiu como a Força o invadia, enchendo-o de afeto e bondade para essas pessoas, seu sofrimento interno, negado e anestesiado por tantos anos, chegava a ele nítido e direto ao coração, chorava por eles.

–Sinto tanto – disse entre soluços.

–Olhem a criança, como chora. Em breve se mijará nas calças – comentou com seu riso de lobo. Agora não faz de macho, agora sacou que a situação é difícil. Diz que sente muito o filhodumaegua! Agorinha sim que vai sentir! – reforçou o chefe.

–Sinto de coração – disse de novo Lorién–, sinto tanto que estejam sofrendo dessa forma. Se minha dor e meu sofrimento puderem diminuir em algo o de vocês, vão enfrente. Só quero que deixem de sofrer, dói demais a dor de vocês – voltou a dizer entre lágrimas.

–Mas, o que se passa com este cara? Está mal da cabeça? Aqui o único que vai sofrer é você, entendeu? – disse o chefe fazendo um sinal ao policial de atrás, que de novo o socou na costela.

Lorién se dobrou pela dor enquanto olhava dentro dos olhos do policial com amor e um afeto que começou a mexer com o chefe o deixando inseguro. Sentiu-se olhado no mais profundo de sua consciência e algo se mexeu nela, uma lembrança distante de criança, que ele nem sabia que tinha e que veio com uma terrível dor, com grande sofrimento. É como se tivesse tocado no núcleo de sua dor. Quase se soltaram as lágrimas e teve que dissimular olhando pela janela, enquanto gritava com voz estridente e descontrolada:

–Calem esse infeliz!

–Todos no carro ficaram chocados, todos estavam tocados pelo garoto indefeso, que os fazia sentir como crianças de peito a seu lado. Todos pigarrearam para afrouxar o nó da garganta e a vontade de chorar enquanto continuavam em silêncio, cada um olhando por uma janela. Ninguém era capaz de olhar nos olhos de Lorién, que cada vez sentia com mais força o sofrimento desse pessoal e a enorme compaixão que espontaneamente sentia por eles. Não importava morrer, se com isso pudesse ajudar a amenizar seu sofrimento.

Chegaram finalmente a uma casa de bairro na periferia de Lima e desceram Lorién do carro apressados, evitando olhar nos olhos dele e olhar-se entre si.

–Sinto tanto, tanto – voltou a murmurar Lorién.

O chefe não aguentou mais, deu um chute em um de seus subalternos e gritou com ele sem poder evitar que as lágrimas lhe corressem pelo rosto.

—Leve-o ao açougueiro para que o amacie. Eu vou ao banheiro.

E saiu correndo enquanto os outros três olhavam cada um para um lado, tocados profundamente e com o coração na boca, sentindo que se afogavam com o nó na garganta e a desesperada vontade de chorar aos berros que sentiam.

O policial que recebeu o chute empurrou suavemente Lorién para frente, quase pedindo desculpas.

Entraram na casa e desceram até o porão. Ali o policial bateu à porta. Abriu um cara enorme com o rosto um pouco desfigurado, que, ao vê-lo, sorriu com crueldade. Olhou para Lorién e disse:

—Opa, trazem um cordeirinho, já vem chorando avessa, mas não acredite que por chorar vai receber menos do que merece. Quando me enviam alguém para que amacie, eu o amacio. Já vai saber o que é gritar e chorar de verdade — ria com sua expressão de loucura e crueldade.

O policial que tinha conduzido Lorién deu a volta sem dizer nada e correu escadas acima entre gemidos pouco audíveis.

—Que estranho está meu parceiro hoje — disse o açougueiro vendo-o ir embora. Entra, entra — sorriu torto se dirigindo a Lorién —, você é o convidado de honra — comentou com cinismo, enquanto ria e segurava a cabeça de Lorién para que o olhasse aos olhos. Olhe bem para mim, vai se lembrar de mim pelo resto de tua vida — rugiu com seu riso demente.

Lorién olhou para ele profundamente e conectou com o sofrimento que estava oculto sob muitas camadas de memória e atrás dele conectou com um fundo de delicada sensibilidade.

—Não me engana. Você também é Deus! — lhe disse entre soluços, sem saber por quê.

O torturador ficou imóvel, olhando para Lorién, como se tivessem dado uma paulada na sua cabeça, sentindo o olhar no mais íntimo de seu ser, no mais delicado de sua oculta sensibilidade. Abaixou o olhar, envergonhado ante aquele profundo e compassivo olhar.

—O que foi que disse? — disse com voz suave e cortada, totalmente mexido.

—Que você também é Deus, que vejo em você o sagrado, vejo esse ser lindo que leva no seu interior e que sofreu tantos e tantos anos e precisa se libertar. Necessita que o deixe sair, que se reconcilie consigo mesmo, que entenda que foi um erro o que se passou há tantos anos e que você não teve culpa; e, se teve, já pagou demais por isso. Volta para casa — o abraçou e o torturador desmanchou em seus braços. Hoje decreto tua liberação e que a vida volte a habitar em ti.

O homem caiu de joelhos chorando aos berros, agradecendo a Lorién. Sentindo como esse terrível sofrimento que levava escondido tantos anos saía finalmente transbordando, ao tempo em que via como de Lorién brotava uma força purificadora que ia preenchendo todo seu interior, fusionando-se e integrando o terrível sofrimento ate fazê-lo desaparecer, purificando-o completamente.

—Não sei o que você fez comigo, mas obrigado, muito obrigado — dizia com seu rosto transfigurado e luminoso aquele que até poucos minutos atrás tinha sido

um torturador. Agora você tem que ir, mas necessito que me bata na cabeça para que possa dizer que você fugiu e que me bateu num descuido. Me bata forte com essa barra de ferro que tem aí.

—Não posso fazer isso, vai contra tudo que sinto dentro de mim. Prefiro morrer antes que te bater! — exclamou Lorién, pesaroso pelo pedido.

—Tem que fazê-lo por mim. Caso contrário, quando chegarem vão me torturar até a morte. Você não sabe o tipo de pessoas que têm atrás de você. Por favor — implorou.

Lorién sentia-se desolado, com uma terrível contradição dentro. Por uma parte, isso ia contra tudo o grande e bom que tinha ido crescendo nele nas últimas semanas e, sobretudo, na última hora. Por outra parte, entendia o que esse homem dizia. Finalmente compreendeu que era o mal menor, dentro da terrível contradição à que estava submetido e que o imobilizava.

—Perdoa, me perdoa! — rogou, enquanto pegava a barra e batia forte na cabeça do homem. Tinha razão, meu amigo. Nunca te esquecerei — murmurou afetuosamente beijando a testa golpeada, com os olhos cheios de lágrimas.

Saiu cambaleando do porão. Estranhamente não achou ninguém no caminho. Saiu na rua e um táxi se lançou até ele, e quando ia pular para um lado uma voz lhe disse:

—Sobe no carro.

Não podia acreditar, era Zule! Ele entrou no carro que partiu veloz.

—Esta bem, Lorién? O que fizeram com você? — dizia Zule abraçando-o e chorando de alívio e preocupação ao mesmo tempo, pelo mar de lágrimas de Lorién e o aspecto ruim que mostrava com o rosto meio deformado por conta dos golpes e a comoção.

Lorién por sua parte a abraçou com força e a beijou com desespero entre soluços.

—Você esta bem, Zule! Você está bem! Obrigado aos céus, está bem! — repetia com um louco.

—Sim, meu amor, estou bem, mas você, como está? Estava tão preocupada... Te fizeram muito dano? Torturaram você? — o acariciava com delicadeza, pensando que chorava de dor.

—Você diz por isso? Não, isso não é nada, nada de nada. Só que é terrível conectar diretamente com o sofrimento humano. Pobre gente, que maneira de sofrer, quanta dor, tão tremendo...

—Mas do que está falando? A quem se refere? — perguntava surpresa.

—Aos policiais — disse com pesar.

—Que? — exclamou ela incrédula. Não entendo nada, Lorién. Quer fazer o favor de me explicar do início, de forma pausada, com palavras coerentes para que possa entender? Parece que está traumatizado pela experiência.

Em meio da conversa o taxista que conduzia devagar perguntou timidamente:

—Desculpem que atrapalhe, mas para onde vamos?

—Perdão, José, este é Lorién — sorriu.

—Sim, já percebi isso. Oi, Lorién, um prazer te conhecer — cumprimentou cordial.

—Oi, José, obrigado por cuidar da Zule e por me acolher no táxi.

—José, vamos a Cusco e, do jeito que as coisas vão, acho melhor partirmos de imediato, o dinheiro não é problema.

—Para Cusco então. Se não pararmos amanhã ao meio-dia podemos estar lá.

—Quando se sentir cansado paramos em algum hotel ou hostel. Insisto, não se preocupe com o dinheiro.

Zule virou-se para Lorién, que já se notava mais tranquilo, olhando para trás.

—Não se preocupe, Lorién — lhe disse abraçando-o novamente, já não nos vão pegar.

—Não é isso que me preocupa, mas as terríveis vidas que essas pessoas levam.

—Bem, Lorién, outra vez peço que me conte tudo desde o início — disse preocupada.

Lorién começou a contar sua história, como tinha tirado a peruca no banheiro para ficar mais despercebido. Como o tinham pegado depois de trocar dinheiro bem na hora de pegar um táxi.

—Sim, eu já tinha parado o táxi de José e pedi a ele para esperarmos alguns minutos para ver se você estava bem. Então te vi aparecer com esses dois gorilas segurando você e suspeitei que um deles tivesse um revólver e vi como te empurraram para dentro de um carro com vidros escuros.

—Sim, e aí começaram a perguntar por você — prosseguiu Lorién — e ao negar que te conhecia me bateram várias vezes. Conheciam nossos nomes, não os dos passaportes, os autênticos.

Lorién contava tudo isso com o olhar perdido enquanto ela expressava sua surpresa uma e outra vez.

José parou o carro. Chorava sem poder se conter. Zule estava na mesma situação, olhava para ele com um amor e admiração totais. Olhava em silêncio, sem poder articular palavra, pela imensa emoção que a sobrepassava. Só conseguia acariciar a mão de forma torpe enquanto se ouviam os soluços de José que, com o rosto coberto, apoiava os braços no volante.

Lorién foi se tranquilizando e também Zule e José que olhavam para ele arrobados, conscientes de estar assistindo como testemunhas privilegiadas um verdadeiro milagre, algo impar. Sentindo o sagrado se expressar no mundo através de Lorién.

—Lorién — disse Zule ainda emocionada —, o que você conta é mesmo um milagre, é um verdadeiro prodígio. Você é como um meio através do qual o sagrado se expressa, com razão Federico te escolheu. Até agora não parou de fazer coisas incríveis, mas isso agora é demais, Quanto amor pelas pessoas! Faltam-me as palavras para descrever isso tão grandioso que se expressa através de você.

—Sim, é extraordinário — disse Lorién reflexivo —, ao que parece os seres humanos quando deixamos de lado o *eu* e o *para mim* facilitarmos que o sagrado ou o verdadeiramente humano se expresse no mundo. Eu me pergunto como é possível que do mortal surja o imortal, o sagrado? — Ficou em silêncio alguns instantes e se respondeu como desde muito adentro, desde longe—. Ou talvez devamos nos perguntar como é possível que o imortal gere a ilusão da mortalidade?

Ficaram os três em silêncio, abrumados pela grandeza do que Lorién, ou algo através dele, acabava de dizer, e pelas imensas implicações que se derivavam dessa pergunta—afirmação. Os três estavam conectados profundamente com o transcendente e o sagrado de cada um, sem pensar, só sentindo e vivenciando diretamente essa experiência excepcional.

Zule foi a primeira a falar.

—Eu preciso andar, sinto algo tão grande dentro de mim que se não me mexer acho que vou explodir...

E saiu do carro. Começou a caminhar de forma reflexiva. José a seguiu e finalmente Lorién. Andaram sem rumo como flutuando, alheios a tudo e depois de alguns quarteirões, como que de mutuo acordo, começaram a voltar para o carro, regressando também a um estado mais habitual.

—Com certeza o trabalho com as Disciplinas deve ser levado até esse espaço que chegamos a tocar agora, onde o tempo e o espaço são outros, onde não há *eu* e onde isso outro tão grande que somos aparece. Esse lugar onde está o sagrado em todos os seres humanos — disse pensativo Lorién.

—Por isso é importante preservá-las e velar para que elas cheguem a toda a humanidade, sem que uns poucos se apropriem delas e as usem para seus fins obscuros. Com razão nos perseguem com tanto afinco — refletiu Zule. E para isso contam com todos os meios: políticos, técnicos, policiais, econômicos e materiais.

—Eu estou absolutamente perplexo — exclamou José. Nem sequer poderia imaginar que existisse algo assim e pessoas como vocês, que coração enorme têm! Quanta coragem, apesar da pouca idade. Realmente me sinto a pessoa mais afortunada do planeta por ter conhecido vocês e por me fazerem experimentar estas coisas enormes. Depois disto tudo que vivi nada será como antes — afirmou com total resolução, profundamente tocado. Muito obrigado — disse com uma sentida inclinação em respeito.

—Obrigada a você, José, pela tua sensibilidade, a valentia e a ajuda — expressou com afeto Zule tomando-o da mão. Ela ficou pensativa alguns instantes. — É melhor não falar mais do que vivemos — comentou — porque dilui a experiência e no que tange a mim, eu quero guardá-la em meu interior para sempre. Como diz O Caminho:

Não deixes passar uma grande alegria sem agradecer em teu interior

Não deixes passar uma grande tristeza sem reclamar em teu interior aquela alegria que ficou guardada.

—Você tem razão — concordou Lorién. Eu sou profundamente grato por ter podido experimentar o sagrado e o divino em mim. Aos poucos vou aclarando o que

Federico comentava sobre a gente ter dentro um Deus interno que se tem que libertar. Como estava certo! – exclamou com a força da certeza.

–Bem, então passemos para coisas práticas – disse Zule olhando para José –, porque para fazer bobagens Lorién é fantástico, mas para resolver coisas práticas é um completo inútil – sorriram os dois e José olhava confuso, sem entender a mudança de tom.

–Não sabe como senti saudade de você, Zule – disse Lorién abraçando-a com afeto. Pedi tanto que estivesse bem, que corresse para longe dos que nos perseguiram... Parece que estou falando faz meses e apenas se passaram... – olhou para o relógio –, duas horas! Não é possível! – exclamou assustado.

–Eu tenho a mesma sensação – disse José timidamente. Que estranho é isto do tempo.

Os três ficaram pensativos.

Depois Zule falou:

–Vamos, vamos! Agora em lugar de um, tenho dois palermas. É que não há nenhum homem com algo de bom senso e iniciativa própria? Que desastre! E me tocam a mim os piores! – riu.

José olhou para Lorién, piscando os olhos e com cara de não entender muito enquanto Lorién morria de rir ao ver sua expressão.

–Já vai se acostumar a Zule e seu senso do humor. Cada qual com sua cruz – disse suspirando e pondo os olhos em branco, enquanto morria de rir novamente.

Zule, por sua parte, com expressão de dignidade ofendida, respondeu:

–Está vendo José, a gente se preocupa com ele, salva sua vida, tenta que ele não se meta em confusão a toda hora e assim é como ele paga. Não espere muito deste senhor, só respostas sem graça e de mal tom.

José continuava perplexo, mas aos poucos começou a rir.

–Que fantástico par fazem vocês! – disse, entre surpreso e risonho.

–Caso o senhor tenha acabado de se queixar – disse Zule para Lorién –, podemos entrar nos temas práticos. Temos que comer, agora percebo que tenho a fome de um leão. Depois, podemos comprar algumas roupas para mudar o nosso visual.

–José, conhece algum sitio perto para comermos?

–Sim, é claro! Estes são meus domínios! – disse ele com convicção.

–Vamos então – coincidiu Lorién – e me contam o que rolou com vocês, como se encontraram, como foi que vieram me buscar?

–Já vê, ele é um controlador e um ciumento! – dizia Zule para José se mostrando indignada. A gente não pode ter vida própria, o que acha do místico que nos tocou em sorte?

José sorria ante os comentários de Zule, a quem já lhe ia sacando o jeito e o humor. Ficava doido com a capacidade dos dois de passarem em um segundo de um tema profundo e sagrado para outro leve e superficial. Zule ria com os olhos.

Subiram ao táxi e José os levou para um restaurante próximo e pequeno, mas muito agradável e limpo.

–Atendem os próprios donos – disse. Eu os conheço. Pedirei o estojo de primeiros socorros para cuidar de seu rosto. Bom dia, seu Mario – cumprimentou um senhor de aproximadamente sessenta anos, com rosto sorridente e olhar bondoso que veio atende-los.

–Olá, José, quanto prazer, tinha tempo que não víamos você aqui.

–Sim – respondeu ele –, tenho estado bem atarefado ultimamente. Como estão as coisas por aqui?

–Tudo muito bem, obrigado. Afortunadamente o restaurante se mantém e nós estamos com boa saúde. Maria esteve com a perna com reumatismo semanas atrás, mas não foi nada, coisa da *foiembo*.

José ria e, vendo que Lorién e Zule não entendiam, lhes explicou a piada – *A juventude foi embora*, hahaha. – Riram todos.

–Vejo que vocês não são de aqui – disse seu Mario

–Não. Viemos da Espanha – disse Zule piscando o olho para Lorién.

–Ora, sejam bem-vindos. O que vão querer? – perguntou seu Mario.

–Dom Mario e a senhora, Maria, são de Tarapoto, da Amazonia Peruana. E a Dona Maria tem uma mão especial para o que aqui chamamos de comida da selva – explicou José. Seu Mario, posso incomoda-lo pedindo que me empreste seu estojo de primeiros socorros? O meu amigo levou um tombo e bateu no rosto, olhe como ficou.

–Mas claro! Agora lhes alcanço. Maria, onde tem os primeiros socorros?

–Melhor eu busco, você nunca encontra nada – se ouviu a voz desde adentro

–. Aqui está!

Seu Mario saiu com o estojo e lhes entregou.

Lorién fez gesto de pegá-lo, mas Zule o arrebatou.

–Anda, sai, sai que você não sabe fazer nada.

Foram para o banheiro masculino e Zule limpou e curou Lorién no lavatório.

–Olha só como te deixaram a boca, além do olho inflamado. Está elegante! Tudo por ir com teus amiguinhos ao invés de esperar tua noiva. Quanto me custará terminar de criar-te! – dizia ela entre risos. Ele olhava com seus olhos cheios de amor, finalmente deu um suave beijo.

–Sai para lá, sempre termina se aproveitando desta pobre mulher. Aproveitador, você é um aproveitador – dizia ela com falsa indignação enquanto Lorién ria feliz.

–Voltaram para a mesa e devolveram o estojo para seu Mario.

–Que tem de bom para comer? – perguntou José.

–Temos plátanos recheados, Juanes de yuca e tacachos com cecina.

Zule e Lorién cruzaram olhares e encolheram os ombros.

–A verdade é que gostaríamos de experimentar os três pratos, nos traz um de cada, por favor, – disse Zule.

–Boa ideia – apoiou José –, e comemos os três.

–E para beber? – Seu Mario voltou a perguntar.

–Para mim uma Inca–Kola.

–O que? – perguntou Lorién.

–Inca–Kola – repetiu José – é um refrigerante peruano.

–Pois eu quero o mesmo – disse ele.

–Eu também – disse Zule.

–Três então. Já volto com seus pedidos.

–Morro de curiosidade para experimentar tudo – disse Zule.

–Eu também – concordou Lorién.

–Tá, já saiu o invejoso! Está vendo, José? Gente assim, sem iniciativa, com eles não se pode ir a parte alguma – brincou ela.

José agora ria com vontade.

Trouxeram as Inca–Kolas, umas bebidas de cor amarela e sabor refrescante e saboroso.

–Bom, me conte, José, como é que foi se meter com Zule nesta confusão? Ela é uma enroladora de primeira, não?

–Opa! Muito cuidado com o que diz! – disse Zule. Onde já se viu! Insolente...

–Pois não sei bem por onde começar – disse José pensativo. É tão estranho tudo que acontece com vocês – comentou coçando a cabeça. Não tem nem duas horas que os conheço e já se passaram tantas coisas extraordinárias, que parece que faz muito tempo que Zule entrou no carro no aeroporto. Era uma corrida até a rodoviária Cruz del Sur. Ela entrou e pediu que esperássemos um pouco por um amigo dela. Dez minutos depois ela disse: *Ai vem ele, já podemos ir*, e, de repente, os dois gorilas pegaram você pelas costas e te enfiaram num carro. Zule disse para segui-los. Eu duvidei, porque era obvio que eram policiais e eles não são de conversas. E pensei que se o tinham detido seria por algo, não? Finalmente uma voz interna, uma intuição, eu acho, me disse para lhe dar ouvidos. Os dois pareciam tão jovens e com cara de ser boas pessoas que era difícil pensar que tivessem feito algo de mau. Então me decidi e fui atrás deles. Perguntei por quê os perseguiam e ela me disse que você era uma espécie de mensageiro que ia pelo mundo ajudando as pessoas para que se organizem e juntos possam resolver seus problemas, que a isso o chamam Projetos de Apoio Humano ou algo assim, e que isso é a diferença entre dar o peixe para as pessoas que quer ajudar ou ensina-las a pescar. Disse que são projetos que devolvem a dignidade às pessoas e que por onde você passa ficam pessoas querendo fazer parte dos projetos e trabalhar articuladas em redes locais, conectadas com redes nacionais e internacionais. Seria somar a experiência de todos, não é preciso que em cada canto do planeta descubram o café com leite. Com um que o invente é suficiente, a informação chega a todos os demais. Estes projetos trabalham com elementos de desenvolvimento pessoal e tem como slogan a transformação pessoal em função da transformação social. Nem sei se entendi direito – disse com certa timidez, olhando para Zule.

–Entendeu direitinho. O está expressando melhor do que eu – disse Zule. E se dirigiu a Lorién com um: “para você aprender!”.

Lorién sorriu divertido e não disse nada.

—Eu gostei muito do que contou, Zule — continuou José —. Em meu país temos passado por muitas crises e tem tanta pobreza que me estremece. Sempre quis fazer algo para ajudar a minha gente. De fato, sempre estive metido em projetos para ajudar outros, mas acho que eram muito paternalistas, as pessoas que eles queriam ajudar ficavam na mesma quando a ajuda acabava, ou então os voluntários éramos bobos úteis dos que as ONGs se aproveitavam para lucrar com a pobreza. Então, isto que Zule falou é exatamente o que esse pessoal mais vulnerável precisa. Quando me contou sobre os projetos, minha simpatia por Zule e você aumentou e minha decisão de estar fazendo o certo ficou confirmada. Já não tinha dúvidas. Ajude esses rapazes como puder — pensei —, pessoas com esse espírito não se encontram todos os dias. Aliás, eu tinha muito interesse em entender melhor esses projetos para poder leva-los até meu pessoal.

—Mas, Zule, por que fez isso de me esperar e me seguir? Não tínhamos combinado o contrário? Foi por isso que nos separamos, e foi sua ideia.

—Está vendo, José? Este homem não fica feliz com nada — disse um pouco corada. A verdade é que você tem razão, mas tive um palpite, uma sensação de que devia esperar e depois, quando te levaram preso, de que devia te seguir. Não era só porque te amo profundamente. Era algo mais. Ao longo dos anos eu aprendi a escutar minhas intuições, sempre as decisões que tomo desde aí me levam por bom caminho, ao contrário, quando não as observo, as coisas acabam mal. Assim é que, apesar do acordo que tínhamos, decidi seguir o meu palpite. Não é para ficar tão chateado! — disse ela sacudindo a cabeça e puxando nervosamente sua roupa.

—Claro que não, Zule, muito obrigado por seguir sua intuição, nem sei o que teria feito na situação em que estava, caso não tivessem me achado — disse tomando a mão dela carinhosamente. Eu te daria um beijo enorme, mas dói muito a minha boca.

—Caramba, é de não acreditar, até que sabe agradecer.

—Te quero, Zule — disse sério, olhando no fundo dos olhos dela.

—Não faça isso — se mexeu ela nervosa —, que vai me fazer chorar, bobo! Vê, José, ele está sempre causando incômodo.

—Você é a minha heroína — reafirmou Lorién.

—Bom, agora chega. Segue, José, porque se depender de Lorién não terminaremos nunca. Vê o que digo, ele é pouco prático! — e voltou a rir.

—Que belo par fazem vocês — disse José olhando para eles embelezado. Bom, depois de um tempo seguindo o carro vimos que se dirigiam aos subúrbios e chegaram a uma casa onde se detiveram. Nós passamos pela frente sem parar para não levantar suspeitas, mais adiante voltamos e viemos lentamente. Vimos que todos estavam muito estranhos, gritando, fora de si, alguns com lágrimas nos olhos. E outro levava você para dentro com algo que parecia respeito e um temor reverencial que chamava a atenção. Vimos também que você tinha sangue no rosto. Não tínhamos ideia do que estava acontecendo, mas não parecia boa coisa. Estacionamos perto para ver o que rolava e ficamos esperando. Ali estávamos os dois em silêncio, nos sentindo impotentes e sem saber o que fazer.

—Eu queria sair correndo para a casa e perguntar qualquer coisa, mas José me convenceu de não ir porque podia agravar tudo. Poderiam me reconhecer e piorar as poucas possibilidades que tínhamos. Estava desesperada! — disse a ponto de começar a chorar —. Foram os minutos mais longos de minha vida, e aí, de repente, você saiu como se nada tivesse acontecido, andando numa boa. “Vamos”, gritei para José e ele arrancou no instante a toda velocidade.

—Eu pensei que seria atropelado, até que escutei a tua voz e o carro freou. Não entendi nada, como podias estar ali? Estava tão confuso que não sabia se era uma ilusão, um sonho ou quê. Sentia-me em choque.

Nesse momento chegou seu Mario sorridente com os três pratos.

—Aqui estão. Os deixo no centro da mesa e vocês veem como os repartem. Se quiserem posso trazer alguns pratos vazios para que se sirvam um pouco de cada.

—Se não for pedir muito, isso seria ótimo — disse Zule.

—Sem problema, minha filha, já os trago.

Ficaram olhando para os pratos e José falou: Eu sugiro que coma os plátanos recheados, tem carne picada e amendoim. E experimente as partes mais moles nos outros pratos.

—E este, o que é? — perguntou Zule.

—Estes são tacachos com cecina. Essas bolas que vê são de plátano. Ele é amassado fazendo uma espécie de purê e dentro leva torresmo ou toucinho.

—E esse outro?

—Estes chamam Juanes de Yuca. À Yuca ralada acrescentam galinha e cecina de boi e tudo misturado é envolvido nessas folhas e amarrado com cordas. É muito gostoso. Esse também vai agradar Lorién.

—Ataquemos, então — disse Lorién. Nossa! Que fome tenho! Parece que faz anos que não como.

—Só pensa em comer — respondeu Zule.

—Muito bom, que delícia, está ótimo — Zule e Lorién alternavam as expressões.

—Barbaridade! Acabamos com tudo em dois tempos, que bestas somos — disse Lorién.

—Pois é. Desta vez concordo com você. O que seu Mario vai pensar de nós? Não posso tirar você de casa, me faz passar vergonha. Terei que trancar você e levarte a comida na caverna — ria ela à custa de Lorién.

José olhava para eles maravilhado pelo bom humor, o afeto e a camaradagem.

—Está bem, a próxima vez serei mais medido — se desculpava Lorién, com pouco empenho.

—E que tal, o que acharam da comida? — perguntou seu Mario depois de ver que tinham comido tudo com vontade.

—Delicioso. Muito gostoso tudo. Muito obrigado — exclamou Zule. Podemos beber um café?

—Pois não — disse seu Mario.

—Eu prefiro um chá de ervas — disse Lorién.

—Isso, agora se faz de delicado, como se bebesse ervas!... Todo mundo está escandalizado com o vexame que está dando! A quem quer enganar agora? — ria às gargalhadas Zule com seu riso contagioso.

José não podia parar de rir, tinha os olhos cheios de lágrimas de tanto rir.

—Realmente vocês não passam despercebidos em parte alguma, ou por uma coisa ou pela outra — ria ele.

—Claro, é que com ele não se pode. Sempre chamando a atenção... Que mania! Se não faz um show não fica em paz. Mas é que vem de um povoado pequeno e o coitado não pode evitar se fazer notar, huahuahua — Zule se contorcia de tanto rir.

—Basta, vou ficar com dor no rosto e nos abdominais de tanto rir. Por favor, para — rogava Lorién, dolorido.

—Seu Mario, esperamos não ter afugentado os fregueses com o espetáculo que este senhor deu aqui — continuou Zule cutucando Lorién. Pode trazer a conta, por favor?

Dom Mario chegou com a conta e Lorién a tomou, mas Zule a tirou de suas mãos.

—Espia só o cara tentando parecer generoso. Se o deixarmos estará a tarde toda dando voltas sem pagar a conta. Não nos faça passar mais vergonha, por favor — e pagou ela. Fique com o troco, por favor, e muito obrigada por tudo. Já levamos a fera para que não siga assustando os fregueses hahaha. — desfrutava ela.

—Muito obrigado — disse Dom Mario—, foi um prazer tê-los em nossa casa. Na verdade fazia tempo que não tínhamos pessoas tão simpáticas e com bom senso do humor e ainda generosos. Muito obrigado, e a próxima vez que vierem será por conta da casa.

—O de simpático e bom senso do humor não o dizia por este, não? — ria ela.

José que estava bebendo água não segurou a gargalhada com a última expressão de Zule e jorrou a água da boca ao rir, molhando Zule.

—O que faltava, Lorién — disse Zule, com o gesto sério —, ganhou um colega. Pensei que com um já fosse o bastante, mas agora José também começa a fazer mérito. Não sei o que vou fazer com vocês.

O pessoal todo que estava no local e tinha seguido as brincadeiras e comentários riam sem poder parar, contagiados pelo bom humor dos três.

Zule olhou séria para Lorién e José e falou — que acham, já deram seu espetáculo e podemos ir ou pensam continuar?

Eles já não podiam se manter em pé do riso, embalados pelo resto do pessoal no restaurante. Até Dona Maria tinha saído para ver o que acontecia e estava secando as mãos no avental rindo com vontade.

Dom Mario a chamou.

—Desculpem, gostaria de lhes apresentar a minha esposa, Maria.

—Muito prazer — disse Zule beijando-a no rosto. Dona Maria não se preocupe que já levo estas pérolas para passar vergonha em outro lugar.

Dona Maria ria de bom grado.

Lorién abraçou a senhora dando dois beijos nas bochechas dela, que ficou meio sem jeito pela falta de costume. Zule estourou:

–Está vendo, Dona Maria, nem respeita as pessoas maiores, vê que é um aproveitador? O que tem este homem na cabeça? – ria ela, já sem dissimulo.

–Pois eu acho que é um rapaz muito carinhoso – disse a senhora.

–Pode pegar, dou de presente! – gritava Zule.

Terminaram de se despedir e saíram do restaurante com os cumprimentos de todo mundo.

Já no carro, Zule disse:

–Bem, agora que já chamaram bastante atenção temos que mudar de roupa, vamos ver se conseguimos passar despercebidos, porque com vocês é obvio que não se pode – ria com vontade. José, nos leve a algum lugar onde possamos comprar roupa normal, puxando para o cinza, que não se destaque.

–Se for para passar despercebidos, nem com roupa cinza, nem de nenhuma outra cor – riu José.

–O que quer dizer, que não fomos discretos no restaurante? – perguntou Zule com tom ingênuo. Eu achei que tínhamos passado completamente despercebidos – e começou a rir às gargalhadas. Bom, a partir de agora seremos mais moderados – terminou, morrendo de rir.

José sacudia a cabeça sorridente.

–Não tem jeito. São de verdade terríveis. Passam de conectar a gente com o mais profundo de si mesmo, pô-lo em contato com o espiritual, o mais elevado, para logo levar a gente ao mais mundano e ordinário.

–Assim é a vida, José, complexa, cheia de matizes. Assim é como somos os seres humanos. Necessitamos comer, rir, refletir, nos emocionar, nos inspirar, nos divertir, nos encontrarmos, etc. O humano não está em desacordo com o divino, como bem nos assinalou Lorién. O terreno não se opõe ao eterno – disse ela reflexiva. Contaram-nos as coisas de forma errada, nos enganaram nos estafaram. Sempre vistos como sermos isto ou aquilo. Ou é espiritual ou é mundano. É bom ou é mau. É alegre ou é triste ou sério... Somos isso tudo, José, tudo. Somos seres complexos e nossas certezas se expressam geralmente em paradoxos, não somos simples. Mas, os princípios sim que têm que ser simples e aplicáveis em qualquer cultura ou povo. De novo os paradoxos, está vendo?

–Sim, percebo – afirmou José. Também vejo que todas essas aparentes dicotomias foram criadas para nos controlar, ou está conosco ou contra nós, é isso ou aquilo. A realidade é uma para todos, a verdade é uma só, o dia se opõe à noite e vice-versa. Adoro que vocês vivam a vida em sua total integridade. Eu sempre tive a intuição que a vida não era como nos tinham dito... As culpas, os sacrifícios, as ameaças do inferno...

–A alegria, o amor ao corpo, à natureza, à humanidade e ao espírito, porque teriam que estar enfrentados uns com os outros se todos são necessários? – per-

guntava—se Lorién. E se expressa também na repressão sexual à que foram submetidas nossas sociedades. Outra vez o controle. Fizeram—nos ver o sexo como algo pecaminoso. Como pode ser pecaminoso o que nos dá a vida? O controle. Não seja que se sintam como deuses que podem criar vida quando queiram! Anátema! Ao contrário, eu vejo o sexo como algo belo, cheio de beleza, de alegria. Daí se impulsiona toda a vida, toda criatividade... É santo, é sagrado. São os envenenadores do espírito os que nos fizeram vê-lo como pecaminoso para nos controlar.

—Bem, parece que sobram motivos para que os policiais do espírito e os controladores nos persigam. Assim é que temos que alcançar que eles não consigam — disse Zule. Vamos pelas roupas, rapazes!

José ligou o carro e dirigiu por vinte minutos até chegar a um bairro de muitas lojas pequenas de roupa.

—Isto é Gamarra, aqui podem encontrar todo tipo de roupa que queiram.

—Excelente, José — agradeceu Zule.

Saltaram do carro e foram olhando as vitrines.

—Vejamos aqui — disse Zule —, tem de tudo!

Meia hora depois estavam no carro, transformados. Tinham deixado para trás suas roupas de rasta e levavam jeans e camiseta os dois.

—Que fazemos agora? — perguntou José.

—Vamos a Cusco. Existe algum caminho que não seja o tradicional através de Ica, Nazca e Arequipa para ir até lá? — perguntou Zule. A verdade é que se pudéssemos não usar a pan—americana seria o ideal.

—Xiii, — surpreendeu—se José —, não sabia que conhecia o Peru!

—Não conheço — esclareceu ela—, porém, meu pai nasceu no Peru, em Puno, e me falou bastante de seu país. Passávamos horas falando de suas tradições, mitos, história, lendas e da biografia de meu pai. Assim é que estou aqui como que metida num conto de crianças, a não ser pelos personagens que nos perseguem.

—Pois tem uma rota que pode nos levar pelo interior, será muito mais lenta, e com estradas em péssimas condições, de montanha, mas também será mais discreta — comentou José.

—Vamos, então — disse Lorién. Mas me diz, José, avisou a sua família que vai se ausentar?

—Sim, enquanto vocês compravam roupa em Gamarra. Não podia ir embora sem avisar. Bem, a primeira estação é Huancayo. Se estiverem com sono podem dar uma cochilada, vamos subir bem alto. Em menos de cem quilômetros subiremos a uma altura de quatro mil e oitocentos metros sobre o nível do mar. É provável que sintam o soroche, o mal de altura. Eu levo uns comprimidos de coca para contrarrestar os efeitos.

—Mas é uma loucura! — exclamou Lorién. Como vamos passar do nível do mar para tanta altura em apenas cem quilômetros?

—Sim, por isso é que se dá uma volta pela pan—americana, ao invés de ir direto, porque atravessar a cordilheira dos Andes é toda uma aventura e bem mais lento.

Há muitos carros que não estão preparados para a altura e ficam no caminho. Vão ver como vão ficar tontos, com dor de cabeça e, quem sabe, outros sintomas, como começar a falar incoerências, hahaha... Alguns dão impressão de estarem bêbados.

Zule olhou para Lorién atrás.

Bom, a Lorién não se vai notar muito, sempre fala asneiras, hahaha.

Depois de cinquenta quilômetros a estrada começou a ficar íngreme bruscamente. Aquilo era mesmo uma loucura, subiam ladeiras com um nível de inclinação que não parecia possível, a estrada ia ziguezagueando para fazer mais suave a subida. A paisagem era como da lua, dura e agreste. Quando chegaram à parte mais alta sentiam que seu cérebro latia, seus ouvidos estavam entupidos e se sentiam embotados. José deteve o carro e os convidou a descer para contemplar a paisagem.

—Chegamos a Passo do Ticlio, a quatro mil e oitocentos metros de altura — disse.

Zule abaixou o assento da frente e teve que se apoiar no carro porque suas pernas se dobravam. Depois saltou Lorién e sentiu um pouco de tontura e fraqueza, mas conseguiu dar uns passos.

Zule olhou para Lorién e disse muito séria:

—Esta noite, se não puder dormir na lua, não se queixe, eu já fiz tudo o possível. Vai vestindo as meias para que te reconheçam, já sabe que sua mãe não estará aqui.

Lorién olhou para ela estranhado.

—Outra piada, Zule?— perguntou tentando bocejar para despejar os ouvidos e a cabeça.

—De que fala? — espetou Zule. Já ouviu o que falei, agora a se comportar bem, senão podemos ficar sem comer.

Lorién olhava confuso.

—Desculpa, Zule, não entendo nada. José, você entende o que ela diz?— se virou para ele e viu que estava se dobrando de rir — O que acontece, José? Fiz algo engraçado?

—Não — disse José entre balbucios e lágrimas —, é Zule, tem um sorochão tremendo, olha as incoerências que ela diz, é o mal de altura.

—O que estão dizendo? — disse Zule —, se continuarem desse jeito não vão ter espaço. Eu vou sentar, vocês façam o que queiram.

E foi sentar no chão, mas tropeçou e caiu. Lorién tentou correr para segurá-la, mas sentiu que faltavam suas forças, as pernas se dobravam e lhe faltava o ar. Então sentou também. José levantou Zule e a ajudou a sentar, ainda rindo.

—Não se mexam bruscamente, façam todo movimento devagar, aqui há muito menos oxigênio, além da brusca mudança do nível do mar para essa altura. Com calma podem olhar em volta a majestuosidade das montanhas, dessa fantástica cordilheira. Que beleza, não é?!

—Realmente — respondeu Lorién. A paisagem é imponente, me lembra de algumas zonas de minha terra, claro que não tão altas. Isto é outro nível.

–Junto às do Tibet, são as estradas e a via férrea mais altas do planeta – comentou José. Notava-se que estava orgulhoso de sua terra, dessa poderosa cordilheira onde viveram sempre seus antepassados.

–É realmente impressionante – comentou Lorién, sentindo-se melhor. Aproximou-se de Zule, a abraçou e acariciou sua cabeça com afeto. Como te sentes?

–Melhor – disse ela, repousando a cabeça no ombro de Lorién, com o olhar mais focado, mas com as fossas nasais abrindo compulsivamente e as veias marcadas na sua testa.

–Quer que continuemos?

–Ainda não – disse, se abraçando a ele. Faz muito frio lá acima, mas a paisagem é inigualável, não pode imaginar quantas vezes sonhei com estar nestes lugares, para ver por mim mesma as descrições que meu pai fazia de *sua cordilheira dos Andes*. Assim a sentia ele, lá em Istambul e em Toledo, sentia saudade do frio da altura, desses céus despejados, onde o olhar pode ver muito longe, por não ter umidade e pelo pouco oxigênio... É impressionante a distancia que a vista alcança, vendo até os pequenos detalhes. Curtamos este momento juntos, meu amor – disse apertando-se contra Lorién. De repente sorriu e perguntou – sabes para onde vamos, Lorién?

–Para Cusco – disse ele.

–Sim, a Cusco, mas antes passaremos por... Adivinha, Jauja!

–Como Jauja? Ainda está com o soroche?

–Hahaha, não! O mito de Jauja vem de um lugar por onde vamos passar, se não me engano, não é, José?

–É verdade, vamos passar muito perto.

–Estão brincando comigo, não?

–É verdade – confirmou José –, encontra-se num pequeno vale de terra fértil, um pouco mais à frente.

–Eu achava que não existia – disse Lorién. Desde pequeno escuto expressões como: isso é Jauja, viver em Jauja, e outras que pareciam falar do paraíso. E, olha só, resulta que Jauja existe mesmo. Que barato! Bom, por outra parte, em Teruel temos dois povoados praticamente desabitados, o Paraíso Alto e o Paraíso Baixo, haha. Assim é que não precisamos de Jauja. – riu ele.

–Verdade? – perguntou Zule com olhar inocente.

–Sim, é verdade, na boa – disse ele sorrindo.

–Assim é que você vem do paraíso – disse ela, recuperando seu riso brincalhão.

–Assim é.

–Então, quando terminarmos com nossa missão, pode me levar até lá? Suponho que não haverá macieiras, não é mesmo? – voltou a rir brincalhona.

–Sim que há muitas macieiras na zona! De fato, os Paraísos são parte do Município de Macieira – disse ele divertido.

–Olha o namorado que ganhei, vai do Paraíso até Jauja, que personagem resultou! – ria ela as gargalhadas.

—Parece que nossa Zule reviveu. Quando quiserem podemos retomar o caminho — comentou José.

—Vamos, então — disse Zule, ficando em pé com cuidado, ainda sentindo fraqueza.

—Devagar — dizia Lorién com carinho, tomando-a da cintura com um braço e da mão com o outro. Ele também se sentia fraco, sem oxigênio suficiente, mas sentia-se mais firme do que antes.

Entraram no carro e continuaram a viagem passando perto de belíssimos lagos. Viram um povoado onde uns jovens jogavam futebol e se surpreenderam, já que eles apenas se podiam respirar.

—Realmente, que capacidade de adaptação tem o ser humano — pensou Lorién.

Depois de alguns quilômetros começaram a ver vegetação e uma bacia começou a se abrir, até chegarem a um ponto de onde se divisava quase todo o vale. Lorién pediu a José para se deter para contemplar essa beleza .

—Esse é o vale do Mantaro — disse José —, por aqui passava uma das principais estradas Incas para o norte, para Cajamarca, passando por Junín.

José assinalou uma pequena cidade a poucos quilômetros.

—Adivinhem como se chama essa cidade.

—Não sei — disse Lorién.

—Não será Jauja? — exclamou Zule.

—Efetivamente. Tem sua historia — disse José. É uma das primeiras cidades fundadas pelos espanhóis — piscando para Lorién — e, adivinhem... Foi a primeira capital do Peru, antes de construírem e fundarem Lima. Atualmente deve ter uns trinta mil habitantes.

Era impressionante estar nesse vale maravilhoso, a três mil e quinhentos metros sobre o nível do mar, com muito terreno semeado e um grande lago, vários povos de grande beleza e seus habitantes quéchuas, com seus aguayos e roupas típicas. Praticamente como se o tempo não tivesse passado por eles.

CAPITULO V – HUANCAYO

Aprende a superar a dor e o sofrimento em ti, em teu próximo e na sociedade humana

Zule ficou dormida e logo depois Lorién. Tiveram a sensação de apenas ter fechado os olhos quando José os acordou com um grito de *Huancayo*. Lorién abriu os olhos e viu que estava escurecendo enquanto Zule se despreguicava como uma gata.

–Que agradável! Já esta anoitecendo! – disse Zule.

Lorién viu uma cidade de bom tamanho em meio do amplo vale.

–Huancayo – disse em voz baixa.

Achou que esse nome tinha grande ressonância em seu interior.

–Não contei, mas eu nasci aqui – disse José, olhando para a cidade com afeto. Aos dezoito fui a Lima para trabalhar e tenho vindo poucas vezes desde então. Este seria um bom lugar para começar um projeto de Apoio Humano – comentou com os olhos brilhando –, o que acham?

Finalmente Lorién falou:

–Na verdade, não acho prudente. Você já viu o tipo de gente que nos persegue? Farão de tudo para nos encontrar e poderíamos prejudicar as pessoas que estivessem perto de nós. Porém, tenho grande ressonância com este lugar e o que você diz faz muito sentido. Como o vê, Zule?

–Concordo plenamente com você, é uma imprudência total, mas minha intuição também me diz que seria interessante fazer algo aqui em Huancayo. Federico me comentou em algum momento que há dois motores na vida, o amor e o temor. Tudo que se faz desde o temor sai mal, deixa uma sensação ruim, tem sabor de frustração, de traição a si mesmo, aos próprios sonhos. Por outra parte, tudo que se faz desde o amor, independente dos resultados, deixa sempre uma sensação de unidade interna, de acordo consigo mesmo, Assim é que me parece que não há mais o que falar. Estamos em tuas mãos, José. Convoca tantos amigos como queiras e teremos um belo encontro com eles para falar destas coisas e fazer alguma experiência, certo, Lorién? – disse com um sorriso. Só hoje, amanhã seguiremos caminho até Ayacucho e daí ao Cusco.

–Mesmo? – José não podia estar mais feliz, estava radiante. Não podia acreditar. Este é o melhor presente que podia receber. Obrigado, muito obrigado, amigos.

E parou o carro para abraçá-los entusiasmado.

–Primeiro nos leva a algum lugar para passar a noite onde não tenhamos que nos registrar, quantas menos pegadas deixarmos, melhor, e depois de tomarmos uma ducha pode nos levar para o local da reunião. Aqui deixo um pouco de dinheiro para a gasolina e a hospedagem.

–De acordo, de acordo – confirmou José entusiasmado.

Já estavam rodando pela cidade de Huancayo e tinha anoitecido.

Cinco minutos depois se deteve frente à porta de uma casona antiga e bateu à porta. Uma senhora de idade abriu o portão.

–Tia Estela – disse José –, sou eu, José Rivadeneyra.

–José, que surpresa! E se abraçaram com afeto.

–Venho com dois amigos, podemos ficar aqui esta noite? – perguntou José olhando para ela com carinho.

–É claro! Já sabe que esta é a sua casa. Temos sentido saudade e chega assim de repente, sem avisar!

–Sim, tia, foi uma viagem repentina que saiu.

–Os deixo em suas mãos, tia, mostre para eles o quarto, um que tenha ducha. Eu volto daqui a pouco. Tenho que ver algumas pessoas.

–Caramba! Esses jovens... – disse ela –, não tem sossego para nada. Acabou de chegar e já está indo embora. Te espero para o jantar.

–Não, tia, vamos sair, jantar fora, apenas dormiremos depois de uma reunião que teremos.

José pegou ela pelas costas e a abraçou outra vez beijando-a.

–Fico feliz de vê-la tão bem, tia.

–Solta, solta, enrolador – dava-lhe tapas e ria feliz. Não podem deixar os velhos tranquilos – resmungava ela.

–Acontece que te quero muito, tia – dizia José sem deixar de abraçá-la.

Ela continuou a bater nele de brincadeira e ele a soltou dizendo:

–Vou embora antes que me deixe ferido. Volto logo.

–Vocês são bem jovens, mas formam um lindo casal. Isso aí no rosto é porque passou dos limites com ela? Bem feito, os jovens de agora tem as mãos soltas.

–Siiim – disse Zule –, tem as mãos muito soltas e hábitos muito maus, sou obrigada a colocá-lo no seu lugar, mas é um pouco cabeça-dura e custa a mudar esses maus costumes...

–Bom, entrem, está frio. Homens... José nem apresentou, cadê a formalidade?

–Meu nome é Lorién

–Eu sou Zule.

–Bom, eu sou Estela, a tia de José. Ele é muito bom garoto, um pouco doidinho e aventureiro, mas um bom rapaz.

Ela foi ligando as luzes. Era uma espécie de hostel muito bem cuidado, decorado com motivos andinos, aguayos, tapizes. Sofás no hall e algumas cadeiras. Via-se varias portas. Ela foi ate uma delas e abriu.

–Este é o quarto de vocês, com duas camas. Bom, se quiserem engatinhar de noite é com vocês. Tem banheiro privado com ducha.

–Que maravilha! – disse Zule. Tenho muita vontade de tomar uma ducha.

–Eu também – disse Lorién. Vou ver se me recomponho, com essa subida ainda tenho os ouvidos entupidos e estou um pouco tonto.

–Bom, mas agora não vai colocar a culpa na subida, não? – soltou ela divertida.

–Começamos – suspirou Lorién, pondo os olhos em branco.

–Hahaha – riu tia Estela – Os deixo então.

Zule foi até o banheiro e exclamou:

–Olha, tem toalhas limpas e tudo! Primeira a tomar ducha. – enfatizou ela.

Lorién tinha se recostado em uma das camas. Com a altura, sentia tontura, tinha os ouvidos entupidos e ainda doíam os golpes recebidos no rosto.

–Vamos, dorminhoco – Zule o acordou –, para a ducha!

Lorién despreguiçou-se e a abraçou com carinho, sentindo o suave aroma de sua pele e cabelo úmidos.

–Sai, sai – disse ela abraçando-o por sua vez.

–Que vontade tenho de ficarmos um pouco sozinhos, tranquilos, tendo tempo para nós – disse ele com um suspiro.

–Eu sinto igual – respondeu ela, séria. Bom, não fique ai pasmo, para a ducha, que está com cheiro de tigre – dizia ela empurrando-o, beijando suas bochechas para não machucar seus lábios.

Ficaram um tempinho abraçados, fusionados num único ser por um instante. Separaram-se lentamente e ela sacudiu umas lágrimas que puxavam para sair de seus olhos.

–Vai. Toma a ducha e não incomoda – disse Zule com um soluço emocionado.

Lorién foi a caminho do banheiro sentindo-se muito cansado. Tomou a ducha sem deixar de pensar na história de loucos em que tinha se metido. Tinha a sensação de levar anos nessa confusão, por conta do grande cansaço que sentia e a quantidade de coisas que vinham acontecendo em tão pouco tempo. Suspirou outra vez na ducha e a água levou suas lágrimas e parte de seu cansaço. Quando saiu sentia-se mais leve e descansado.

Zule já estava vestida. Enquanto ia até Lorién e o abraçava sentidamente, comentou que José tinha regressado e esperava fora.

–Já chegará nosso momento, Lorién, por enquanto eu sou muito feliz de poder estar com você e agradeço tudo que nos está acontecendo, porque me permitiu conhecer você e ter você como companheiro – comentou com os olhos cheios d'água.

Lorién a abraçou com força e disse:

–Eu sinto o mesmo, Zule, não mudaria nada, nada, nada do que me aconteceu. Foram os dias mais loucos e aterradores de minha vida, mas também os mais felizes, por te conhecer e conhecer um Lorién que não tinha nem ideia que podia existir. Assim é que agradeço profundamente tudo o vivido até agora. É só que, por momentos, me sinto sobrepuxado e pesaroso pelos acontecimentos. De todas as maneiras, se tivesse que morrer hoje, daria por bem empregado o tempo por tudo o vivido e feito. Não me arrependo de nada, ao contrário, sinto-me privilegiado. Aliás, com você perto, cada uma das células de meu corpo grita de felicidade.

Permaneceram mais uns instantes abraçados. Ela se separou, olhando—o nos olhos profundamente e disse:

—Te amo, Lorién — com um tom de voz tão conectado e sentido que Lorién se emocionou até as lágrimas.

—E eu a você, minha querida, não sabe o quanto — terminou ele, com os olhos arrasados, abraçando—a com desespero.

Nesse momento tudo desapareceu e só ficaram eles...

Finalmente se separaram lentamente, deslizando cada um as mãos sobre os braços do outro até ficarem, por um segundo muito longo, se tocando apenas com a ponta dos dedos, esticando esse momento eterno de comunhão, cada um preso nos olhos do outro.

Lorién terminou de vestir e sem dizer palavra saíram tomados das mãos.

Ali estava José com sua tia Estela. Ao vê—los chegar ficaram em silêncio. Algo nesses jovens os fazia sentirem—se pequenos e felizes por tê—los por perto. Eles irradiavam algo de muito grande, indefinível. Vinham tomados das mãos como se viessem de outro tempo e espaço e José e sua tia sentiram que estavam presenciando algo sagrado e milagroso. Ficaram todos calados, detidos nesse momento de reconhecimento, de compreensão, de felicidade, em que tudo estava bem e em seu lugar, tudo era parte da mesma coisa. Esse momento especial que estavam compartilhando os levou a se abraçarem os quatro sem dizer uma palavra.

Quando se separaram José comentou emocionado:

—Obrigado por estes momentos mágicos que me presenteiam constantemente. O problema é que estou me acostumando, e depois, quando já não os tiver por perto, não sei como vai ser — disse meio na brincadeira, meio em sério. A verdade é que eu seguiria vocês até o fim do mundo se fosse necessário.

—Obrigado a você, José, por toda tua ajuda, tua sensibilidade, tua proximidade. Sem a tua ajuda não sei o que teríamos feito, querido irmão — respondeu Lorién enquanto o abraçava.

—De verdade que vocês são bem especiais — comentou a tia também emocionada. Entendo que José os queira seguir. Se eu fosse mais jovem também o faria.

José pigarreou e secou os olhos com os nós dos dedos e sorriu para sua tia.

—Organizei uma reunião em casa de Roberto. Esperam—nos lá. Quando quiserem podemos ir.

—Vamos então, o que estamos esperamos? — disse a tia.

Os três olharam para ela surpresos e ela disse piscando o olho:

—Estou velha, mas não estou morta...

—Tia, nem temos contado do que se trata a reunião.

—Não me importa, se estão estes jovens com certeza será interessante e eu não o quero perder. Podem me contar no caminho — disse ela resolvida.

—Vamos enfrente. Somos todos teus, José — disse Zule.

No caminho foram contando para a tia algo sobre os Projetos de Apoio Humano.

—Isso é de muito interesse para meu povo — comentou ela muito séria. Minha gente leva séculos clamando para recuperar sua dignidade, já é hora — disse com expressão firme. José, me leve para a casa de Doroteia, eu me responsabilizarei pelo tema, vamos começar de imediato, temos esperado muito tempo. Ela me ajudará a convocar o pessoal sábio de Huancayo para que, em meia hora, estejam na casa de Roberto.

—Mas, tia...— começou José

—Nada de tia, eu vou assumir isto, agora deixa os maiores e você se encarrega de nossos mensageiros. Faz tempo que os esperamos! — expressou rotunda, com profunda voz de autoridade. E quanto a ti, já falaremos depois, olha que não me convidar, nem me dizer nada! — resmungou muito séria.

Zule e Lorién se olharam surpresos pelas nuances que ia tomando o tema.

—Esse é o meu sangue — disse José orgulhoso, depois de deixar a tia — Entendem agora de onde venho? — comentou rindo. É uma tremenda mulher, com grande autoridade entre os Amautas Quéchuas.

—Por que não a convidaste desde o início? — perguntou Lorién supresso.

—Porque é uma força da natureza imparável, se não gostar de algo te afunda, mas se gostar, não há quem a detenha — sorriu. Por isso levei vocês

para sua casa, prevendo que algo importante lhe aconteceria ao conhecê-los. Se tivesse falado dos projetos por minha conta, com certeza teria se oposto, ela se opõe a quase tudo que não sai dela, hahaha. Aliás, ao conhecê-los e não convidá-la diretamente, sabia que ela ia ficar com curiosidade,... E já viram, vai pôr em pé esta noite a todos os sábios de Huancayo e podem estar certos que em meia hora estarão todos lá na reunião, e pobre do que chegar tarde — ria ele. Convencendo minha tia, estou certo que em um mês a cordilheira dos Andes toda vai pegar fogo, de Quito até La Paz.

Nós, gente da serra, não nos enganamos com as falsas fronteiras com que quiseram nos dividir. Os Amautas de meu Povo continuam em contato, independente de estarem no Equador, no Peru ou na Bolívia.

—Quem são os Amautas? — perguntou Lorién.

—São os sábios da cultura quéchua. Não são os que têm o poder político, mas aos que se consulta nas decisões importantes e os que orientam o Povo Quéchua. Ao que parece, a Tia Estela não só hospeda pessoas como também é alguém muito importante dentre os Amautas, que por sua vez são as pessoas mais respeitadas e veneradas dentro desta cultura — sorriu Zule.

—Ora, ora, tia Estela — disse Lorién, pensativo e surpreso pela situação. Não esperava isto.

—Já vai ver daqui a pouco — riu José.

Chegaram à casa de Roberto, onde já estava conversando uma boa quantidade de pessoas.

Quando entraram fez-se um silencio e todos ficaram olhando.

—Aqui estão nossos Mensageiros, Zule e Lorién — anunciou José.

—Entrem, entrem. Eu sou Roberto — se apresentou o dono da casa, com gesto acolhedor—. Devem estar com fome, passem para a mesa, por favor, enquanto comem podemos ir conversando.

—Obrigado — disseram de uma vez Zule e Lorién.

E sentaram à mesa.

—Aqui tem varias coisas: milhos com queijo, batatas à huancaína, patasca, que é uma sopa de camote, pachamanca, que tem diversas carnes. Espero que gostem.

O aroma era delicioso. Zule e Lorién não se fizeram rogar e começaram a experimentar os diferentes pratos com expressões de agrado enquanto eram apresentados às pessoas presentes. Todos tinham entre dez e seis e vinte e cinco anos. No começo olhavam com curiosidade e timidez, mas em questão de minutos foram se soltando e começaram a fazer brincadeiras entre eles, às que rapidamente Zule e Lorién se somaram.

Aos poucos foram chegando mais convidados, alguns tão jovens como eles e outros, anciãos. Notava-se claramente quem chegava convidado por José e quem por Estela. Reuniram-se algo mais de trinta pessoas. Chegou finalmente tia Estela e tomou rapidamente a palavra.

—Queridos irmãos, temos uma visita extraordinária em Huancayo. Estes dois jovens que nos trazem uma mensagem Sagrada, longamente esperada por nosso Povo.

Todos olharam surpresos.

—Não se deixem enganar pela juventude, são pessoas muito especiais, eu só os vi dez minutos e dei-me conta, estou certa que vai acontecer o mesmo com vocês. Damos a palavra a eles para que nos expressem a mensagem que trazem — terminou a tia Estela, breve e contundente.

Zule e Lorién se olharam e Zule fez um sinal de assentimento para Lorién.

—Queridos irmãos, obrigado por vossa afetuosa acolhida — começou Lorién com timidez, se pondo em pé. Estamos aqui a convite de José, nosso companheiro e vosso filho. Ele pediu que comentássemos sobre os Projetos de Apoio Humano, ao que acedemos com gosto, pensando numa pequena reunião. Bom, esta reunião claramente transborda nossas expectativas. De todas as formas, tentaremos expressar o melhor possível em que consistem estes projetos e o espírito dos mesmos — continuou, com voz mais firme e segura. Para início de conversa quero convidá-los a compartilhar uma simples cerimônia que nos porá na sintonia adequada para entender o espírito que sustenta os projetos. Peço que sentem-se o mais confortável que possam, fechem os olhos e se relaxem.

Relaxa plenamente teu corpo e aquieta a mente... — começou Lorién com voz profunda.

Então imagina uma esfera transparente e luminosa que descendo até ti, termina por alojar-se em teu coração...

Reconhecerás que a esfera começa a transformar-se numa sensação expansiva dentro de teu peito...

A sensação da esfera se expande de teu coração para fora do corpo, ao tempo que amplias tua respiração...

Em tuas mãos e nos resto do corpo terás novas sensações...

Lorién começou a se sentir energizado e continuou com uma voz cada vez mais profunda.

Perceberás ondulações progressivas e brotarão emoções e lembranças positivas...

Deixa que se produza a passagem da Força livremente. Essa Força que dá energia a teu corpo e mente...

Deixa que a Força se manifeste em ti...

Sentiu como a sensação da Força se ia ampliando mais e mais além dele.

Tenta ver sua luz dentro de teus olhos e não impeças que ela atue por si só...

Sente a Força e sua luminosidade interna...

Deixa que se manifeste livremente...

A luz e a Força inundaram todo seu interior de uma forma suave e potente ao mesmo tempo, sentindo como ia se despersonalizando, como perdia identidade e se fundia nessa fonte de luz sagrada, que era a essência de seu Ser e de todo o universo, e como se fazia *Um* com todos os que estavam na sala.

Depois de alguns minutos um pequeno rescaldo de Lorién falou com uma voz procedente de outro tempo—espaço e os convidou a ficar em pé.

Com essa Força que recebemos, concentremos a mente no cumprimento daquilo que precisamos realmente... — prosseguiu Lorién, com essa estranha e poderosa voz.

Depois de um tempo terminou:

Paz, Força e Alegria para todos — com um tom transfigurado que sacudiu energeticamente todos, que responderam comovidos:

—Também para ti, Paz. Força e Alegria!

Lorién sentiu-se nesse instante como o eixo ao redor do qual circula o universo todo, experimentava-se tão imenso e com uma energia tão vasta que não havia palavras para descrever essa enormidade.

Aos poucos foi regressando a este espaço—tempo, à sala, e abriu os olhos ainda com o olhar desfocado e sem instalar-se em seu eu habitual.

Em volta, os anciãos choravam sem recato algum e seus rostos, normalmente inexpressivos, sorriam como os das crianças, maravilhados, cheios de bondade e inebriamento. Os jovens, por sua parte, se olhavam e abraçavam sem poder evitar rir e rir sem parar.

Finalmente todos foram se aquietando enquanto observavam Lorién e Zule, que se viam como envolvidos por uma aura luminosa e que, por sua vez, olhavam para eles com afeto e um amor total.

—Inti voltou para nós — disse a tia Estela, profundamente comovida, pondo voz ao que todos sentiam. Inti voltou para habitar nossos corações. Obrigada, que-

ridos Mensageiros, por nos devolver o mais precioso para nós, nosso Deus interior Inti, do qual o Sol é só uma alegoria externa. Nunca poderemos agradecer o suficiente por este insuperável presente que nos deram. Digo obrigada não só por mim, mas por meu Povo todo, e quero pedir, humildemente, que nos permitam levar para nossos irmãos este maravilhoso dom que nos entregaram. Obrigada, obrigada, mil vezes obrigada – disse ela, emocionada, enquanto se ajoelhava ante os jovens que se apressaram a levanta-la.

–Por favor, tia Estela, nós somos só Mensageiros. Não somos nenhuma divindade, ao menos não somos mais do que vocês – expressou Lorién, abraçando-a afetuosamente.

–Em nós também despertou esse Deus interior que mudou nossas vidas, e nossa missão é leva-lo a outros, como Mensageiros – disse por sua vez Zule, abraçando-a também com ternura.

–Não sabem o que significa para nosso Povo este longamente ansiado presente – voltou a dizer emocionada, com sua expressão metamorfoseada, seu rosto rejuvenescido e embelezado por um riso fresco, bondoso e delicado– Isto ultrapassou e muito qualquer expectativa que pudesse ter. É verdade que algo em mim, quando vi vocês, intuiu que Inti voltava a nossos corações através de vocês, mas era absolutamente inimaginável a alegria e a felicidade que senti. Sinto muito, mas não posso deixar de agradecer– repetia a tia.

Roberto se aproximou de Lorién e Zule e perguntou tímido se podia abraça-los.

–Claro que nos vamos abraçar, para agradecer por esta experiência maravilhosa que todos vivemos – expressou Zule exultante.

Todos se abraçaram entre si, como se em aquele abraço pudessem se aproximar dessa sensação de unidade que tinham experimentado.

Depois de um bom tempo voltaram a sentar, enquanto todos riam por nada, felizes simplesmente por estarem cientes de estar vivos e de que tudo estava vivo, e que eram parte desse Todo maravilhoso.

–Bem, querem saber o que são os Projetos de Apoio Humano?– perguntou Zule com tom zombeteiro.

–É claro – disseram todos

–Bem, pois os PAH são o mesmo que viveram com a experiência com a Força, mas expressado na forma de projeto no mundo, para facilitar que as pessoas recuperem sua dignidade e que todos se apoiem entre si para crescerem juntos.

E começou a contar os detalhes da auto-organização, de trabalhar em rede, de que seja um verdadeiro humanismo em que as pessoas se relacionam de igual para igual, e não humanitarismo baseado no paternalismo, que mais atrofia do que facilita o desenvolvimento das pessoas e dos povos.

–É o velho ditado de ensinar a pescar em lugar de dar o peixe – terminou.

–A verdade – voltou a falar a tia Estela – é que depois da experiência que tivemos qualquer coisa que nos propuseram teríamos aceitado entusiasmados, mas

do jeito que descrevem, estes projetos são de verdade transformadores, tanto no pessoal como no social. É a ferramenta perfeita para que nosso povo recobre a dignidade. Assim é que não há muito mais que falar. Sabemos que vocês tem que seguir com sua missão e tem que viajar cedo. Nós vamos organizar isto para que possam ir descansar. Tenham certeza que em poucos meses com Inti em nossos corações e com estes projetos vamos transformar toda a cultura Andina. Tem a minha palavra! – terminou ela com determinação.

O resto dos assistentes assentiu enfaticamente e manifestaram seu compromisso de se converter em Mensageiros, para levar a outros tanto o contato com a Força, com o Inti interior, como os Projetos de Apoio Humano.

Roberto e a tia Estela os acompanharam até a porta para se despedir e reiterar seu agradecimento pelo enorme presente recebido.

Zule, Lorién e José entraram no táxi pensativos, maravilhados pelo que tinha acontecido e ainda conectados com essa Força ou entidade transcendente com a qual tinham sintonizado. José dirigiu em silêncio até a casa da tia.

Já na casa Zule disse:

–Oito horas será uma boa hora para acordar, já passou da meia-noite.

Lorién e José concordaram e foram para seus quartos.

Zule e Lorién entraram e ficaram imóveis no centro do quarto, se olhando. Até que finalmente deram um passo adiante e se beijaram, suavemente no começo, com paixão depois. Acariciaram-se sem freio e tiraram as roupas mutuamente, possuídos pelo fogo do amor, pela busca desesperada de serem com o outro, de morrer ou de viver no outro.

Amaram-se e fizeram amor. Subiram pela escada da luz e da paixão sem limites, perderam-se um no outro, em uma fusão eterna, num único ser extasiado. Os últimos restos de suas individualidades pegaram fogo e amaram-se e amaram-se como só os desesperados fazem. Aqueles que vivem no limite, os que já não tem *carne*, inflamada esta pelo espírito e pela percepção de que podem morrer a qualquer momento e, ao mesmo tempo, de que já não morrerão jamais. Amaram-se com a dor do longamente sedento, com a paixão do que sabe que só existe o instante presente, amaram-se e amaram a vida, amaram a *morte* como transição para outra forma de ser. Amaram o universo em um instante eterno que explodiu num estouro de luz e prazer, numa supernova de vida sedenta de mais vida, num Big Bang fazedor de vida e de mundos. E se amaram e se amaram sentindo como suas células estouravam em um estertor de vida, de êxtase místico...

Acordaram sobressaltados escutando baterem na porta, abraçados doloridos, plenos e felizes. Surpreenderam-se por estarem vivos e em corpos separados, por estarem neste plano, neste espaço-tempo. Eram incapazes de se mexer. Voltaram a bater à porta, até que Lorién perguntou:

–Quem é?

–Sou eu, José, são oito e meia.

–Céus – exclamou Zule–, já vamos!

Olharam—se ainda abraçados com ternura emocionada, tão delicada que os dois sentiram—se mexidos pelo milagre que estavam vivenciando e protagonizando. Beijaram—se suave e demoradamente e com grande esforço separaram—se, se sentindo órfãos sem o outro. Com os corpos cansados e os espíritos renovados. Observaram—se sem palavras, enquanto faziam os preparativos para tomar uma ducha, sem poder desgrudar do outro, em longos olhares cheios de amor e vida.

Quando saíram ao comedor, José e a tia Estela os esperavam com os olhos brilhantes de exaltação e alegria.

—Ainda estou vibrando pelo vivido na reunião! — disse a tia. Não consegui dormir a noite toda, a cabeça cheia de ideias, projetos, imagens, com o coração tão cheio de entusiasmo que pensei que teria um infarto. Nunca antes me senti tão viva! — finalizou com um suspiro profundo e longo. Tudo é graças a vocês dois que são a própria vida feita pessoas.

—Eu estou igual que a tia — disse José —, sem poder dormir, mais feliz do que nunca. Estive agradecendo a noite toda por ter a fortuna de tê—los encontrado.

Zule e Lorién deram aquele sorriso cheio de luz, vida e amor. Enquanto sentavam à mesa para tomar o desjejum em silêncio, olhando para eles com profundo afeto. Esse olhar emocionou José e sua tia que ficaram em silêncio guardando esse novo momento de maravilha em suas vidas.

Comeram devagar, de forma agradecida e devota, compartilhando esse estar juntos sem necessidade de palavras, dizendo mais com o silêncio sobre o afeto compartilhado, do que mil discursos. Formosos e luminosos os quatro.

Terminaram o café e ainda sem falar os quatro ficaram em pé e se abraçaram afetuosamente e longamente, conscientes de que algo enorme estava pondo—se em marcha no mundo através deles.

Já no carro continuaram calados por vários quilômetros, contemplando esse belo vale no altiplano dos Andes, para se adentrar depois na agreste aridez cheia de cores de seus cerros e montanhas. Com tons indo do vermelho ao amarelo e ao púrpura, com o branco e o cinza no meio, a mais de três mil metros de altura. Paisagens com ar limpo e duro pelo intenso frio da manhã e o calor quando o sol está alto. Paisagens que convidam à reflexão, a ir para dentro.

Conscientes de sua pequenez ante tanta magnificência da poderosa e imensa cordilheira.

—É uma pena que não tivemos tempo para percorrer Huancayo nem para ir visitar Huancavelica, — comentou José ao passar pelo cruzamento para um povoado chamado Izcuchaca.

—Para mim é suficiente poder contemplar estes majestosos cumes — murmurou Zule. Escutei meu pai falar tanto deles que sempre desejei conhecê—los. Agora é como se ele viajasse conosco e estivéssemos vendo—os juntos.

—Eu não poderia estar mais feliz depois de ter conhecido tanta gente linda na reunião de ontem. Que beleza de gente, que povo maravilhoso o teu, José, é mesmo para sentir orgulho. Obrigado por compartilha—lo conosco. — disse Lorién.

—Seguimos então para Ayacucho—continuou José. Toda esta região sofreu muito com o levante do Sendero Luminoso, um grupo marxista—maoista que tomou as armas para lutar pelos direitos dos mais pobres, contra o terrorismo de estado e a corrupção da oligarquia. Eu tenho muitos amigos que morreram sendo senderistas. Boa gente, todos! — disse emocionado. Estive por um triz de me unir a eles, mas algo dentro de mim dizia que a violência ia gerar mais violência. Lembro—me de ter conversado com eles, dizendo que iam terminar matando as mesmas pessoas que pretendiam libertar. Eles riram de mim e me chamaram de humanista — ficou em silêncio pensativo. E foi assim que acabou acontecendo, mataram aos que queriam libertar. Minha gente sofreu muito, primeiro com os Incas, depois com os espanhóis, depois com os governos que se seguiram e que sempre olharam com desprezo os indígenas e povos originários, os maltratavam e discriminavam. É por isso que quando apareceu o Sendero luminoso muita gente pegou nas armas e seguiu o movimento. Isso, por sua vez, fez com que o funesto Fujimori, já nos anos noventa, chegasse ao poder com a escusa de lutar contra a corrupção e contra o Sendero luminoso. Muitos se iludiram devido a que ele não vinha do mundo político, e, em poucos meses, passou de reger a universidade a vencer as eleições. Pouco depois começou uma guerra suja contra Sendero e contra os que se opunham a ele, chegando a dar um auto—golpe, junto com o exército, para se converter em ditador, massacrando e perseguindo a meio mundo, todos os que não concordavam com sua ditadura. Fez isso tudo se apoiando num sinistro personagem chamado Montesinos. As torturas, a corrupção, a capangagem correram soltas e o empobrecimento de minha gente se aprofundou — José ficou em silêncio por um momento.

—Conto isso para que entendam o contexto do que minha tia expressava ao dizer que chegou a hora de nosso povo recuperar sua dignidade. Foram muitos séculos de degradação e de maus tratos — expressou com um suspiro.

Nossa gente tem uma grande necessidade de levantar a cabeça e fazer uma revolução, mas de forma não violenta.

—Meu pai me falou com muita dor do sofrimento de seu povo. Isso foi o motor que levou ele a investigar e encontrar o que ele chamou de Momentos Humanistas — disse Zule.

—A que se refere com Momentos Humanistas? — quis saber José.

—Basicamente é uma revolução social não violenta.

Zule contou com detalhes em que consistiam os Momentos Humanistas e sua relação com a Atitude Humanista.

—Finalmente pode se dizer que é quando se instala a Atitude Humanista como sensibilidade social.

—Mas, Zule — exclamou entusiasmado José —, a isso me referia quando comentei que não tinha me unido aos senderistas porque intuía que devia ter outra forma de fazer as coisas e você vem e a descreve tão simples, breve e claramente. Isso é muito, mas, muito importante — se exaltou —, isso deve ser conhecido! Agora entendo, os Projetos de Apoio Humano são como a preparação para chegar a um Momento Humanista! — pensou em voz alta.

—Os melhores momentos de cada Povo tiveram como eixo essa atitude humanista. De fato, a ação dos grandes reformadores religiosos, e dos heróis culturais, é interpretada como a abertura para um Momento Humanista, continuado em uma nova etapa e até em uma nova civilização — confirmou Zule.

—Zule, isso é uma barbaridade — disse José parando o carro. Desculpem, mas isto é demais! — e pulou do carro, entusiasmado.

Zule e Lorién aproveitaram o momento para esticar suas pernas, enquanto José caminhava frenético de um lado para outro, pensativo.

—Mas, então é isso o que estamos fazendo, estamos construindo os alicerces de uma nova civilização! Percebem? — prosseguiu muito agitado. Aliás, vem com a instalação de uma nova sensibilidade. A Atitude Humanista e os grandes reformadores religiosos trarão uma nova cosmovisão e um novo Mito, uma nova espiritualidade — seguiu com suas reflexões, em voz alta.

Deteve-se, como se uma compreensão o tivesse golpeado profundamente, e olhou para os dois sem presa.

—Não percebem?! — gritou eufórico.

—De que fala? — perguntou Lorién.

—Vocês são os reformadores espirituais, os que trazem essa nova espiritualidade! Como não percebi antes!?

—De que está falando? — disse Lorién dubitativo. Nós somos simples Mensageiros, mais nada.

—De verdade, não o vem? — surpreendia-se José, olhando pasmo para eles. Vocês são os reformadores, está super claro. Lorién, você acredita que qualquer pessoa é capaz de comover os caras mais cruéis e duros da polícia? Você acha que qualquer rapaz é capaz de sacudir, comover e fazer comportar como crianças os Amautas mais anciãos, sábios e profundos de nosso povo?

—Não, não, não, José — disse Lorién —, o que acontece é que você sente muito apreço por nós e está comovido pela experiência de ontem, por isso está nos en-deusando, hahaha — riu com nervosismo Lorién. Zule, comenta para ele que não tem nada disso que ele imagina, — voltou a dizer enquanto Zule olhava para ele com um sorriso divertido. Fala para José que tudo foi uma coisa acidental, que foi pura casualidade a missão que Federico me passou — gaguejava, sentindo um suor frio. Eu não tinha nada a ver com essas coisas, José, acredite — disse nervoso.

—Zule, diz para ele! — pediu agitado.

—A verdade, Lorién, é que quando José começou a dizer essas coisas eu ri, pela loucura que representava, mas, conforme ele continuava a falar fui recapitulando tudo o vivido em quatro dias. As experiências em Madrid, Istambul, Lima e Huancayo... Junto com os Projetos de Apoio Humano que teus contatos foram gerando, mais a síntese de José, que me parece genial. E, se somarmos ao pacote os Momentos e a Atitude Humanista..., que quer que te diga? Parece-me que faz muito sentido o que José diz, embora também me pareça estranho.

—Os dois estão malucos! — disse Lorién. Estou só com dezoito anos! Eu estou apenas tentando compilar as quatro Disciplinas e ajudar a preservá-las para pô-las a serviço de todo mundo, quando o momento chegar. Sou apenas um Mensageiro — se exaltou.

—Isso que descreve como objetivo faz tanto sentido como o que vai fazendo no caminho. Você é consciente da quantidade de milagres que acontecem a teu passo?

—Você quer dizer ao nosso passo — respondeu Lorién sem poder acreditar que Zule via as coisas desse jeito.

—Hahaha. Eu vivia muito tranquila até você chegar a Istambul, kakakaka — riu com vontade — você é quem faz todas essas coisas estranhas, eu apenas sou a garota normal, humilde e simples que se dedica às coisas práticas — morria de rir.

—Não faça isso, Zule, por favor — implorou ele com cara de susto.

—Eu acredito que não há mais voltas — disse Zule, já mais séria. Na verdade, esse não é o tema. O tema é que cada qual tem que fazer o que tem que fazer, e se isso nos converte em revolucionários, messias, profetas, ou que for, pois assim será. Para que pôr nome a essas coisas? Façamos o que temos que fazer e não nos confundamos com palavras, com secundariedades.

De repente Zule começou a recitar com sua bela voz:

*Quando emprenderes tua viagem para Itaca
pede que o caminho seja longo,
cheio de aventuras, cheio de experiências.
Não temas os lestrigões nem os ciclopes
nem o colérico Poseidon,
Seres tais jamais acharás no teu caminho,
se teu pensar for elevado, se seleta
é a emoção que toca teu espírito e teu corpo.
Nem os lestrigões nem os ciclopes
nem o selvagem Poseidon encontrarás,
se não os levars dentro da tua alma,
se não os erguer tua alma ante ti.
Pede que o caminho seja longo.
Que muitas sejam as manhãs de verão
em que chegues — com quanto prazer e alegria!
a portos nunca antes vistos.
Detém-te nos empórios de Fenícia
e faz-te com formosas mercadorias,
nácar e coral, âmbar e ébano
e todo tipo de perfumes sensuais,
quanto mais abundantes perfumes sensuais possas.
Vai para muitas cidades egípcias*

*a aprender, a aprender de seus lábios.
Tem sempre Itaca em tua mente,
chegar ali é teu destino.
Mas não apresses nunca a viagem.
Melhor que demore muitos anos
e atracar, velho já, na ilha,
enriquecido com quanto ganhaste no caminho,
sem esperar que Itaca te enriqueça.
Itaca te brindou tão formosa viagem.
Sem ela não terias empreendido o caminho.
Mas não tem mais nada para dar-te.
Embora a aches pobre, Itaca não te enganou.
Assim, sábio como ficastes, com tanta experiência,
entenderás já o que significam as Itacas.*

Zule terminou de recitar com o olhar perdido no horizonte. Produziu-se um grande silêncio dentro e fora deles, até que Lorién perguntou:

—Que é isso que recitaste? É belíssimo — disse emocionado.

—Itaca, é o poema de Constantin Kavafis — respondeu Zule, ainda com o olhar perdido.

—Que bem descreve o que estamos vivendo — disse Lorién—, e o sentido da viagem. Sabe, Zule, estou totalmente de acordo com o que disse, façamos o que temos que fazer e não fiquemos enrolados com os nomes. Que acha, Jose?

—Para mim está certo, mas também acho que o único complicado com o tema é você — disse com um sorriso de orelha a orelha.

—Caramba, finalmente este homem me dá a razão! José, você acha que se fizermos um monumento para comemorarmos tão magno evento, neste mesmo lugar, vai tomar muito tempo? Porque, realmente, é um momento memorável — disse ela de Lorién, com sarcasmo.

—Bom, bom, se já terminaram de rir de mim, podemos aproveitar para comer algo, certo?

Imediatamente concordaram. José tirou um pacote com sanduiches feitos pela tia Estela e os três comeram com apetite.

—A quem devemos fazer um monumento é à tua tia — disse Lorién depois de comer —, que delicia estava tudo!

—Bom, que acham de seguirmos caminho para Ayacucho? Faltam duzentos quilômetros de estrada ruim, espero que o carro aguente — comentou José.

Com efeito, logo depois o estado da estrada piorou notavelmente e o vale acabou. Passaram por tuneis e por vários precipícios. O caminho era muito árido e com uma beleza selvagem que os impactou. Viam-se desmoronamentos aos lados do caminho, e em certo momento tiveram que desviar e sair da trilha para pular um desprendimento que cobria toda a calçada. Depois de duas horas de caminho acidentado Lorién e Zule ficaram dormidos.

José os acordou ao chegar a Ayacucho e contou:

—A histórica Ayacucho! Muito perto, a vinte e cinco quilômetros, fica Wari, berço da cultura Huari, de aproximadamente quinhentos anos antes de nossa era. Ao redor da cidade há muitos restos arqueológicos, há grutas de onde foram resgatados restos que se remontam a mais de doze mil anos antes de nossa era. A quarenta quilômetros se encontra a Pampa da Quinoa, onde aconteceu a última batalha na América Latina pela sua independência. Ali, Sucre venceu os espanhóis e terminou a guerra. Ayacucho também foi o berço do Sendero Luminoso. Como podem ver, Ayacucho ou Huamanga, como a chamavam seus habitantes, sempre esteve nas conjunturas históricas do Peru.

—Impressionante, José, muito obrigado — disse Lorién. É como para dar uma olhada!

—Que horas são? — perguntou Zule.

—Vai dar quatro da tarde — comentou José.

—Pois somos uns dorminhocos. Você deve estar muito cansado, não? — perguntou Zule a José.

—A verdade é que sim. O caminho é difícil e foram muitas horas. Minha tia pediu para passarmos na casa de um amigo dela, seu Raul, para lhe deixar uma carta. Com certeza ele nos dará alojamento. É um Amauta, como ela, então já podem imaginar o conteúdo da carta... Comamos primeiro e depois passamos onde seu Raul.

—Siiimmm — disse Zule —, eu estou com muita fome.

Detiveram-se num pequeno restaurante e comeram, enquanto José contava mais sobre Ayacucho.

—Bem, agora sim podemos ir para a casa de seu Raul — disse José.

Chegando à casona do portão grande, José chamou seu Raul pelo nome e ouviu-se um 'adiante' vindo de dentro. Entraram e encontraram uma senhora com bastantes anos acima, que disse para esperarem um momento.

Pouco depois apareceu um senhor de uns sessenta anos, de olhos profundos e pele muito curtida, como a maior parte dos habitantes da serra. Ele olhou em silêncio, com cara pouco expressiva.

—Me dizem que trazem um recado de Estela — disse com voz grave.

—Sim, seu Raul, eu sou José, sobrinho de Estela, e estes são Zule e Lorién, dois bons amigos — disse, entregando a carta.

Seu Raul a abriu lentamente e, enquanto lia, olhava para eles com cara de supressa e curiosidade. Os rasgos toscos foram diluindo, até terminar com uma expressão de perplexidade que contrastava fortemente com o rosto sereno e pouco expressivo de antes. Os três apenas podiam conter o riso ante o nada usual espetáculo.

Seu Raul os convidou a sentar, ainda com cara perplexa e pensativa.

—José, a tua tia estava bem quando te entregou esta carta? — perguntou com cuidado.

—Sim, seu Raul, estava melhor do que nunca.

—Mmmm — murmurou ele—, sua carta é no mínimo estranha — disse, olhando com curiosidade para Lorién e Zule. Mas, apesar de estranha, se há alguém em cujo bom senso eu confio, é Estela. Fala de uns Projetos de Apoio Humano que devolverão a dignidade a nosso povo, e me sugere que prepare uma reunião para que estes dois amigos nos apresentem esses projetos e nos conectem com uma experiência que mudará nossa visão do mundo e de nós mesmos — pigarreou. Na verdade, é uma carta surpreendente, e mais ainda é ver vocês, tão jovens e alheios a nossa cultura. Espero que não se ofendam pelo meu comentário, por favor.

—Não se preocupe — disse Zule com um grande sorriso—, estamos a seu dispor. Para que não pareça estranho, vou fazer um breve resumo do que são esses projetos, para que o senhor veja se é de seu interesse convocar essa reunião para esta noite. Amanhã, bem cedo, nós teremos que continuar a viagem.

—É claro que será de nosso interesse! Como já disse, eu confio plenamente no bom senso de Estela. Mas, assim tão de repente, para hoje?

—Sim — afirmou José — hoje, ou não poderá ser.

—Bem, desculpem, estou sendo um perfeito asno. Sou o pior anfitrião que existe. Dou as boas vindas a minha casa e peço desculpas outra vez. É tudo muito imprevisível e surpreendente, me deixa sem palavras — disse um tanto compungido. Francisca, venha atender estes amigos!

A senhora que os atendeu inicialmente voltou.

—Francisca, este é José, sobrinho de Estela de Huancayo e estes dois amigos são Zule e Lorién. Peço que você os acolha melhor do que eu fiz, coloque eles no melhor quarto que tenhamos, por favor. Enquanto isso, eu começarei a convidar alguns amigos.

—Com prazer — disse Francisca.

—Os homens são um verdadeiro desastre — confidenciou Zule, piscando um olho.

—Huahuahua — riu a senhora. Estou totalmente de acordo.

—E eu que ando viajando com os dois não sei? — arrematou Zule.

Francisca os acompanhou. No caminho perguntou como queriam se acomodar. Zule respondeu:

—Gostaria de dormir tranquila por uma noite, mas se deixar Lorién sozinho num quarto, ele é capaz de se perder. Haha — riram as duas com vontade.

Lorién e José se olharam dando de ombros, com um sorriso cúmplice.

—Assim será, então. Quanto trabalho e preocupações dão esses homens — disse Francisca. Não fosse por nós, não saberiam encontrar sua mão direita.

Zule a tomou pelo braço e caminharam juntas na frente de Lorién e José, como se eles não existissem.

Depois de se instalar e tomar uma ducha, os dois desceram para a sala da casa. Ali estava José, conversando animadamente com seu Raul.

Seu Raul olhou para eles com surpresa, era obvio que José estava contando para ele o que aconteceu em Huancayo e quando os jovens se aproximaram ele se pôs em pé, como sinal de respeito.

–Daqui a uma hora teremos uma reunião, aqui mesmo, com alguns Amautas e outros amigos que poderiam ter interesse nestes temas – disse seu Raul.

–Eu também tomei a liberdade de convidar alguns amigos por telefone e pelas redes sociais, então, acho que teremos uma bela reunião – completou José.

–Fantástico – disse Zule –, vamos ver o que Lorién faz desta vez, hahaha.

–Que acham de irmos dar um passeio por Ayacucho? – sugeriu José.

–Ótimo! – exclamaram juntos Zule e Lorién.

–Então vamos, só temos uma hora. Voltamos logo, seu Raul – disse José.

Saíram da casa e enquanto passeavam José contou para eles que tinham deixando seu Raul muito confuso.

–Por uma parte está o que conta a tia Estela, que para ele é uma referência. Por outra parte, ele os vê tão jovens e de outra cultura que não entende nada – curtiá José, rindo. Ele me perguntou sobre a reunião em Huancayo e ficou mais confuso ainda. Agora não sabe se nós ficamos doidos ou se é o mundo que ficou, hahaha. Coitado! – riram os três.

Andando viram grandes casonas e José explicou que elas tinham mais de quatrocentos anos. Eram casas construídas pelos espanhóis, decididos a ficar e viver ali. José mostrou varias: a casa do corregedor, a do Marques de Mozobamba, entre outras. Finalmente chegaram a uma enorme praça.

–Esta é a Praça Maior – disse José.

Eles notaram que estava cercada por casonas antigas.

–É uma das maiores praças do Peru – completou José.

Caminharam pelo centro da mesma e curtiram o colorido das vestimentas do pessoal local. No centro via-se uma estatua do Marechal Sucre.

–O que eu gosto é do pessoal – comentou Lorién –, com esses ponchos e suas tocas tem um ar senhorial, algo muito digno em sua postura e forma de se comportar. E, de repente, soltam o riso e essa seriedade se quebra em um instante.

–Sim – concordou Zule –, se vem tão sérios e circunspectos e em um instante riem como crianças. Sinto-me irmanada com eles. Como gostaria que meu pai estivesse aqui com a gente...

Lorién a abraçou com afeto e sentaram para contemplar o pessoal que passava.

–Minha gente é muito sofrida – disse José depois de algum tempo. São muitos séculos de tragédia e de vexames. E a serra também é muito dura, e assim é sua gente, dura por fora e mole por dentro. Por isso, aparentemente são pouco expressivos, mas quando tomam confiança se entregam como crianças. Com um pouco de bom trato florescem – disse José, poético. É por isso que minha tia tem tantas esperanças e sente que chegou o momento de se desenvolver e levantar a cabeça. Temos que voltar, o tempo passa voando e não é bom fazer as pessoas esperarem, elas sentiriam como uma descortesia de nossa parte.

Regressaram lentamente, por diferentes ruas, para seguir conhecendo Ayacucho.

Quando chegaram eram cinco para as seis. Entraram e viram uma grande quantidade de pessoas, a maioria jovens. Desta vez, os jovens duplicavam os anciãos. Eram quinze idosos e por volta de trinta jovens, na faixa dos vinte anos.

—Aqui chegam nossos convidados, bem-vindos! Mas de onde saíram tantos jovens? — perguntou seu Raul para José, começando com as apresentações. Todos olhavam com curiosidade sem saber o que esperar deles.

—Agradeço a seu Raul por nos acolher em seu lar, por convocar esta reunião para lhes contar um pouco dos Projetos de Apoio Humano, que estão despertando interesse em Huancayo e em outros lugares. Para que entendam o espírito que os anima quero convidar vocês a participar de uma simples cerimônia que nos permita conectar com nossa força interna, com o Inti que levamos dentro — disse Lorién, com tom tranquilo e afetuoso.

Os convidados se olharam sem saber a que se ater.

—Depois, a minha companheira, Zule, lhes contará com detalhes sobre os projetos. Ela é filha de Eduardo Martin Lange, um eminente intelectual e erudito peruano.

—Oh! — exclamaram vários dos presentes maiores, que já tinham ouvido falar dele.

Alguns tinham lido seus trabalhos e um deles o tinha conhecido pessoalmente. Olhou para Zule e fez um sinal de reconhecimento.

—Peço a vocês que fechem os olhos e sentem de forma confortável — começou Lorién.

Relaxa plenamente teu corpo e aquieta a tua mente

Imagina uma esfera transparente e luminosa...

Lorién foi conectando.

Em tuas mãos e no resto do corpo terás novas sensações...

Ele começou a se energizar com muita força

Deixa que a Força se manifeste em ti

Lorién sentiu como se pegasse fogo por dentro e como essa poderosíssima e incontida força se abria caminho e conectava com as outras pessoas na sala, incendiando com o Fogo Sagrado. Sorriu sem querer ante a sensação de poder, de bondade e de sabedoria que o invadia, enquanto ia se conectando com o Tudo.

Com esta Força que recebemos, concentremos a mente no cumprimento daquilo que precisamos realmente... Os convido a ficar em pé para fazer o pedido do que necessitamos realmente... — Repetiu Lorién, já transfigurado, sentindo essa Força e essa luminosidade inextinguíveis, às quais nada pode interromper seu passo imortal e transcendente.

Nesse estado, Lorién pediu que toda essa boa gente encontrasse seu destino, pediu que o Fogo interior se abrisse para eles, pediu poder ajudar para que esse Fogo Sagrado chegasse a todos os seres humanos.

Lentamente voltou para a sala onde percebeu que todos estavam profundamente comovidos, chorando e rindo ao mesmo tempo. Sentiu-se totalmente irmanado com eles. Olhou para sua direita e viu Zule contemplando-o, com um sorriso calmo e profundo. Tomou sua mão e agradeceu profundamente por todos os presentes que tinha recebido. Voltou a sentir que já não acreditava na morte como um abismo que detém tudo, como esse muro de sem-sentido e absurdo. Teve a certeza de que a morte não detém o futuro, que a morte, ao contrário, modifica o estado provisório de nossa existência, para lança-la para a transcendência imortal. Olhando para Zule sentiu que ela compartilhava da mesma certeza. Apertaram suas mãos com afeto, nesse estado sagrado em que se encontravam, unidos a todas essas belas pessoas.

Quando sentiu que era o momento, Lorién perguntou:

—Alguém quer comentar algo sobre a experiência vivida?

Seu Raul, ainda com lágrimas nos olhos disse:

—Agora compreendo o que veladamente Estela tentou me transmitir em sua carta, você nos trouxe Inti de volta, nos ajudou a voltar a senti-lo em nossos corações, trouxe para nós o maior dos presentes que poderíamos imaginar, nos devolveu o espírito e a vida. Nunca poderemos devolver nem uma pequena parte do que nos entregou — terminou comovido.

—Para mim não devem nada, se devem é a vosso povo, a vossos irmãos, levem para eles essa experiência, essa certeza de que a vida tem sentido, que a morte não existe — respondeu Lorién com voz profunda.

—Com certeza a levaremos até nossos irmãos e a todo o mundo que se cruzar em nosso caminho! — exclamou Juan, um convidado de José, e os demais assentiram. Eu quero dizer — comentou Pedro, um senhor de aspecto venerável — que essa é a experiência mais maravilhosa que eu tive na minha vida; de alguma forma é o que sempre busquei e não o sabia. Desculpem se pareço um tanto incoerente, mas é muito estranho isto de ter a certeza que é o que sempre busquei, embora o acabe de descobrir. É como se em mim estivesse o Pedro mundano, o que come e anda pelo mundo, e outro Ser transcendente que sabe destas coisas, e este é o que sempre tentou se conectar com essa Força, com esse Fogo Sagrado, com o Luminoso, com Inti. A partir de agora me converto em seu humilde seguidor. Farei qualquer coisa que você me dizer, agora que, depois de toda uma vida, voltei a descobrir que sou vida dentro da vida. É como ser um peixe que descobre que ao seu redor há água, volto a pedir desculpas pelas incoerências, mas não sei bem como expressar toda esta maravilha que me foi revelada — expressou com o rosto luminoso e transfigurado.

—Nós somos como vocês, seres imortais que, até quatro dias atrás, ignoravam que o fossem e sentiam-se como minhocas rastejando pelo chão. Graças a esta pequena cerimônia e a outras experiências que fomos tendo, nossa vida mudou e ganhou sentido pleno, dotando de intensidade nossos atos. Assim, Zule e eu temos uma tarefa a cumprir, e vocês verão quais são as tarefas que sentem como próprias.

Somos simples Mensageiros que levam esta mensagem que faz livre e grande quem a escuta. Acredito que todos compartilhamos desse sentimento e essa necessidade de levar a outros isto grande e bom que aconteceu em nossas vidas. Acho que todos nos sentimos como uma força da natureza que a seu passo não encontra resistência. Agora, Zule vai contar sobre os Projetos de Apoio Humano, caso fizer sentido para vocês implementá-los e difundi-los.

Zule tomou a palavra.

—Forte a experiência para todos, não é? — perguntou com bom humor. Distinta é a atitude frente à vida e às coisas quando a revelação interior fere como o raio — expressou com firmeza, enquanto todos assentiam com força. Bem, os Projetos de Apoio Humano tem como centro o ser humano e suas necessidades imediatas. Com eles se busca a transformação pessoal e social em simultâneo. Por sua vez, os participantes se convertem em protagonistas de suas próprias transformações, em todos os ambitos de sua vida, incluindo o espiritual.

E foi explicando com detalhes o funcionamento dos mesmos, e as pessoas concordavam, compartilhando completamente do espírito dos projetos, assim como de seus objetivos e sua forma de operar.

—Bem, é isso em definitivo. Algum comentário ou dúvida? — perguntou.

—Acredito que não falo só por mim — começou a falar seu Raul —, quando manifesto que não só estou totalmente de acordo com o formato destes projetos, mas maravilhado pela sua simplicidade e potencia. O que mais me surpreende é que, tendo tudo para pô-los em prática, não o tenhamos feito antes. Escuto você e sinto que tudo que diz é obvio.

O apoio mútuo, o trabalhar todos pelo bem comum em função do que cada qual sente com maior encaixe ou gosto desde suas habilidades ou vocação. E, como estes projetos devolvem a dignidade às pessoas ao fazê-los donos de suas vidas, fazedores de seu próprio destino, deixando de esperar que venham lhes trazer esmolas. Estes projetos, junto com o despertar da Força dentro de nós, vão gerar uma explosão em nossos povos. Reitero meu profundo agradecimento e proponho aos amigos aqui presentes que voltemos a nos reunir amanhã, às nove da manhã, aqui mesmo, para planificar o início destes projetos aqui em Ayacucho, e também para levar esta mensagem de liberação até o último canto de nossa América. Pessoalmente, depois desta reunião viajarei para Huancayo para coordenar com Estela e o pessoal de lá, para pormos inteligência conjunta.

Todos manifestaram seu acordo com o expressado por seu Raul. Aos poucos foram se despedindo entre abraços afetuosos e de camaradagem, se sentindo parte de um projeto maior, com um propósito transcendente para levar a todo mundo.

Dom Hilario, o velhinho que conhecera o pai de Zule ficou uns minutos falando com ela.

—Sim, eu conheci teu pai, guardo a melhor lembrança dele, um erudito com grande sensibilidade para com o sofrimento dos despossuídos e me emociona só de lembrar — expressou dom Hilario, com os olhos brilhando. Não é habitual entre os

intelectuais ter esse grau de compromisso e sensibilidade com as pessoas. Lamentavelmente, em algum momento perdemos seu rasto e não voltamos a vê-lo. Depois de alguns anos alguém comentou que tinha morrido na Turquia, isso é verdade?

—Sim — disse Zule comovida. Eu nasci na Turquia, ele foi um dos iniciadores e preservadores desta Mensagem que estamos difundindo. Ele conectou com as fontes da Escola, que remonta aos começos do desenvolvimento do ser humano e aparece sempre nos momentos de necessidade da espécie, para dar um salto qualitativo nas crises, como a que vivemos. Ele morreu tentando protegê-la — disse ela emocionada. Nós estamos sendo perseguidos pelos mesmos que o mataram e se nos pegarem nos matarão também — disse Zule com desapego.

—É realmente surpreendente ouvir jovens da idade de vocês com essa fina sensibilidade e sem nenhum temor à morte.

—Lorién e eu aprendemos que o pior que a gente pode fazer com seu espírito e com sua vida é trair a si mesmo. Por outra parte, como vocês já sentiram, a morte não existe. Quando se toma contato com a Força interior nada volta a ser o mesmo — comentou ela, sorridente.

—Vocês são um casal verdadeiramente notável.

—E como! — interrompeu José, contando todo o que tinha vivido com eles, desde que os conhecera no aeroporto de Lima. Estou certo de que esses policiais devem estar tão transformados como nós, pelo contato com Lorién.

—Realmente o que conta é extraordinário, José — disse seu Raul, admirado. Que nível de compaixão, de sensibilidade e de empatia com a pessoa que o estava torturando. É realmente incrível! Não fosse pelo acontecido aqui esta noite, eu não acreditaria — terminou dizendo maravilhado.

—São coisas que não se entendem desde o nível em que nos movemos habitualmente — disse Lorién, um pouco envergonhado. Quando a gente se entrega e se conecta com o transcendente acontece todo tipo de milagre. Nesses momentos o *eu* e seus temores praticamente desaparecem, e quem toma o comando é esse outro Ser que dom Pedro comentava.

—Seja lá como for, é um prazer ter conhecido vocês — disse dom Hilario, despedindo-se com um abraço emocionado. Que Deus os abençoe.

—Ele o faz, através de vocês e de tanta gente maravilhosa que vamos encontrando em nosso caminho — respondeu Lorién. José, como você fez para convocar tantos amigos em tão pouco tempo?

—A verdade é que eu fiquei surpreso, não conhecia mais da metade deles. Falando com alguns deles, me disseram que lhes tinha chegado algo dos Projetos de Apoio Humano e da experiência com a Força através das redes sociais, e quando convidei meus conhecidos eles convidaram outros.

—Uauuu! — exclamou Zule com um grande sorriso. Ao que parece isto está se disparando através dos jovens. O fenômeno já não nos segue, ele vai à nossa frente, hahaha.

—Bom, desculpem que os leve para temas mais mundanos — disse seu Raul—, mas está ficando tarde. Que acham de comermos algo?

—É mesmo! — exclamou Zule. O tempo voa, já são dez da noite. Não tinha pensado em comida, mas agora que falou, percebo que estou com uma fome de leão.

—E eu — concordou Lorién. Precisamos alimentar o corpo tanto como o espírito — riu.

—Que bom! Francisca, será que pode preparar algo para jantarmos? — perguntou seu Raul.

—Se tivesse que esperar que os homens me digam para fazer as coisas, eu estaria morta faz tempo — disse ela com muita graça, fazendo todos rir com vontade. Já está tudo pronto, falta que sentemos à mesa. Vamos entrando na cozinha que é mais acolhedora, pequena e cálida. A estas horas aqui na serra fica muito frio.

Os cinco comeram com apetite.

—Tenho que confessar algo— disse dona Francisca, um pouco corada. A verdade é que em algum momento eu senti que algo extraordinário estava acontecendo e olhei pela porta enquanto Lorién guiava a experiência. Fechei os olhos e tive uma experiência extraordinária. Queria agradecer por essa bela vivência que me apresentaram. Muito obrigada — disse com emoção.

—Desculpa que não tenha te convidado, Francisca — se ruborizou seu Raul —, eu não sabia muito de que se tratava e, na verdade, não me ocorreu. Me perdoa, meu amor, perdão.

—Ora bem que a gente não espera nada dos homens — disse ela com desprazer —, como dizia minha mãe, quem espera a comida de outros, ou não a come nunca ou a come fria.

—Também quero lhe pedir desculpas, dona Francisca — disse sem graça Lorién. Eu não me atrevi a interferir nos costumes da casa, foi um erro imperdoável, lamento muito.

—Não há nada para lamentar, meu filho — disse ela com afeto —, tudo o contrário, só agradecer a Mensagem, a experiência e a esperança que nos trouxeram — ficou com os olhos marejados. E aviso — disse com tom enérgico, olhando para seu Raul — que a partir de hoje me declaro mensageira, e vou levar isto para todas as pessoas que puder, começando pelas mulheres.

—É claro, claro — dizia seu Raul, confuso —, é lógico.

Zule estava quase caindo da cadeira de tanto rir e dona Francisca piscava o olho para ela em cumplicidade.

—Já sabemos que os homens são uns completos inúteis, assim é que teremos que envolver as mulheres se é que queremos que estes projetos cheguem a porto seguro — disse Francisca, rotunda. Amanhã, enquanto os homens estiverem perdendo o tempo em sua reunião, nós juntaremos as mulheres para fazer algo de proveito — voltou a piscar o olho para Zule — e desenvolver estes projetos em cada localidade — terminou muito séria.

—É claro, Francisca — disse seu Raul com tom apaziguador.

—Não estou pedindo permissão — respondeu ela. Estou comunicando para depois você não se surpreender, porque alguém com bom senso tem que tomar as coisas importantes em suas mãos.

Zule acabou no chão entre lágrimas. Seu Raul foi ajuda-la a se levantar.

–Você machucou? Maldita cadeira, desculpa pela queda – dizia seu Raul, preocupado pelas lágrimas e os chiados que ela emitia.

–Sai, sai que não faz mais do que atrapalhar – disse dona Francisca a seu marido enquanto o afastava empurrando-o, morrendo de rir, dando a mão para Zule, que não podia se manter em pé de tanto rir. Lorién e José acabaram se contagiando, e logo foi seu Raul quem foi mudando o gesto de perplexidade e confusão para outro de riso franco, ao compreender a situação.

Estavam todos rindo quando chamaram à porta.

–Quem pode ser a essa hora? – se perguntou seu Raul, se aproximando da porta para olhar pelo olho mágico. É Sergio – disse, abrindo a porta.

–Raul – começou a falar Sergio de forma atropelada –, é a policia, estão procurando Lorién e Zule, já vem por eles!

Os três reconheceram Sergio, um dos convidados. Seu Raul reagiu rápido.

–Sergio, pega o carro de José e acelera em direção a Pisco. Mesmo que encontre controles no caminho, não pare. É certo que vão te pegar, mas deve tomar um tempo que permitirá deixar estes jovens a salvo. José, entra no carro com Sergio e salta antes de sair de Ayacucho, vai para a casa de alguém que não tenha estado na reunião, busca um lugar onde te esconder no mato por um bom tempo, vamos, vamos! – apressou seu Raul. Não há tempo para despedidas. Eu levo Zule e Lorién. Vamos, vamos, rápido! Já tínhamos tudo arranjado, por via das dúvidas.

–Não vou deixar vocês sozinhos – disse José.

–Vai, José, todos juntos somos mais fáceis de identificar – disse Zule com pesar, dando um forte abraço. Se cuida, em breve daremos notícias.

Lorién o abraçou forte agradecendo emocionado ao ouvido.

José foi embora reticente, com lágrimas nos olhos.

–Por favor, se cuidem, os necessitamos. E enviem notícias assim que puderem – falou com a voz apertada pela emoção.

Seu Sergio o puxou pelo braço.

–Zule e Lorién vêm comigo – continuou seu Raul

–Espera um pouco Raul – disse dona Francisca. Todas as autoridades conhecem você em Ayacucho. Eu, em troca, sou mais uma cholita. Melhor você ir entretê-los enquanto eu os levo a um lugar seguro. Amanhã, na reunião, atende teus convidados e os meus que virão na mesma hora e depois da experiência com a Força dispersa eles rapidamente, e que cada um viaje por uma estrada, para cada povoado, levando esta Mensagem a nossa gente. É o mais urgente, antes que se organizem e nos freiem.

–Francisca, agora não é momento de... – tentou expressar seu Raul

–Não há nada que falar – cortou Francisca categórica. Eu assumo.

E fez um gesto para Zule e Lorién a seguirem. Eles pegaram seus pertences e foram atrás ela.

Dona Francisca os guiou para outra parte da casa que eles ainda não tinham visto, passando por corredores cheios de tranqueiras. Chegaram até um quarto re-

pleto de bugigangas e Francisca foi para trás de um colchão velho. Escutou-se um click e Zule e Lorién seguiram dona Francisca através de uma pequena porta oculta. Saíram para uma rua estreita. Dona Francisca fechou a porta com chave e apressou o passo. Após andar dois quarteirões, ela bateu numa porta e uma mulher de ao redor de trinta anos, com suas roupas de cholita abriu.

–Dona Francisca, que agradável supressa...

–Silencio Isabel – interrompeu ela. É uma urgência, tira o carro imediatamente. Necessitamos que nos leve para Andahuaylas.

–O que? – perguntou Isabel sem entender.

–Não há tempo para explicações. Vamos! – disse ela com firmeza.

–Esperem um segundo – e entrou na casa.

Saiu novamente em menos de um minuto.

–Vamos! – disse resolvida.

Em silencio foram até a pick-up 4 X4 que estava na frente da casa. Dona Francisca sentou na frente. Isabel arrancou rápida e partiram para fora de Ayacucho.

–Entendo que vão para Cusco, ouvi isso de Raul, é verdade? – perguntou dona Francisca.

–Isso mesmo – confirmou Zule.

–Bom. Isabel, vamos para lá, no caminho para Andahuaylas te vamos contando. Ia te contar amanhã de manhã na reunião, mas não deu tempo. Dirige com prudência – e, olhando para Zule e Lorién falou: O caminho é de terra e sobe e desce como um escorrega, passando por vários passos de montanha acima dos quatro mil metros antes de chegar a Andahuaylas.

–Obrigada, Isabel, obrigada dona Francisca – disse Zule. Não gosto nada de expor vocês a estes perigos por nossa causa, mas a verdade é que estamos em suas mãos, sem vocês estamos mortos – sentenciou com voz suave.

–Que é isso de nos expor? O que pensa que somos, um móvel que não pode tomar as próprias decisões? Acaso não temos dignidade? Que tipo de pessoas você acha que somos? Acha que deixamos nossos convidados jogados ante o mais mínimo problema?– disse ela molesta. Pior ainda, com vocês, que estão arriscando a vida por nós! Nem mais um pio! – disse ofendida. Só espero que Sergio faça seu trabalho e possa distraí-los varias horas e que Raul seja esperto o suficiente para levá-los até Sergio. E já estou farta com tanto ‘Dona’ Francisca, a partir desse momento me chamem de Francisca simplesmente, ou teremos que fazê-los sair do carro.

Zule riu emocionada e abraçou Francisca por trás com os olhos brilhando.

–Obrigada – murmurou suave ao ouvido.

–Não há de que, pequena – respondeu Francisca acariciando a mão dela. Temos que fazer tudo o possível para preservar vocês. Nada nesse mundo é mais importante, nem sequer nossas vidas. – disse, voltando a seu tom categórico.

–De todas as maneiras, obrigada. A verdade é que fomos descuidados – refletiu Lorién –, devíamos ter continuado o caminho para Cusco e não tê-los exposto dessa forma.

—Claro, assim nos deixavam sem a Mensagem, sem a experiência, sem esse presente dos deuses que nos trouxeram. Vocês nos trouxeram vida, sentido, liberdade, dignidade e ainda pedem desculpas... Sinto muito, Zule, este rapaz é bonito, mas pouco inteligente!

Estouraram as três dando risadas à custa de Lorién que sorriu feliz.

—Isabel, espero que esteja descansada para dirigir a noite toda — disse Francisca.

—A verdade é que descansada não estou, mas se é tão urgente como parece não há cansaço que me pare — respondeu Isabel.

—Essa é a minha amiga! É por isso que fui procurar você. Veem amigos de que material estamos feitos aqui na serra?— se dirigindo a Lorien e Zule. De todas as maneiras, já é hora de te contarmos, Isabel.

E começou a lhe falar dos Projetos de Apoio Humano. Isabel escutava concentrada. Quando lhe relatou a experiência com a Força, Isabel parou o carro no acostamento, em meio da escuridão apenas iluminada pelo céu estrelado, e se virou para olhar para eles com atenção.

—Isso que conta é algo que te aconteceu ou foi com outra pessoa?

—Aconteceu com todos nós, Isabel! De formas diferentes, mas com todos — disse Francisca evocando o momento, sentindo como essa Força luminosa voltava a estar presente no corpo todo e além dele. Agora mesmo, conforme vou lembrando, volta essa enorme vivencia — disse com voz profunda —, essa experiência que mudou a minha vida; nada voltará a ser como antes, querida amiga — disse com a voz suave e os olhos luminosos.

Isabel voltou a olhar para Zule e Lorién com o queixo caído e expressão desconcertada.

—E vocês, estão cientes do que estão gerando nas pessoas com essas experiências? — perguntou, ainda sem poder acreditar no que lhe estavam contando.

Lorién e Zule olharam para ela sérios, e assentindo levemente.

—É claro que estão cientes, Isabel! — respondeu Francisca —, por que você acha que estão arriscando a vida? Porque estão cientes de que não há nada mais importante do que transmitir esta mensagem para todo mundo.

—Mas, tão jovens! — exclamou Isabel, mais para ela mesma do que para eles.

—*Distinta é a atitude frente à vida e às coisas quando a revelação interna fere como o raio* — recitou Zule.

Isabel sentia-se apequenada na presença deles. Esses jovens irradiavam algo, algo extraordinário. Seus olhares tinham ganhado uma profundidade e sabedoria surpreendentes.

—Não somos nada extraordinários, Isabel — disse afetuosamente Lorién —, o que você vê em nós é o que verá em qualquer pessoa que tenha experimentado a Força dentro de si. Você quer experimentar o que se sente?

—É claro — disse ela, temerosa, mas sem querer perder essa coisa extraordinária da que estavam falando.

Saltaram todos do carro.

—Aqui vamos, então — disse Lorién, colocando uma mão nas costas e a outra no coração de Isabel e começando a lhe transmitir a Força diretamente. A força foi aumentando nele e despertando nela, que começou a sentir um formigamento nas mãos e ondulações progressivas que lhe bamboleavam o corpo, ao tempo que a Força explodia dentro, preenchendo—a de luz e vida...

Isabel ficou uns minutos se deleitando com as belas emoções que surgiram associadas à clareza mental e à enorme ampliação de sua consciência.

Quando abriu os olhos sentiu que ficava tonta e Francisca teve que segurá-la. Ficaram os quatro olhando para esse céu cheio de estrelas, tão limpo que parecia que bastasse com esticar o braço para alcançá-las. Os quatro sentiam que havia um Sentido Maior, um Plano no universo, que nada era por acaso e que eles podiam tomar consciência dele e trabalhar para facilitar seu desenvolvimento, com a felicidade, a intensidade e a unidade interna que isso significava. Estavam cheios de significados profundos. Já não interpretavam o mundo desde a externalidade, mas desde a compreensão que chegava dessa conexão interna. Ela os fazia entender, sem palavras, que o de dentro e o de fora eram a mesma coisa, que o de cima e o de baixo eram a mesma coisa, que o sol e as estrelas ocupam mais espaço no coração dos seres humanos do que nos céus. Sentiam—se profundamente unidos os quatro e, por sua vez, unidos com Tudo.

Isabel começou a chorar de repente, com suaves soluços que apenas mexiam seus ombros e os quatro se abraçaram nesse momento de grande compreensão e comunhão espiritual.

—Obrigada, Lorién, por esta maravilhosa experiência. Agora compreendo a que se referia Francisca. Eu também sinto que antes não estava viva, que era como uma espécie de zumbi que se mexia no mundo sem vida interior. Obrigada — repetiu com grandes lágrimas caindo pelas bochechas queimadas pelo sol e o frio. Também entendo que esteja disposta a arriscar a vida por isto. Não há nada de mais importante e não há necessidade maior do que devolver a vida a nossa gente e a todo o mundo. Ajuda—los a despertar. A partir de agora já não importa se perco a vida. Estes minutos transcorridos desde esta extraordinária experiência me deram mais sentido que tudo o vivido no resto de minha vida. Nestes momentos sinto—me capaz de tudo, sinto que nada é impossível, olho para trás e me vejo numa vida tão pequena, tão vazia, que não posso acreditar que todos vivamos desse jeito, sendo que temos dentro de nós este fogo sagrado. Cada um de nós é um milagre! Como é possível que não tenhamos percebido? Que dormidos estamos! — concluiu supressa.

Entraram no carro em silêncio, cada um deles perdido em suas reflexões e seguiram caminho. Curvas e mais curvas fechadas, foram subindo até que chegaram à cima, no passo.

—Deem a última olhada para Ayacucho — disse Isabel. Na próxima curva deixaremos de vê—la.

Efetivamente, lá embaixo, ao fundo do vale se via Ayacucho, suas muitas luzes na noite escura, com o céu em fogo pelas estrelas enormes. O carro conti-

nuou sua marcha enquanto olhavam para Ayacucho que, ao virar na curva, sumiu, tal como Isabel dissera.

—Este é o passo Toqto, aproximadamente quatro mil e duzentos metros sobre o nível do mar — ilustrou Isabel.

—É por isso que tenho os ouvidos tampados e a cabeça tonta — disse Lorién.

Zule olhou para ele e ia dizer algo, mas segurou sua cabeça com um gesto de dor e ficou em silêncio.

Aos poucos, o mal-estar pela altura e a rápida subida foi sumindo. Uma vez desaparecido Ayacucho, o brilho das estrelas e desse céu infinito e majestoso ficou maior ainda. Lorién e Zule estavam extasiados contemplando. Via-se tão próximo!... Viram satélites, estrelas fugazes e todas as constelações que alguma vez lhes foram comentadas, mas que nunca puderam ver, como a Cruz do Sul, que sempre assinala para o polo sul, Órion, com as Três Marias que formam seu cinturão. Era o cenário adequado para a inspirada expedição dentro do carro.

De repente uma luz no céu avançou rápida pelo horizonte, deteve-se no ar e logo depois, como que impulsionada por uma mola, saiu disparada em um ângulo impossível, perdendo-se em questão de segundos no límpido céu.

Zule e Lorién se olharam ao mesmo tempo.

—Viu isso? — disse ela

—Sim — assentiu Lorién surpreso.

—Que bom, porque pensei que era coisa do terrível mal das alturas que ainda sinto. Claro que você não é muito confiável com teus delírios místicos habituais — riu com vontade, mas terminou com um gemido segurando a cabeça. Isto acontece comigo por ser uma pessoa ruim — disse entre gemidos, mas rindo suavemente.

—O que viram, crianças?— perguntou Francisca.

—Algo muito estranho, uma luz que veio muito rápido até nós e se deteve acima, mas muito alta, então não dava para ver nenhum detalhe, somente uma luz detida e que de repente girou de forma estranha e foi embora rapidamente, desaparecendo em questão de segundos — disse Lorién supresso.

—Por toda a serra central se vêem sempre coisas estranhas no céu, sempre há centenas de ufólogos que vêm contemplar óvnis, ou o que forem essas coisas — disse Francisca.

—Não sei se é porque o céu é muito limpo, ou pela secura ou a altura, ou porque na verdade é um lugar de encontro para essas coisas.

—Que lugar sem igual! — comentou Zule, maravilhada. Meu pai sempre me falava destes céus com grande saudade, apesar dele não ser melancólico habitualmente, mas quando falava de seu altiplano, de seus céus, seu povo, do mágico lago Titicaca, então seus olhos ganhavam um brilho especial... — seguiu contando com os olhos brilhantes. Quantas vezes sonhei poder contemplar estes céus que ele me descrevia com luxo de detalhes! Pois é, aqui estamos, querido pai! — disse tomando Lorién pelo braço e se apertando contra ele. Pena que a meu noivo lhe falta romantismo para apreciar este momento especial — riu com picardia de novo.

—É mesmo um momento mágico — disse Lorién, beijando-a suavemente.

—É que com você não se pode ser romântica, imediatamente se aproveita de minha ingenuidade — seguiu ela divertida, apertando-se mais ainda a ele e beijando-o com vontade.

Isabel e Francisca se olharam sorridentes. Pouco depois os dois ficaram dormidos no assento de trás. Francisca e Isabel olhavam para eles com ternura e Francisca cobriu os dois, abraçados, com uma manta.

—Estamos chegando, dorminhocos — disse Francisca com tom afável horas depois.

Lorién se mexeu e abriu os olhos com uma forte dor no lado. Percebeu que era o cotovelo de Zule quem, ao sentir que Lorién se mexia, abriu os olhos e sorriu amorosa.

Efetivamente estava amanhecendo e já tinha bastante claridade.

—Estamos chegando a Talavera — disse Francisca —, ali nos deteremos, deixaremos vocês na casa de nossa amiga Hermínia e nós iremos dar umas voltas por Andahuaylas, para ver se tudo está tranquilo. Nesse caso, passaremos por vocês e atravessaremos Andahuaylas a caminho de Abancay. Caso estiver complicado, poremos em marcha o plano B: iremos cavalgando, rodeando Andahuaylas até nos encontrarmos mais adiante com Isabel, que estará a nossa espera. Caso formos detidas, Hermínia levará vocês cavalgando para além da cidade, e conseguirá alguém que leve vocês de carro.

—Muito obrigada, Francisca, por favor, se cuidem muito — disse Lorién.

—Já vamos recomeçar?! — disse com aparente mau humor Francisca. Ao que parece somente os jovens podem correr riscos, que acha, Isabel?

—Acho que eles têm um coração de ouro — disse ela com um grande sorriso. Não se preocupem, teremos cuidado. Bem, já estamos entrando em Talavera, daqui há somente seis quilômetros até Andahuaylas.

Resultou ser uma pequena cidade muito agradável e, apesar da hora, já se via gente nas ruas. Isabel deteve o carro na frente de uma casa relativamente moderna. Francisca desceu e tocou a campainha. Logo depois uma mulher de uns quarenta anos, de cabelo castanho, vestida de forma mais ocidental do que Francisca e Isabel, abriu a porta. Francisca fez sinal para eles descerem do carro.

—Esta é nossa amiga Hermínia. Estes são nossos amigos Zule e Lorién. Temos que cuidá-los como osso de santo — apresentou Francisca. Logo tomou pelo braço a Hermínia e a levou para um canto onde lhe disse algumas coisas de forma enérgica. Hermínia lançou uns olhares surpresos sobre eles enquanto fazia perguntas que Francisca respondia rapidamente, para continuar com sua explicação. Finalmente, Hermínia olhou para eles pela última vez e assentiu com a cabeça para Francisca.

Voltaram onde estavam os três e Francisca falou: Hermínia receberá vocês em sua casa, enquanto nós vamos ver como está a cidade. Se não voltarmos em uma hora ela levará adiante o plano B com vocês.

Hermínia voltou a assentir com força em direção a eles.

–Vamos, entrem e prepararemos o café da manhã, com certeza estão com fome.

–Deixamos vocês em boas mãos – falou Isabel, pondo em marcha o veículo.

Entraram na casa e viram que tudo era bastante moderno. Os eletrodomésticos, os móveis, os enfeites, enfim, não era o que estavam acostumados a ver desde que chegaram a Huancayo.

–Se quiserem podem me acompanhar na cozinha para preparar o café e, enquanto isso, vamos conversando.

Hermínia assinalou para as cadeiras em volta da mesa enquanto ela preparava rápido umas torradas com marmelada e fazia ovos com presunto.

–Então, você é professora – disse Zule após ouvir Hermínia. O seu jeito é menos tradicional que o do resto das pessoas que conhecemos na serra.

–Hahaha. Sim, algumas pessoas custaram a acostumar. Sempre me pareceu fundamental conhecer e valorizar nossas tradições, mas também ampliar o olhar.

–Assim como falo fluente o quéchua, também falo inglês e alemão. Meu pai era peruano e minha mãe, suíça. Ela era uma cientista importante e deixou a Europa para vir morar no Peru, para estudar suas milhares de variedades de batata. Sempre amou o Peru e meu pai. Depois, quando eu era adolescente, ela me levou para a Suíça, para a sua família, para estudar, e me fez escolher onde eu queria viver. Até o dia da minha morte vou agradecer-la. Normalmente nos impõem as coisas, mas ela sempre foi muito respeitosa comigo e com os demais. Meu pai era professor também, lecionou em vários lugares da serra e era muito querido por todos. Nos anos oitenta o confundiram com um senderista e o mataram – disse com pena que rapidamente superou. De alguma maneira, sua forte vocação para melhorar a qualidade de vida das pessoas através da educação me contagiou e fez com que eu seguisse seu caminho. Eu admirei muito os dois – ela sorveu um gole de chã antes de prosseguir –; escolhi vir ensinar aqui, na serra, onde se necessita uma visão mais ampla do mundo. Francisca, apesar do tradicional que é, foi uma das primeiras que valorizou e apoiou meu ponto de vista dez anos atrás, quando eu cheguei. Isso facilitou muito as coisas. Ela é uma mulher que dedicou sua vida toda a lutar para melhorar as condições de vida de nosso povo, e, sobretudo, das mulheres. Ela tem um prestígio muito bem ganho. Onde ela vai, sempre é reconhecida, valorizada e querida.

–Chama a minha atenção o quanto as nossas histórias são parecidas – disse Zule, e contou em grandes pinceladas sua própria biografia.

Quando terminou se abraçaram em reconhecimento e consolo mútuo.

–E isso nos traz para a situação atual – disse Hermínia.

–Pois é. Como disse, eu vivia tranquila em Istambul até que este homem chegou e pôs tudo de pernas no ar – começou com uma piscada para Hermínia. Ele me tirou de casa, de meu negócio familiar de venda de tapetes, e me fez percorrer meio mundo até chegarmos ao Peru, perseguidos pelos poderosos do mundo todo e seus sicários, incluídas muitas das forças de segurança dos distintos países...

E foi contando o acontecido desde que pousaram no aeroporto de Lima: o sequestro de Lorién, a chegada a Huancayo e Ayacucho, os Projetos de Apoio Humano...

—Bom, é que Lorién cisma com fazer de místico e começa a fazer cerimônias estranhas para as pessoas que depois ficam feito loucas — riu depois de pôr sua língua para fora para Lorién.

Hermínia ficou de boca aberta e olhos arregalados.

—Se não fosse Francisca que trouxe vocês e que vi a devoção que sente pelos dois, acharia totalmente impossível acreditar no que me está contando — disse, ainda perplexa. E eu achando que tinha impressionado muito você — e voltou a rir —, mas o que vocês fizeram foi deixa-la louca, hahaha — riram os três com vontade. Agora entendo as mensagens que me chegaram através das redes sociais. Estava começando a ler algumas coisas surpreendentes bem na hora que vocês chegaram. Adorei o dos Projetos e vou avisando que vou promover eles nesta parte da serra. É tão simples e evidente que é assim que devem ser feitas as coisas, que não deixa de ser surpreendente o fato de não termos feito isso antes — disse surpresa. Também gostaria que compartilhassem essa experiência maravilhosa comigo — finalizou corada.

—Mas é claro — disse Lorién —, não é segredo, ao contrário, é parte de nossa missão levar essa experiência para a maior quantidade de pessoas possível, para que, por sua vez, eles a levem a outros. Zule, você quer guiar?

—Não, não, não me envolva com tuas coisas estranhas. O místico da família é você, eu sou a garota que se encarrega das coisas simples e práticas — brincou de novo.

—Bem, fica confortável.

Lorién fechou os olhos e evocou a experiência com a Força e sentiu como rapidamente ela o preenchia. Cada vez lhe resultava mais fácil e rápida a conexão.

—Fica em pé — pediu para Hermínia, com uma voz profunda e inquestionável.

Ela ficou em pé e olhou para ele, surpresa pela mudança de tom na sua voz, e percebeu algo nele que não tinha visto antes e que a fez ficar sem alento, algo em sua postura, em sua áurea, na profundidade irresistível de seus olhos...

—Fecha os olhos — disse Lorién, ao tempo em que colocava uma mão no coração dela e a outra nas costas, passando para ela a Força com poderosas ondas.

O corpo de Hermínia sacudiu com o impacto e voltou a ficar sem alento pelo inesperado do que estava sentindo. Rapidamente se energizou sentindo como seu corpo oscilava, apenas se mantendo em pé, e sentindo por dentro que uma corrente de Força luminosa a invadia, e foi crescendo mais e mais em seu interior até ir além dela. Percebeu um poder enorme, sabedoria e uma imensa bondade, que brotava dela para toda a espécie humana, numa comoção sem precedentes em sua vida. Conectou com o sagrado que habitava nela, esses espaços sagrados que não sabia que existiam. A comoção foi tamanha que teve que sentar, sem poder se manter em pé.

Zule levou um copo d'água para ela e aos poucos Hermínia foi se acalmando, olhando para eles com veneração.

—Esse espaço sagrado e essa sabedoria estão dentro de ti — disse Lorién —, eu só facilitei tomar contato. Agora que já o fizeste poderás conectar sempre que quiseres por tua conta — disse Lorién. Aqui deixamos a experiência para que a possa reproduzir em grupos, ou como quiser — disse, passando para ela uma folha de papel que ela segurou como o tesouro mais precioso e frágil.

—Muito obrigada, meus amigos, muito obrigada. Tenham certeza que farei bom uso do que me entregam de forma tão generosa — disse Hermínia ainda emocionada.

—Já passou quase uma hora desde que partiram e... — estava comentando Zule quando a campainha tocou.

Hermínia abriu a porta com seu rosto transfigurado, com sua figura enaltecida pela experiência. Eram Isabel e Francisca.

—Bem, Hermínia, já estamos aqui — começou Francisca e se interrompeu ao vê-la tão mudada. Bem, vejo que os rapazes andaram fazendo das suas com você, assim tudo será mais fácil — disse abraçando-a. Agora entendes porque é tão importante que estas crianças continuem sua missão — manifestou com tom intimista e próximo, sentando à mesa da cozinha com os demais.

—Bem, a situação não é fácil — começou. Chegamos à entrada da cidade e vimos vários carros estacionados de forma aparentemente casual, com pessoas dando voltas ao redor. A situação teria passado despercebida para qualquer um que não viaje para Andahuaylas com frequência. Os carros eram melhores dos que se veem na cidade habitualmente. As pessoas em volta tinham um corte de cabelo e complexões claramente militares ou policiais, e o excesso de veículos e de gente nessa hora... Enfim, que nós passamos como quem não quer nada e logo um dos carros estacionados começou a nos seguir. Simulamos falar normalmente e Isabel dirigiu devagar e fomos para a casa de uma amiga, Remigia, onde paramos para saudá-la sem dar sinais de que estávamos ligadas na perseguição. Também não dissemos nada para ela, para que seu comportamento continuasse natural. Ficamos em sua casa para o café da manhã e depois de vinte minutos saímos seguindo o mesmo caminho que fizemos para chegar. Então uma viatura policial nos deteve, pediu nossa documentação e perguntou por nossa viagem para Andahuaylas. Por sorte, tanto Isabel quanto eu, costumamos vir com frequência, Isabel a negócios, e eu porque trabalho com muitos grupos de mulheres. Isso foi o que dissemos e logo depois de revisar o carro por dentro e por fora nos deixaram seguir viagem. Ficamos com a impressão de que eles não têm claro que nós tenhamos algo a ver com os rapazes — concluiu Francisca. Então essa é uma via que não vamos usar. Seguiremos o plano B. Isabel irá visitar um freguês que tem uma loja em São Jerônimo, passando Andahuaylas, que lhe deve um dinheiro e para lhe oferecer mercadorias. Caso seja detida e interrogada, ela contará que está a caminho de Abancay. Nós pegaremos uns cavalos de Hermínia e rodearemos a cidade para nos encontrarmos com Isabel

na saída de São Jerônimo, um povoado passando Andahuaylas. Daí seguiremos caminho juntas quase até chegar a Abancay.

Não podemos correr o risco de voltar a entrar em cidades grandes, então nos desviaremos fazendo um rodeio pela serra profunda. Chegaremos a Lambrama e daí iremos por paragens quase desertas até chegarmos a Cusco. É muito difícil que possam nos rastrear por esses caminhos secundários. Estamos todos de acordo? – perguntou finalmente Francisca.

Isabel e Hermínia se olharam sem dizer nada. O que acontece? – perguntou Francisca meio molesta.

–Com todo respeito e carinho, Francisca – disse Hermínia –, tu não estás em condições de cavalgar duas horas até São Jerônimo. Apesar do bom físico, já tem um cansaço excessivo no corpo.

Isabel concordou.

–Estou totalmente de acordo com Hermínia. Você já esteve ontem o dia todo fazendo coisas, a noite toda viajando sem dormir e cavalgar duas horas e depois mais três horas até Lambrama é demais.

–Que querem dizer, que estou velha? – perguntou chateada Francisca.

–Querem dizer que tudo tem um limite – disse Zule conciliando. Você já fez mais da conta para nos cuidar, agora tem que focar em divulgar rapidamente a Mensagem em teus círculos de mulheres. Assim é que será melhor que volte com Isabel até Andahuaylas e aproveite o dia para se reunir com todas as pessoas que puder. É urgente que isto se difunda antes que tentem nos frear. Você foi feita para organizar isto pela serra toda, essa é sua responsabilidade – terminou com voz suave e tom de pedido.

–Mas – começou com tom de raiva que foi se abrandando em resmungo, para terminar em pena que expressou com um soluço quase inaudível –, a verdade é que com vocês tenho me sentido mais desperta, viva e fresca que em toda minha vida anterior – disse para Zule e Lorién, tomando eles pelos ombros com muito carinho – e custa me separar de vocês sabendo que é provável que não nos vejamos mais. Sei que a missão de vocês vai continuar por outros continentes e países, e eu queria esticar este momento o mais possível – terminou, chorando sem dissimulo.

Zule e Lorién a abraçaram e acariciaram com afeto.

–Para nós também é difícil nos separarmos de você – disse Lorién com voz doce e meiga. Gostaríamos de poder descansar uns dias em algum sítio para podermos estar tranquilos – comentou com um suspiro –, mas cada qual tem que fazer sua parte. Nós temos que chegar rápido ao Cusco, antes que eles se organizem melhor, e você tem que difundir esta Mensagem em todo este setor, antes que percebam o que está acontecendo – terminou com um afetuoso abraço e um beijo na testa.

–Está certo – concedeu Francisca –, é só que sou uma velha teimosa, mas já está tudo certo – disse erguida e digna, limpando os olhos. Como você bem disse, cada um de nós tem sua tarefa. Obrigada por me lembrar – deu um forte abraço e um beijo enquanto olhava para eles com amor infinito.

–Bem – disse Francisca com tom enérgico–, parece que todos temos muito que fazer, vamos então.

Despediu-se de Hermínia e entrou no carro com Isabel olhando com um grande sorriso através da janela.

Zule e Lorién também tinham lágrimas nos olhos enquanto diziam adeus com a mão.

–Vamos! – disse Hermínia. Imagino que vocês dois sabem cavalgar, certo?

–Eu sim, mas Lorién não sei não – comentou Zule com olhos pícaros.

Lorién pigarreou e disse:

–Efetivamente, nunca montei um cavalo na vida.

–Há uma primeira vez para tudo – riu Hermínia. Vamos!

Caminharam oito quarteirões até chegarem a uma casinha com cavalariças fora do povoado. Os cavalos pastavam fora, no curral.

–Aqui estão nossos amigos – disse Hermínia. Para você, Lorién, deixaremos a égua de cor café que é muito tranquila e dócil, só tem que se manter acima dela. Ela vai seguir nossos cavalos, você apenas mantenha as rédeas frouxas. Eu irei na frente, depois Zule e, atrás, você.

Todos concordaram.

–Espero que não comece a fazer imposição de mãos na égua – disse Zule com um brilho burlesco nos olhos. Você é capaz de fazer coisas muito estranhas para chamar a atenção, huahuahua... – morria de rir, quase sem poder se manter em pé.

Hermínia e Lorién olhavam para ela divertidos até se contagiarem de seu fresco bom humor soltando o riso. Hermínia bateu à porta da casa e entrou sem delongas. Um senhor já entrado em anos tirou o seu chapéu em sinal de respeito.

–Senhora Hermínia, que prazer ver a senhora por aqui – disse com o chapéu na mão.

–Este é Humberto – apresentou para Lorién e Zule. É muito boa pessoa, me ajuda com o cuidado dos cavalos, algumas galinhas, e porquinhos da Índia que temos. Ele é como da família para mim – comentou olhando para ele com afeto. Humberto, vamos sair para um passeio com os amigos. Gostaria que sele a Melosa, o Puka e o Ancinho – pediu.

–Com prazer, senhora Hermínia.

E começou a reunir os cavalos.

–Quando vai deixar de me chamar de senhora, Humberto? Me conhece desde criança de peito, sempre cuidou de mim – disse.

Ele sorriu sem dizer nada e continuou a juntar os animais.

Em dez minutos estavam prontos e partiram lentamente para que Lorién fosse tomando o jeito de andar a cavalo. Meia hora depois ele sentia as virilhas doloridas e as coxas intumescidas de tanto apertar o cavalo para não cair. Hermínia percebeu e disse

–Vamos deixar descansar um pouco os cavalos e esticar as pernas.

Lorién apenas se pode apeiar do cavalo do dolorido que estava. Zule também teve dificuldades, mas porque estava morrendo de rir de ver as caretas de Lorién.

Acabou caindo do cavalo e continuou rindo no chão. Hermínia e Lorién se contagiaram e aí estavam os três, jogados no chão sem poderem pôr-se em pé. Quando foram se acalmando esticaram as pernas um tempo e Lorién foi afrouxando suas tensões e câibras e já conseguia andar quase normal. A forma de andar dele produziu outra explosão de riso de Zule, que começou a imita-lo, de maneira tão genial que novamente acabaram os três se revirando de rir.

—Não é que você não para de fazer coisas estranhas?! — disse a Lorién com olhos brincalhões. Quando chegarmos até Isabel já será o final dos tempos — seguiu rindo jubilosa.

Após quinze minutos andando eles partiram novamente montados em seus cavalos. Lorién estava mais solto e, já menos apreensivo, aprendeu a acoplar seus movimentos aos da égua Melosa facilitando a cavalgada.

Desta vez andaram por uma hora e meia passando perto da saída de Andahuaylas à qual foram rodeando para chegar até o ponto de encontro, nos arredores de São Jerônimo. Nesse trajeto fizeram trotar os cavalos em varias ocasiões. Lorién, apesar de continuar dolorido, sentia-se muito melhor e acabou desfrutando da cavalgada. Finalmente, quase três horas depois de terem saído de Talavera chegaram ao local conveniado. Ali estava o carro de Isabel que dormia dentro. Acordou com o barulho dos cavalos e correu até eles.

—Que bom que tudo foi bem! — disse aliviada.

—Tudo muito bem para quase todos — respondeu Zule, olhando pelo canto do olho a Lorién. Digo pela coitada da égua que sofreu tendo que carregar Lorién cambaleando acima dela, coitado do animal! — acabou morrendo de rir outra vez.

—Hahaha — contagiaram-se Isabel e Herminia.

Lorién sorriu agora com os olhos brilhando de excitação. Realmente tinha desfrutado da ultima parte da viagem, montado em Melosa. Porem ainda custou a descer do cavalo e as pernas apenas o sustentaram, tremendo e com câimbra. Isto provocou outro estouro de risos de Zule, seguido por Isabel e Hermínia.

—Esse é o passo dos fidalgos espanhóis quando vão conquistar novos lugares! — exclamou Zule em meio a um gemido afogado de riso.

Estiveram um bom tempo rindo.

—Temos que nos despedir — disse Isabel, e dirigindo-se a Hermínia a abraçou com afeto.

—Nunca os esquecerei — disse Hermínia abraçando Zule e Lorién. Amanhã começarei minha atividade como Mensageira para levar esta experiência maravilhosa a todos meus irmãos. Obrigada de todo coração. Eu sempre acreditei ser uma pessoa luminosa, mas só agora sei o que isso significa, obrigada outra vez — disse emocionada.

Entraram no carro e empreenderam o caminho para Abancay e Lambrama, onde passariam a noite na casa de uma amiga de Francisca.

—Para mim foi ótima essa cochilada que dei. Depois de dirigir a noite toda estava destruída, agora já posso dirigir até Lambrama de uma puxada só. Serão perto

de três horas de viagem. Vamos rodear Abancay pelo poente para evitar os controles quase certos na entrada da cidade, conforme falamos em Andahuaylas – explicou Isabel. Assim é que percorreremos caminhos e estradas pouco transitadas, o que tomará mais tempo, porém nos dará mais segurança.

–Adiante – disse Zule – seguimos nossa aventura caminho ao Cusco. E quanto tempo levará de Lambrama até o Cusco?

–Perto de quatro horas, mas essas estradas e caminhos não habituais têm sempre alguma surpresa – respondeu Isabel.

Nos primeiros quilômetros ficaram todos atentos caso houvesse algum controle na estrada.

–Pelo desenrolar dos fatos, é possível que em Andahuaylas acreditem que ninguém pode passar sem que eles percebam – comentou Isabel.

Meia hora depois Isabel ficou mais relaxada e comentou que tinha esquecido que tinha comida numas sacolas no porta-malas. Então parou o carro e pegaram os sacos.

–Por conta da pressa só deu para comprar um frango asado e batatas fritas –Isabel pediu desculpas –, era o mais rápido em que consegui pensar – terminou contrita.

–Para mim está ótimo o frango com batatas fritas. Faz tempo que não comemos isso. Não é, Lorién?

–Desde antes de te conhecer, amada minha – disse ele com tom emotivo. Sabe? Fica difícil de lembrar-me de algo antes de te conhecer, na verdade antes de Federico me notificar a missão. Passaram-se tantas coisas, coisas em que não me reconheço – e ficou pensativo. Apenas se passaram sete dias! – exclamou atordoado. Isto do tempo mental, da diferença com o tempo do calendário, cada dia me surpreende mais. Zule, faz apenas cinco dias que nos conhecemos, é incrível!!! Parece que são anos – voltou a se surpreender.

–Está bem! A gente sabe que os homens se cansam logo das mulheres, mas, de todas as maneiras, tinha a expectativa de que te tomasse algo em torno de seis meses – comentou Zule com cara de dignidade ofendida-. O teu é um recorde, colega, não chegou nem aos seis dias! – exclamou ela ainda com tom de ofendida, mas com aquele brilho nos olhos que a delatava.

–Não, Zule, não quis dizer isso – começou a argumentar Lorién confuso.

–Pois para nós duas ficou bem claro como se te fizeram longos estes poucos dias, parecem anos! – imitou o tom de Lorién de forma divertida. Não é verdade, Isabel? – disse piscando o olho para ela.

Isabel tentava manter a cara de séria, mas não pôde aguentar mais e soltou uma gargalhada que Zule acompanhou de forma estrondosa. Lorién, que no começo não tinha percebido, rapidamente passou do rosto sério para o de ofendido, para logo morrer de rir como elas.

–Você é terrível, Zule – disse ele com tom de ofendido, mas ainda com o riso desenhado no rosto. Realmente terrível!

—Sim, meu amorzinho — disse ela melosa. Desculpa, mas é que você coloca as oportunidades na mão e eu morro, mas não perco a piada, hahaha. Mas você está certo — falou com tom sério e o olhar perdido —, para mim também é difícil pensar em algo antes de te conhecer. O tempo interno se acelerou tanto... Tantas e tantas coisas se passaram interna e externamente que eu mesma não me reconheço. E também acho difícil, vendo como cresceu e no que se converteu em tão pouco tempo, reconhecer esse matuto que entrou na minha loja, apenas cinco dias atrás. A sensação é de ter vivido tantas coisas juntos que às vezes abruma... Mas, por outra parte, agradeço tanto, tanto... — ficou um momento em silêncio. É graças a tudo o que aconteceu que hoje me encontro concretizando um de meus sonhos: viajar e conhecer o altiplano peruano, com toda a carga que ele tem para mim, por causa de meu pai — terminou ela com um suspiro.

—Também acontece comigo, e olha que eu só os conheci ontem à noite — comentou Isabel um tanto quanto surpresa. Eu mesma não me reconheço, sou outra e também agradeço profundamente, graças a vocês.

Comeram em silêncio, cada um em suas próprias reflexões sobre a vida, sobre o que significa estar vivo, sobre a identidade com que cada qual se identifica, sobre o sentido das ações e da vida...

Voltaram a pôr-se em marcha, ainda sumidos no silêncio.

—Isabel, peço desculpas, mas acho que estou ficando dormido — disse Lorién—, espero que não se importe se der um cochilo.

Zule, que ia à frente, assentiu e pediu compreensão também.

—Não se preocupem, descansem agora que podem. Vocês levam sobre os ombros uma carga descomunal e desproporcionada. Ponham empenho em cumprir sua missão, os demais poremos empenho em cuidá-los, para que todos possamos ser testemunhas de coseguirmos. Digo isto desde o desconhecimento do que se trata o cometido de vocês, já que intuo que é bem mais do que temos conversado até agora. Intuo que é transcendental para toda a espécie humana — terminou Isabel, olhando para eles com muito afeto.

Dito e feito, antes de cinco minutos estavam dormidos os dois.

—Descansem, queridos — disse Isabel com voz suave e muita ternura. Que enorme responsabilidade carregam! Tomara eu pudesse aliviá-la de alguma forma — se emocionou ela.

Algumas horas depois Zule acordou e se despreguiçou com um sonoro bocejo.

—Olá, Isabel, como vamos?

—Bem, muito bem. Em quinze minutos chegaremos a Lambrama.

—Sério? — surpreendeu-se Zule. Pensei que tinha dormido menos.

Lorién também abriu os olhos se esticando e bocejando.

—Mas que bem que dormi — disse.

—Já estamos chegando, dorminhoco — disse Zule —, vai vendo que homem! Não aporta nada, só dorme e dorme — disse piscando o olho para Isabel.

—Isso é o que mais gosto de Zule, que não deixa a gente dormir. Imediatamente tira a sua crítica cruel e permanente. Que capacidade tem! —riu Lorién, mostrando sua língua.

—Realmente o mundo é cheio de gente mal agradecida. A gente passa a vida cuidando dele, perdendo o sono, ajudando com tudo porque o rapaz, saber mesmo, não sabe fazer nada, e o que recebe em lugar de agradecimento? Exigências, queixas e desprezo.

—Pois já podem ir se penteando e ajeitando — disse Isabel — porque aquelas casas que vem lá são Lambrama. Estaremos ai em cinco minutos.

Zule e Lorién olharam com atenção e ficaram surpresos com a mudança de paisagem. Era muito mais verde e podia se ver algumas palmeiras. Depois da secura que foram vendo na serra, notava-se mais umidade no ambiente. Via-se um rio circulando em paralelo à localidade e à estrada, num pequeno vale entre imponentes montanhas. Via-se uma igreja e casas de dois andares. A paisagem era linda.

—A que altura estamos? — perguntou Zule com os ouvidos entupidos.

—Descemos uns mil metros. Lambrama deve estar a três mil e cem metros sobre o nível do mar e vimos de estar sobre os quatro mil— comentou Isabel.

—Que belo lugar, seria fantástico ficar uma temporada morando aqui por um tempo, tranquilos — disse Zule com olhos sonhadores enquanto entravam no povoado.

Chegaram a uma praça muito agradável, retangular e ampla, entraram numa rua lateral e se detiveram na porta de uma casa de dois andares muito grande.

—É aqui que mora a senhora Rosa.

Isabel bateu no portão com o punho e uma voz dentro os convidou a entrar.

Entraram e na penumbra distinguiram uma jovem de uns vinte anos limpando o chão.

—Boa tarde — disse Isabel. Buscamos Dona Rosa, ela ainda mora aqui?

—Sim — disse a mulher —, ela está em cima cuidando de meu irmão Edgar que ontem teve um acidente. Ele caiu do telhado e está mais lá do que cá — contou ela soltando as lágrimas.

—Caramba, que tragédia! — disse Isabel abraçando a jovem. Agora me lembro de você, é Miguelina, a filha de dona Rosa. Podemos subir para vê-la?

—Não sei se vai querer recebê-los, ela está muito angustiada e não quer se separar de meu irmão nem por um segundo, não quer nem comer. — comentou com um gemido. O médico disse que não há nada a fazer por ele, que devemos ir nos despedindo — expressou com outro soluço.

—Vamos — disse Lorién com resolução —, me guie até ela.

As três ficaram se olhando confusas.

Finalmente Isabel, vendo a resolução de Lorién, pediu a Miguelina que lhes mostrasse o caminho.

Ela os guiou por uma escada que dava para um corredor no primeiro andar, no que havia quatro portas. Foi até a segunda, olhou para eles em dúvida e Lorién

fez um gesto afirmativo para que batesse à porta. Miguelina duvidou um instante e finalmente tocou timidamente. Dentro não se ouvia nada, ninguém respondeu ao chamado.

Lorién afastou com suavidade Miguelina e abriu a porta, suave e silenciosamente. Entrou no quarto seguido por Isabel.

Em penumbra puderam vislumbrar uma cama grande com alguém deitado nela. Do lado, numa cadeira, via-se a figura de uma mulher imóvel. Isabel acariciou seu ombro e ela continuou sem reagir.

Lorién se dirigiu até a pessoa na cama e quando o tocou a mulher imóvel na cadeira reagiu, afastando as mãos e olhando-o irada.

Isabel voltou a acariciar os ombros e com voz muito suave lhe disse:

—Deixa, Rosa, eu tenho visto ele fazer coisas extraordinárias, faça pelo seu filho.

Rosa ficou olhando para Isabel como tonta, sem compreender, e de repente a reconheceu. Foi como se voltasse de algum lugar longínquo e começou a chorar aos gritos nos braços de Isabel.

—Meu filho, meu filho, meu filinho pequeno está morrendo, Isabel, e não podemos fazer nada, nada — repetia, profundamente angustiada.

Isabel acariciou-lhe os cabelos e disse com ternura:

—Provavelmente ninguém pode fazer nada, mas se alguém pode fazer algo, esse alguém é este jovem. Confia nele.

Rosa olhou para ele sem entender e finalmente fez um gesto de resignação e entrega.

Lorién fechou os olhos e pediu profundamente a seu deus interior que despertasse a Força para poder sarar esse adolescente. Em questão de segundos a Força o inundou e o sacudiu mais forte do que nunca, sentindo essa sensação poderosa em seu interior de que tudo é possível, ao tempo que sentiu uma enorme bondade e compaixão, enquanto o preenchia esse maravilhoso sentimento de êxtase e felicidade.

Notava como ia se convertendo em mero instrumento de algo maior que agia através dele. Tentou conectar com o exíguo hálito de vida que ainda batia no interior de Edgar. O percebia como algo frio, quase morto, distante, até que finalmente pôde conectar com uma infinitesimal brasa que ainda pulsava em seu interior.

Percebeu com clareza como ia se apagando rapidamente seu fogo vital. Deixou que fluísse a Força, a Vida, a Bondade através dele para o garoto, a quem nem sequer se notava a respiração. De repente, o jovem inalou com força com um estertor afogado e quase sentou na cama pela forte sacudida ocasionada pela Força ao invadir seu interior, canalizada através de Lorién. A Força percorreu seu corpo reavivando as braças de seu Fogo interior. Edgar soltou um gemido.

—Aaaaahg!

Lorién sentiu como Edgar ia regressando a este tempo e espaço, relutante ao início e com resolução depois.

Advertiu com clareza como a vida se abria caminho dentro dele, outra vez, enquanto sentia dentro de si como ia se debilitando. Mas permaneceu firme passando—lhe toda a Força que podia, até que já não aguentou mais e caiu desmaiado no chão, como um trapo, ficando inconsciente. Ao mesmo tempo, Edgar começou a respirar mais profundamente, primeiro de forma irregular, e, logo, mais estável, como se o corpo dele estivesse aprendendo a respirar de novo.

Durante os poucos minutos que levou esse processo, todos no quarto ficaram em silêncio profundo, cientes de estarem assistindo algo absolutamente extraordinário. Perceberam como o ar em volta deles se eletrificava, e ao redor de Lorién se fazia visível um tênue alo brilhante que aos poucos foi cercando Edgar. Notaram como elas quatro eram também tocadas por essa Força que se acendia em seu interior inflamando—as de vida e êxtase, maravilhadas por esse milagre do qual se sentiam parte, por estarem todos conectados. Perceberam, finalmente, como de alguma forma esse Fogo interior que tinha se inflamado dentro delas era canalizado através de Lorién para Edgar. Era clara a sensação de todas elas irem se debilitando para fortalecer Edgar até que Lorién caiu ao chão e Edgar começou a respirar de forma quase normal. Sentiram como o fluxo se interrompeu quando Lorién perdeu os sentidos. Isabel e Zule o levantaram com preocupação, mas sentiram que seu coração batia e respirava fraco, mas claro. Por sua parte, Rosa e Miguelina se precipitaram sobre Edgar, chorando de alegria. O acariciaram e viram como a cor voltava para sua pele e aumentava a temperatura de seu corpo.

Depois a sua atenção foi para Lorién e ajudaram Isabel e Zule a levanta—lo e leva—lo para uma cama no quarto ao lado, onde o deitaram amorosamente e o cobriram. Rosa o beijava e repetia entre lágrimas de felicidade, uma e outra vez:

—Obrigada, obrigada, obrigada.

Lorién começou a se mexer aos poucos e abriu os olhos, ainda fraco, com o olhar perdido. Ao ver Rosa, não a reconheceu e não entendia onde estava nem quem era ela que o acariciava e beijava, molhando o rosto dele com suas lágrimas.

—Obrigada, obrigada, obrigada — repetia ela como um mantra, com seu gesto transfigurado numa expressão de adoração por ele.

Lorién pôde distinguir Zule e Isabel com suas expressões de preocupação e foi começando a entender, até ser consciente de tudo que tinha acontecido e de onde estava. Rosa o beijou e acariciou pela última vez, repetindo:

—Obrigada, obrigada, obrigada, seja lá o que você for e venha de onde vier, obrigada — disse finalmente, voltando para o quarto onde estava seu filho.

Lorién sorriu sem forças para Zule que o abraçou e chorou de alívio com a cabeça grudada na sua. Isabel tomou uma mão com muita ternura e delicadeza olhando para ele com um belo sorriso.

—Estou bem — disse Lorién, tentando se incorporar.

—Fica quieto! — ordenou Zule. Você ainda está muito fraco.

—Vou buscar água e algo leve como um caldo para que coma, não deixe que ele se levante — disse Isabel.

–Bobo, belo susto nos deu – chorava Zule, enquanto o beijava fingindo indignação.

Ele sorriu tranquilo e feliz, sem palavras. Ficaram assim, abraçados na cama, desfrutando do carinho e da felicidade de estarem juntos.

Isabel regressou em poucos minutos com uma jarra d'água e uma tigela de caldo quente. Lorién sentou devagar ajudado por Zule, bebeu um pouco d'água e finalmente foi bebendo o caldo lentamente, enquanto a cor voltava ao seu rosto.

Entraram Rosa e Miguelina e vendo ele consciente e com boa cara se ajoelharam no chão lhe tomando da mão e agradecendo. Lorién negou com a cabeça e, com voz tênue, pediu que ficassem em pé. Elas obedeceram felizes.

–Não tenho palavras para expressar nosso agradecimento – e sua voz quebrou num soluço. Não é muito o que temos ou somos, mas é tudo seu – disse com voz afogada pela emoção.

Lorién sorriu e disse pausadamente com muito afeto:

–Vocês são muito boas pessoas e tenho certeza que toda sua vida tem se dedicado a ajudar outros. Continuem fazendo isso. Eu não fiz nada que não tivessem feito por mim, somos todos irmãos. Que outro sentido teria a vida senão sermos úteis aos demais, nos apoiarmos mutuamente, estarmos disponíveis para o outro a qualquer momento, ver o sagrado em cada ser humano? – terminou com voz ainda tênue.

–Eu prometo, Lorién, se fizemos algo de bom na vida, a partir de hoje redobramos nossos esforços para sermos melhores – comprometeu-se Rosa enquanto Miguelina afirmava muito séria.

–Como está Edgar? – conseguiu articular Lorién.

–Se vê muito bem – disse Miguelina entusiasmada–, respira normal, tem boa cor, bebeu um pouco d'água e umas colherinhas de sopa – terminou radiante.

–Tudo graças a você, obrigada, obrigada – e o pranto quebrou a voz. Nunca poderemos devolver ou agradecer minimamente o muito que fizeste por nós. – dizia Rosa.

Isabel interrompeu.

–Bem, temos que deixar que Lorién descanse, então, todas para fora. E você, vai dormir um pouco. Depois do que fez necessita se recuperar – disse com muito afeto.

–Eu ficarei com ele um tempinho – comentou Zule.

–Não, Zule, se você ficar ele não vai descansar. Eu ficarei até que ele durma e depois você pode me revezar – disse Isabel com tom firme.

Zule ia começar uma discussão, mas Lorién lhe fez um gesto de assentir com um sorriso amoroso e ela terminou cedendo, mesmo contra sua vontade e saiu do quarto com Rosa e Miguelina.

Lorién acordou e viu que entravam feixes de luz pela janela. Pensou que tinha dormido pouco já que ainda era dia, mas se sentia bem e descansado. Observou o vulto de uma pessoa dormindo numa cadeira e apoiada na cama. Pensou que fosse

Isabel e não quis acordar-la. Mas o corpo doía de estar tanto na mesma posição e ao se mexer acordou Zule.

–Por fim acordou, dorminhoco – disse ela despreguiçando.

–Mas ainda é dia – disse ele surpreso.

–Claro que é dia, preguiçoso, mas de dois dias depois! – disse ela divertida.

–Como é?

–Chegamos aqui na tarde de sábado e agora é a manhã de segunda feira.

–Sério? – disse ele confuso. Foi uma baita dormida! Parece que estava morto de cansaço...

–Não diga essa palavra se não quiser que te mate de verdade. Você nos deixou muito preocupadas. Sempre fazendo coisas para chamar a atenção, tá na hora de te comportar como uma pessoa normal – disse ela com seu brilho risonho nos olhos. Que figura você resultou! – riu ela. Como se sente? – perguntou mudando o tom para outro mais sério.

–A verdade é que estou muito bem, com o corpo um tanto dolorido, a cabeça um pouco embotada, mas me sinto descansado. Estou com sede e uma fome doída.

–Lógico, ele só pensa em coisas mundanas, ora bem que estou eu aqui para as coisas importantes – terminou ela divertida, levantando-se para beijá-lo. Vamos, me dá um beijo, mas que cara mais descarinhado!

Deu-lhe um copo d'água que Lorién bebeu de um gole e pediu mais.

–Vai devagar, Lorién, devagar. Vou avisar ao pessoal que o morto acordou – riu contente – e dizer que preparem algo para comer. Ai tem tua roupa, se estiver muito fraco me espera uns minutos que te ajudo.

–Como está Edgar? – perguntou ele.

–Melhor que você – disse ela com um grande sorriso. A verdade é que acordou duas vezes e já falou umas poucas palavras e bebeu e comeu, agora está dormindo. O médico veio vê-lo e não podia acreditar. Pedimos a Miguelina e Rosa que não dissessem nada sobre a tua intervenção para não gerar boatos a nosso respeito. Embora você faça disso uma tarefa bastante difícil, parece que você teve pouco carinho quando criança. Que obseção em chamar a atenção! – deu um último beijo nele e saiu contente.

Lorién se espichou na cama, desfrutando dos lençóis mornos, de seu corpo descansado e da felicidade de ter Zule por perto. De repente percebeu que estava nu. Tinham tirado suas roupas enquanto dormia! Bom, a verdade é que a roupa precisava de uma lavada. Sentou na cama com o corpo dolorido após tantas horas imóvel. Pôs os pés no chão e ficou em pé lentamente, observando se as pernas o sustentavam. Sentiu uma pequena tontura e ficou quieto, mas logo passou. Com cuidado, e já mais seguro, foi vestindo a roupa e quando terminou sentia-se bem, muito mais firme que quando acordou. Estava acabando de vestir quando Zule chegou.

–Olha só, o rapaz está se reivindicando, ele não gosta que lhe digam que é preguiçoso – riu. Venha que eu o ajudo, você é inútil e não sabe fazer nada sozinho, nem caminhar .

Lorién, com um sorriso feliz, se apoiou nela e se deixou ajudar, embora se sentisse bastante bem. Enquanto segurava nela, Zule exclamou:

—Olha o fresco! Agora quer se aproveitar de mim! Este homem não tem ponto médio, ou está morrendo ou então anda pensando porcarias.

Riam tanto que tiveram que sentar na cama, até que passou e puderam andar de novo. Desceram devagar as escadas até o térreo. Lorién, ao chegar, se separou de Zule para experimentar se conseguia andar direito e, para sua surpresa, sentiu-se perfeito, só as pernas um tanto fracas..., levava dois dias sem comer!

—Certo! Agora que vê vocês ele se faz de autossuficiente, mas ele sabe que não pode dar um passo sem a minha ajuda. — disse Zule risonha.

Isabel e Rosa riram também, felizes ao ver Lorién andar e com bom aspecto.

—Bem-vindo ao mundo da vida densa — disse Isabel com bom humor enquanto o abraçava. Depois foi a vez de Rosa que o abraçou quase com desespero e enterrou a cabeça no peito dele, e novamente as lágrimas... Foi um abraço profundamente sentido e longo, pleno de afeto e em silêncio. O abraço dizia mais do que todas as palavras do mundo. Lorién terminou se emocionando também, com os olhos brilhantes e aquosos. Finalmente separaram e ajudaram Lorién a sentar-se à mesa, mesmo ele achando que não precisava de ajuda. Começou tomando uma deliciosa sopa, depois algo de frango e batatas cozidas com um pequeno troço de pão.

—Devagar — dizia Isabel—, na certa está com muita fome, mas deixemos que passem um par de horas e depois volta a comer. Isso é mais saudável. Você fez um esforço enorme, seu corpo sentiu e precisa se recuperar aos poucos.

—Temos uma tarefa pela frente — disse Lorién sério.

—É verdade — disse Zule —, mas se você não se recuperar não conseguiremos concluí-la.

—Eu já estou bem, amanhã devíamos partir — voltou a comentar ele.

—De acordo — disse Isabel. Se virmos que hoje se recupera, amanhã partiremos a primeira hora.

—Bem — disse ele—, mas agora me contem algo do que fizeram além de cuidar de mim e Edgar.

—O que fizemos foi o teu trabalho. Enquanto você fingia de doente, para não fazer tua parte — disse Zule em tom de sacanagem — nós contamos a Rosa sobre os Projetos de Apoio Humano e ela convocou para uma reunião de homens e mulheres. Rosa é uma dirigente social muito reconhecida na área. Juntamo-nos na sede dos vizinhos e eu contei sobre os Projetos, e Isabel transmitiu a experiência com a Força.

—Foi algo incrível — disse Rosa —, todo mundo terminou comovido por sentir a Força dentro de si. Foi a coisa mais importante que aconteceu com nosso pessoal desde a chegada dos espanhóis. Isabel parecia uma sacerdotisa de Inti, profunda e conectada. Nos fez sentir profundamente dentro de nós mesmos. Todo o povo está transtornado.

—Olha só! — disse Lorién. Então, Isabel se soltou, eu estava certo que o faria muito bem — disse com carinho e tom de aprecio, enquanto Isabel ia ficando corada.

Bem, depois disso a pedra se converteu em alude – comentou ele pensativo –, isto já ninguém o para, porque já não depende de ninguém, cada um dos que assistiram a nossas reuniões transformou-se num multiplicador, num mensageiro.

–Sim – concordou Rosa–, já coordenamos para onde viajará cada um de nós, hoje já partiram os primeiros. Martin está esperando vocês para leva-los até o Cusco, onde ele tem contatos e levará também a Mensagem.

–Estivemos conversando com Zule que meu carro já foi muito visado e talvez fosse melhor ir com outro carro e outra pessoa para o Cusco. Com certeza, chegando à estrada principal perto do Cusco haverá muito pessoal vigiando e procurando vocês. Por minha parte irei percorrendo povoados e cidades em meu regresso a Ayacucho, divulgando a Mensagem – os olhos encheram de lágrimas. Sinto uma grande pena por ter que me separar de vocês, é tudo tão mágico quando estão por perto – e secou as lágrimas que já rolavam pelo rosto. Agora entendo o que sentiu Francisca na hora de separar-se de vocês. Acontece o mesmo comigo, é pior que me separar dos meus filhos – disse um pouco envergonhada. Mas, isso é o melhor para todos e é necessário – terminou resolvida.

–Percebe? Enquanto alguns dormem outros trabalham! – Voltou a brincar Zule. O que acha o senhorio? Passa dois dias dormindo e depois acorda exigindo explicações do que fizemos e não fizemos. Entendo perfeitamente Isabel que você queira tirar de cima este ditadorzinho – sentenciou, abraçando Isabel ainda mexida. Muito obrigada por tudo, Isabel – disse de forma sentida e suave ao ouvido dela.

Enquanto Isabel assuava o nariz sem poder articular palavra alguma, Lorién a abraçou, também emocionado.

–Nunca nos esqueceremos de você, querida amiga. Muito obrigado por tudo. – lhe disse suavemente ao ouvido.

Ela tentou dizer algo, mas só saiu um forte soluço seguido de uma espécie de grasnido e continuou a chorar, incapaz de emitir uma palavra. Acabou saindo da casa para se tranquilizar um pouco.

–Vocês têm transformado todos nós – disse Rosa muito séria e emocionada.

Lorién pediu para ver Edgar. Subiram juntos as escadas e entraram silenciosos no quarto do garoto, onde estava Miguelina cuidando dele. Ela se virou e se abraçou a Lorién com total entrega e um sorriso enorme, com os olhos cheios de lágrimas. Edgar deve ter sentido algo porque nesse momento abriu os olhos, olhou para eles e sorriu amplamente para Lorién.

–Você é de verdade! – disse com voz suave um pouco rouca. Você me salvou, me trouxe de volta e me devolveu a vida, pensei que o tinha sonhado – disse com o rosto cheio de luminosidade. Mas, ao ver-te, te reconheci, só que agora em carne e osso. Pensei que fosse um anjo ou Deus mesmo que tinha vindo para me trazer de volta, mas foi você. Obrigado, estive a ponto de não voltar. As paisagens pelas quais transitava eram formosas demais e não queria perde-las, mas algo me disse que não era o momento, que essas paisagens estarão ai quando empreenda definitivamente meu trânsito.

Lorién tomou-lhe a mão, emocionado. Todos estavam sobrepuxados ante a magnitude do relato que ouviam. Além da rápida recuperação de Edgar, a detalhada descrição desse miraculoso evento contado desde o registro, com a identificação dessas paisagens e de Lorién.

–Agora conheço tua energia melhor do que a minha própria – disse Edgar ao sentir sua mão.

–Foi um belo encontro – se emocionou Lorién. Descansa agora, querido irmão – disse, e o animou a continuar dormindo.

Edgar sorriu de novo e foi fechando os olhos suavemente. Isabel fez sinal para que todos saíssem do quarto. Só ficou Miguelina.

–Tenho que lhes contar algo – disse Rosa ao chegar à sala – sobre o que falamos antes, de que já ninguém pode parar a coisa. Pouco antes de Lorién acordar, uma amiga de aqui me ligou. Ela agora mora em Abancay e é casada com um policial. Ligou para me perguntar se eu sabia o que estava acontecendo. Seu marido tinha dito que a serra toda tinha ficado louca. Em todas as partes tinham estado rolando reuniões de uns projetos, gentes que se diziam Mensageiros ou algo assim. Eles receberam ordens de prender todos esses ativistas, mas era uma verdadeira loucura, já que estavam aparecendo em todos os povoados e cidades.

Centenas, milhares de grupos, não sabiam bem. O mais estranho é que entre os ativistas há muita gente conhecida, Amautas e dirigentes sociais, mas, sobretudo, gente comum, camponeses, pastores, artesãos, donas de casa, trabalhadores assalariados, a maior parte, sem estudos. Era tudo muito estranho, porque todos eles diziam que Inti tinha acordado em seu interior e que o levariam a todos seus irmãos. Ao detê-los, nenhum deles ofereceria resistência, ao contrário, tocavam os policiais amavelmente dizendo coisas como: *Nunca mais seremos insensíveis, indiferentes ao sofrimento alheio. Sinto como está sofrendo, irmão.* E os policiais diziam que se sentiam estranhos, porque ao serem tocados por eles lhes chegava uma bondade e um bem-estar estranhos que lhes impediam deter essas pessoas, que eram gente normal que eles conheciam. Contavam-se coisas, como que em varias delegacias os policiais tinham renunciado como funcionários e deixado sair em liberdade os detentos. Pior ainda, tinham se unido a eles e agora se diziam Mensageiros. Minha amiga comentava que sabia que na cadeia de Huancayo, onde tinham prendido muitos desses Mensageiros, tinham terminado por contagiar todos os presos e funcionários e estes tinham libertado os presos. Inclusive, os presos que tinham cometido os crimes mais horríveis também tinham se somado aos Mensageiros. Choravam amargamente pelos seus crimes e tinham jurado reparar duplamente o dano ocasionado às pessoas e à humanidade. Ela disse que as redes sociais estavam estourando com estes temas e os jovens estavam muito estranhos, com muita atividade, formando grupos e fazendo experiências. Dizia que tinham cortado a internet no país todo, para que não seguisse se propagando essa loucura coletiva. Então me ligava porque sabia que, como dirigente comunitária, sempre estou ciente de tudo que acontece no nível social na serra, que ela estava muito desconcertada.

Eu comentei que não tinha ideia do que me estava falando, mas que me parecia muito lindo tudo que me dizia, que tinha que chegar o dia em que todos nos olhássemos com compreensão, sentindo que o sofrimento do outro não é indiferente... Extraordinário, não é? Bom, agora, enquanto voltávamos do quarto de Edgar, pensei que podíamos pedir a toda nossa gente para ir até o Cusco para levar a Mensagem e gerar mais confusão aos que querem nos deter, para que Lorién e Zule possam passar despercebidos em meio à confusão. Que acham? – terminou ela.

Os três tinham ficado imóveis, como estátuas, sem poder acreditar o que Rosa lhes contava.

–Mas, Rosa – disse finalmente Isabel –, isto que nos comenta é miraculoso, é incrível, como não comentou antes?

–Como falei, isso foi logo antes de Lorién descer. Quando Zule disse que ele estava bem, fiquei emocionada e só tive pensamentos para ver ele e meu Edgar recuperados. Desculpem – disse apenada.

–Mas, isto é maravilhoso – pulou Zule –, é maravilhoso! – gritou abraçando-a.

Finalmente todos se abraçaram, rindo e pulando.

–Nunca imaginei que isto poderia ir tão rápido, sempre achei que seria algo sequenciado, paulatino. Na verdade, nunca imaginei nada. Só íamos fazendo isto para ajudar as pessoas que íamos encontrando, enquanto avançávamos na nossa tarefa. Mas, jamais, nem em meus sonhos mais delirantes teria suspeitado desta reação em cadeia, este salto exponencial – disse Lorién perplexo. Antes, quando eu disse que ninguém já poderia parar isto, imaginava que agora que vocês tomaram estes assuntos em suas mãos, iniciava-se um processo que levaria varias décadas até chegar a isso que você comentou e que aconteceu em apenas quatro dias. Isso é alucinante! – exclamou surpreso.

–Realmente incrível – repetiu Zule. De todas as formas, temos que ver qual será a reação dos poderosos mundiais. Agora os tomamos por surpresa, haha. Nem sequer nós imaginávamos tal coisa. Como eles não vão estar surpresos se os mais surpresos somos nós! – continuava rindo, contagiando todos. O que fica claro é que não vão ficar de braços cruzados vendo como perdem o controle.

–Quantas horas para o Cusco? – perguntou Lorién

–Quatro horas, talvez – respondeu Rosa.

–Estamos tão perto... – disse Lorién para si mesmo. Vejo duas opções – continuou, se dirigindo a Zule –, a primeira é ficarmos um par de dias mais aqui e deixar que aumente a confusão por toda a serra e, principalmente, no Cusco. A vantagem dessa opção é que chegaríamos com toda a tranquilidade ao Cusco. A desvantagem é que com certeza nos estão rastreando e algumas das pessoas que temos encontrado no caminho poderiam falar sobre nós sem querer e ficarmos aqui aumenta o risco. A segunda opção é o que você disse, Zule, estes loucos, para manter o controle, são capazes de qualquer coisa, por isso quanto antes nos mexermos, melhor, mesmo com os riscos. Como você o vê?

–Estou de acordo com tua análise, Lorién, acho que, apesar dos riscos, temos que nos mover rápido, essa tem sido a chave para que ainda não consigam nos pegar: o fato de nos movermos de forma rápida e por lugares pouco lógicos, além de eles não saberem para onde vamos. Desse ponto de vista e caso você se sinta forte, eu partiria amanhã a primeira hora. De todas as maneiras, você precisa descansar mais uma noite, esteve mais fraco do que pensa – disse ela, com uma sombra de preocupação nos olhos.

–Bem – concordou Isabel –, para meu pesar eu concordo com vocês, essa é a melhor decisão, mas tem que se disfarçar para não ficarem tão evidentes. Eles procuram dois gringos, Lorién com cabelo curto castanho e Zule com seu cabelo loiro. Assim se destacam mais do que uma mosca no leite. Vamos vestir vocês com nossa roupa típica. Tenho certeza que vários amigos estarão dispostos a entregar suas cabeleiras para lhes fazer umas perucas, com isso, uns chapéus e um pouco de maquiagem, ante um primeiro olhar passarão despercebidos.

–De acordo, Isabel – disse Zule. Que acha, Rosa?

–Estou de acordo, embora deva reconhecer que me entusiasmava a ideia de ter vocês aqui uns dias mais. Sobre o cabelo, se for preciso eu corto o meu imediatamente – disse ela com total convicção. Por outra parte, no carnaval camponês que celebramos aqui em Lambrama, são usadas algumas perucas e roupas que talvez possam servir.

–Bem, – disse Isabel –, temos um plano, ponhamo–nos em ação. Rosa e eu nos encarregaremos de avisar Martin para que venha procurar vocês amanhã bem cedo. Pediremos a todos os que possam que se dirijam nesta mesma tarde ao Cusco para levar a Mensagem, vamos ver seus disfarces e vocês aproveitem para descansar. Já são quatro da tarde e aqui escurece cedo. Lorién, o vejo cansado de novo, estou certa?

–Sim, é verdade – disse ele com pesar–, teria gostado muito de dar um passeio com Zule por Lambrama, gostei muito quando entramos, mas minha energia acabou, estou mais fraco do que pensava. Vou comer um pouco mais e vou para a cama, amanhã será um dia muito animado.

–Finalmente mostra um pouco de bom senso. Fiquei chocada, Lorién! – exclamou Zule com os olhos arregalados e o queixo caído.

Era tão impressionante a dramatização de Zule que todos morreram de rir.

–Sobrou para mim vigiar Lorién para que depois de comer vá dormir mesmo – disse Zule servindo a comida para ele que se notava um tanto pálido.

Lorién comeu e foi deitar. Desta vez custou a subir as escadas, realmente suas forças o tinham abandonado. Agradeceu a ajuda de Zule e o fato de se recostar na cama e dormiu logo. Zule ficou uns minutos acompanhando–o, segurando a sua mão que acariciava e beijava a cada tanto dizendo:

–Obrigada, Lorién, por toda a felicidade que trouxe para minha vida, meu amor. Você é um ser extraordinário, tem o maior coração que já vi. Obrigada por compartilha–lo comigo.

Zule o acordou na manhã seguinte.

–Vamos, dorminhoco – disse ela sacudindo Lorién que abriu os olhos sem saber bem onde estava. Já são seis da manhã – comentou, dando-lhe um beijo de bom dia.

–Que bom, assim é como gosto de acordar! – disse com um grande sorriso.

–Como se sente? – perguntou ela.

–Muito bem – comentou Lorién, depois de alguns segundos –, surpreendentemente bem, sinto-me forte e com muita fome.

–Excelente – alegrou-se ela –, veste e desce para tomar o café da manhã. Precisa de ajuda?

–Não, de verdade me sinto muito bem.

–Legal, te espero abaixo – disse Zule com um beijo.

Lorién levantou devagar, se detendo um momento para ver quão forte estava. Sentiu-se perfeitamente normal, com as pernas um pouco frouxas, mas bem, considerando os três dias de cama. Vestiu rápido, foi ao banheiro tomar banho e desceu refrescado e com bom ânimo.

Abaixo o esperavam com um grande café da manhã, com aromas deliciosos que o deixaram tonto de fome. Pão, torradas, ovos, presunto, queijo, frutas, mel, marmelada, leite, chá, bolo. Tinha de tudo, claramente para a austeridade da serra era um banquete em homenagem a eles, ele entendeu assim e ficou emocionado ao ver como aquelas boas pessoas estavam dispostas a dar tudo, até suas vidas por eles.

–Por que chora? – perguntou Rosa.

–Porque me emociona a generosidade sem limite de vocês – disse ele esfregando os olhos. Foi até Rosa e a beijou na testa.

–Obrigado – murmurou ao ouvido dela.

Ela se apertou forte contra ele emocionada, sem poder dizer palavra.

–Bom, bom – comentou Zule dissimulando suas lágrimas –, este homem sempre nos metendo em dramas, ao invés de desfrutar, sempre termina fazendo todos chorar, que calamidade de homem! Não deixa nem tomar o café em paz.

Todos sorriram, mas estavam emocionados de verdade, sabendo que em breve teriam que separar-se provavelmente para sempre. Lorién começou a comer com apetite, se servindo de tudo.

–Realmente, Lorién – voltou a brincar Zule –, vamos ter que trabalhar muito para alimentar essa boquinha... Que bruto! Que forma de comer! – riu.

Contaram para Lorién todos os preparativos que tinham feito e que ontem mesmo tinham saído quase cem pessoas para o Cusco por diferentes vias, ficando o povoado quase deserto. Rosa contou também que depois de ele ir dormir, diferentes pessoas de vários lugares tinham ligado para ela comentando como a Mensagem avançava em todos os lugares e como as autoridades se viam ultrapassadas e, em muitos casos, tinham até se somado à Mensagem.

Por curiosidade chamei um par de amigas de Cusco – continuou ela – e perguntei se sabiam algo destes temas e me disseram que sim, que elas também eram

Mensageiras e que havia muito movimento. Tudo estava transloucado, as pessoas tinham deixado de trabalhar para levar a mensagem para outros, e a Mensagem se espalhava como o fogo por toda a serra. Também tive notícias de Pisco, Ica, Arequipa e Lima. A coisa continua se acelerando. Deixaram de deter as pessoas, estão à procura dos cabeças, haha – riu ela. Não entendem nada do que está acontecendo. Não entendem que as pessoas tomam contato com seu espaço sagrado, com seu Fogo interior, já não precisam líderes nem ninguém que pense por elas, nem que lhes digam o que fazer.

–Agora todos têm motor próprio. Aqui o pequeno quartel da policia se converteu inteiro, queriam renunciar, mas pedimos a eles para não fazê-lo, para evitar que tragam pessoas de outro lugar. Agora todos nos damos conta que existimos porque o outro existe – disse emocionada.

–Isto é um verdadeiro tsunami humano – comentou Zule –, já nada voltará a ser o mesmo. Bem, o pessoal esta fazendo a sua parte, nós temos que fazer a nossa e recuperar as Quatro Disciplinas. Chegou o momento de devolvê-las às pessoas.

–O primeiro a fazer é disfarçar vocês – disse Isabel –, Zule, você veste essas roupas de Miguelina que são de seu tamanho. Você, Lorién, vista estas outras.

Eles vestiram e se maquiaram, finalmente colocaram as perucas e chapéus. Estavam irreconhecíveis, Zule com suas tranças negras e Lorién com seu cabelo liso e negro. Zule começou a pegar no pé de Lorién e ele de Zule, terminaram todos rindo muito. Até Martin se somou à brincadeira.

Foram se despedir de Edgar que já estava consciente e acordado a maior parte do tempo, com aspecto muito salutar.

Finalmente subiram ao carro de Martin, uma pick-up de dupla cabine, e partiram em silencio. Foram por caminhos secundários evitando a estrada principal. Atravessaram paragens maravilhosas, selvagens, com montanhas imponentes, com forte contraste entre o verde em alguns lugares e a rocha dura e nua em outros. O caminho em geral foi por estreitos despenhadeiros de beleza impar. Após uma hora de viagem Lorién dormiu, ainda estava fraco.

CAPITULO VI – CUSCO

A real importância de manejar a Força a fim de alcançar unidade e continuidade encheu-me de um alegre sentido.

Zule o acordou quando estavam chegando ao Cusco. Agora circulavam pela estrada principal bem asfaltada e ampla, avançando com velocidade. Apareceram as primeiras casas do Cusco. Tanto Lorién como Zule sentiam-se emocionados por estarem nessa mítica cidade, capital do Império Inca, e próximos de recuperarem a segunda disciplina.

—É uma cidade com milhares de histórias e mitos — contou Martin. É considerada a capital histórica do Peru, com uma população de meio milhão de habitantes, aproximadamente. É patrimônio da humanidade, por sua grande quantidade de monumentos pré-incaicos e pós-incaicos. Chamam-na de 'A Roma de América'. Além disso, é passo obrigatório para a mítica Machu Picchu. Dizem que o plano original da cidade tem a forma de um puma, com o peito na praça central e a cabeça no morro onde se encontra a fortaleza Sacsayhuaman, com suas megalíticas pedras encaixadas por milímetros, ninguém sabe ao certo como. É parte dos muitos mistérios do Cusco e do Império Inca — comentou Martin orgulhoso. Já vamos entrar na cidade. Mas está acontecendo algo estranho — disse. Há muitas pessoas em volta de vários carros de polícia, tenho a impressão de que nossos companheiros estão se empenhando mesmo em sua tarefa de confundir e enrolar os controles da entrada. Isto nos ajuda muito — disse, com um suspiro de alívio.

Virou na esquina e saiu da avenida central.

—Vamos por ruas alternativas. Zule, você me disse que é na rua Heladeros, certo?

—Sim.

—Bem, isso fica no centro histórico, muito perto da Praça de Armas, e, se não me engano, do lado da Praça O Regozijo — comentou Martin.

—Mas que divertido nome para uma praça, adorei — sorriu Lorién.

—As ruas estão estranhas — disse Martin —; há muitos grupos de pessoas conversando, quando o habitual é que estejam andando, as praças estão cheias de gente. A estas horas todo mundo devia estar trabalhando. Não tenho dúvidas que isto é produto da Mensagem. Não é normal.

Seguiram circulando, se aproximando do centro histórico do Cusco, com monumentos por todos os lados, casas com varandas, igrejas enormes, ruas empedradas e casonas com centenas de anos.

Já estamos em pleno centro, chegaremos em cinco minutos. Ainda me chama a atenção que circulem poucos carros e tenha muita gente na rua conversando em grupos, e parecem todos sorridentes, coisa não habitual em nosso sofrido povo. Chegamos! — exclamou Martin. Que número é?

—Cento e trinta e cinco — disse Zule.

—Está aqui mesmo, noventa e cinco... Aqui está. É uma livraria — disse ele.

—Sim — confirmou Zule. É ai mesmo, Martin, não temos como te agradecer por tua amabilidade e generosidade — começou Zule...

—Vocês estão loucos? Nós somos os que estamos profundamente agradecidos por tudo que estão fazendo por nosso povo e por toda a humanidade. Não tem ideia o emocionante que é para mim o fato de ver meu povo feliz, com dignidade, sentindo que tem o futuro aberto. Não, Zule, vocês nos deram mais do que toda nossa geração poderia agradecer, serão lembrados por muito, muito tempo e os que tivemos a sorte de conhecê-los somos privilegiados. Assim é que eu quero agradecer pela honra de ter podido compartilhar essas horas com vocês. Gostaria muito poder acompanhá-los nos próximos passos, mas sei que isso não é possível — disse emocionado, com séria e sentida inclinação de cabeça.

Saltaram do carro e se abraçaram com afeto, sem palavras.

—Todos temos o futuro aberto, Martin. Sei que cada um de nós fará sua parte — falou Lorién com tom profundo.

Efetivamente, era um sebo. Entraram. O local estava em penumbras, tinha grande quantidade de livros, alguns pareciam muito antigos, mas tudo estava cuidado e ordenado. Não havia nenhum freguês na loja. Um relógio antigo na parede marcava as 13.20 h. Sentada numa escrivaninha havia uma mulher lendo. Devia ter perto dos sessenta anos apesar do seu ar juvenil, com rasgos do norte da Europa, loira e de rosto definido, com olhos profundos e brilhantes e um encantador e acolhedor sorriso.

—Boa tarde, em que posso ajudar? — disse ela

—Boa tarde, buscamos Charlotte James — respondeu Zule.

Ela olhou reflexiva para eles e ficou esperando. Como Zule e Lorién não diziam nada, ela perguntou:

—Algo mais?

—Transmutação — disse Zule.

A mulher suspirou profundamente e se dirigiu para a porta, fechou-a, correu o postigo e colocou o cartaz de fechado. Correu as cortinas e ficou tudo ainda mais escuro.

—Passem por aqui.

Levou eles através de uma porta que comunicava com uma escada. Desceram e encontraram um porão enorme, cercado de estantes cheias de livros e com caixas no chão. Acendeu a luz e os convidou a sentar em volta de uma mesa com quatro cadeiras. Preparou um chá num fogareiro num canto e colocou uma xícara para cada um, com gesto parcimonioso e preciso.

—Chegam em um momento especial — disse ela. Já souberam o que esta rolando? É um autêntico desborde psicossocial — disse observando-os com seu olhar penetrante.

Zule e Lorién trocaram olhares cúmplices.

–Eeee, sim, soubemos, de fato temos algo a ver com o fenômeno – expressou ela com um sorriso. Mas, primeiro nos apresentamos, eu sou Zule, filha de Eduardo Martin Lange, talvez o tenha conhecido. E ele é Lorién.

–Ora, ora, nada menos que a filha de Eduardo... É claro que o conheci, e a tua mãe também – disse olhando para ela com o canto do olho, esperando a sua reação. Sinto muito, Zule – expressou com tom pesaroso. Que bom casal formavam, tanto física como intelectualmente, o passavam muito bem juntos – riu. Eram um par de loucos maravilhosos... Eu estou na Escola graças a teu pai. Conhecíamos–nos desde a Universidade – ficou em silêncio alguns segundos, como evocando aqueles anos com um riso divertido. Mas não quero sair de tema. Você diz que vocês tem algo a ver com este estouro psicossocial?

–Sim – continuou Zule, com os olhos faiscantes e um grande sorriso –, tudo começou em Lima, quando chegamos ao aeroporto...

E foi contando o que tinha sucedido desde então.

A cara de Charlotte era todo um poema, passou do pasmo inicial e o olhar incrédulo quando comentaram sobre a história de Lorién com a polícia, para ficar de queixo caído quando foram contando sobre as experiências com a Força e os Projetos de Apoio Humano. Finalmente deu um pulo e ficou em pé olhando para eles com uma surpresa sem limites, quando contaram a experiência de devolver a vida a Edgar, exclamando:

–Não pode ser verdade o que me contam! Não é possível! Isto é realmente incrível, inclusive para as pessoas que levamos anos na Escola. Estão conscientes da magnitude do que contam? Todos na Escola sabíamos que o tempo dos *milagres*, como nós chamamos, estava para chegar, e que as pessoas iam fazer coisas que antes eram impossíveis, simplesmente por pularem sobre a censura e a autocensura. Sabemos que vem aí um momento religioso, que certamente orientará e fundará o novo Mito e a nova civilização planetária que já se vislumbra. Mas, isto que me contam, feito por dois jovens e com a velocidade abissal que o fenômeno tomou, realmente supera todas nossas expectativas. Então o tempo já chegou! – disse para si refletindo e repetiu – já chegou!

–Sim, nós também estamos surpresos – comentou Lorién –, intuímos que uma vez que as pessoas tomassem contato com sua Força, com seu templo interior, tudo ia mudar. Foi surpreendente já desde as primeiras experiências na Espanha, depois em Istambul e se confirmou aqui no altiplano peruano. Mas nunca imaginamos essa vertiginosa velocidade que alcançou a multiplicação.

–Assim é que vocês são os que puseram em marcha os Mensageiros... É mesmo incrível, desculpem que repita, mas estou totalmente passada pela dimensão do fenômeno. Não sei se vocês estão por dentro da explosão nas redes sociais. Os jovens tomaram o tema da Mensagem como próprio e começaram a experimentar com a Força em comunidades auto–organizadas e já se difundiu para além do Peru, viralizando–se aceleradamente. Ontem, tentando frear o fenômeno, cortaram a internet no país. Mas já era tarde, são milhões de jovens que estão levando

a Mensagem para todas as partes, dentro e fora do Peru. Sempre sonhei e pedi ser protagonista e testemunha da mudança, mas nem em meus mais alucinados sonhos imaginei algo como o que me contam e o que eu mesma tenho observado. Sim, definitivamente a coisa já se disparou, e pela sensibilidade com que estão as pessoas, claramente abriu-se uma janela que esperávamos entre 2015 e 2020. Chegou o momento certo de divulgar as Quatro Disciplinas a todo mundo. Com o que vocês armaram está claro que o solo está mais do que fértil para recebê-las.

—A que se refere com isso de *se abriu uma janela que esperavam entre 2015 e 2020*? — perguntou Lorién.

—Quando uma civilização desaba — explicou Charlotte—, os últimos tempos são de colapso geral. Tudo se desestrutura, os estados nacionais estão feridos. Por uma parte, pelos golpes recebidos dos localismos por baixo e da regionalização e a mundialização, por cima. Por outra parte, as pessoas, os códigos culturais, as línguas e os bens se misturam em uma fantástica torre de Babel. Em nosso tempo vemos como as gerações se abismam entre elas, como se no mesmo momento e lugar existissem subculturas separadas em seu passado e em seus projetos para o futuro. Vemos que os membros da família, os colegas de trabalho, as organizações políticas, laborais e sociais experimentam a ação de forças centrífugas desintegradoras. Que as ideologias, tomadas por esse turbilhão, não podem dar resposta e nem inspirar a ação coerente dos conjuntos humanos. Vemos que a antiga solidariedade desaparece em um tecido social cada vez mais dissolvido e, finalmente, que o indivíduo de hoje, que conta com mais pessoas em sua paisagem cotidiana e com mais meios de comunicação do que nunca, encontra-se isolado e incomunicado. Por nossa parte, chamamos a tudo isso de *crise*, mas estamos muito longe de considerarmos esta crise como decadência final, porque vemos que, na verdade, a dissolução das formas anteriores vai correspondendo ao rompimento da uma roupa que já ficou pequena para o ser humano.

—É verdade — disse Zule—, as instituições que antes suportavam e davam coesão à sociedade perderam sua credibilidade. Por exemplo, os partidos políticos, através dos quais as pessoas canalizavam seus ideais e as mudanças que transformaram as sociedades, que velaram e deram continuidade aos direitos e avanços sociais, converteram-se hoje em âmbitos de corrupção e não têm credibilidade. Os sindicatos que fortaleceram e cuidaram dos direitos dos trabalhadores padecem do mesmo mal. As religiões que davam sustento moral e espiritual perdem a relação com seus seguidores, que já não se sentem interpretados por elas. Todos os que antes os representavam, agora se convertem em personagens suspeitos de visar seu próprio interesse e lucro, tendo se instalado no cume social o deus dinheiro, deixando órfãs as pessoas — refletiu um momento mordendo os lábios e continuou —; O que acho mais interessante é isso de que não se trata de uma decadência final e sim de que o ser humano necessita roupas novas, um novo sistema, uma sociedade nova, de acordo com o seu tamanho atual, já que cresceu e as vestes anteriores converteram-se em uma tortura que o aprisiona.

— Assim é, Zule, nota-se que puxaste a teu pai — Zule ficou corada ante o elogio. Porém, esta desestruturação não só se produz no exterior, mas também no mais profundo do ser humano, em seu sistema de crenças. Os paradigmas, as crenças que o sustentaram, deixam de ter encaixe e de dar proteção e sentido. As pessoas ficam em um espaço—*dobradiça* entre os tempos. O tempo que se foi, que já não nos sustenta com suas crenças e instituições estagnadas e obsoletas, e o tempo novo, que ainda não chegou — pigarreou enquanto olhava para eles, reflexiva, e bebia um sorvo de chá de sua xícara. Nesse transcorrer as sociedades vão caindo no individualismo, na desconfiança mútua e, finalmente, esse processo de desestruturação também chega ao interior das pessoas que terminam desconfiando de si mesmas, ao relativizar todo princípio, valor e crença moral que os sustentava. A palavra das pessoas deixa de ser válida, já que o dito hoje não vale para amanhã e cada qual se guia pelos seus interesses, ficando como cascas vazias de sentido, nadando na conjuntura, perdida toda noção de processo — sorriu para os dois continuando com o seu relato. Chegamos a esse momento histórico que Ortega y Gasset chamou de *alma desiludida*. A alma aviltada não é capaz de oferecer resistência ao destino, e busca nas práticas supersticiosas os meios para subornar essas vontades ocultas. Os rituais mais absurdos atraem as massas e crescem à vontade todo tipo de crenças. A alma supersticiosa é como um cachorro que busca seu amo. Já ninguém lembra sequer dos gestos nobres do orgulho, e o imperativo da liberdade, que ressoou durante séculos, não acharia hoje a menor compreensão. Ao contrário, o ser humano sente um incrível afã de servidão. Quer servir, ante tudo a outro homem, a um imperador, a um bruxo, a um ídolo. Qualquer coisa antes de sentir o terror de enfrentar solitário com o próprio peito os embates da existência. Talvez o nome que melhor defina o espírito que inicia trás o ocaso das revoluções seja o de espírito servil.

— É tão claro o que descreve, que sensação de vulnerabilidade, de orfandade, assim tenho me sentido esse tempo todo e assim tenho visto todo mundo. A gente tende a acreditar que é a gente mesma que está com problemas. Escutando você, percebo que é a sociedade toda que está com problemas, que os problemas não são pessoais, mas sociais, que são sofridos de forma pessoal. Isto me abre os olhos para compreender porque estamos como estamos — disse Lorien pensativo. Que maneira de sofrer!

— Efetivamente, meu jovem amigo — concordou Charlotte—, esse processo de desestruturação, tanto externo quanto interno, vai esvaziando de crenças e deixando o ser humano nesse estado de desvalido e vulnerável. Quando chegamos a esta situação é que conectamos como indivíduos e como espécie com uma profunda necessidade de encontrar algo que dê sentido, significado e direção às nossas vidas, que seja capaz de dar sustento e abrir o horizonte fechado. O vazio de crenças produzido pela desestruturação vai deixando espaço para a busca verdadeira dentro de si. Desde essa necessidade desesperada o ser humano começa essa humilde e sentida busca, cada vez mais profundamente dentro de si.

Voa para as estrelas o herói desta idade... Voa para fora de seu mundo e sem sabê-lo, vai impulsionado para o interno e luminoso centro.

Voltou a ficar em silêncio com o olhar perdido. Depois de alguns segundos retomou o fio com voz profunda.

—Quando o ser humano conecta com esse Centro Luminoso dentro de si, tudo faz sentido. O nascimento de toda civilização, trás a queda da anterior, sempre teve alguns heróis que conectaram com esse Centro Luminoso. Desde essa experiência, rapidamente transmitiu-se a vivência e os procedimentos para essa conexão. Aparece e se instala o *Novo Mito*. Os únicos mitos capazes de gerar uma mística são os mitos que traduzem sinais dos espaços profundos e desde estes sinais chegam ao coração das pessoas... Essa nova espiritualidade transborda tudo, chegando ao mundo todo rapidamente, não se pode conter. O que importa é a tradução desses sinais. É a tradução do interno profundo que produz grandes coisas no desenvolvimento das religiões. Ela ficou olhando para os dois e começou a rir — Mas, nem há o que falar disso para vocês que estão sendo os protagonistas deste novo mito... Eu, em troca, sou uma simples teórica. Já vocês encarnam o novo mito e as pessoas os reconhecem com total facilidade. Estamos assistindo à instalação acelerada da nova espiritualidade — ri novamente.

—Mas ainda não entendo do que você fala quando diz que a janela se abriria — disse Lorién.

—Hahaha...Claro... — ri de novo — Tá vendo? Eu vou me esticando, como os bons teóricos, mas vocês são o prático, vão ao que interessa de imediato, sem tanta volta — voltou a rir de si mesma.

Tentarei ser mais sintética e clara em minhas explicações e devanear menos — ri de novo. Cada civilização se põe em marcha por um Novo Mito, este se instala no interior do sistema de crenças dessa civilização, isso é o que da coesão e grande dinamismo, e, uma vez instalado, passará muito, muito tempo até que outro mito apareça. Permitam-me uma analogia. É como os óvulos que têm ao redor milhões de espermatozoides, crenças, mas somente um, uma de todas elas, se instalará em seu interior. Uma vez instalado, já não pode entrar outro, o momento se fecha. Esta é a janela à qual me referia antes, um espaço de muito pouco tempo, no qual se gera um esvaziamento, através desse processo de desestruturação que comentei antes. Há um momento em que o paradigma anterior, o sistema de crenças que tem sustentado a sociedade, o mito anterior, se debilita e com ele desaba uma civilização. Esse vazio é preenchido rapidamente, porque os seres humanos necessitamos sempre de um paradigma, um sistema de crenças que nos sustente, que nos dê direção e sentido. Quando se produz o esvaziamento de um, este é substituído por outro. Esse é o momento crítico, dada a quantidade de crendices e superstições que há nesse momento histórico. Uma boa espiritualidade se instala e uma vez que o Novo Mito se estabelece, já não há nada a fazer por até centenas ou quem sabe milhares de anos depois, quando esse novo núcleo de crenças se desgasta.

—Uauuu! — exclamou Lorién. Tremendo repasso de história, de religião, de espiritualidade, de sociologia e de processos humanos. Você me deixou pasmo. Em

poucos minutos me entregou mais conhecimento do que o recebido em toda minha vida. Vou ter que mastigar tudo isso com calma. Então..., apareceu o novo mito, e a nova espiritualidade está se instalando.

–Hahaha – voltou a rir Charlotte – A verdade é que na Escola estudamos e refletimos muito para podermos entender os processos humanos e históricos e podermos fazer nosso aporte de boa forma, no momento oportuno, quando for necessário.

–De onde provem esses sinais que o ser humano traduz que comentou antes? – perguntou Zule.

–Os sinais que dão origem ao mito vêm *no equipamento* com que o ser humano nasce. Podem ou não ser escutados e interpretados adequadamente já que podem ser traduzidos de muitas e diversas maneiras. Graças ao esvaziamento de crenças no interior das pessoas, esses sinais do Profundo que sempre estão aí começam a ser ouvidos cada vez mais e assim aparecem as épocas religiosas. Nessa etapa o Novo Mito impulsiona a dinâmica social. Esse fenômeno conecta o destino individual com a sociedade. O desestruturado de outras épocas é integrado. O pessoal, social, religioso, econômico e político são parte do mesmo pacote que vai na mesma direção. O separado consegue unidade, o fragmentado, o carente de relação, o desestruturado e segmentado, tudo isso se integra na mesma globalidade. Os ‘integrismos’ não admitem a separação nem a desestruturação que são parte da etapa anterior, pré-religiosa. Acontece então que dentro dos indivíduos e para além da coisa externa, ritual e periférica, essa grande correnteza se reconecta, e nela, as individualidades começam a navegar novamente e a registrar a unidade que essa nova causa, essa nova empresa comungam traz.– bebeu um gole de chá reflexivamente. Começa a sentir-se a força de um novo espírito, a nova espiritualidade. O plano transcendental irrompe no plano histórico. Estamos assistindo a esse exato momento.

–O que determina essa irrupção do plano transcendental no plano histórico? – perguntou Lórién.

–O que a determina é um momento histórico em que tudo ruí criando uma grande desordem que se apodera das pessoas, originando um enorme clamor. Clamor esse que é produto da necessidade de voltar a ter referências e clareza em meio à desordem geral.– esclareceu Charlotte.

–Claro, o pessoal todo com que trabalhamos estas cerimônias ou experiências com a Força comentou sobre a grande necessidade, que nada está funcionando, um clamor...– terminou Lórién.

–Com o surgimento do Novo Mito aparece *o tempo dos milagres* do qual falamos antes. Bom, não há melhor exemplo disto que o gerado pelas pessoas em quatro ou cinco dias, em toda a serra, em todo o país, e viralizando-se aceleradamente no mundo todo através das redes sociais e dos jovens. Um milagre trás outro, isso sem falar das coisas que tu, Lórién, tens feito. Bom, vamos ver muitas, muitas mais coisas desse tipo. Todo o que antes nos pareceu impossível, produto da censura e da

autocensura, agora é possível. É só ver como tudo está mudando, de milhões de indivíduos se sentindo isolados, até sentirem-se um único ser, sentirem-se integrados dentro de uma corrente maior.

—Se todos os seres humanos trazem no *equipamento* os mesmos sistemas de sinais, porque tão diferentes traduções? — perguntou Zule.

—A diferença não está nos sinais, mas na tradução que se faz desses sinais — respondeu Charlotte

—Vai se ativar o sistema de sinais que há em todos os seres humanos desta época? — perguntou Zule.

—Sim, isso está acontecendo, vocês melhor que ninguém o comprovaram. O tema fundamental é que as pessoas tenham os contextos adequados para que essas traduções do profundo se abram caminho da melhor maneira, com bondade. É o que vocês fizeram ao vincular a experiência com a Força aos Projetos de Apoio Humano, de inspiração não violenta e de apoio mútuo entre todo mundo. Quer dizer, surgem de uma profunda bondade. Nós temos uma cerimônia que se chama de Reconhecimento . É uma cerimônia de inclusão em nossa comunidade. Inclusão por experiências comuns, por ideais, atitudes e procedimentos compartilhados, isto é, pelos nossos contextos. Querem que a leia para vocês?

—É claro! — disseram os dois ao mesmo tempo

Ela levantou do assento e foi até a estante. Tirou uma pasta e dela umas folhas que começou a ler lentamente:

A realização desta cerimônia foi pedida por aquelas pessoas que desejam incluir-se ativamente em nossa comunidade. Aqui se expressará um compromisso pessoal e conjunto para trabalhar pela melhoria da vida de cada um e pela melhoria da vida de nosso próximo.

A dor e o sofrimento que nós, seres humanos, experimentamos retrocederão se avançar o bom conhecimento, não o conhecimento a serviço do egoísmo e da opressão.

O bom conhecimento leva à justiça.

O bom conhecimento leva à reconciliação.

O bom conhecimento leva, também, a decifrar o sagrado na profundidade da consciência.

Consideramos o ser humano como máximo valor acima do dinheiro, do Estado, da religião, dos modelos e dos sistemas sociais.

Incentivamos a liberdade de pensamento.

Propiciamos a igualdade de direitos e a igualdade de oportunidades para todos os seres humanos.

Reconhecemos e alentamos a diversidade de costumes e culturas.

Opomo-nos a toda discriminação.

Consagramos a resistência justa contra toda forma de violência física, econômica, racial, religiosa, sexual, psicológica e moral.

Por outro lado, assim como ninguém tem direito de discriminar outros por sua religião ou sua irreligiosidade, reivindicamos para nós o direito de proclamar nossa espiritualidade e crença na imortalidade e no sagrado.

Nossa espiritualidade não é a espiritualidade da superstição, não é a espiritualidade da intolerância, não é a espiritualidade do dogma, não é a espiritualidade da violência religiosa; é a espiritualidade que tem despertado de seu profundo sono para nutrir os seres humanos em suas melhores aspirações.

Queremos dar coerência a nossas vidas, fazendo coincidir o que pensamos, sentimos e fazemos.

Desejamos superar a má consciência, reconhecendo nossos fracassos.

Aspiramos a persuadir e a reconciliar.

Propomo—nos dar cumprimento crescente a essa regra que nos lembra de tratar os demais como queremos ser tratados.

Começaremos uma vida nova.

Buscaremos em nosso interior os signos do sagrado e levaremos a outros nossa mensagem.

Hoje começaremos a renovação de nossa vida. Começaremos buscando a paz mental e a Força que nos dê alegria e convicção. Depois iremos até as pessoas mais próximas para compartilhar com elas todo o grande e bom que nos tem acontecido.

Para todos Paz, Força e Alegria.

—É maravilhosa! — exclamou Lorién emocionado.

—Sim, que maneira de sintetizar, em tão pouco texto, tanto e tanto — comentou com tom de reflexão Zule, com seus olhos brilhando.

—É possível que tiremos algumas copias? — perguntou Lorién. Teriam vindo tão bem... Efetivamente, entrega o que você disse: os contextos adequados para que as traduções do profundo se expressem com bondade no mundo. Genial!

—Lógico! Podem tirar todas as copias que queiram. — disse Charlotte. Seguindo com o que estávamos falando, a janela abriu, o momento chegou, o fenômeno psicossocial se disparou... O plano transcendental está irrompendo e é verdadeiramente impressionante, mas não podemos relaxar. O fenômeno pegou de surpresa os poderosos, até a mim me pegou desprevenida — voltou a rir de si mesma —, mas os controladores do sistema já começaram a reagir. No Peru se declarou a lei marcial por um tema sanitário, dizem. Em nível internacional declararam quarentena no Peru, fecharam as fronteiras para que ninguém entre nem saia, somente os que eles disserem. Os meios de comunicação têm proibido informar qualquer coisa que não seja escrita pelo governo. Cortaram o sinal de internet, só funciona o que eles manejam com exclusividade. Os celulares e telefones não podem ligar nem receber ligações do estrangeiro. Em definitivo, isolaram o país para que a *epidemia* não se estenda a outros países. Enquanto isso eles estão estudando e tentando compreender e controlar o fenômeno. Isto eu o ouvi meia hora antes de vocês chegarem. Vejo pelas caras de vocês que não sabiam de nada. Bom, era de se esperar, contam com todo o poder de governos, policia, exército, tecnologia, cientistas e ainda por cima controlam os meios de comunicação. Mas não poderão frear o fenômeno — riu Charlotte —, este os sobrepassou. Levaram o exército para cercar Huancayo e de alguma forma os próprios soldados entregaram as armas e se uniram aos men-

sageiros, apesar das ordens para não se aproximarem, nem deixarem ninguém se aproximar deles. Nestes momentos, todos os quartéis da polícia e do exército estão com ordem de atirar em qualquer um que se aproximar. Mas o fenômeno psicossocial é também psíquico e concomitante, quer dizer que mesmo sem contato físico vai se produzindo um contato e um 'contagio' psíquico do fenômeno. É como tentar conter a água numa cesta de vime, hahaha...— ria com vontade —, estão desesperados. Porém — ficou séria de repente—, são tão loucos que são capazes de deixar cair bombas atômicas ou bacteriológicas sobre o país para matar todos os peruanos, se sentirem que isso é necessário. As pessoas sempre lhes importaram uma vírgula — terminou franzindo as sobrancelhas. Bom, mas que estes pensamentos funestos não nos façam perder a alegria. O primeiro é entregar o que vocês vieram procurar.

Detrás de uma estante, num canto, ela esteve manipulando algo, até que uma pequena porta abriu e dela tirou uma caixinha belíssima.

—Aqui está a Disciplina Energética, agora fica em suas mãos — e a passou para Zule que a guardou em sua mochila. Urge tirar vocês do país para que fiquem a salvo, embora tenha a impressão que neste momento e com o caos que há aqui, não exista um lugar mais seguro no mundo. Porém, tem que recolher as outras duas Disciplinas. A seguinte está em Benares, na Índia. O Protetor é Jaidev Shah, aqui estão seus dados e endereço — passou um papel dobrado que Zule pegou. Uma vez que tomem contato com Jaidev, ele dará a vocês os dados do Protetor da Quarta Disciplina.

Ficou pensando um instante, e logo acrescentou:

—Dada a situação acho que o ponto mais fraco da quarentena é a Bolívia já que é um país um pouco fora do controle dos poderosos, do Para-Estado. Tem que preparar documentos novos.

Tocou algo do lado da estante e um painel oculto se abriu, desvendando uma pequena porta pela qual os convidou a entrar. Dentro havia um pequeno espaço com um moderno computador e equipamentos de alta tecnologia, parecidos com os que Lorién viu em Madrid. Charlotte tirou fotos deles e trabalhou sobre elas no computador até ficar satisfeita. Depois tirou uns passaportes e os imprimiu.

—Zule, você será paraguaia, nascida em Assunção e está fazendo turismo com o amigo espanhol pela Argentina, Chile e Bolívia. Em La Paz comprarão passagem para Índia. Sabemos que sua segurança depende principalmente de que se movam rápido.

Pegou um celular e ligou.

—Francisco, sim, sou Charlotte, necessito que venha com a pick-up para uma viagem a Bolívia. Bem, espero você em meia hora, obrigada. Pronto, Francisco chegará em breve, um grande sujeito, uma espécie de discípulo que tenho na Escola e que também recebeu a experiência da Força numa reunião com alguns Mensageiros. Ele me perguntava se isso não tinha a ver com a Escola e eu não sabia o que dizer, tudo indicava que sim, mas eu não sabia de nada. Vocês três vão se dar muito bem.

—Charlotte, teve alguma notícia da Espanha ou da Turquia, de que se tenham produzido alguns fenômenos parecidos com estes? — perguntou Lorién.

Charlotte ficou olhando pensativa e de repente bateu na sua testa e exclamou:

—É claro que sim! Você tem razão, isso foi três ou quatro dias atrás, antes que cortaram as comunicações com o estrangeiro. Efetivamente, no noticiário ouvi sobre grupos de gente se multiplicando rapidamente na Espanha, principalmente em Aragão e em Madrid. Também que algo similar estava acontecendo na Turquia. Que boba sou! Anos esperando receber estas notícias e quando elas chegam, eu não as reconheço. Obviamente você está detrás disso tudo também, hahaha. Grande personagem, Lorién. Com essa carinha de quem não mata uma mosca está pondo o mundo inteiro de pernas pro ar — riu de novo. É um grande prazer ter o privilégio de conhecer você, não teria sido o mesmo se me contassem — dizia pulando de alegria como se tivesse rejuvenescido vinte anos. Que grande rapaz! — e dançava e os abraçava feliz. Chegou o momento de informar a Escola — disse, ficando séria repentinamente—, agora já não há dúvidas.

Tirou um celular parecido com o que Lorién tinha e começou a escrever como possuída. Depois de alguns minutos levantou a cabeça, fechou o celular e olhou para eles.

—A hora é essa — voltou a repetir pensativa. Já avisei a todo mundo, contei sobre vocês, sobre o fenômeno na Espanha, na Turquia e no Peru. Embora tenha certeza que a essas alturas já estará se desenvolvendo em vários outros países. Confirmei que a janela se abriu e que o fenômeno é muito mais forte e rápido do que imaginamos. Disse para saírem com tudo para a rua, para divulgar a experiência com a Força e a cerimônia de Reconhecimento, que não se guardem nada, o momento chegou e temos que ajudar a multiplicar o fenômeno no planeta todo rapidamente, para que se facilite a instalação do novo Mito. Agora sim começou a festa — comentou muito emocionada.

—Por vezes duvidei que este momento chegasse, mas já está aqui e vocês o trouxeram. Agora nossos amigos da Escola também começarão a fazer sua parte. Por muitos anos estivemos sendo perseguidos e nos escondemos esperando este momento. Agora já não importa se nos matam em meio de nossa tarefa. Já podemos partir tranquilos para a transcendência imortal. Aguentamos muitos, muitos anos sem nos comunicarmos entre nós, por medo a que desaparecesse a Escola e seus conhecimentos, que o legado de toda a humanidade morresse com ela.

Em breve A Escola se mostrará e fará sua apresentação em sociedade para transmitir todo este inestimável conhecimento que temos guardado por tantos milhares de anos, o Silo abre-se e as sementes voam em busca dos solos férteis que as receberão sedentos — terminou transfigurada e radiante, com lágrimas nos olhos, enquanto olhava para eles com afeto.

—Mas como é que pôde enviar a mensagem se não há internet? — perguntou Zule.

—Este é um equipamento especial, acho que Lorién sabe algo disso — comentou piscando um olho. Conecta direto com uma linha exclusiva satelital. Só pode ser usado uma vez, foi projetado para alguma grande emergência ou para o Grande Anuncio, afortunadamente foi para isto último. O equipamento já não se pode usar porque um segundo sinal nos colocaria em situação de sermos localizados.

Nesse momento se ouviu um toque muito particular na porta de cima.

—Esse é Francisco; é nossa senha. Vamos, chegou a hora de partir, eu fico para remover o galinheiro e dirigir todos os Mensageiros que puder para Bolívia pelo Desaguadero, que é por onde vocês vão passar, para que na confusão lhes seja mais fácil passar despercebidos. Agora são mochileiros, dentro dos milhares que temos nesta época entre o Cusco e La Paz. Francisco traz suas mochilas com roupas, tem que ser tudo adequado ao disfarce que usarem. Depois prepararei as condições, igual que o resto dos amigos em cada país, para que se possam transmitir massivamente as Quatro Disciplinas. Isto vai muito rápido...

Subiram as escadas e Charlotte abriu a porta. Um jovem de uns vinte e oito anos, moreno e forte, entrou, com um sorriso bondoso em seu largo rosto.

—Este é Francisco — apresentou. Estes são Zule e Lorién, são os que criaram todo o alvoroço dos Mensageiros na serra, haha. Incrível, não é?

—É verdade? Todo esse fenômeno dos Mensageiros foram vocês que puseram em marcha? — disse com surpresa e respeito, dando a mão a cada um.

—É claro que sim — cortou Charlotte —, já te contarão tudo no caminho, agora é urgente que partam já. Aqui tem dez mil dólares, por qualquer imprevisto — disse passando um envelope para Zule. Francisco, comprou comida para a viagem?

—Sim, Charlotte, está tudo pronto para não perdermos tempo no caminho.

Charlotte olhou para eles em silêncio e os abraçou de forma pausada e sentida.

—Obrigada pelas boas novas que trazem. Muito obrigada e, por favor, se cuidem muito, os necessitamos...

—Obrigada a você, Charlotte, pela boa acolhida e pelas facilidades que da para nossa missão. Cada qual tem a sua. Teríamos amado ficarmos alguns dias com você, conhecer o Cusco e que nos deleitasse com as histórias deste maravilhoso povo. Até porque sou filha de um apaixonado da cultura andina...

—Obrigado, Charlotte, e se cuide muito também. Faça o que tem para fazer, mas se cuide. Também te necessitamos e tomara possamos voltar a desfrutar desses dias juntos aqui, no mítico Cusco.

Zule e Lorién entraram no carro, uma caminhonete de cabine dupla, e se despediram através das janelas.

Francisco dirigia com tranquilidade, apesar do pouco trânsito que havia na cidade. Viam-se grupos por todos os lados, dava para sentir algo inusitado no ambiente.

—Por aqui a coisa esteve bastante mexida nos últimos dias. Ontem já foi um desborde de pessoas, reuniões, experiências com multidões. Num pequeno estádio

se juntaram umas mil pessoas que fizeram a experiência com a Força e conversaram em grupos sobre como organizar os Projetos de Apoio Humano. Chegaram muitos jovens, que são os protagonistas principais, através das redes sociais que viralizaram o fenômeno. O formato político e econômico do país está se transformando em questão de horas. Acabou a indiferença com os deserdados, com os mais pobres, todos somos irmãos. Dói profundamente cada pessoa em situação de sofrimento, e rapidamente as pessoas em volta dela se responsabilizam para transformar essa situação. É uma revolução silenciosa, sem líderes, ou melhor, todos são líderes, todos sentem a Força, o Fogo sagrado em seu interior. Todos tem a certeza da transcendência e de que a vida não termina com a morte, mas, ao contrário, que esta transforma o estado provisório que chamamos de vida em algo mais interessante. Não têm medo de nada, estão cheios de compaixão e com um nível de empatia e sensibilidade para com os demais que emociona. Dá na mesma que sejam jovens ou adultos, a maioria responde igual de bem. E todo isso devemos a vocês, estou de verdade impressionado – disse olhando para eles com admiração.

–Bom – falou Lorién um tanto incomodado –, nós não inventamos nada, Francisco, foi Federico que nos transmitiu estas coisas, tanto a Zule como a mim, então não temos muito mérito – disse dubitativo.

–Como quiser, mas A Escola também transferiu estas experiências para mim e eu não fiz Os Andes explodirem...

–E o que aconteceu com a polícia e o exército? – quis saber Zule.

–Ontem estiveram tentando parar o fenômeno – sorriu–, mas todos os policiais e militares acabaram se somando aos Mensageiros. Então decidiram isolar com barricadas os pontos onde estavam concentrados, porém, de todas as maneiras viram-se afetados pela tremenda carga psíquica e também terminaram fazendo parte dos Mensageiros. Agora somente controlam desde o ar. Mesmo assim foram vistos alguns caras estranhos em carros com vidros escuros na entrada da cidade, como se estivessem esperando por alguém...

Ficou olhando para eles uns instantes e subitamente bateu na sua testa.

–Mas é claro! Eram vocês os que eles procuravam e estavam esperando! Agora entendo. Estes caras tem algo nos ouvidos como auriculares que protegem alguns da onda psíquica, mas a outros não. Acho que estão estudando formas de neutraliza-la para não serem afetados. Tem que ser idiotas! Se cuidar para não conectar com o mais maravilhoso que existe, com eles mesmos e com a experiência direta do sagrado – afirmou.

–As estradas estão liberadas? – perguntou Zule.

–No começo tentaram colocar bloqueios na estrada, mas se viraram contra eles. Atualmente há alguns bloqueios nas estradas principais, controlados desde o ar, já não com gente em terra, com exceção desses caras estranhos que parecem o FBI dos filmes.

–Esperemos que não tenhamos problemas na estrada para Puno – disse Lorién.

—Se houver algum bloqueio — acariciou o volante Francisco—, com minha amiga talvez possamos supera-lo. De todas as formas, acho que a vocês não tem quem os pare. Alguém me contou uma historia de um jovem que retiveram em Lima e quando o foram torturar conectou com o humano desses torturadores que terminaram se unindo ao movimento. Suspeito que foi você.

—E quem te contou semelhante coisa? — perguntou Lorién curioso.

—Na verdade, foi de segunda ou terceira mão. Ao que parece, um desses policiais transformado, quando ficou sabendo o que estava acontecendo na serra, pegou o carro e dirigiu até lá para se encontrar com o fenômeno e buscar a pessoa que o tinha transformado, suspeitando que todo esse movimento tinha a ver com ele — disse olhando para Lorién pelo espelho retrovisor. O caso é que passou por Huancayo e se encontrou com as pessoas que iniciaram a Mensagem lá e perguntou por você, não tenho dúvidas que foi você — afirmou Francisco voltando a olhar pelo espelho. Disseram para ele que você ia para Ayacucho e ele partiu logo para lá. Também lá se encontrou com os Mensageiros que lhe disseram que viajavam para Abancay. Finalmente lá perdeu o teu rasto, mas conectou com gente que estava transmitindo a experiência com a Força e lhes falou dessa situação.

—E para que nos queria encontrar? — perguntou Lorién.

—Ele disse que não só te deve a vida, mas a consciência e que tem que voltar a ver você para agradecer e, se puder, te ajudar a cumprir com tua missão. A pessoa que me contou ontem, disse que ele estava muito emocionado quando lhe relatava isso. Ele confessou que tinha sido policial e torturador por muitos anos e que desde pequeno vinha fazendo mal às pessoas. Disse que você o ajudou a conectar com a essência do humano que ele tinha escondida. Ele contou que chegou a te bater e que não pode viver sem teu perdão e sem ver a possibilidade de te ajudar de alguma forma — terminou Francisco, olhando de lado pelo espelho a Lorién, que ficou pensativo sem dizer nada.

—Desculpem o mal educado — disse Francisco —, esqueci que devem estar morrendo de fome, mil desculpas, mas é que não posso acreditar que tenha a sorte de estar viajando com vocês. Lorién, de teu lado, atrás, há umas sacolas com sanduiches e frutas. Peço desculpas de novo, fiquei entusiasmado.

—Ao contrário, Francisco, obrigado por te preocupar conosco — disse Zule com um luminoso sorriso e, dirigindo-se a Lorién, disse com aparente tom molesto: Vamos, homem, que não temos o dia todo! Ou é que você vai comer tudo sozinho?

Lorién sorriu e Francisco olhou para ela preocupado, pensando que por sua culpa podiam estar brigando. Zule, que percebeu a cara de preocupação, deu-lhe umas palmadinhas nas costas.

—Não se preocupe, Francisco, é que este homem é um completo inútil, não serve nem para passar um sanduiche. Peço que tenha um pouco de paciência com ele, não é um mau garoto, só um pouco lerdo — terminou Zule. Ela morria de rir enquanto Francisco olhava sem entender com tal cara de perplexidade que nem se-

quer Lorién pôde se conter e soltou uma gargalhada tão brusca que acabou tossindo de forma preocupante. Francisco parou o carro para ver se estava com problemas.

Zule olhou para Lorién e disse a Francisco:

–Está vendo que é um completo inútil?! Nem comer sem se afogar ele consegue.

Dito o qual caiu contra o para-lama do carro com o sanduiche na mão sem poder leva-lo à boca. Lorién, por seu lado, cada vez fazia sons mais preocupantes na parte de trás do carro. Finalmente, Francisco saiu do carro e foi socorrer Lorién que estava jogado no espaço entre os assentos sem forças para se levantar e emitindo uns grunhidos cada vez mais alarmantes. Francisco tentava vira-lo e incorpora-lo, mas com muito cuidado por temor de afoga-lo mais ainda. Somente percebia as lágrimas que rolavam pelo rosto de Lorién e que o deixaram mais preocupado ainda. Finamente conseguiu coloca-lo sobre o assento, muito assustado, e começou a dar palmadinhas nas costas. Zule conseguiu se erguer também com lágrimas no rosto, mas quando viu o quadro teve outro ataque de riso. Francisco, ainda sem entender nada, via a cara congestionada de Lorién, dava tapinhas nas costas, sem saber o que fazer. Aos poucos Lorién foi se acalmando e limpando o rosto.

–Obrigado Francisco, já estou bem. Desculpa pelo espetáculo que temos dado. Já vai acostumar com o humor da Zule, ela é muito peculiar.

–Ma, só estavam rindo?

–Sim – disse ele sem forças –, obrigado pela preocupação e desculpa, mas o humor da Zule me mata.

–Pois é! Agora eu sou a culpada de tuas torpezas e tua morte! O que acha Francisco? Nem sequer assume a própria vida! O que se pode esperar de alguém assim?

Francisco olhou inseguro e de repente um sorriso encheu todo seu rosto.

– Hahaha, já vou sacando você Zule – disse contente por estar em sintonia.

–Bom, por sorte temos alguém inteligente no carro, vê se aprende Lorién– disse com os olhos pícaros.

Lorién assentiu e teve outro ataque de riso.

–Obrigado pelos sanduiches Francisco – disse Zule. Estão muito bons, e pela fruta, estava precisando. Quanto acha que tardaremos até Puno?

–Em tempos normais são seis horas, agora com o estranho que está tudo podemos encontrar qualquer coisa no caminho.

–Então chegaremos lá para as oito da noite – disse ela pensativa. Bem, temos um longo caminho adiante, aproveitaremos para descansar um pouco – disse dando um bocejo.

Lorién também bocejava no banco de trás. Terminaram de comer e em poucos minutos estavam dormidos.

Lorién despertou ao sentir que o carro se deteve. Abriu os olhos e viu que estavam atrás de uma longa fileira de carros.

–O que foi, Francisco?

Francisco olhou pelo retrovisor.

—Ao que parece há um bloqueio na estrada, vou dar uma olhada para ver de que se trata.

Zule, acordada pela conversa, falou:

—Vamos todos, assim esticamos as pernas e vemos o que rola. São muitos carros...

Saíram do veículo e andaram junto a outras pessoas que também queriam saber o que estava acontecendo. Entre todos eles havia camaradagem e bom tom.

—Vocês são Mensageiros? — perguntou Francisco.

Olharam—se todos e quase todos disseram que sim.

—Nós também — disse ele, contente e orgulhoso.

—Nós vamos para Bolívia a levar a Mensagem — disseram alguns.

—Nós a Puno.

—Nós também vamos a Puno.

—Nós vamos a Juliaca

—Nós a Yunguyo.

E as pessoas foram se expressando sobre seus destinos, enquanto caminhavam juntas amigavelmente. Comentavam como tinha mudado sua vida desde que tinham conectado com sua Força interior.

—Já nada é igual que antes — comentou um jovem com olhar afetuoso. Como é possível que estivéssemos tão cegos quando tudo era tão fácil?! Sempre estive ai essa força, ao nosso alcance, sempre tivemos as pessoas na nossa frente, porém só agora percebo que elas existem, que eu existo porque elas existem.

—Sim — disse uma senhora—, é maravilhoso, ainda custo a entender os embrutecidos e insensíveis que éramos. Todos sozinhos, isolados, todos sofrendo e passando mal.

—É verdade — disse um terceiro, sorrindo —, agora tudo é tão claro... Todos os problemas são tão fáceis de resolver, já ninguém está sozinho com suas dificuldades, os problemas de um são os de todos.

—Como éramos bobos! — comentou um senhor idoso—. Com o mal que a gente se sentia por estar só e acreditando que os demais eram inimigos da gente. Acreditando que tinha que me cuidar dos outros, quando é graças aos demais que a gente é consciente de nossa existência e os outros nos ajudam a dar um sentido a nossa própria vida, a poder ser útil às outras pessoas.

—Hoje tudo isso está fora de discussão. Todos trabalhamos para todos e nos apoiamos entre todos, e a gente que tem dificuldades por doença, por deficiências, idade ou pelo que for, sempre conta com toda a comunidade de vizinhos que brigam para ajuda-los — disse uma mulher com roupas típicas bolivianas, com seu chapéu sobre as longas tranças, sua mantilha, suas múltiplas saias. Eu sou de La Paz e estava visitando parentes no Cusco quando eles foram convidados para uma cerimônia onde além da experiência com a Força nos falaram sobre os Projetos de Apoio Humano, projetos cujas características agora parecem óbvias, desde a conexão pro-

funda consigo mesmo. Eu vou para La Paz para levar esta Mensagem a meus irmãos, a meu povo que tanto precisa – terminou emocionada.

–É verdade o que a senhora diz – expressou um homem de media idade. Eu trabalhava em uma empresa com mais de duzentos trabalhadores, vivíamos competindo uns com outros, temendo que nos mandassem embora a qualquer momento, recebendo como pagamento uma mixaria, com maus tratos e vexações constantes. Ontem de manhã chegou um ‘pata’, um companheiro, e nos convenceu para que, antes de começar a trabalhar, fizéssemos uma cerimônia para conectar com a Força interior. Muitos de nós tínhamos ouvido rumores sobre essas cerimônias, então, por curiosidade, participamos sem esperar muito, sabemos que o pessoal sempre exagera. E acabamos todos emocionados, chorando de alegria, nos abraçando uns aos outros – comentou emocionado ao evocar o momento. Depois da cerimônia fomos falar com o dono. Ele nos recebeu de má-vontade, nos gritando e insultando. Mas, conforme falávamos com muito afeto e sentido, ele foi conectando com o que dizíamos e, sobretudo, com o espírito da Força que todos sentíamos. De uma hora para outra ele começou a se bater na cabeça e chorar amargamente, e nos pedia perdão aos berros, perdão pelo maltrato de toda uma vida. Ficou de joelhos pedindo desesperado que o perdoássemos. Dizia que, na verdade, ele merecia que o matássemos e que nos dava a fábrica como presente, já que nós saberíamos fazê-la funcionar para o bem de todos, e não como ele tinha feito, explorando todos para ficar rico à custa do trabalho dos outros. Nós o levantamos com afeto e o abraçamos dizendo que não podia pensar assim, que ele era um de nós e que trabalharíamos juntos a partir desse momento. Que não só ele, mas todos, tínhamos estado cegos e tínhamos agido mal, mas que agora isso ia mudar. Ele não podia acreditar que, apesar de tudo que ele tinha feito, o quiséramos como a um irmão, e chorava de alegria e arrependimento, sem poder falar da emoção que sentia – chorava emocionado e sem pudor o homem que contava sua vivencia. Rapidamente o trabalho foi reorganizado para ser mais eficiente e produtivo, pensando no bem comum. Nunca tínhamos trabalhado tão bem e com tanta energia e alegria. Ao fechar a jornada, a produção tinha triplicado e todos estávamos felizes. Voltamos a ter uma assembleia e decidimos que alguns de nós tínhamos que levar essa experiência a outras fábricas. Eu tenho família em La Paz e vou para lá para levar a experiência a todos meus irmãos trabalhadores bolivianos – terminou ainda emocionado.

–Agora todos os problemas, tanto pessoais como sociais, são tão fáceis de resolver, tudo é tão simples que custa entender como antes complicávamos e nos angustiávamos por qualquer coisa – disse um senhor que vestia um terno muito elegante. Eu também estou indo para La Paz para levar a Mensagem e a nossa experiência. Eu era a mão direita do Prefeito do Cusco, tinha centenas de pessoas a meu cargo no município e nos aconteceu algo similar ao que conta o amigo. Alguém de manhã propôs fazer uma cerimônia na prefeitura e todos ficamos comovidos. Rapidamente nos repartimos para irmos a todos os serviços e áreas dependentes do município para replicar essa cerimônia. Finalmente, nós juntamos um grupo para

repensar como sermos uma prefeitura de verdade, que esteja a serviço de todos por igual. Que sirva para que todos os vizinhos estejamos melhor coordenados e para organizar os recursos para que cheguem a todos, sobretudo, aos mais necessitados. Desde esse ponto de vista, a saúde e a educação se converteram nas prioridades. Os problemas mais urgentes da pobreza se solucionaram. Todos sentimos que tínhamos uma dívida com as pessoas que tínhamos marginado e condenado à pobreza. Então elas foram albergadas nas melhores casas e com os melhores alimentos e recursos. Percebemos que as necessidades reais eram muito poucas e que o tema era gerenciar os recursos de forma que dessem resposta a essas necessidades básicas. Como disse no começo, agora tudo é muito simples de organizar. Já não há um prefeito, há uma comissão de pessoas que foram escolhidas rapidamente em assembleia. Vários fomos convidados a levar a mensagem e a experiência para outros lugares.

É maravilhoso o que contam – disse um senhor com refinada vestimenta, de aproximadamente quarenta anos. Eu, ao contrário de vocês, venho fugindo do Cusco, com minha mulher e meus filhos, do que para nós era o caos e a loucura total. Levo no carro todas nossas economias, joias e todas as coisas de valor que pudemos pegar. Enquanto esperávamos no carro, algo foi se modificando em nós e agora estando com vocês e escutando as coisas que comentam, sinto-me envergonhado – reconheceu, com lágrimas nos olhos. Nunca me preocupei mais do que por mim mesmo e minha família. Os outros empresários eram concorrentes, as outras pessoas eram gente de raça inferior, mal educados, frouxos, invejosos, ladrões. Agora os vejo como irmãos e percebo tudo o que sofri por estar longe deles. Sinto algo enorme em meu interior, algo grande e bom que me conecta com vocês, como se fôssemos um único ser. Escutei que alguém disse com muita verdade: agora eu existo porque você existe. Que grande verdade! É assim, é a melhor forma de explicá-lo. Como pôde estar tão cego? Peço desculpas pelo meu egoísmo e pelo ser miserável que tenho sido até agora – expressou com tom de arrependimento e envergonhado. Peço perdão de coração, meus irmãos, e peço que nos aceitem como mais um entre vocês.

Todos espontaneamente o abraçaram e a sua família, com enorme afeto.

–Mas é claro – disse um com força –, todos somos iguais. Todos queremos ser felizes, todos temos sofrido, todos necessitamos ser queridos e valorizados pelos demais, todos queremos ser úteis a nosso próximo.

Ao redor deles tinha se formado uma multidão. Um deles exclamou:

–Vem uma turma em nossa direção. Vamos ver que notícias nos trazem.

Efetivamente umas quinze pessoas vinham em direção contrária e falavam com cada um dos carros. Um deles se adiantou e veio até nós.

–Irmãos – começou –, há uma barreira de blocos de concreto que impede o passo, também não se pode passar pelos lados. Temos tentado corrê-la entre todos, mas um helicóptero do exército está vigiando de cima e começou a atirar enquanto estávamos tentando desmontar a barreira. Estamos presos, não podemos avançar nem retroceder.

Olharam todos para cima e viram o helicóptero ao longe dando voltas em círculo, se mantendo a cem metros de altura.

–Francisco, nos leve com teu carro até a barreira, os demais nos sigam a pé – disse Lorién, com tom firme.

Todos olharam para ele curiosos pelo contraste de sua juventude com a força que refletiam suas palavras.

Dirigiram-se até a pick-up e avançaram pelo acostamento até o bloqueio e o helicóptero. As pessoas os seguiam andando, o mais rápido que conseguiam, enquanto iam passando a voz entre eles. Todos tinham muita curiosidade para ver o que iam fazer esses jovens.

Chegaram finalmente até a barreira, seguidos por uma multidão.

–Aproximem-se ao meu redor – pediu Lorién logo que todos chegaram –, vamos tomar contato com nossa Força interior – disse fechando os olhos e conectando internamente.

Tudo silenciou. Só se ouvia o vento ao redor e as hélices do helicóptero lá acima. Em breve sentiram uma tremenda carga energética.

–Irmãos – começou com toda essa Força concentrada –, agora vamos dirigir essa força para as pessoas que estão no helicóptero, em forma de afeto total para eles. Concentremos nossa Força em um afeto total e incondicional para com nossos irmãos no helicóptero – repetiu ficando em silêncio e dirigindo suas mãos para a aeronave.

Todos sentiram como um canhão enorme de afeto se dirigia para o céu. Poucos segundos depois o helicóptero começou a descer e pousou a vinte metros da multidão agrupada. Duas pessoas desceram chorando e correndo para eles e se ajoelharam.

–Obrigado, obrigado – diziam chorando –, obrigado pela sua bondade e afeto que não merecemos. Obrigado – repetiam incansáveis.

A multidão os pegou e levantou com carinho enquanto os abraçavam com apreço.

Passado o momento, os pilotos voltaram a subir ao helicóptero e tiraram os blocos de concreto com cabos de aço, deixando livre o passo para Puno. Era noite fechada, mas com uma grande lua. Os aplausos explodiram e mais uma vez ficou confirmado que nada podia detê-los.

O carro de Francisco foi o primeiro a passar, se despedindo com buzinas e braços das pessoas nos outros veículos, que foram partindo para seus destinos em uma longa caravana.

–Quanto falta para Puno? – perguntou Zule.

–Uma hora e meia aproximadamente, se não houver mais interrupções. Estamos perto de Juliaca. Em poucos minutos devemos começar a ver o lago Titicaca a nossa esquerda – disse Francisco. Que boa ideia, Lorién, a de focar com um raio de afeto os pilotos, realmente genial.

–Não foi nada de mais, antes ou depois alguém teria pensado nisso – respondeu Lorién. Não sei quanto a vocês, mas eu estou com fome.

—Está vendo, Francisco? Lorién só pensa em comer. Todo esse pessoal pensando nos seus destinos, em como fazer um aporte para a humanidade e Lorién pensando em comida. O que você acha? Extraordinário, não é? — brincou Zule.

Francisco olhou um pouco inseguro, mas ao ver o brilho nos olhos dos dois riu à vontade.

—Huahuahua. Vocês são tremendos. Acabamos de passar por um dos eventos mais extraordinários que se possa imaginar e vocês, como se nada, são realmente notáveis... — terminou com bom humor.

—Lorién sim é notável, quanto quer apostar que assim que comer ele vai ficar com sono e dormirá como se nada — riu ela que tinha visto como Lorién reprimia um bocejo.

A verdade é que Lorién estava feliz, mas ainda se sentia meio fraco depois do evento de Lambrama, e dormiu em meio às brincadeiras de Zule.

Acordaram ele quando já entravam em Puno. Lorién abriu os olhos e olhou para a lua quase cheia sobre o lago, um espetáculo belíssimo. À frente podia se ver as milhares de luzes da cidade.

—Que mágico — disse Lorién. Realmente tem magia o lago Titicaca, com essa lua iluminando e refletindo—se nas águas infinitas, a quatro mil metros de altura. É um espetáculo incrível. Obrigado por me acordar.

Permaneceram em silêncio uns minutos desfrutando da magia do momento.

—Que tão grande é Puno? — perguntou Zule.

—Deve ter em torno dos cento e sessenta mil habitantes — comentou Francisco. Vivem principalmente do turismo, embora tenha algumas pequenas indústrias, pesca e gado. O lago atrai milhões de turistas que vêm todo ano para conhecer suas ilhas. Sobretudo Uros, as ilhas flutuantes de totora, o junco do Titicaca. Devem ser umas dez com seus prédios, currais de galinhas e porquinhos da Índia e até tem um pequeno campo de futebol. Obviamente vivem principalmente do turismo e do artesanato, além da pesca.

—Totora é uma espécie de junco grosso que cresce no lago — disse Zule a Lorién. Os vão trançando até fazer uma espécie de esteira ampla e grossa, ou então as amarram, como no caso dos cavalinhos de totora do Titicaca, que são pequenas embarcações usadas desde tempos imemoráveis no lago.

—Nossa, e fazem ilhas com casas e tudo o mais, que surpreendente, nunca tinha ouvido algo semelhante — disse Lorién, admirado.

—Sim, parece que é algo único no mundo — comentou Francisco. Zule, você está muito bem informada sobre nossa cultura.

—Sim, desde criança ouvi os relatos de meu pai sobre a cultura quéchua aimará, sobre o Cusco, sobre o Titicaca. Meu pai era de Puno — ficou pensativa. Se tivéssemos mais tempo gostaria de buscar meus familiares, mas nossa missão vem antes, e temos que nos mover rápido. Assim é que estamos a dispor para nos hospedarmos onde você achar conveniente, não se preocupe pelo dinheiro, temos bastante. Aliás, Charlotte nos deu mais ainda.

—Bem, levarei vocês para um hostel muito agradável que conheço, já é tarde.

Finalmente Francisco deteve seu carro na porta de um hostel. Desceu do carro e se esticou.

—Bom, foi uma longa tirada dirigindo.

Entraram no hostel onde uma mulher jovem os recebeu com muita amabilidade e abraçou Francisco com afeto. Mostraram os quartos para eles e logo desceram para jantar e, seguindo a sugestão de Francisco, comeram peixe. Ficaram maravilhados.

—Ela é minha tia, chama Alejandra e temos muito apreço um pelo outro — comentou Francisco. Tia, como estão as coisas por aqui? — perguntou.

—A verdade é que estão muito agitadas — disse ela —, há umas pessoas que se dizem Mensageiros que começaram a chegar ontem e hoje, e dizem por aí que estão fazendo reuniões por todos os lados. Nelas, comentam, as pessoas conectam com os deuses, com a Força, não sei bem. Ouvi tantas coisas que não sei mais o que pensar. Por outro lado, até ontem tínhamos uma grande quantidade de soldados por aqui, mas hoje levantaram acampamento e foram embora. Ao que parece era para deterem estes Mensageiros, mas não resultou bem, ao contrário, os próprios soldados e policiais se converteram em Mensageiros também. Eu estou confusa. De fato, tenho aqui vários passageiros que viajaram de manhã para o Cusco e tiveram que retornar porque tinha uma barricada depois de Juliaca e não deixavam ninguém passar. Disseram-me que tinham tentado remove-la entre todos, mas um helicóptero tinha atirado neles. Suponho que já a terão removido, já que vocês conseguiram passar, ou vocês não vem do Cusco?

—Sim, vimos do Cusco, e nos encontramos com essa barreira de concreto colocada no caminho e com o helicóptero que atirava em quem tentasse tira-la. Você não vai acreditar, mas nos juntamos todos, fizemos contato com nossa Força interior e todos sintonizamos com nosso afeto para os pilotos da aeronave, e lhes enviamos um raio de amor e afeto enorme. Pois bem, aos poucos minutos desceram do helicóptero, emocionados e pedindo desculpas pelas suas maldades, absolutamente comovidos pelo amor recebido. As pessoas os abraçaram e eles, com o próprio helicóptero, tiraram a barreira.

—Realmente extraordinário o que conta, se me estivesse contando outra pessoa não sei se acreditaria. Mas porque fizeram semelhante coisa? — perguntou ela duvidando.

—Porque a maioria éramos Mensageiros. E você não foi convidada para nenhuma dessas reuniões? — voltou a perguntar Francisco.

—Sim, mas tenho estado muito ocupada, então não tenho podido assistir mesmo tendo muita curiosidade — reconheceu.

—Bom, se quiser podemos fazer uma reunião com as pessoas que estão alojadas no hostel, mais os amigos que você quiser. Que acha?

Ela duvidou, mas finalmente sorriu e disse:

—Você de pequeno sempre andava em coisas estranhas. Tudo que parecesse místico, você ia atrás investigar, não me estranha que esteja metido nisto. A verdade é

que morro de curiosidade e melhor com você que com outra gente desconhecida. Você sabe que não se pode deixar entrar em casa a qualquer um. Aliás, já é tarde, então se puder ser em meia hora seria ideal – terminou ela.

–De acordo, em meia hora aqui na sala – disse Francisco.

–Eu, a verdade é que estou muito cansado, então vou dormir, ainda não me recupero totalmente de minha convalescença – comentou Lorién.

–Sim, melhor ir descansar. Eu ficarei mais um pouco – comentou Zule.

–Mas eu pensei que vocês iam fazer a cerimônia – disse Francisco, confuso.

–Não, não, Francisco, nós já fizemos nossa parte, agora é a própria gente que tem que direcionar e o está fazendo todo mundo muito bem. De fato, melhor do que nós, que não temos os códigos e as formas culturais de aqui. Você, aliás, já tem experiência – sorriu Zule. Quero te pedir que não comente nada sobre nós, por favor. Já foi se expor demais o que Lorién fez hoje à vista de todo mundo. Lembra que estão nos procurando desesperados.

–De acordo. A verdade é que vocês estão certos, embora eu tivesse expectativa de vê-los, mas não é bom chamar a atenção, agora é a nossa vez – disse rotundo.

Zule acompanhou Lorién até o quarto.

–Como se sente? – perguntou.

–Cansado e um pouco fraco, mas bem. Melhor do que imaginei ontem quando partimos. Foi um longo dia e o meu protagonismo para tirar a barreira me desgastou um pouco. Quase não me mantenho em pé – confessou.

–Bem, descansa. Eu irei um pouco lá embaixo para ver como vai a coisa.

Deu um beijo carinhoso e o deixou para ele deitar.

Horas depois Lorién sentiu que o estavam cutucando e acordou sobressaltado.

–Que acontece?

–Vamos, preguiçoso – disse Zule amorosa –, já são sete horas e temos um longo caminho de barco através do lago Titicaca.

–Que? De barco através do lago? – perguntou surpreso.

–Sim, toma uma ducha e desce para tomar o café da manhã e te contaremos. Já na sala tomando o café Lorién perguntou

–Contem para mim como foi ontem e o que é isso de ir através do lago.

–A cerimônia de ontem foi maravilhosa –disse Zule. Chegaram umas trinta pessoas, entre hospedados no hostel e convidados de Francisco e de sua tia Alejandra. Francisco oficiou a cerimônia de forma maravilhosa. O pessoal ficou comovido e transformado, com uma enorme necessidade de levar isso para outros. Tenho a impressão de que a Força cada vez bate mais forte e mais rápido em cada pessoa. Com facilidade chegaram a um acordo sobre o que cada um fará para levar isto para outros e onde. Também para mudar a organização humana e social de Puno. A tia Alejandra, também muito mexida, propôs organizar de outra maneira o hostel, já não se sentia dona dele, ao contrário, se envergonhava de ter sido tão egoísta e miserável. Então, parece que a tendência é essa, ir fazendo comunitárias as empresas

e organizações. Está surgindo uma nova forma de organização no nível humano, político e produtivo. A empresa privada já não tem sentido para ninguém. As iniciativas e empreendimentos pessoais transformam-se rapidamente em iniciativas e empreendimentos comunitários, nos quais as pessoas, por gosto e afinidade, vão se dividindo funções e tarefas – ficou pensativa. Tudo está mudando Lorién, tudo! É de verdade extraordinário! Quando o humano aparece e todos conectam com o registro da própria existência e a de outros, tudo se transforma. É como se a espécie humana estivesse transmutando em sua totalidade e a uma velocidade vertiginosa, sem que ninguém se sinta obrigado a isso. Todos fazem o que querem, com grande encaixe interno. É realmente maravilhoso.

–Sim – continuou Francisco–, é realmente incrível, nunca ninguém imaginou semelhante coisa. Eu estou feliz e orgulhoso de meu povo e da espécie humana. É como se cada qual soubesse o que fazer, qual é seu lugar para ser mais feliz e útil aos demais.

–Realmente as coisas estão indo muito além do que nós mesmos imaginamos – comentou pensativo Lorién.

–Bom, passemos para coisas práticas – disse Zule. Assim que acabemos o café nos embarcaremos com um amigo de Francisco que esteve ontem na cerimônia. Ele tem um pequeno barco para turistas e nos levará atravessando o lago até Puerto Carabuco, no lado boliviano. A travessia deveria levar uma hora e meia, aproximadamente. Uma vez lá, ele mesmo nos conseguirá uma 4X4 para viajarmos até La Paz. São três horas mais desde Puerto Carabuco. Dessa forma evitaremos passar pela alfândega até Bolívia e pularemos possíveis bloqueios na estrada.

–Maravilhoso – disse Lorién. Francisco, tu virás com a gente para La Paz?

–A verdade é que gostaria muito, mas ontem compreendi que cada um de nós tem que fazer sua parte. Embora me separar de vocês seja o último que gostaria, meu compromisso com meus irmãos me faz ficar aqui – comentou Francisco com resolução.

–Bem, então vamos – apressou Zule. Não temos o dia todo.

Foram pegar suas coisas e logo depois estavam prontos na sala. Despediram-se da tia Alejandra e partiram no carro até a beira do lago onde os esperava Gregório. Após um forte abraço a Francisco entraram na embarcação. Gregório os recebeu com um sorriso, abraçou Zule, a quem já conhecia, e depois a Lorién.

–Bem-vindos a meu humilde barco – disse afetuoso.

Era um barco com motor fora da borda, com uma cabine com espaço para quatro pessoas dentro e cinco fora. Pequeno, mas limpo e moderno. Ele pôs em marcha o motor e começaram a navegar.

–No caminho vou mostrar para vocês algumas das ilhas de totora que há na baía de Puno – disse. Ai, à esquerda, vem a maior, tem até uma pequena igreja. Agora se pode apreciar com mais detalhe, as casas, o solo, até um pequeno campo de futebol. Extraordinário, não é?

–Sim – concordou Lorién–, realmente extraordinário. Quem é que pôde imaginar tal coisa, fazer ilhas com juncos sobre as quais viver! É uma ideia estranha. Em lugar de morar em terra firme, morar numa ilha flutuante e frágil.

—Não é tão frágil não. São muito mais fortes do que parece. Já receberam muitas tormentas e ainda estão aí, claro que vão renovando constantemente a totora.

—Deve ser um tanto desestabilizador morar aí, sobretudo em meio a uma tormenta, não é? — voltou a perguntar Lorién.

—Habitualmente não, estão acostumados e o lago não tem muitas ondas, mas nas tormentas fortes sim que se gera uma boa dança. Quando estão previstas tormentas fortes as ilhas são desalojadas e os habitantes vão para Puno e depois voltam. — comentou Gregório.

—É realmente incrível — se deleitou Zule—, que beleza, que extraordinária criatividade a desse pessoal. Minha gente — comentou em voz baixa.

Poucos minutos depois viram uma ilha maior que rapidamente crescia no horizonte.

—Essa é Taquile, é uma das ilhas maiores, foi dos últimos redutos que resistiram aos espanhóis — disse com um piscar de olhos para Lorién. Eles a usaram como prisão. Atualmente tem dois mil e duzentos habitantes, é longa e estreita, como poderão ver, vamos passar pertinho. Ainda conserva muitas amostras de arqueologia Inca. E um lugar maravilhoso para morar, muita pesca, muito bom clima e boas colheitas, muito mais do que no continente. Continuaram se aproximando à ilha e perceberam que passariam perto do lado mais estreito, enquanto se alongava para o poente. Viram as pessoas ao longe, os cultivos e vários botes de pesca. O continente ficou para trás, já só era possível ver os bairros altos de Puno, e aos poucos foram aparecendo no horizonte as montanhas do outro lado do lago, no começo de forma difusa para ir ficando cada vez mais nítidas. Zule e Lorién viajavam na cabine saindo de tanto em tanto para observar algo em particular. Era bem cedo, estava frio e piorava com o vento produzido pela embarcação. Gregório não parecia preocupado, sentado com o timão na mão, com chapéu e o rosto descoberto e curtido, com seu perene sorriso.

—Que lago mágico este! — comentou Lorién. É realmente incrível. Gostaria de contar com tempo para percorrê-lo e conhecê-lo bem, deve ser um dos lagos mais fantásticos do mundo.

—Claro que é mágico — afirmou Gregório—, se pudessem conhecer as ilhas do Sol e da Lua, com seus templos, santuários e centros cerimoniais, construídos na cultura Tiahuanacota, muito antes da Incaica, como do século II de nossa era, com sua vegetação e suas montanhas, você perceberia o mágico que é. Dizem que da ilha do Sol saíram os lendários Manco Capac e Mama Ocilo, para fundar o Tahyantinsuyo, o Império Inca. Para todas as culturas do altiplano o lago foi central, em todas as tradições figura como o lugar onde a vida nasceu. É mágico sim, e como!

As margens do outro lado do lago foram aparecendo no horizonte até divisar a pequena vila que configurava Puerto Carabuco. Finalmente chegaram e desembarcaram, deixando o barco atracado no embarcadouro. Foram até uma casa onde os recebeu um homem de aproximadamente cinquenta anos, baixinho, gordinho e de aspecto forte.

—Este é dom Armando — apresentou Gregório—, eles são Fernanda e José — piscou o olho cúmplice enquanto estreitava a mão do senhor Armando, seguido por Zule e Lorién. Senhor Armando, pode nos alugar sua camionete? Precisamos fazer uma viagem a Tiahuanaco. Devolvo—a de tarde.

—Claro que sim, sem problemas. Você sempre respondeu bem, Gregório, embora seja melhor avisar antes, eu a tenho disponível para você.

—Excelente, sr. Armando. Deixo a seus cuidados a minha embarcação, dê uma olhada de tanto em tanto.

—Com prazer, tenham uma boa viagem — despediu—se passando as chaves para Gregório.

Entraram na camionete e partiram rapidamente.

—Francisco me disse que devia ser discreto com seus nomes — disse piscando novamente o olho.

—Obrigada — disse Zule—. A verdade é que toda precaução é pouca e tenho que reconhecer que às vezes não somos suficientemente cautos — sorriu.

—Depois de nos separarmos ontem à noite eu encontrei com uns amigos que acabavam de chegar do Cusco e me contaram toda uma historia incrível com um helicóptero e dois jovens que tinham iniciado isso tudo na serra. Os descreveu e não tive dúvidas, difícil não reconhecer vocês... Quem teria imaginado que foram vocês que puseram em marcha esse fenômeno — comentou surpreso.

—Está vendo? Ai tem a prova do pouco discretos que somos, apesar de termos a todo mundo nos procurando — afirmou ela.

—Suponho que a brisa do lago terá aberto o seu apetite. Em minha mochila carreguei algumas coisas: sanduíches, água, uma garrafa com café. Lorién tira o que quiser e nos alcança o resto — disse Gregório.

Comeram tranquilos enquanto avançavam sem presa pela estrada asfaltada não muito transitada, com o espetáculo do lago à direita.

—Veem essas ilhas? A maior é a ilha do Sol e a pequena a ilha da Lua. Mais ao fundo o que parece uma ilha grande é na verdade uma península, ai está Copacabana e o estreito de Tiquina. Têm uns oitocentos metros de largura. Há barcos para transladar os carros até Copacabana, ai se encontra a virgem de Copacabana, a mais venerada em Bolívia. Na verdade desde antigo se venerava Kopakawana, uma deidade que favorecia as uniões e dava fecundidade aos casais. É como a Afrodite Andina, haha. Quando os cristãos chegaram construíram uma igreja e puseram o nome da deusa na virgem. Bom, é o mesmo que fizeram em varias partes no mundo. É uma cidade belíssima. Com constantes peregrinações, muito boa cozinha, sobretudo de peixe. Já estamos chegando a Achacachi e... — se interrompeu de repente —, parece que temos um controle de estrada que não estava antes ali, assim é que deve ser por conta dos Mensageiros e de vocês. Deixem que eu fale.

Efetivamente, uns cem metros na frente via—se um improvisado controle de estrada, com três policiais e seu carro. Fizeram sinal para eles se deterem. Lorién tomou Zule da mão e começou a conectar com a Força. Ela fez o mesmo e em ques-

tão de segundos estavam sentindo esse bem-estar e profundidade sem igual que o contato com o Sagrado lhes dava.

–Bom dia oficial, sou Gregório, trabalho com Turismo, acontece algo? – disse com tom cordial.

–Os documentos, por favor – disseram com voz seca–, e também os do carro.

–Olhe oficial– tentou seguir conversando Gregório, mas foi interrompido abruptamente.

–Os documentos, disse, e nem uma palavra mais! – gritou com mau jeito o policial com patente de Cabo, enquanto um de seus colegas apontava com sua metralhadora.

Lorién e Zule saíram do carro com calma, deixando que o profundo afeto e desejo de bem-estar que sentiam para com os policiais se expressara. Eles foram mudando a expressão de incômodo e raiva por outra de agradecimento e felicidade. Finalmente, o policial que tinha levado a voz de mando soltou a arma que empunhava dentro da funda como se queimasse e disse que não se preocupassem que tudo estava bem, que não era preciso mostrar os documentos, que se notava que eram gente de bem. Os outros dois policiais, envergonhados, também soltaram as metralhadoras, enquanto confirmavam as palavras do cabo.

–Peço desculpas – continuou dizendo o cabo– por minha grosseria e mau jeito. Se pudermos fazer algo por vocês, faremos com gosto.

–Nós também queremos pedir desculpas – disseram corados os outros dois policiais.

–Não se preocupem. Vocês estão cumprindo com seu dever – disse Zule.

–Podem nos dizer o que está acontecendo aqui? Por que este bloqueio que antes não existia? – perguntou Gregório.

–Queridos irmãos, esta manhã nosso tenente nos comunicou que algo muito estranho estava acontecendo no Peru. Que tinha um caos enorme por todas as partes e que já estava chegando à Bolívia através do Desaguadero. Por este motivo triplicaram o contingente policial na alfândega e a nós nos mandaram cobrir esta parte, por via das dúvidas – comentou o cabo.

–Alguma outra informação? – perguntou Lorién.

–Não, nada mais, só que estes últimos dois dias temos ouvido rumores sobre gentes que se transformam de um momento para o outro e se fazem chamar de Mensageiros e contam que vem tudo de uma forma nova e sagrada. A verdade é que me pareceram bobagens das pessoas que gostam de acreditar em qualquer coisa. Agora, vendo vocês e sentindo toda essa beleza que sinto dentro, a verdade é que já não me parece tão estranho, ao contrário, sinto que estava muito enganado! – exclamou o cabo. Bem, casos desses se rumorejava que estavam acontecendo por todos os lados, até em La Paz. Oficialmente ninguém disse nada, mas todas as fronteiras com o Peru estão bloqueadas, por precaução. Não se sabia se era um vírus, se eram terroristas ou apenas gente crédula – terminou incomodado o cabo.

–Não se preocupe, a propósito, como chamam vocês? – disse de forma festiva, Lorién.

—Meu nome é Miguel — disse o cabo —, eles são José e Ramiro.

Cumprimentaram ao ouvir seu nome, cada qual com um amplo sorriso.

—Não se preocupem — repetiu—, está tudo mudando muito rápido e nossas formas anteriores ainda nos confundem. Agora com certeza sentem um agradável bem-estar dentro de vocês, como também percebem algo grande e bom em nós, certo? — assentiram vigorosamente. Ao fazer contato com a força interior, com o Sagrado, tudo se aclara e ordena. Querem experimentar com mais profundidade a Força dentro de vocês?

—Sim, por favor — manifestaram os três.

—Bem... — disse Lorién, enquanto se aproximava deles e pedia que se tomaram das mãos os três, formando um pequeno círculo.

Deixou fluir a Força através de suas mãos para eles, com muito afeto e carinho. Os três se sacudiram um tanto surpresos, para logo depois deixar um amplo sorriso estampado no rosto, se abraçando os três enquanto lágrimas de felicidade rolavam pelos seus rostos. Depois vieram abraçar os rapazes e lhes agradecer pela formosura que sentiam dentro deles e por toda a beleza que percebiam neles.

—Nunca antes me senti tão vivo — disse Ramiro. Nunca senti este imenso bem-estar. É como abrir os olhos ao mundo pela primeira vez — disse envergonhado. É que até vejo o mundo de forma poética — se animou a dizer.

—Nunca tinha sentido este amor para o mundo e para comigo mesmo. Sempre pensei que era um pobre diabo — disse por sua vez José, olhando com pudor seus companheiros —, mas agora percebo que sou algo grande, um verdadeiro milagre. Já não tenho temores, nem preciso demonstrar nada a ninguém. Sou como sempre quis ser — terminou enfático.

—Também me sinto envergonhado por tudo de ruim que já fiz — comentou Miguel, corado. Não vou detalhar agora, fico sem jeito pela vergonha.

—Todos viemos do mesmo lugar, Miguel, todos — disse Gregório com afeto. Até ontem eu ria destas coisas, de todos os que contavam como tinham visto outros mudarem, me acontecia igual que a você; Até ontem quando assisti a uma cerimônia com um amigo e tudo mudou. Agora sou um Mensageiro da Vida, porque o de antes não era viver. Meu nome é Gregório, eles são Fernanda e José. Aqui lhes deixo estas folhas com a cerimônia que fizemos ontem, caso queiram fazer com amigos, vizinhos, familiares ou colegas de trabalho. Estamos mudando o mundo, depois de Peru vem a Bolívia e depois o mundo inteiro — comentou exaltado enquanto passava as folhas.

—Eu, até aqui cheguei como policial — disse Miguel. Não quero ter mais nada a ver com armas.

Seus colegas concordaram.

—Antes de abandonar o uniforme e as armas, pedimos que nos acompanhem com o carro patrulha até La Paz e nos abram caminho, caso tenha outro controle no caminho ou alguém nos parar. Que dizem?

—Lógico — exclamou Ramiro — eu os acompanharia até o fim do mundo se me pedissem.

Os demais estiveram de acordo.

Partiram para La Paz com a patrulha como batedora. Mais adiante encontraram outro posto de controle, com outra patrulha. Miguel parou e falou com eles, dizendo que tinha que escoltar esses amigos porque tinham uma mensagem urgente para entregar na delegacia. Sem mais trâmites os deixaram passar.

Finalmente chegaram sem problemas ao aeroporto no Alto, em La Paz. Despediram-se de Gregório com um forte abraço.

Depois pediram aos três policiais que os acompanhassem para comprar as passagens e que averiguassem qual era o primeiro avião para Índia. Resultou que tinha um voo da Lufthansa que partia em três horas mais, fazendo escala em Santa Cruz de la Sierra e Berlim, antes de chegar a Déli, na Índia. Foram até o balcão comprar as passagens fazendo sentir ao funcionário o grande afeto que sentiam por ele e o maravilhoso ser que ele era. O funcionário estava de mau humor, brigando com uns documentos e de repente levantou o rosto. Foi se formando um sorriso ao vê-los.

—Passem, por favor. É um prazer poder atendê-los. Em que posso ajudar?

Eles comentaram que precisavam comprar as passagens, mas tinham problemas com os passaportes. Ele, feliz, vendeu as passagens sem dar importância ao fato dos passaportes não terem visto de entrada no país. Depois os acompanhou ao balcão de embarque da Lufthansa onde falou com um colega, facilitando o passo imediatamente para embarcar as malas e onde lhes entregaram os cartões de embarque. Finalmente se despediram dele afetuosamente.

Zule pediu aos amigos policiais que os acompanharam até o setor da policia internacional, para falar com alguém que lhes facilitasse a liberação, pusesse o visto nos passaportes e não fizesse problemas. Acompanhados entraram numa sala, e dando a mão Lorién transmitiu seu afeto ao funcionário. Ele visou o passaporte e liberou o passo para a zona de embarque. Aproveitaram para se despedir dos amigos policiais que os abraçaram como se fossem os seres mais queridos.

Eram três da tarde, faltava uma hora para subir no avião. Zule e Lorién, com um suspiro, separaram deles. Era a despedida do Altiplano, dos poderosos Andes, nos quais eles mesmos tinham se transformado, já não eram os adolescentes que tinham partido de Istambul, eram outros seres metamorfoseados. Olharam-se em silencio, sabendo um o que estava sentindo e pensando o outro. Em um segundo reviveram todo o acontecido desde a sua chegada ao Peru. Fazia apenas uma semana! Surpresos por tudo o vivido e tudo o posto em marcha em uma semana e pelo que tinham crescido. Finalmente se abraçaram em silencio, em um abraço sem tempo. Sentiram como o Sagrado que levavam dentro tinha crescido de forma inimaginável. Finalmente se separaram.

—Sabe, acabo de lembrar que hoje é meu aniversário — disse Lorién um pouco surpreso pelo mundano do tema.

—Olha só, que escondido o tinha, é que sente vergonha de ficar velho — brincou ela. Bem, vamos celebrar com um café e um doce na cafeteria, temos pouco tempo — disse, puxando ele pelo braço na direção da cafeteria.

Pediram doces e dois pingados. Zule falou em voz baixa com o garçom lhe passando uma nota discretamente. Lorién ficou curioso, sem saber o que ela tinha dito. De repente se ouviu uma voz nos alto-falantes.

—Estamos num significativo dia, celebramos o aniversário de Lorién, que se encontra naquele canto.

E apareceu o garçom com um doce com uma vela acima, enquanto a voz continuava: *cantemos o Feliz Aniversário, todos juntos*.

E começou a cantar no exato momento em que o garçom chegava até Lorién com a vela.

—Parabéns para você, nesta data querida, muita felicidade, muitos anos de vida.

O pessoal todo se uniu ao coro de celebração, rindo, muitos brindando com seus copos na mão.

—Vamos, Lorién — prosseguiu uma voz no alto-falante—, antes de apagar a vela tem que pedir um desejo.

Lorién, surpreso e vermelho até a raiz do cabelo, olhou o garçom com o doce, duvidando, o pessoal cantando e brindando pelo seu aniversário e finalmente Zule, que olhava para ele com sua expressão mais travessa. Finalmente Lorién se concentrou, fechou os olhos e pediu profundamente antes de abri-los novamente e apagar a vela com um sopro. Imediatamente o silêncio explodiu em aplausos, assobios, e gritos das pessoas. Lorién abraçou Zule e lhe deu um longo beijo nos lábios, fazendo dobrar os aplausos e expressões de entusiasmo, os animando a continuar se beijando. Agora foi a vez de Zule ficar vermelha. Separaram-se e agradeceram a todos com inclinações, sorrisos e beijos.

Um espaço onde apenas tinha um pequeno barulho de fundo em cinco minutos tinha se convertido em espetáculo. O pessoal que esperava seus embarques foi se aproximando para ver o que acontecia, até juntar uma multidão de centenas de pessoas que olhavam para eles com afeto e cumplicidade. Esses poucos minutos romperam o isolamento e o individualismo de centenas de pessoas, que por um momento compartilharam o fato de ser parte da mesma espontânea festa.

Finalmente comeram os doces e beberam os cafés, morrendo de rir entre bromas mutuas. Nesse momento anunciaram o embarque de seu voo. Deixaram uma boa gorjeta e cumprimentaram com afeto dos garçons e das pessoas que se despediam com expressões de simpatia e proximidade. Encaminharam-se rápidos até a porta de embarque, onde faziam fila muitos dos que estiveram na cafeteria e que os olhavam cordialmente fazendo comentários entre eles, assinalando-os sorridentes.

Mostraram seus documentos e embarcaram sem problemas. O avião estava com a metade de assentos vazios. Com certeza em Santa Cruz subiriam mais pessoas até Berlim.

—Você é incorrigível, Lorién, não há jeito, sempre onde passa precisa chamar a atenção, não acha demais? — disse ela. Estamos dizendo para todo mundo que

sejam discretos e você nem ai, chamando a atenção. Não sei o que vai inventar no avião, algum strip-tease? Você não tem jeito – terminou morrendo de rir.

–Bom, você também não fez mal, é a minha melhor ajudante para gerar shows.

–Como ajudante? – retrucou ela. Aqui o único ajudante é você, só falta que agora ache que é o dono do circo... Os homens são todos iguais, a gente da a mão e vocês pegam o braço. Estão muito malcriados – riu ela.

Ele a segurou com cara de estar chateado e começou a beijá-la, no início só para incomodá-la e não deixá-la seguir falando, mas finalmente foram se entusiasmando, até que uma voz falou:

–Por favor, afivalem os cintos, estamos decolando.

Era a aeromoça.

–Percebe como me faz passar vergonha? Não posso sair com você a nenhum lugar, você logo extrapola, o que vai pensar o pessoal desta casta e puritana donzela? Por tua culpa estou ganhando má fama, devia dar-te vergonha – dizia ela fazendo carinhos e beijando-o divertida.

O avião decolou e o Alto foi se estendendo sob as assas. Imenso em sua planície, com milhares de casinhas. Subiram mais um pouco e passaram por cima de La Paz, esse maravilhoso anfiteatro que abriga a cidade em forma de funil, que vai dos quatro mil metros de altura no Alto até os três mil e duzentos em Sopocachi e Miraflores, na zona baixa da cidade. Que beleza a vista daqui de cima, que cidade extraordinária com o poderoso e belo Illimani ao fundo, com seu cume nevado, como uma espécie de guardião, dando um toque perfeito para esta cidade de sonho, que de noite se transforma em montanha de luzes vertendo sobre as ladeiras do monte.

O avião continuou a subir e puderam ver ao longe o lago Titicaca, brilhando com os raios do sol. Deixaram atrás La Paz e puderam contemplar os belos cumes que cercam a cidade, para finalmente começar a descer para Santa Cruz. A paisagem foi mudando do agreste nas alturas para o verde semitropical, que descia pelas montanhas com povoados coloridos perdidos entre elas. Depois passaram por cima de Cochabamba, uma bela cidade a dos mil e seiscentos metros de altitude, com a verde paisagem em volta. Em pouco tempo começaram a ver a imensa selva amazônica da Bolívia, que se estendia ante seus olhos como um verde tapete sem fim, com os grandes rios serpenteando no meio, convertidos nas principais vias de comunicação e transporte junto às estradas.

–Que incrível país de contrastes culturais e paisagens – comentou Zule. Desde as desoladas e duras alturas do Altiplano Andino, onde não cresce quase nada, às imensas planícies da selva, com sua tremenda e prolífera vegetação. Dos *collas* do Altiplano Andino com seus rostos pouco expressivos, cinzelados em pedra e queimados pelas temperaturas extremas, com seu olhar profundo perdido no horizonte, que olha mais para dentro do que para fora. Com seu caráter introvertido e sua melancólica música, abrigados por múltiplas camadas de roupa. Até os *campas*

do oriente amazônico, com seus sorridentes e expressivos rostos acostumados à exuberância e generosidade do entorno natural em que vivem, com suas roupas leves e coloridas e constantes festas e bailes. Acostumados a viver ao dia, ao colorido e ao bulício, tão extrovertidos estes como introvertidos os collas. E finalmente, todos iguais, como o resto do mundo, um pequeno verniz de diferença quanto à cor da pele, a estatura, a língua, a cultura, mas internamente a mesma identidade essencial, os mesmos rasgos essenciais – admirou-se ela.

–Que são esses rasgos essenciais? – perguntou Lorién.

–As essências dos processos mentais. São as coisas comuns das pessoas, independente de sua cultura, de sua formação, de seu intelecto. São as coisas comuns nas quais A Escola tenta se mexer desde tempos imemoráveis. Ao tocar, ao ativar certas partes dentro do Ser Humano, desenrolam-se os mesmos fenômenos. Como vimos com a experiência com a Força. Com a mesma cerimônia soltam-se fenômenos e conexões muito similares – comentou pensativa Zule. É claro que quem queira ver diferenças, sempre vai achá-las. Quanto mais superficial, mais diferenças. Começa com a roupa e depois... Em nosso caso é ir na direção oposta, como sempre, heuheuheu. Não para a roupa, mas para essa coisa íntima, mais profunda e similar em todos. Estamos falando de uma religiosidade profunda, quanto mais profunda melhor. Efetivamente, em todos os lados está crescendo a espiritualidade, explícita ou implícita. E a expressão da Escola através da sua Mensagem, já que estamos nisso, é uma força que vai se abrindo aos poucos, por seus componentes espirituais e não por outra coisa.

–Por que chega às pessoas tão facilmente? – voltou a perguntar ele.

–Chega ao coração das pessoas pelo conteúdo espiritual que tem. Não é preciso procurar esses intelectuais que se convertem em teólogos dos novos momentos. Não! Para que necessitaríamos um teólogo, para que necessitamos um filósofo? Não é assim, tem que ser simples, quanto mais simples melhor. Como nós estamos fazendo, e como o foi fazendo o pessoal que foi despertando. Isso é o que se está abrindo caminho num mundo cada vez mais complicado, mais desordenado, mais *revolvido*. E o está fazendo com códigos, poucos códigos, que chegam até as pessoas e tocam o essencial das pessoas que serão mais diversas a cada dia. Como comunicar essa gente toda entre si quando sequer a gente se entende com o próprio espelho? Será com os rasgos essenciais das pessoas. Esses são muito parecidos. Então conectar com os rasgos essenciais dos seres humanos tem sua graça.

–É verdade, Zule – concordou Lorién –, é coisa de vermos a nós mesmos, dois simples jovens com uma Mensagem simples. Rapidamente está se multiplicando e foi se multiplicando não pelos intelectuais da vez, pelos formadores de opinião, mas pela gente simples com quem fomos nos encontrando. Por isso esta Mensagem se faz imparável, por sua simplicidade que permite a todo mundo conectar com o Sagrado dentro de si, com sua religiosidade interior, e esta, desprovida de rasgos culturais, expressa-se de forma similar em todos os lugares. Tenho curiosidade de ver o que vai passar na Índia, esse povo tão antigo, forjador das religiões mais antigas do planeta. Tenho vontade de ver como responde ao estímulo da Mensagem.

Nesse momento o comandante do avião anunciou que estavam chegando a Santa Cruz. Ante eles estava a formosa Santa Cruz, cercada de exuberante vegetação tropical.

—Uma das cidades de mais rápido crescimento da América Latina — contou Zule. É a cidade mais povoada de Bolívia, com um milhão e meio de habitantes, eixo do desenvolvimento industrial do país. Desde o ar pode se apreciar como se fosse o branco de um jogo de dardos, ou uma teia de aranha que se foi expandindo desde o centro em forma circular ao invés de quadrada como é habitual, com grandes avenidas e ramais que se unem entre si. Com o rio Pirai que a acompanha. Que tremenda mudança, desde os quatro mil metros de altura do Alto em La Paz, para os aproximados quatrocentos metros de Santa Cruz.

Desceram alguns passageiros e depois começaram a embarcar, até que quase encheu o avião. A próxima escala seria Berlim, ali tinham que mudar de avião para chegar a Déli.

—Estes países são maravilhosos — comentou Zule —, são países muito novos e têm uma diversidade cultural muito rica. O problema é que ainda seguem tendo resquícios de sociedades feudais, com seus latifundiários ou empresários, ou a nova aristocracia do dinheiro. Com uma enorme desigualdade no reparto da riqueza e uma constante privação dos direitos básicos para as pessoas de menos recursos, que são a maioria — ficou pensativo um tempo. Lembra-me uma história que meu pai me contou quando eu era pequena.

—Bom, mas ainda é pequena — brincou Lorién.

—Quando era menor ainda, bobão — disse batendo nele com o punho—, quer que conte ou não?

—Sim, vai. Não perderia isso por nada...

—Bem, aqui vai, chama-se o espírito e a opressão.

Existiu um homem muito poderoso que teve grande quantidade de ovelhas. A fim de impedir que escapassem ele levantou um cerco. Porém, algumas ovelhas rompiam o cerco e conseguiam fugir. Para evitar isso o homem poderoso trouxe cães para vigia-las dia e noite.

A pesar de tudo, algumas podiam fugir e outras eram mortas pelos cuidadores que estragavam sua carne e sua pele com ferozes dentadas. Entusiasmados com isso, penetravam o redil e continuavam a matança.

Viu o homem poderoso que o cerco era frágil para conte-las, e os cuidadores, perigosos.

Mandou então buscar um mago. Este dormiu todas as ovelhas e as fez sonhar que eram livres. Ao acordar, elas seguiram acreditando que agiam voluntariamente e já não abandonaram seu amo.

Desse modo o homem poderoso retirou o cerco e os cuidadores, bastando-lhe tomar as ovelhas à vontade quando necessitava de sua carne e pele

—A ovelha é o espírito do ser humano — continuou Zule —, o homem poderoso, aquele que quer utiliza-lo. O cerco, os cães e o mago são os ajudantes do opressor.

Cercar o espírito é separá-lo do mundo pela ignorância. Cerca-lo com cuidadores é mantê-lo na docilidade pela violência e a força, infundindo temor. Finalmente, adormecê-lo é degradar seu espírito com persuasão e com belas falsidades. Através do tempo tem se usado estas três formas de assassinato do espírito. A ignorância e o temor não foram suficientemente poderosos para conter os impulsos de liberdade. Por outra parte, um homem ignorante e temeroso não é tão útil ao opressor como aquele que foi instruído e já não é necessário exercer violência, porque ele está de acordo com a infâmia. Quando um homem não necessita de cercos nem de cuidadores e está de acordo com a falsidade de sua vida é porque seu espírito morreu – declamou Zule um pouco exaltada. Há quem venda sua liberdade interior com objetivo de conseguir segurança ou bem-estar material. Estes são os que se dizem livres, porque não desejam outra vida e lhes resulta injurioso que alguém fale da necessidade de despertar. Quando os homens dormem desse modo, colaboram com a opressão e produzem em bem do opressor. Eles são considerados *úteis* para as causas do Estado, que por sua vez serve aos poderosos que estão por trás. Um homem que se degradou a tal ponto é um triunfador e é posto como exemplo de trabalho e superação. Ele recebe seu pagamento à custa do sofrimento de outros a quem considera incapazes. O triunfador só pode chegar a sê-lo colaborando com os mandados do amo, chama-se este Estado, Moral ou Religião. O falso triunfador dorme, mas amiúde seu sono está cheio de sobressalto, porque mais cedo ou mais tarde algumas ovelhas despertam e começam a despertar outras... Aos poucos se adverte que no redil já não se acredita na falsa liberdade.

–É por isso que a Mensagem vai para os fracassados – disse Lorién–, por isso *os poderosos* nos perseguem com tanto afinco. Na verdade, eles estão assustados.

–Sim – disse ela. Fracassados são os pobres e os doentes e os sem força e os sem porvir. São os que foram frustrados em seus ideais, truncados em seus amores, escarmentados em sua fé, traídos em sua bondade.

–Me lembro de algo que li nos textos que Federico me passou – disse Lorién pensativo. Vamos ver se lembro:

Aqueles que levaram o fracasso em seu coração puderam alumiar o último triunfo, aqueles que se sentiram triunfadores ficaram no caminho como vegetais de vida difusa e apagada.

–Eu sempre me senti um fracassado – comentou Lorién. Desde pequeno sentia que algo estava mal em mim, os outros eram felizes, se adaptavam e eu não entendia nada. Quando pequeno, lembro que sempre mexeu comigo a injustiça e a necessidade profunda de ajudar a outros. Quando ainda era criança me perguntavam o que queria ser quando crescer, eu olhava em volta e não queria ser nada do que via. Depois, já adolescente, foi o mesmo, eu ia mal nos estudos, pela forma impositiva e pouco reflexiva de aproximar o conhecimento. Assim fui me afastando dos estudos oficiais para ler por minha conta todo tipo de livros de filosofia clássica, de místicos, de buscadores... Até que comecei a encontrar em alguns deles algumas

respostas a minhas inquietações, que nunca tinha achado em meu meio. Posso dizer que os livros salvaram a minha vida, a psique e o espírito. Sem eles não sei se teria conseguido sobreviver – suspirou.

Foram anos duros, tinha dificuldades com tudo, nem sequer sair com garotas funcionava, ao pouco tempo de sair já não ia mais, e eu tinha certeza que era minha culpa, nossos interesses não coincidiam. Eu buscava e buscava e não tinha jeito. Como forma de evasão ante essa realidade maçante comecei a beber cedo, aos treze, e constantemente bebia mais da conta. Durante as bebedeiras esse mundo, no qual eu não tinha espaço, se afastava de alguma forma, e entre bêbados e delirantes qualquer coisa era muito mais atraente que brincar de ser triunfador num mundo no qual não temos acolhida. Por isso passávamos o tempo fazendo loucuras de todo tipo. Varias vezes estive a ponto de perder a vida, como já contei. A verdade é que estou vivo por milagre – comentou reflexivo Lorién. Afortunadamente, a cada tanto tempo, dentro de minha solidão ou de minha relação superficial com muitas pessoas, encontrava alguns amigos com quem percorria um tramo do caminho e depois voltava à minha solidão. Cada um desses colegas, assim como os livros, foram os que salvaram o meu bom senso e a minha vida e a eles sou profundamente grato. Estava nisso quando encontrei Federico, num constante pêndulo entre a busca profundamente aspirada e o sem-sentido total, no qual recaía em bebedeiras de dias. Fazia loucuras para descarregar as enormes tensões internas que ia acumulando com meu fracasso incessante, com meu desengajamento constante com o mundo. Por isso, apesar da loucura de sua proposta, eu não duvidei e me lancei ao precipício, sem saber se havia uma rede. E aqui estamos! Graças a isso encontrei você e tive o privilegio de viver essas maravilhosas experiências. Quem diria! Ainda não faz um mês e parece que fazem anos desde o dia em que Federico me encomendou a missão – terminou Lorién, reflexivo.

Zule o abraçou com carinho e em silêncio. O comandante do avião avisou que estavam prontos para decolar e pediu para colocar os cintos de segurança.

Voltaram a desfrutar da bela paisagem daquele fecundo vergel e aos poucos ganharam altura, para terminar apenas distinguindo a enorme e tupida selva e os grandes rios serpenteando, como únicos caminhos visíveis desde o céu.

Minutos depois foi servido uma bebida que agradeceram porque já eram passadas as sete da tarde. Tinham treze horas pela frente até Berlim. Imediatamente dormiram os dois, esgotados por tantas vivências e pelo cansaço acumulado.

Foram acordados pela aeromoça para jantar, eram quase onze da noite. Esticaram-se um pouco, foram até o toalete, depois jantaram. Finalmente, após serem recolhidas as bandejas do jantar, puderam levantar do assento para esticar as pernas. Foram encontrando com pessoas que sorriam para eles, sem dúvida eram alguns dos que tinham estado na celebração do aniversário de Lorién. Eles devolveram o cumprimento ou o sorriso com muito gosto. Um homem alto, magro e com aspecto europeu se aproximou com um sorriso.

–Aproveito para parabenizar o aniversariante de perto – disse com forte acento francês, estendendo a mão e o sorriso para Lorién.

Depois cumprimentou Zule com um beijo na bochecha.

—Vocês são um casal muito notável, não só pela alegria que destilam, ou pelo jovens que são, nem sequer porque tenham belos rostos. É algo, uma sintonia que há entre vocês e que de alguma forma faz cúmplices aos demais com seu olhar afetuosos. É estranho ver gente que olhe para os demais sem prevenções, quase como irmãos. Há uma familiaridade com que se movem para e com os demais que é muito chamativa, claramente gostam das pessoas. Isso nota-se e eu o reconheço porque me acontece o mesmo. Há também como uma áurea, um brilho que cerca vocês. Vocês tem algo a mais que não sei definir. Perdão, primeiro me apresento, desculpem a minha falta de delicadeza. Meu nome é Jean-François — disse com uma pequena inclinação de cabeça.

—Eu sou Zule e ele é Lorién, o famoso aniversariante — riu ela. O que você faz por estas bandas, Jean François? — perguntou Zule.

—América Latina, assim como a África, para mim são como minha casa, as amo. Amo sua gente e me fascina perder-me entre eles quando posso, por algum tempo. Habitualmente trabalho com a cooperação francesa na África. Agora andei sete meses dando voltas por estes maravilhosos povos, a costa, a serra e a selva no Equador, Peru, Colômbia, Brasil e Bolívia. Estive viajando sem rumo para onde me levavam os sinais. Ao longo da viagem, praticamente sem dinheiro, eu fui encontrando pessoas com quem viajei um tempo irmanado, fui acolhido em casa de pessoas maravilhosas, em muitos casos, pessoas muito pobres que me entregaram muito. Tanto, que às vezes me senti miserável com minha forma de me relacionar com o mundo, e olha que eu me considerava uma pessoa sensível e generosa. Enfim, foi uma experiência maravilhosa, cheia de aprendizados, de algumas experiências que poderíamos chamar de místicas e um monte de coisas que ainda não integro, que ainda não mastiguei no meu interior e que com o passar do tempo irão decantando Vim para conectar com esta formosa gente e ao mesmo tempo encontrar a mim mesmo. Volto mais sensível, com a sensação de ter me renovado e desde essa sensibilidade é que me surge a intuição de que em vocês há muito disto. Ou estou errado? — perguntou com um sorriso.

Zule e Lorién sorriram por sua vez.

—Quer conectar internamente com algo ainda mais profundo do que conta?

—É claro! — disse ele sério.

—Bem, relaxa teu corpo e se deixa invadir pela luminosa Força que despertará em teu interior teus espaços sagrados — disse Lorién ao tempo que lhe fazia uma imposição de mãos.

Jean François abriu muito os olhos e um segundo depois o preencheu um sorriso enorme e beatífico. Algo nele pareceu se expandir. Olhou para eles com olhar emocionado e agradecido. Depois observou o resto das pessoas no avião, enquanto seus olhos enchiam de lágrimas.

—Que belos são todos, que luminosos. Como podemos estar o tempo todo brigando entre nós, como é possível que não vejamos como nós e os demais so-

mos maravilhosos? Tudo é tão claro agora! Que eu existo porque você existe, porque existem os demais. Que sem os outros não sou nada. Sentir esta Força maravilhosa e poder conectar com este espaço sagrado dentro de mim, sem dúvida é o mais maravilhoso que jamais me aconteceu. Pelas experiências de minha viagem eu intuía que todos somos a mesma coisa, que cada pessoa é um universo maravilhoso, mas eram intuições de realidades maiores que agora tenho na minha frente. Sou muito grato, sinto vontade de ir para todos eles para lhes contar e ajudá-los a despertar, a abrir os olhos para esta nova realidade com maiúsculas, da qual a outra é apenas um pálido reflexo. Que cegos! Que surdos, que insensíveis estamos! – se exaltou.

–Vamos te pedir que por enquanto mantenha certa discrição sobre esta experiência. Para onde você vai? – perguntou Zule.

–Para Berlim. Vou ver uns amigos que conheci na África. Estarei lá dois dias e depois vou para Paris, onde permanecerei uma semana visitando familiares e amigos. Depois regresso para África, a Burkina Faso.

–Então, queremos pedir a você que nem neste avião e nem no aeroporto em Berlim comente com ninguém sobre este tema. Em Berlim pode se expressar com liberdade e obviamente na França e na África. Estamos sendo perseguidos e não podemos dar sinais muito claros para que não sigam nosso rastro. Para facilitar que você possa difundir esta Mensagem, aqui deixamos estas duas cerimônias para que possa compartilhar com quem quiser. Uma é a experiência com a Força e a outra é uma cerimônia que dá contexto para que saia o melhor de cada um. Que acha? – perguntou Zule.

–Ah, mas isto eu já conheço – comentou Jean François. Pouco antes de subir no avião me chegou uma mensagem com esta cerimônia de um amigo do Brasil. Estava desejando me juntar com alguns colegas para fazê-la juntos. Agora com mais motivos, depois de experimentar a Força diretamente. É algo maravilhoso, já estou desesperado por chegar a Berlim para visitar meus amigos e convidá-los a compartilhar este milagre – disse ele, agradecido e com os olhos brilhando.

–Caramba! A coisa já está em todas as partes. Que boa notícia! – se alegrou ela.

–Foi um prazer te conhecer, Jean François – disse Lorién, lhe dando um grande abraço–, agora você é um Mensageiro do Profundo... – terminou, olhando para ele nos olhos e se fundindo com ele por um instante.

Jean François sentiu o impacto da fusão num único ser, essa despersonalização e conexão com o supra pessoal.

–Isso é o real! – expressou com voz grave e os olhos luminosos.

Zule o abraçou e se dirigiram para seus assentos já passada a meia-noite.

–Em seis horas estaremos em Berlim – comentou Zule–, então vamos dar um cochilo já que em Berlim teremos que trocar de avião e teremos uma espera de quase quatro horas.

–Me impressiona ainda como o Sentido se abre caminho – comentou Lorién reflexivo–, como as pessoas que estão na busca acabam se encontrando. Como dizem na Espanha: *Deus escreve reto com linhas tortas*.

–Bom, já não é hora de filosofar – brincou Zule–, é hora de dormir.

Deu um beijo nele e se acomodou para dormir em seu assento.

Lorién acordou horas depois com o barulho das bandejas e com as luzes que tinham acendido no avião. Levantou a cortinha da janela e viu que já era dia. Mexeu carinhosamente Zule e esta abriu os olhos dizendo com tom de raiva:

–Não gosto que me acordem! – e o beijou risonha.

–Bom dia, minha querida – disse Lorién. É realmente uma maravilha acordar e ver teu rosto todos os dias, um verdadeiro presente, sim senhor.

–Pois é verdade. Que sorte você tem – disse ela. A mim o que me resta é ver tua cara todos os dias. Enfim, ninguém disse que a vida é justa – suspirou divertida.

–São perto das dez da manhã em Berlim, daqui a uma hora estaremos pousando. Viu que belo sol? – disse ele abraçando-a meigo.

–Você, como sempre, falando de qualquer tema e sem perceber a gente já está presa em tuas garras outra vez. Você é um polvo! Sei que teve carências afetivas na infância, mas assim é demais, não deixa nem respirar, nem acordar, nem beber o café.

Acabaram rindo às gargalhadas com total despreocupação, contagiando muitos dos que estavam acordados que olhavam para eles com simpatia. Viram Jean François, conversando animado com seu companheiro de assento. Ele os viu e acenou para eles, que responderam com afeto. Nesse momento a aeromoça chegou com o carro do café desejando bom dia.

Beberam o café entre bromas. Retiraram as bandejas e logo depois o comandante avisou que estavam começando a descer para pousar em Berlim.

–Berlim – disse Zule como para si–, a capital da Alemanha, uma das cidades mais influentes do mundo desde sua reunificação, depois do desmembramento da União Soviética e a queda do muro que dividia a cidade em duas. Como o mundo estava dividido entre socialistas e capitalistas, depois da segunda guerra mundial e com a queda da União Soviética, o mundo pareceu ficar sob o império norte-americano em expansão. Para as mentes ingênuas, o socialismo tinha sido derrotado e o capitalismo era vencedor na areia histórica. Alguns até chegaram a declarar o fim da história, o fim das ideologias. Porém, os norte-americanos fizeram tão mal as coisas, foram tão prepotentes e soberbos que em lugar de se constituir em Império Mundial, geraram todo tipo de tensões e polarizações em nível mundial, tanto no político como no militar e econômico. A que parecia se consagrar como a única e grande potencia no mundo terminou, com seus erros, cedendo espaço em todos os campos. Hoje estamos em presença de um mundo multipolar. A oportunidade de se converter em império mundial passou. Por outro lado temos a tendência à mundialização, que, diferente da globalização (este é um conceito netamente economicista), refere-se ao humano. Um processo que resulta do simples desenvolvimento da história. Com efeito, com a mundialização que se desenvolve em todas as direções e latitudes, as influencias de uns pontos sobre os outros, de umas culturas sobre outras, de umas religiões sobre as outras, são recíprocas e vão contribuindo

ao intercâmbio, rumo a uma nação humana universal. Esta será a primeira civilização planetária que o ser humano tenha visto e surgirá do coração da humanidade, não de seus líderes. Regida pela liberdade, a solidariedade, a igualdade de direitos e oportunidades, a não discriminação e a não violência.

–Uauuu! Uma classe magistral sociopolítica, jamais houvesse podido vê-lo assim por mim mesmo – exclamou surpreso.

–Hahaha... Vejo claramente que este fenômeno de mundialização, onde as pessoas e as culturas se procuram e se encontram misturando-se cada vez mais, vai facilitando um rico arco-íris de convergência na diversidade e claramente se encaminha para a Nação Humana Universal.

–Por que você destaca tanto a igualdade de oportunidades, Zule? Não é suficiente dizer igualdade?

–Como já conversamos em outro momento, todos somos diferentes e diversos, somos iguais em valor, mas diferentes em nossas formas. Então é fundamental pôr ênfase em que dentro dessa diversidade todos tenhamos igualdade de oportunidades. Isto nos dá a possibilidade de minimizar a injustiça social e pessoal.

–Tem razão – disse ele. Também vejo esta intenção dos povos, que a cada dia se faz mais consciente. A vimos claramente com o fenômeno da Mensagem. Como as pessoas pulam por cima de suas aparentes diferenças para conectar com o profundamente humano. E a diversidade deste ponto de vista serve para enriquecer, facilitar a criatividade e as múltiplas soluções aos diferentes problemas, conflitos e dificuldades que seguirão aparecendo no horizonte humano. Estamos presenciando os rudimentos do que será a Nação Humana Universal, mas com isso não acabam os problemas nem a história humana, só estamos dando mais um salto qualitativo como espécie.

A cidade foi ficando maior através da janela, com esse enorme contraste das cidades europeias, com seus monumentos e casas e prédios antigos convivendo com moderníssimos arranha-céus, estradas e grandes avenidas. Finalmente pousaram na pista sem problemas.

Pegaram seus pertences e ficaram sentados tranquilamente, enquanto o pessoal em pé no corredor esperava impaciente que as portas abrissem para descer do avião.

–Que desespero por sair, não? – riu Jean François, que tinha sentado no assento atrás deles.

–Sim – concordou Zule divertida. Quando a gente já viajou muito, tem menos presa, se dá o tempo para desfrutar de tudo. Em lugar de estarem todos comodamente sentados estão todos incômodos em pé, apertados, haha.

–No que me diz respeito, já faz um tempo que tento levar a vida com mais tranquilidade, desfrutar mais de tudo o que faço e deixar espaço para o não planejado, minimizando o stress e o encadeamento com os objetivos. Como na viagem a Itaca de Kavafis.

–Opa – comentou Zule – parece que também compartilhamos o gosto por certo tipo de leitura... Bom, isso é normal. Sensibilidades similares buscam e encontram significados similares.

Finalmente abriram as portas e o pessoal começou a descer. Eles três saíram por último, conversando animadamente.

—Bem, Jean François, aqui nos despedimos — disse Zule. Nós seguimos em trânsito e entendo que você fica aqui.

—Pois é, a verdade é que teria gostado de continuar com vocês, mas também entendo que vocês têm uma missão e eu agora também tenho a minha. Levar a mensagem para meus amigos aqui em Berlim, depois na França e principalmente na África, começando por Burkina Faso, que será meu primeiro destino neste maravilhoso e antigo continente.

Após um fraterno abraço, se despediram.

Zule falou em inglês com uma aeromoça para lhe perguntar pelo caminho a seguir para embarcar no avião seguinte para Déli. Ela amavelmente lhe disse para dirigir-se a um balcão de atenção, onde confirmariam a suas passagens e lhes entregariam os cartões de embarque para o novo voo.

Fizeram fila no balcão até que o funcionário os atendeu, e ao ver os passaportes franziu a testa. Nesse instante recebeu o afeto e bem-estar que Zule e Lorién estavam expressando desde o mais profundo. Olhou para eles nos olhos pela primeira vez e sorriu amavelmente, dizendo que tudo estava bem, estendendo os cartões de embarque e desejando feliz dia e feliz viagem.

Despediram-se dele amavelmente e seguiram caminho até a porta de embarque indicada para o voo a Deli. Tinham duas horas pela frente. Uma vez localizada a porta de embarque eles se dedicaram a dar um giro pelo enorme aeroporto para esticar as pernas. Foram até o duty free, onde experimentaram roupas, viram CDs, livros, e, como sempre, chamaram a atenção pelo seu bom humor e risos contagiantes. Finalmente só compraram um par de camisetas e uma calça e deixaram as que vestiam na lixeira do banheiro. Depois foram para a cafeteria e quando terminavam de consumir o que pediram escutaram o chamado para embarcar. Caminharam com calma e, chegando à porta de embarque, a maioria já tinha embarcado fazendo com que o trâmite fosse rápido.

Buscavam seus assentos quando um casal com aspecto de indiano que estava sentado cumprimentou amavelmente em espanhol com forte acento inglês.

—Feliz aniversário, amigo! — disse a mulher com um grande sorriso.

Devolveram o sorriso e prosseguiram a busca dos assentos.

—Que simpático casal — disse Lorién.

—Sim, a verdade é que é uma surpresa, pensei que de Bolívia ninguém voaria para a Índia — comentou Zule.

Acomodaram-se nos assentos e logo depois o avião decolou.

Lorién depois de um tempo levantou para ir ao banheiro, e ao sair encontrou o senhor indiano que tinha cumprimentado.

—Adiante, amigo — disse Lorién

—Obrigado — disse ele—, é um prazer voltar a encontrá-los, foi muito legal e divertido o seu aniversário no aeroporto.

Nesse momento sua companheira saiu do banheiro de mulheres e também sorriu amavelmente.

—Olha, Priya, quem encontrei — disse o senhor com seu forte acento indiano.

—Oi — disse ela. Vocês dois fazem um belo casal. Que bonita cerimônia sua noiva lhe presenteou. Os dois se veem tão apaixonados e tem uma áurea tão cálida. Com Prayesh, meu marido, estivemos comentando como tudo tinha sido belo — terminou com um olhar amoroso a seu marido.

—Foi um prazer conhecê-los, meu nome é Lorién — se apresentou estendendo a mão. Sim, Zule, a minha noiva, tem dessas coisas. Gosta de fazer brincadeiras. Obrigado pelas suas palavras e pela amabilidade.

—Não, Não. Obrigada a vocês — insistiu ela. Nestes tempos, com tantas tragédias e sofrimentos, ver pessoas como vocês devolve o otimismo e a esperança à gente — comentou sincera. Tenho certeza de que por onde passem estarão bem e serão uma benção para todo mundo que estiver por perto.

Lorién ficou pensativo e de repente falou:

—Querem que lhes dê um presente?

—Vocês já nos deram a sua alegria, seu amor, sua simpatia, seu otimismo e sua vontade de viver. Deram-nos o mais importante — comentou o marido.

—Obrigado, queridos amigos. Quero lhes dar um presente bem maior. Deem-me as suas mãos.

Lorién tomou contato com a Força em seu interior e canalizou todo seu amor para eles. O casal ficou imóvel por um longo segundo até que começaram a rolar lágrimas nos rostos dos dois.

—Não é possível o que estou sentindo! — disse ela. Isto é como se Deus me tivesse tocado diretamente, levando-me para o céu. Eu não sei o que você fez, mas de repente sou ciente da beleza imensa que levo dentro de mim, da beleza imensa que todos levamos dentro. É como um Despertar para o Sagrado, para a Vida, com maiúsculas. É como um parto, como começar a estar vivo pela primeira vez, como se o véu de maia tivesse sido corrido e pudesse ver a realidade tal e como é. Obrigada, amigo, obrigada. Com razão vocês irradiavam algo belo e sagrado.

Abraçou-o profundamente comovida e agradecida. Abraço ao que seu marido somou—se sem palavras, mas fazendo sentir todo seu agradecimento.

—Não há por que! — disse Lorién. Estamos todos despertando aos poucos de um longo sonho e sentimos a necessidade de compartilhar este Despertar com os demais. Para onde vão vocês? — perguntou.

—Somos de Déli, mas já faz dez anos que vivemos na Bolívia. Ali temos um pequeno negócio de importações. Viemos para ver a família e os amigos, para comprar mercadoria e para não perder os vínculos com os seres queridos. É a nossa viagem anual — disse Prayesh.

—Bem, agora vocês têm um presente a mais para entregar nesta ocasião — e lhes entregou as cópias das cerimônias. Mas quero lhes pedir para não comunicar

este presente durante o voo nem no aeroporto. Estamos sendo seguidos por levar esta Mensagem para todo mundo. Uma vez em Deli, podem fazê-la chegar a quem quiserem, assim como no seu regresso a Bolívia. Embora, se demorarem, pode ser que a Mensagem já tenha se espalhado pelo país.

–Faremos como diz, depois deste presente que nos entregou, qualquer coisa que nos peça não poderemos negar – expressou de forma sentida Priya.

–Se forem a Deli, podemos alojá-los em casa, nos sentiremos muito honrados se aceitarem nossa hospitalidade – disse Prayesh, rogando com seus olhos de criança grande.

–Obrigado, queridos amigos, mas chegando a Deli temos que pegar outro avião imediatamente. Mas agradeço de coração a sua generosidade e sua cálida acolhida – separaram-se com outro abraço.

Zule estava olhando para trás, procurando por ele com o olhar.

–Pensei que tinha acontecido algo. Fiquei preocupada – disse ela com cara de alívio. Você se perde mais do que um guarda-chuvas – brincou.

–Sim, desculpa, Zule, mas é que, saindo do banheiro, encontrei o casal que nos cumprimentou ao subir no avião e tivemos uma conversa tão emocionante que não pude negar-lhes o presente do Despertar. Convidaram-nos a ficar em Deli, porém comentei que temos que viajar logo. Não disse para onde, mas sim comentei que nos perseguiram e pedi para não transmitirem a Mensagem para ninguém até estarem fora do aeroporto.

–Não se preocupe, Lorién, eu já aprendi a confiar em seu critério e suas intuições. Sentiu que tinha que fazê-lo, acho bom, e a verdade é que lembrando os rostos deles, viam-se tão formosos que entendo perfeitamente o que fez.

–Bem, agora é a minha vez de ir ao banheiro, espero demorar menos que alguém que conheço – riu ela colocando a língua para fora.

Quando Zule voltou já tinham servido a comida. Almoçaram com apetite e depois dormiram uma sesta.

Lorién acordou e viu algo incrível pela janela.

–Os Himalaias! – exclamou.

Acordou Zule para que os contemplassem juntos. Efetivamente a imensidão dos Himalaias via-se no horizonte ao qual se dirigiam, majestosos em sua enormidade.

–A cordilheira mais alta da Terra – murmurou Zule–, com suas montanhas acima dos oito mil metros de altura e com o poderoso Everest, com quase nove mil metros, a montanha mais alta do planeta. Aqui se supõe que vive o lendário Yety e se encontra o mítico e sagrado Monte Meru, que seria a morada do deus Shiva. Para alguns esotéricos, este monte tem uma presença não física, mas Mental e representa a alegoria de um caminho iniciático até chegar ao cume e o iniciado transfigurar-se em divino. Dizia-se que era o eixo do universo, emoldurado pelos Himalaias.

–Que interessante! – disse Lorién. E você o que acha, Zule?

–Eu fico com a interpretação que diz que são relatos verdadeiros que tem a ver com realidades internas. Conhece o Guia do Caminho Interno?

—Não, mas pinta interessante — respondeu Lorién.

—Vejamos se lembro.

E começou a recitar

Pelo caminho interno puedes andar obscurecido ou luminoso. Atende às duas vias que se abrem diante de ti.

Se deixas que teu ser se lance a regiões obscuras, teu corpo ganha a batalha e ele domina. Então brotarão sensações e aparências de espíritos, de forças, de lembranças. Por aí se desce mais e mais. Ali estão o Ódio, a Vingança, a Estranheza, a Possessão, o Ciúme, o Desejo de Permanecer. E, se desces mais ainda, invadir-te-ão a Frustração, o Ressentimento e todos aqueles devaneios e desejos que têm provocado ruína e morte na humanidade.

—Nossa! — exclamou Lorién. Que bom! Dá sinais claros sobre onde se está de acordo com o que estiver sentindo, segundo o que esta se registrando internamente.

—Para isso é que foi criado, como guia para quem vai se iniciando em seus mundos internos, para ter clareza de onde se encontra e para onde se dirige, segundo o que vai sentindo a pessoa.

—Olha que interessante — se animou Lorién. O ódio, a vingança, a estranheza, a possessão, o ciúme, todos aparecem num nível baixo de consciência, porém, mais embaixo ainda estão a Frustração e o Ressentimento e todos os desejos que vão contra a humanidade. Que gráfico! — maravilhou-se ele. A próxima vez que me veja em alguma destas emoções já sei onde estou localizado. Realmente, Zule, puxou a teu pai, você é uma autentica erudita, quantas surpresas guardará essa linda cabecinha?

Ela deu um beijo amoroso enquanto fingia que o tirava de cima.

—Me larga, seu polvo! A gente falando de coisas elevadas e ele logo abaixa o nível — terminou rindo. Bom, você quer que continue ou não? — falou ela impacientemente...

—É claro, não quero perder nada dessa maravilha que me está presenteando. Aliás, você sabe que eu me perco mais do que um guarda-chuvas, sem um bom guia termino em qualquer parte — riu ele.

Se impulsionas teu ser em direção luminosa, encontrarás resistência e fadiga a cada passo. Essa fadiga da ascensão tem seus culpados: tua vida pesa, tuas lembranças pesam, tuas ações anteriores te impedem a ascensão. Essa escalada é difícil por conta da ação de teu corpo que tende a dominar.

—De novo dá sinais claros. Para baixo será rápido e fácil, para cima custa bastante, já que é necessário intencionar e ter muita consciência para se libertar das crenças, das inércias e do arrasto do físico — refletiu em voz alta Lorién.

Zule prosseguiu:

Nos passos da ascensão encontram-se regiões estranhas de cores puras e de sons não conhecidos. Não fujas da purificação que atua como fogo e que horroriza com seus fantasmas. Rechaça o sobressalto e o desalento. Rechaça o desejo de fugir para regiões

baixas e obscuras. Rechaça o apego às lembranças. Permanece em liberdade interior indiferente ao devaneio da paisagem, com resolução na ascensão.

–Tremendo – voltou a exclamar Lorién. Começam a aparecer paisagens internas interessantes e nos adverte que não só abaixo há emoções e climas mentais pesados, mas também acima, onde estão o sobressalto e o desalento. O desejo de fugir para regiões obscuras. Que grande! O apego às lembranças! – voltou a ficar empolgado. Este apego não deixa ascender, é mesmo! Tem que se libertar até das lembranças mais queridas para ascender e que elas não puxem para baixo. Devem ser contempladas com indiferença, com desapego e colocando toda a resolução em ascender. Brutal! – disse entusiasmado.

Zule continuou:

A luz pura clareia nos cumes das altas cadeias montanhosas e as águas de mil cores descem por entre melodias irreconhecíveis em direção aos planaltos e às campinas cristalinas.

–Olha, ai aparecem os cumes das altas cadeias montanhosas de que falamos – disse ele –, a luz aparece acima e a obscuridade, embaixo. Interessante elemento de orientação.

–Bom, vai me deixar seguir ou não? Que cara sem disciplina, não pode ouvir calado dois minutos – rabugentou ela com um enorme sorriso.

–Continua, continua, desculpa.

Não temas a pressão da luz que te afasta de seu centro cada vez com mais força. Absorve—a como se fosse um líquido ou um vento porque nela certamente está a vida.

–Isso eu já senti com a Força ao conectar com o centro luminoso no profundo, quando esta se desenvolve é como se pressionara e te afastara dela, a menos que a absorvas – disse pensativo Lorién. Com certeza nela está a vida, ela é a vida, eu diria.

Quando na grande cadeia montanhosa encontrares a cidade escondida deverás conhecer a entrada Porém, isso só saberás no momento em que tua vida for transformada. Suas enormes muralhas estão escritas em figuras, estão escritas em cores, estão ‘sentidas’. Nessa cidade guarda-se o feito e o que está para se fazer... Mas, para teu olho interno é opaco o transparente. Sim, os muros são impenetráveis para ti!

–Deves conhecer a entrada... – murmurou pensativo. Isso quer dizer que deve se conhecer a entrada antes de entrar na cidade escondida?

–Eu interpreto que a gente deve ter um Propósito quando vai para o Profundo – comentou por sua vez Zule, de forma reflexiva –, porque no momento em que o ‘eu’ fica em suspensão, algo tem que dar continuidade à busca no Profundo, já que o ‘eu’ não está operando. É a entrada para os espaços sagrados internos.

–Certo! E é por isso que ‘os muros são impenetráveis’, são impenetráveis para o ‘eu’. Agora entendo.

–Sim – disse Zule. A entrada para os estados profundos acontece desde a suspensão do ‘eu’. Desde essa suspensão já se produzem registros significativos de ‘consciência lúcida’. Neste trânsito devem levar-se em conta algumas considera-

ções iniludíveis: que o praticante tenha claro o Propósito do que deseja alcançar como objetivo final do seu trabalho, que conte com suficiente energia psicofísica para manter a atenção ensimesmada e concentrada na suspensão do 'eu', e por último, que possa continuar sem solução de continuidade no aprofundamento do estado de suspensão até que apareçam as referências espaciais e temporais. Com respeito ao propósito, deve se considerar este como a direção de todo o processo, mas sem que ocupe o foco atencional. Estamos dizendo que o Propósito deve ser 'gravado' com suficiente carga afetiva, como para operar copresentemente enquanto a atenção está ocupada com a suspensão do 'eu' e os passos posteriores. Continuar o aprofundamento da suspensão até conseguir o registro de 'vazio'. Nada pode se dizer desse 'vazio'. O resgate dos significados inspiradores dos sentidos profundos que estão além dos mecanismos e das configurações de consciência, é feito desde meu 'eu' quando este retoma seu trabalho vigílico normal. Não podemos falar desse mundo porque não temos registro durante a eliminação do 'eu', somente contamos com as 'reminiscências' desse mundo, como já comentara Platão em seus mitos – explicou ela.

–Genial! Zule, você me deixou de queixo caído com sua explicação. Quanto manejo dos temas! Muito obrigado, me esclarece muita coisa sobre os procedimentos essenciais para aceder aos espaços Profundos. O Propósito, que importante, sem ele não se pode entrar na cidade escondida. Poderíamos dizer que viver sem um Propósito é um grande despropósito – riu ele de sua própria piada.

–É isso aí, meu querido paroquiano – brincou ela.

Para terminar:

Toma a Força da cidade escondida. Volta ao mundo da vida densa com a tua frente e tuas mãos luminosas.

–Que beleza, que poesia! Amei isso de *Volta ao mundo da vida densa com a tua frente e tuas mãos luminosas*. Fiquei mexido. Trazer o Fogo Sagrado a meus irmãos. Isso sintetiza meu sentir e meu Propósito. Obrigado, Zule. Agora entendo o que falava você sobre o Monte Meru, quando comentava que de teu ponto de vista isso tinha realidade interior, realidade Mental.

Nesses momentos eles voavam sobre a fronteira de Paquistão com a Índia, uma hora mais e estariam chegando a Déli. Os Himalaias viam-se enormes, belos, majestosos.

Chegaram as aeromoças com o lanche. Lorién e Zule comeram e aproveitaram para ir ao toailete. Estavam se acomodando novamente nos assentos quando o comandante comunicou que estavam iniciando o descenso para Nova Deli, pedindo para ajustar os cintos.

Abaixo começou a ver-se a enorme cidade, capital da Índia, com vinte e três milhões de habitantes. Zule comentou:

–Índia, o segundo país mais populoso do mundo, depois da China, com um bilhão e trezentos milhões de habitantes. Um crisol de culturas que convivem há milênios. Praticamente um subcontinente por sua riqueza cultural, religiosa e co-

mercial, e pelo seu colossal peso histórico. Aqui se originaram quatro das religiões mais importantes do planeta: o hinduísmo, o budismo, o jainismo e o sijismo. Além de ter adotado em seu seio o zoroastrismo, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Somados a elas, podemos contar milhares de ashrams e seitas religiosas. Berço de Gandhi, quem com sua metodologia da não-violência expulsou os ingleses do país, conseguindo a sua independência em mil e novecentos e quarenta e sete. Metodologia que depois Martin Luther King instalaria nos EUA, com seu movimento em prol da igualdade de direitos humanos. Índia – continuou Zule – é a segunda entidade geográfica com maior diversidade cultural, linguística e genética do mundo, depois do continente africano. Conta com vinte e quatro línguas oficiais e mais de mil e seiscentos dialetos.

–Impressionante! Que enormidade de país – disse Lorién–, tem mais peso do que quase qualquer continente.

–Sim, Lorién, e mais ainda, como gerador de culturas, religiões e civilizações, só é comparável à antiga Mesopotâmia no Oriente Médio. Algo estranho e particular tem esses dois lugares para engendrarem uma e outra vez civilizações e religiões que sacodem o Mundo.

Nesse momento o avião pousou, eram 21.15 h na Índia, eles tinham o tempo certo para comprar as passagens para Benares. Depois de alguns minutos as portas abriram e os passageiros foram descendo do avião. Eles desceram e encontraram Priya e Prayesh que os estavam esperando para despedir-se.

–Intuímos que estão em alguma missão importante e não queremos fazê-los perder tempo. Só queremos nos despedir e lhes agradecer de novo por nosso Despertar – disse Priya com os olhos brilhando– e oferecer qualquer ajuda que possam necessitar de nós.

–Aqui está o meu cartão com os dados, como disse Priya. Contem conosco para o que for – terminou Prayesh.

–Obrigada, amigos – disse Zule–, ficamos muito gratos e quem sabe quando a gente vai precisar de ajuda... Nós sabemos muito disso, não é, Lorién? – riu ela.

–Assim é. É graças a tanta gente maravilhosa que encontramos no caminho que temos chegado tão longe. Sozinhos estaríamos mortos – disse Lorién com tom alegre.

–Talvez nos possam ajudar a sair o mais rápido possível do aeroporto para comprarmos as passagens – comentou Zule.

–Vamos então – resolveu Prayesh. Sigam-me, se for muito rápido me digam – disse se entranhando nos corredores do aeroporto rapidamente, pegando alguns atalhos e elevadores até chegar à zona da policia internacional, onde os moradores da Índia e os estrangeiros ficavam em filas diferentes.

As filas eram imensas e via-se muita policia. Algo estranho acontecia, viram como demoravam mais tempo com os estrangeiros jovens e vários deles foram levados à outra parte pela policia.

–Estão a nossa procura – disse por fim Zule.

—Sim, eu tenho a mesma impressão.

—Vamos com Priya e Prayesh, rápido! — disse ela puxando ele pela mão.

Encontraram o casal já perto do controle de documentos. Zule comentou as suas suspeitas e lhes pediu que os deixassem ir com eles.

—Com prazer, não sabem a alegria que nos dão por podermos ser úteis — disse emocionada Priya.

—Mas pode ser perigoso para vocês — comentou Lorién.

—O terrível é não ter vida, graças a vocês a gente tem uma vida nova e se morrermos assim ficaremos gratos — expressou ela emocionada. Sempre estaremos em dívida, nesta vida e na outra. Mas devemos dissimular um pouco — disse fazendo um sinal ao marido enquanto fazia um turbante para Zule e Prayesh, para Lorién. De perto isto não vai funcionar, mas de longe não notarão tanto.

Ficavam três pessoas adiante deles quando Lorién disse:

—Aqui nos separamos.

—E, tomando a mão de Zule, adiantou-se às duas pessoas que esperavam para passar direto para a janela do funcionário.

O policial olhou inquisidor quando lhe chegou a onda de afeto e bem-estar que Zule e Lorién enviaram. Então sua expressão mudou.

—Senhor, desculpe nosso mau jeito, mas vamos perder o avião... Caso o senhor ou algum colega seu possa nos ajudar, ficaremos muito gratos — disse Zule em inglês.

—Certo, sem problemas — disse o funcionário, enquanto carimbava o passaporte e pedia a um colega ao telefone que o substituísse na janela.

Zule comentou que necessitavam tirar as passagens para Benares, mas que não queriam chamar a atenção e pediu a ele para levá-los pelo caminho mais curto e discreto. O funcionário, feliz de poder ajudá-los, os orientou rapidamente para saírem da zona de trânsito internacional e entrar na zona dos voos nacionais.

Agradeceram e se despediram dele alegremente.

Conseguiram tirar os bilhetes para o voo que partia uma hora depois. Foram até o embarque de voos nacionais. O funcionário pediu os passaportes. Quando sentiu a onda de bem-estar deu uma olhada por cima e com um sorriso liberou a entrada.

—Isto está complicado, Lorién, nota-se que estão alerta, mais do que nunca, e nos procuram. Estou certa que em breve revisarão as câmeras e perceberão o movimento do funcionário que nos acompanhou. Por outro lado, também perceberão que compramos passagens para Benares. Tomara que demorem o suficiente para chegarmos a nosso destino antes de dar-se conta.

—Sim, temos que estar muito atentos e a qualquer sinal estranho nos movermos com velocidade — coincidiu ele. De todas as maneiras não devemos perder nosso bom tom habitual — terminou com um sorriso.

—De acordo, meu amor. Por isso te quero bem! — expressou ela com alegria, estreitando-o em seus braços e beijando-o com paixão. Vamos, vamos que

estão chamando para nosso voo, você sempre fica grudado. Que homem! – riu ela puxando ele.

–Chegaram até a porta de embarque e a aeromoça que controlava o acesso liberou passagem a eles de imediato.

Sentaram nos assentos com um suspiro de alívio e em poucos minutos emprenderam o voo para Benares. Conseguiram desfrutar de um aperitivo e fechar os olhos por quinze minutos. Estavam destruídos, depois de um dia e meio de viagem, doía-lhes tudo e estavam mal dormidos.

CAPITULO VII – BENARES

Aprende a tratar aos demais do modo em que queres ser tratado

Acordaram com a voz do piloto que anunciava o pouso em Varanasi, como os indianos chamam a Benares. Alcançaram a ver a formosa cidade desde o ar, com o Ganges, o rio sagrado, serpenteando através dela.

—Ai está a sagrada Varanasi — comentou Zule—, uma das cidades mais veneradas da venerável Índia. Segundo os arqueólogos, sua fundação data de mais de quatro mil anos. Ela é nomeada nas duas grandes epopeias indianas, o Ramayana e o Mahabharata. Segundo o Hinduísmo, todo aquele que morrer na cidade fica liberado do ciclo de reencarnações. Isso mostra o quão santa é a cidade para eles. O pessoal toma banho no rio Ganges porque purifica os pecados e cura as doenças. Pode se encontrar todo tipo de pessoas, pobres e ricas, tomando banho juntas em suas contaminadas águas, enquanto é celebrado algum funeral em suas margens, onde estão queimando o cadáver. E se a família é pobre, muitas vezes não consegue queimar bem e ficam os troços inteiros flutuando no rio. Segundo a tradição hinduísta, todos devem visitar a cidade nem que seja uma vez na vida. Estas crenças converteram Benares em destino de anciões, doentes e moribundos, que devem ser a quarta parte dos três milhões e meio de habitantes de Varanasi. Em suas margens concentram—se os crematórios da cidade.

—Caramba com Benares! — disse Lorién—, sem dúvida é uma cidade privilegiada. Pena não contarmos com tempo para conhecê-la. É o mesmo que me aconteceu com Istambul e com o Cusco, cidades que toda a vida sonhei conhecer e quando chego tenho que sair rapidamente, hahaha — riu de si mesmo Lorién.

Uma vez em terra os passageiros começaram a descer do avião. Desta vez Zule e Lorién não ficaram para o final, ao contrário, apressaram—se para desembarcar, mesmo atropelando outros passageiros, pelo temor de estarem sendo esperados. Desceram muito atentos. Não viram nada suspeito e saíram depressa do aeroporto para pegar o primeiro táxi que viram. Zule mostrou o endereço de Jaidev e pediu que o táxi os levasse até o hotel mais próximo.

O taxista os levou até a parte mais moderna da cidade, a um hotel quase novo do lado do centro de negócios, local do endereço de Jaidev.

Pediram um rápido refresco no quarto e desmaiaram na cama, completamente cansados, passada a meia noite. Às sete da manhã desde a recepção os despertaram, conforme solicitado. Tomaram uma ducha e o café da manhã, embora não pudessem mudar suas roupas por terem deixado suas mochilas no avião. Às oito e trinta se encaminharam para o endereço de Jaidev, que era um escritório de corretores da bolsa em pleno centro de negócios da cidade. Eles entraram e perguntaram por Jaidev um tanto surpresos. Ele os recebeu imediatamente e pediu para não ser incomodado.

Encontraram uma pessoa de sessenta anos, um metro e setenta de altura, de pele morena, com uma generosa barriga e um amplo e acolhedor sorriso no rosto.

–Bem-vindos, queridos amigos, eu pedir desculpas por espanhol mau – disse com péssimo espanhol–, caso vocês falem inglês ficará mais fácil para mim. Eu entender mui bem espanhol, mas falar mais difícil para mim.

–Então falaremos em espanhol e você nos responderá em inglês, quando não encontrar as palavras em espanhol, eu traduzirei para Lorién.

–Obrigado, obrigado. Eu surpreso de vê-los aqui tão cedo, quando chegar mensagem de Charlotte pensar que tardar mais tempo em chegar – disse Jaidev –. Ser tão jovens e belos vocês! É um grande prazer vê-los e acolhe-los – terminou com uma reverência e outro enorme sorriso.

–Muito obrigado, Jaidev. Você sabe a missão que nos traz e a urgência e importância dela – comentou Zule.

Jaidev lhes comentou em inglês que efetivamente era a missão mais importante do mundo e que estava consciente do perigo que os espreitava, de fato, era incrível que tivessem chegado tão longe. Contou também que quatro dias atrás, quando a mensagem de Charlotte chegou, tinham começado a mobilizar todos os membros da Escola e todos seus simpatizantes e aderentes. E que isso tinha coincidido com o estouro nas redes sociais transmitindo a cerimônia e comentando as experiências de diferentes lugares do mundo. E como os jovens eram quem estavam protagonizando a expansão e integração do fenômeno, apesar de ter sido cortada a internet para evitar que se seguisse multiplicando, mas já não era possível freá-lo. Jaidev falou que tinha continuado com sua função de corretor da bolsa para não levantar suspeitas enquanto esperava por eles. Ficou entusiasmado contando como o fenômeno do Despertar tinha se propagado rapidamente nas principais cidades e em todos os lugares onde havia algum contato.

–Era o que esperávamos muitos, muitos anos – disse emocionado em seu mal espanhol.

Comentou que o país todo estava em alerta e que estavam tentando isolar o fenômeno, mesmo sabendo que já não tinha como, por conta das experiências no Peru, Espanha, Turquia, Bolívia, Equador, Portugal, França, Alemanha e o resto do planeta, onde se propagava rapidamente o fenômeno psicossocial. Ele pediu que contassem como tinha começado tudo, então eles contaram com detalhes. Ele afirmava com sua cabeça e com seus olhos, cada vez mais abertos e surpresos, conforme o relato avançava.

Gostou de ouvir sobre os Projetos de Apoio Humano. Ele contou como esses projetos tinham partido da Índia em finais dos anos noventa. Através da Fundação para a Humanização foram tomando contato com organizações sociais e grupos organizados em comunidades com alto grau de pobreza e foram instalando a metodologia. Puseram-lhe o nome Manavta Kendra, que significa Centro Humanista. As pessoas com seus próprios meios se organizavam segundo os temas a resolver, e assim começou a melhorar dramaticamente sua qualidade de vida, tanto externa

como interna. Os projetos serviram também para eles se fortalecerem e sentirem que seu futuro e seu desenvolvimento dependiam deles e não de governos ou de ONGs que entregavam migalhas e perpetuavam a pobreza em que viviam há centenas de anos.

Contou o emocionante que tinha sido o fato de que, apesar de não ter dinheiro, em cada casa tinham se comprometido a colocar um punhado de arroz todos os dias e no final de semana já puderam começar a comprar algumas ferramentas e elementos tecnológicos para trabalharem suas terras. Progressivamente eles foram modificando suas condições de vida e recuperando a dignidade perdida por anos.

—Em muitos desses povoados e bairros pobres — continuou contando — foi onde começamos com nossas experiências com a Força e a cerimônia de Reconhecimento. E ficamos impressionados com a forma como se tinha expandido e multiplicado o fenômeno. Na Índia, ao manter certa coesão social, a desestruturação não tinha sido tão forte e por isso a velocidade de propagação era maior do que em outras culturas.

Jaidev contou como tinham proibido após os primeiros ‘contágios’ que a polícia ou o exército intervissem. Quando o faziam, eram equipados com uma espécie de casco de isolamento sensorial, mas mesmo assim muitos eram afetados. Nesse momento estavam tentando isolar as principais estradas e embora impedissem com armas e mísseis que as pessoas se deslocassem, o fenômeno prosseguia por caminhos secundários e por conta de seu efeito psicossocial.

—Nós, no aeroporto, vimos que há muita mais segurança que o habitual e que estavam detendo, sobretudo, aos jovens — comentou Zule.

Claramente nos estão procurando, acreditando que, nos detendo, deterão o fenômeno.

—De fato — disse Lórién—, temos certeza que em breve estarão nos procurando aqui em Benares e não queremos criar problemas.

—Problemas! — exclamou Jaidev com um grande sorriso —. E comentou o feliz que estava por tudo que eles tinham trazido e como se sentia privilegiado por ter conseguido ver com seus próprios olhos a mudança e por tê-los conhecido. Disse que não tinha medo da morte e que podia morrer em paz a qualquer momento, que seu centro interno estava consolidado e que sua função neste plano já tinha cumprido seu ciclo.

—Não ter medo — terminou em espanhol —. Quando ir vocês eu começar também a fazer cerimônias com todos os que estão ao redor. Não posso imaginar felicidade maior que essa — terminou, fazendo um gesto amplo, assinalando as pessoas próximas—.

Contou que desde os começos dos anos oitenta, quando chegou Alejandro a Bombaim para fazer uma apresentação, ele não vibrava desse jeito. Contou que naquele tempo eram muito poucos na Índia e apesar disso, tinham feito uma grande divulgação do evento que se realizaria numa praia.

—Alejandro? — perguntou Lórién.

—Sim, Alejandro Fernandez Rodriguez.

Eles se olharam sem saber de quem ele falava.

Ele continuou dizendo que no mesmo dia que se realizaria o evento houve um dilúvio enorme que parecia que duraria vários dias. Uma hora antes do começo perguntaram a Alejandro se suspendiam o evento. Ele olhou para a chuva e fez uma contorção estranha velando os olhos e ficando em silêncio. Logo depois voltou a seu estado habitual e comentou que iria parar bem no início e só começaria a chover novamente no final. Então, que não havia porque se preocupar.

Os amigos olharam para ele com dúvidas, mas ninguém disse nada, embora todos achassem que não ia parar. Curiosamente, apesar do dilúvio, as pessoas foram chegando e se agrupando na frente do pequeno cenário montado para a ocasião. Todos estavam muito nervosos porque havia milhares de pessoas e não se via forma de que a chuva parasse. Exatos cinco minutos antes da hora marcada, inexplicavelmente, parou de chover. As pessoas guardaram seus guarda-chuvas e se dispuseram a ouvi-lo. Finalmente, terminou de falar e cinco minutos depois o céu voltou a cair sobre as pessoas. Assim esteve durante três dias sem parar. Foi algo extraordinário.

—Querem ler o que ele disse naquele dia? Eu posso imprimir...

—É claro! — exclamaram os dois.

Jaidev foi até o computador e saíram as folhas impressas.

—Aqui está — disse, passando-as para Zule.

Ela começou a ler

Em um pequeno povoado camponês, aos pés do monte mais alto do Ocidente, na longínqua Sul América, demos nossa primeira mensagem.

Que dissemos então?

Dissemos: Sem fé interna, sem fé em si mesmo há temor; o temor produz sofrimento, o sofrimento produz violência; a violência produz destruição. Por isso, a fé em si mesmo supera a destruição.

—Que grande! — se entusiasmou Lorién—. Que clareza! Quando a gente não tem fé em si mesma, tem temor e este produz sofrimento! Algo tão simples e tão claro, magistral! E também diz que o sofrimento é o que produz a violência, que síntese maravilhosa, claro, a violência vem do sofrimento. Meus momentos mais violentos correspondem a meus momentos mais sofredores. Não se pode sair do círculo da violência sem sair do sofrimento e, por sua vez, não se pode sair do sofrimento sem antes sair de uma colocação, de um clima mental habitual de temor gerado pela falta de fé interna. É tão claro! Se eu tivesse sabido disso antes, em lugar de me maltratar pela minha violência poderia ter me perguntado: porque não tenho fé interna? Porque tenho temor? O que temo? Qual é o sofrimento que está por trás de minha violência? Em lugar de me perguntar por que sou tão violento... Quanto sofrimento e contradição podia ter evitado se conhecesse isto tão simples — ficou pensativo.

—Por isso, desde que conectei com a Força interior, não tenho temor. Não tenho sofrimento e já não sinto violência dentro de mim, sentimento que me acompanhou a vida toda. Assim como o sentimento de temor, de estar ameaçado por

tudo, de que tudo me faria mal... Que forte! — refletiu uns instantes —. Agora que tenho fé em mim mesmo, também tenho fé nos demais e por isso posso sentir afeto, inclusive pelas pessoas que me querem fazer mal, porque conecto com o melhor delas, conecto com seu sofrimento, como aconteceu em Lima. Quanto sofrimento poderia ter evitado se tivesse sabido.

Estava perplexo e surpreso por nunca ter pensado algo tão simples e que agora era tão óbvio.

—Mas desculpa, Zule, continua, por favor.

E também dissemos: Há muitas formas de violência e destruição. Há uma violência física, uma violência econômica, uma violência racial, uma violência religiosa, uma violência psicológica e uma violência moral.

E denunciemos as formas de violência e então nos disseram que devíamos calar.

E calamos, mas antes explicamos: se é falso o que dissemos, logo desaparecerá. Se é verdadeiro, não haverá poder no mundo capaz de detê-lo.

Passaram-se doze anos de silêncio e agora falamos novamente e nos escutam milhares e milhares nos diferentes continentes da Terra.

E no oeste cínico, agora nos dizem: como pode ser que alguém te escute se não prometes dinheiro, nem prometes a felicidade, nem fazes milagres, nem curas; se não és um mestre, se és simplesmente um homem como todos? Nada há de extraordinário em ti. Não és um exemplo que deva seguir-se, não és um homem sábio ou alguém que descobriu uma nova verdade... E nem sequer falas nossa língua. Como é possível que alguém queira ouvir-te?

Oh, irmãos da Ásia, eles não entendem a voz que fala de coração a coração!

—A voz que fala de coração a coração — repetiu Lorién reflexivo —. Isto tão simples tem uma forte ressonância em mim — se emocionou.

Eles têm conseguido certo nível de desenvolvimento material. Conseguiram um nível material que também nós necessitamos. Mas queremos desenvolvimento e progresso sem seu suicídio, sem seu alcoolismo, sem suas drogas, sem sua loucura, sem sua violência, sua enfermidade e sua morte.

—Sem seu sem-sentido, somaria eu. Tudo isso que descreve é o que tenho vivido desde criança — voltou a comentar Lorién.

Nós somos pessoas comuns, mas não somos cínicos e quando falamos de coração a coração os homens bons em todas as latitudes nos entendem e nos querem.

E que dizemos hoje desde a Índia, palpitante coração do mundo? Desde a Índia, cuja reserva espiritual e moral foi e será ensinamento e resposta para um mundo de mente doente.

Dizemos: Trata os demais como queres que te tratem!

Não há ato humano superior a este, não há moral mais elevada que esta. Quando o ser humano compreende isto e o leva à prática a cada dia e a cada hora de seu dia, ele progride e faz progredir a outros com ele.

—De novo algo tão simples. Trata os demais como queres que te tratem! E pratica—lo todos os dias. Agora é tão fácil e claro, isto depois de conectar com o Fogo sagrado dentro da gente...

A terra se desumaniza e se desumaniza a vida e as pessoas perdem fé em si mesmas e na vida. Por isso, Humanizar a Terra é humanizar os valores da vida. Que coisa há mais importante do que superar a dor e o sofrimento nos demais e em si mesmo?

Fazer progredir a ciência e o conhecimento é um valor se é que vai na direção da vida.

—Que potente é isso: Humanizar a Terra! Estremece—me por dentro só de ouvir ou pronuncia—lo —voltou a comentar Lorién—. Claro que as pessoas perdem fé em si mesmas se sentem que são descartáveis, que são uma formiga, que são uma coisa, um objeto para usar e jogar fora. Que claro é isso, não há nada mais importante do que superar a dor e o sofrimento nos demais e em si mesmo. Isto é extraordinário! —se empolgou de novo Lorién—. Que outro sentido pode ter a vida senão o de ser útil aos demais? Desculpa, Zule, por tanta interrupção...

A geração e distribuição justa dos meios de subsistência, a medicina, a educação, a formação de intelectuais com sensibilidade social, são tarefas que devem compreender—se com o entusiasmo e a fé que merece toda obra que luta para superar a dor nos demais.

Bom é tudo que melhora a vida. Mau é tudo o que se opõe à vida.

Bom é o que une o povo. Mau é aquilo que o desune.

Bom é o que afirma: Ainda há futuro! Mau é dizer: Não há futuro nem sentido na vida. Bom é dar fé aos povos neles mesmos. Mau é o fanatismo que se opõe à vida. Humanizar a Terra é humanizar também os que têm influência e decisão sobre outros, para que escutem a voz dos que necessitam superar a doença e a pobreza.

—Estas frases me emocionam pelo simples e claras que são. Não é tão difícil! Bom é tudo que melhora a vida. Mau é tudo o que se opõe à vida. Bom é o que une as pessoas. Mau é aquilo que as divide. Simples e claro. A gente escuta os políticos, os formadores de opinião, dirigentes religiosos, e tudo é confuso e obscuro e aqui se ouve algo claro e simples. Estou de verdade maravilhado de como com quatro frases se pode dizer tanto...

Trata os demais como queres que te tratem. Somente pondo em prática este princípio, oposto à insensibilidade, ao egoísmo e ao cinismo, poder—se—á começar a Humanizar a Terra. Não há valor mais alto do que este.

Esse é o impulso moral que se deve canalizar nas novas gerações e que deve praticar quem verdadeiramente deseja começar a Humanizar nossa Terra.

Muitas pessoas querem se aperfeiçoar, muitos querem superar sua confusão interior e sua enfermidade espiritual e acreditam que podem fazê—lo fechando os olhos para

o mundo em que vivem, e eu digo que crescerão espiritualmente só no caso de começarem a ajudar a outros a superar a dor e o sofrimento.

Porque se não se renovar a fé em si mesmo, no sentido de que a gente pode contribuir com o progresso e se não se renovar a fé nas possibilidades de mudança dos outros (mesmo que existam defeitos,) ficaremos paralisados frente ao futuro e então sim, triunfará a desumanização da Terra.

Formar comunidades de família, de colegas de trabalho, de amigos, de vizinhos, forma-las nas cidades e nos campos como força moral que dê fé em si mesmo aos indivíduos e aos conjuntos humanos, será crescer espiritualmente olhando o rosto de teu irmão para que ele também cresça.

E se crês em Deus, considera sua infinita bondade e seu desígnio de que o ser humano se ponha um dia em pé e honre a Terra humanizando-a.

Deves começar uma vida nova e deves ter fé em que podes fazê-lo. Mas já temos falado demais e necessitamos agora fazer.

Para que o dito seja possível, acompanha-me num ato livre, valente e profundo que seja também um compromisso...

Fiquemos em pé e perguntemos a nosso próprio coração: É necessário para mim e para outros que fortaleça minha fé na vida?

Então, em silêncio, escutemos a resposta de nossa voz interna. É necessário para mim e para outros que fortaleça minha fé na vida?

Quero fortalecer minha fé na vida?

Acredito firmemente que se fortalecerá a minha fé na vida?

Então, que brote em mim a força e a luz da vida!

É isso! – disse Lorién com o rosto transfigurado–. Que brote em mim a força e a luz da vida! Se isso tudo já estava claro faz anos, porque tardamos tanto em chegar a este momento?

–É o que Charlotte comentou. O novo mito, o novo paradigma, só pode enraizar quando se esvaziarem as crenças, quando se produzir a desestruturação social e pessoal. Até isso acontecer, é como que estas coisas, tão óbvias agora, nem sequer são vistas ou levadas em conta, porque cada qual está grudado às suas próprias crenças – disse Zule–. Mas não terminou....

Hoje, e não amanhã, inicia uma vida nova. Cumprimenta teu pai e tua mãe, teu marido ou tua mulher, teu amigo e teu inimigo, e diga-lhes com o coração aberto: Algo grande e novo aconteceu hoje em mim! E explica depois o que aconteceu para que eles também possam levar esta mensagem de reconciliação.

Agora para todos, Paz, Força e Alegria!

–É realmente maravilhoso – disse Zule–. Obrigada por compartilhar conosco.

–Sim – novamente ficou entusiasmado Lorién–, que maravilhosa mensagem de reconciliação.

Jaidev comentou que a Paz tem a ver com a reconciliação com o passado, a Força tem a ver com estar aplicado e localizado no presente e a Alegria com visualizar o futuro aberto e promissor.

—Que sentido tem isso que diz — comentou Lorién—, se o passado não estiver reconciliado, sofre-se como uma besta, se a gente não está aplicada no presente, debilita-se e se não se vislumbra um bom futuro, se este é ameaçador, que alegria pode haver? De novo, que simples parece tudo. Temos sido estafados a vida toda, nos fazendo acreditar que as coisas são difíceis e complexas. Tanto foram retorcidas que custa ver a simplicidade que a vida tem na sua essência. Muito obrigado de novo por estes maravilhosos presentes.

—E por certo — comentou Zule —, falta que nos entregue a Terceira Disciplina, entendo que é a Mental, certo?

—Imediatamente — disse Jaidev.

Levantou e foi até a caixa forte, tirou uma bela caixinha com suave fragrância de sândalo.

—Aqui está — disse, entregando-a para Zule com uma reverência.

Zule abriu a caixinha e viu um pequeno saco dentro do qual haviam umas folhas dobradas primorosamente.

—Bom, já temos três das quatro. Falta menos — comentou Zule.

—Será um alívio quando terminarmos nossa missão, mas é certo que depois sentiremos saudades deste enorme trasfego que vivemos.

—Jaidev, necessitamos também do endereço e nome do Protetor da Quarta Disciplina — disse Zule.

—O Protetor é Alejandro Fernandez Rodriguez, o encontrarão em Nova Iorque, nos Estados Unidos, neste endereço — disse Jaidev entregando um papelzinho.

—Muito obrigado por tudo, Jaidev, realmente estamos muito agradecidos — disse Zule.

—Não, eu é que sou grato a vocês. Mui bom fizeram por todos nós, por toda a humanidade — disse com outra reverência—. Já é hora de comer — disse olhando para o relógio de parede—. Preferem comer aqui ou que vamos para um restaurante?

—Eu acho melhor comer aqui — disse Lorién—, no que a mim respeita, gostaria de conhecer mais desta cidade sagrada, mas acho que devemos ser o mais prudentes possível.

—Estou de acordo por uma vez com esse cabeça-dura. Será que esta começando a pensar ou é que eu tenho ficado mole e concessiva demais? — comentou Zule com cara de susto e os olhos faiscantes.

Jaidev olhou sem saber o que dizer e eles dois, vendo seu rosto de desconcerto, lançaram uma gargalhada.

—Desculpa, Jaidev, pelo riso, mas é que o humor de Zule me deixa louco — disse Lorién, apenas conseguindo falar, de tanto rir.

—Já viu algo assim, Jaidev? — disse Zule séria de repente—. A gente se comporta como uma dama, fica compreensiva, amplia as margens da tolerância para

poder conviver com este cro-magnon e a resposta dele é morrer de rir à custa da gente, o que você acha?

Jaidev, que já tinha sacado o lance do humor deles, expressou também com seriedade, mas com os olhos brilhando:

–Ser verdade, com o dizer sábio indiano, cria corvos e – fez uma pausa dramática para seguir depois com tom de doutor– terás mais! – terminou muito sério.

Fez-se um silêncio na sala um par de segundos até que Lorién e Zule captaram o senso do humor de Jaidev e de repente os três começaram a rir de forma imparável. Lorién segurava o estomago, Zule apoiava a cabeça no braço sobre a escrivaninha de Jaidev e com a outra mão batia compulsivamente uma e outra vez na mesa, e, por sua parte, Jaidev tentava se levantar para tomar fôlego e não conseguia manter-se em pé.

Em meio ao escândalo que tinha gemidos, bramidos, tosses e batidas, o secretário de Jaidev entrou preocupado e encontrou os três chorando, ficou pasmo sem saber o que fazer e deixou a porta aberta pela qual foram entrando o resto dos colaboradores do escritório que, entre assustados e preocupados, foram chegando para ver o que se passava e de que forma podiam ajudar. Finalmente, um deles perguntou se necessitavam de um médico e os três levantaram por um instante a cabeça para olhar para ele e se olhar antes de estourar de novo em um estrondo renovado de uivos, grasnidos e gestos de dor. Lorién foi incapaz de manter-se na cadeira, caindo no chão. Zule, que o viu de lado, foi para trás na sua cadeira e caiu de costas com grande barulho, e Jaidev, que ainda brigava para pôr-se em pé, ao ver os dois no chão, terminou por se jogar acima da escrivaninha, em meio a barulhos aterradores, espasmos e um pranto imparável.

Os colaboradores de Jaidev, que já tinham passado do nervosismo e preocupação para uma visível angustia, mobilizaram-se e tentaram pôr os três em pé, mas não teve jeito, terminaram caindo uns acima dos outros, multiplicando os sons e expressões cada vez mais preocupantes que os três emitiam.

Finalmente um deles percebeu que estavam rindo e começou aos poucos a mudar a ótica da situação, começando por um riso discreto para passar a gargalhadas desatadas ao ver o olhar entre chateado e surpreso de seus colegas frente à situação. O resto dos colegas foi caindo em conta da folia e foram se contagiando, terminando quatorze pessoas num descomunal bacanal de risos generalizados. Depois de baterem uns nas costas dos outros, e tentarem ajudar-se a ficar em pé, terminaram todos jogados no chão, uns acima de outros.

A brincadeira foi baixando o volume e após algumas torpezas e interrupções nos intentos de se levantar, todos conseguiram parar, alguns sentados, outros apoiados nas paredes. Nesse estado foram encontrados pelos empregados do restaurante que vinham trazer a comida e que ficaram chocados com a cena. Jaidev, ainda entre risos, agradeceu e deu uma gorjeta para eles.

–Ui, ui, – se queixou Jaidev com uma mão nos abdominais –. Fazer muito tempo que não rir tanto como hoje, Vocês ser muito divertidos.

—Pois vocês também não ficam atrás — disse Zule com um piscar de olhos para Jaidev e seus colaboradores.

Aos poucos foram se organizando e logo depois tiveram a comida preparada em uma grande mesa para todos. Jaidev contou para seus empregados que esse era um dia muito importante para ele, para a Índia e para a Humanidade. Contou que nesse dia, depois de anos, finalmente podia se mostrar tal e como ele era e aplicar-se a sua missão de Humanizar a Terra abertamente. Convidou todos para uma cerimônia para tomar contato com a Força interior, que ele mesmo oficiou.

Os colaboradores abriram os olhos devagar, profundamente comovidos, olhando uns aos outros como se vendo pela primeira vez, e, sem palavras, começaram a se abraçar espontaneamente de forma muito sentida e a expressar o quanto agradeciam a presença do outro, pedindo desculpas por não ter visto antes como eram maravilhosos. Depois de algumas pequenas dúvidas também abraçaram Zule e Lorién como irmãos.

Jaidev os convidou para comer e foi como comer pela primeira vez, perceber a sutileza dos alimentos, desfrutar do seu sabor como nunca antes tinham feito. Tudo se sentia como feito pela primeira vez, tudo tinha outro sentido, comia-se mais lentamente, em silêncio e de forma reflexiva e agradecida pela maravilha que experimentavam.

Finalmente um deles falou, perguntando se podiam levar essa experiência para outros. Jaidev disse que sim, que, a partir desse instante, quem quisesse podia se converter em Mensageiro e levar esta nova mensagem, esta nova espiritualidade, para todos seus irmãos.

Depois de comer, Jaidev ficou em pé e comunicou que tinha um presente para todos eles. Foi até o computador e imprimiu uma folha que passou para Zule e pediu para ela ler para todos, pois estava em espanhol. Disse que eram umas notas que tomou um amigo na noite após a apresentação de Alejandro na praia de Bombaim, de umas palavras que ele disse.

Zule leu em espanhol enquanto Jaidev traduzia para o inglês simultaneamente.

A evolução da vida é muito longa, a vida tem a intenção de um processo de transformação muito lento; ao ritmo da vida, com certeza outros níveis de consciência vão aparecer daqui a centenas de milhares de anos.

A vida joga com milhares de possibilidades. E se nessa matriz de n possibilidades o ser humano individual vive uma vida mecânica, a vida não se importa, a vida tem tempo e milhares de milhões de substituições.

A vida tem a intenção de um processo de transformação muito lento, nós não queremos um processo de transformação lento que demore milhares ou milhões de anos. Há certo desacordo de intenções entre nossa doutrina e o ritmo da vida. Estamos muito bem equipados, mas a vida não necessita de nosso desenvolvimento individual; por isso nós queremos transgredir o ciclo natural da vida, nós queremos arrebatá-los esses milhões de anos da vida.

Nós temos um posicionamento no qual fundamentamos nossa doutrina: Queremos o futuro agora, não nos tempos da evolução natural. Não estamos na espera passiva de que um raio desça do céu e nos ilumine. Não!

Nós estamos construindo esse futuro ser humano agora e isso nos dá muito sentido, nos dignifica. O nosso é um caminho de rebelião direcionada. É um caminho de Ascese. Queremos construir o futuro do ser humano agora e não nos tempos da evolução natural.

Se alguém disser que a vida termina com a morte e que a respeito deste tema não há mais nada o que falar, nós dizemos que não, que aí é apenas onde começa a conversa. A Doutrina aponta para o Sentido, para os temas da morte e a transcendência, mas tudo isso temos que construí-lo em nós. Estamos construindo este futuro ser humano agora e isso nos dá muito sentido, nos dignifica. Liberar energia é permitir que a consciência siga avançando na direção que leva, sem bloqueios, sem lentidão, sem retardos desnecessários.

Cada qual tem vontade de ter experiências do mais transcendental que há no ser humano. Mas essa palavra 'transcendental' pode ser fria e sem contextos. Há registros de grande unidade e compreensão que estão relacionados com a grandeza humana. Aspiramos a incorporar em nós mesmos essa grandeza humana.

Há regiões da consciência que existem nas zonas altas do espaço de representação e que estão lançando sinais constantemente, mas normalmente não somos capazes de captar essas traduções porque a energia não chega até essas regiões. Se houver energia livre, essas regiões altas se traduzem no aparato que temos, com os registros que temos. O novo tem relação com estas regiões da consciência que a mente traduz para uma linguagem que a consciência pode captar.

A consciência pode integrar os conteúdos de regiões novas acedendo então a outra visão sobre o mundo. Toda nossa Doutrina é um exemplo dessa visão mais completa. A partir daí nasce uma conduta distinta, uma expressão de nossa experiência, com base nas novas construções feitas.

A morte não existe na direção para onde vamos avançando!

Depois de ler essas frases todos ficaram em estado de meditação, refletindo sobre as enormes consequências do que se tinha expressado nelas.

Em um momento começaram a ouvir um alarme que insistia reiteradamente, até que um dos colaboradores de Jaidev perguntou pelo intercomunicador o que estava acontecendo. Logo depois disse algo ao ouvido de Jaidev. Este reagiu rápido e disse a todos que as forças especiais estavam entrando no prédio e em questão de segundos estariam no escritório. Pediu que os entretivessem o maior tempo possível e que fizessem chegar seus melhores sentimentos e a Força a essas pessoas, e que em nenhum caso cometessem qualquer ato de violência contra eles. Todos concordaram como se fosse algo óbvio. Depois de tomar contato com a Força já ninguém podia se imaginar violentando outros, mesmo que estes os violentassem.

Pediu a seu secretário para avisar alguém que tivesse o helicóptero pronto em um minuto. Tomou Zule e Lorién pelas mãos e os levou até o elevador pelo qual

foram até o terraço onde estava o pequeno helicóptero que começava a mover as pás. Correram para ele e, mal sentaram os três, Jaidev disse algo para o piloto e começaram a se elevar. Quando estavam a vinte metros da plataforma apareceram alguns membros das forças especiais indianas, com cascos especiais que os isolavam do entorno. Levantaram suas armas para atirar quando o piloto deixou cair bruscamente o helicóptero ocultando-o atrás de um prédio.

Escutaram o barulho das balas e se encolheram o máximo possível dentro do aparelho. A maior parte das balas passou por cima, mas algumas impactaram na aeronave. Com perícia o piloto tentava controlar o helicóptero a baixa altura entre os prédios da cidade, o que tinha se tornado difícil pelo excesso de peso e a proximidade dos arranha-céus. O suor corria pelo seu rosto. Todos suspiraram com alívio quando perderam de vista o prédio dos escritórios de Jaidev. Ele perguntou se todos estavam bem e responderam que sim.

Jaidev indicou uma direção ao piloto e fez uma ligação no celular, dando instruções para alguém aprontar o aeroplano para uma grande urgência. Lorién percebeu que ele estava pálido e crispado. De repente viu que estava se formando um charco de sangue embaixo dele.

—Jaidev, você está ferido — disse o mais calmo que pôde.

—Não é nada — disse ele com a voz débil.

—Onde é? — perguntou Lorién

Jaidev mostrou uma parte das costas e outra na frente do corpo na altura do fígado, ao que parece por onde a bala tinha saído.

Lorién imediatamente tomou contato com a força e a passou para Jaidev. Este abriu os olhos, surpreso ante o enorme fluxo de Força que Lorién manjava. Zule se somou a ele. Lorién, com a voz concentrada e baixa, disse a Zule que ele se concentraria no interior de Jaidev e que ela tentasse se concentrar nos buracos de entrada e saída, para ver se podia fechá-los e evitar que perdesse mais sangue. Por sua parte pediu a Jaidev que, se apoiando na força deles, conectasse com a sua própria e a expandisse protetora ao seu redor. Lentamente o sangue diminuiu o fluxo para ficar um lento gotejo enquanto Jaidev, com os olhos fechados, cadenciava sua respiração fazendo-a mais lenta e profunda. O rosto relaxou e mostrou uma expressão de bem-estar, embora a palidez continuasse.

Zule pediu o telefone e procurou o último número discado por Jaidev e contou para a pessoa do outro lado que Jaidev estava ferido, que chamasse um médico urgente que os esperasse quando pousasse o avião. Jaidev, ante a manobra de Zule e ainda de olhos fechados, assentiu, como valorizando o gesto.

Em cinco minutos chegaram num pequeno aeródromo. Jaidev abriu os olhos e deu algumas instruções ao piloto em voz baixa, via-se tranquilo, mas débil.

O helicóptero pousou do lado do aeroplano, junto do qual havia uma ambulância e várias pessoas do lado dela. Ajudaram a descer com cuidado a Jaidev e rapidamente o pessoal sanitário tomou conta dele, colocando-o na maca para introduzi-lo na ambulância. Jaidev pediu para falar com o piloto do avião e deu instruções

para levar Zule e Lorién a Déli. Enquanto isso o médico tinha estado revisando as feridas com cara de susto. Foi até o helicóptero e voltou transtornado. Disse que não entendia como se haviam podido fechar sozinhas e de tão boa forma as feridas, tendo recebido uma bala de grande calibre e depois de ver a quantidade de sangue que perdeu. Coçava a cabeça, incrédulo. Jaidev, com os olhos faiscando e um amplo sorriso, disse que era de família ter boa cicatrização das feridas.

Depois falou com Zule e lhe disse que visitasse seu amigo Annand, em Déli, para que lhes ajudasse, dando-lhe os dados que ela anotou num papel, para localizá-lo.

—Adeus, meus amigos — disse em seu espanhol ruim—, ser grande prazer conhecê-los e obrigado por me cuidar.

—Obrigado a ti, querido Jaidev, belo susto nos deu, mesmo gostando de aventuras, esses não são modos — espetou Zule com um grande sorriso.

—Fazer muito tempo que eu necessitar fazer dieta para baixar uns quilos — comentou ele, com olhos risonhos.

Lorién e Zule riram com vontade. Jaidev começou a rir, mas teve um espasmo de dor.

—Está bem, já vamos embora. Não precisa colocar essa cara de sofrimento — comentou Zule ao tempo em que dava um tenro beijo na testa.

—Até breve, querido amigo, e muito obrigado por tudo — disse Lorién dando um beijo na bochecha pegando na sua mão.

Zule e Lorién subiram ao pequeno avião que já estava em marcha e deram adeus com a mão para Jaidev e para o piloto do helicóptero, que olhava para eles embelezado, como quem olha para os deuses.

Decolaram rápido e puderam contemplar desde o alto o brilho do sol sobre o Ganges e a bela cidade que se estendia abaixo. O piloto disse que seu nome era Rajit e foram conversando animadamente durante a viagem. Resultou ser um consumado narrador. Contou que se dedicava ao turismo e os manteve ocupados ouvindo um monte de histórias sobre seu país, ao que amava profundamente. Dessa forma, as duas horas de viagem se passaram logo.

Chegaram a Deli e pousaram num aeródromo nos arredores da cidade. Uma vez que Rajit deteve a máquina, Zule disse que queriam dar-lhe um presente e juntos fizeram uma imposição de força que o sacudiu e encheu seus olhos de lágrimas, dulcificando o seu sorriso. Ele agradeceu pela experiência. Despediram-se com um profundo e afetuoso abraço e foram até a saída do aeródromo. No balcão pediram um táxi que os levou para o centro de Deli, para o endereço que Jaidev tinha dado. Abriu a porta um homem de setenta anos, alto, magro e com a pele enrugada, mas com os olhos vivos, inteligentes e faiscantes, que contrastavam com a velhice que seu corpo expressava. Ele os abraçou com afeto e lhes deu as boas vindas.

Depois de contar resumidamente para ele os acontecimentos, ele disse em inglês que sabia deles pela mensagem enviada por Charlotte desde o Cusco, e que era uma verdadeira honra recebê-los em sua casa e esperava poder ajudá-los. Ficou

um pouco preocupado pelas notícias sobre Jaidev, já que eram amigos de muitos anos, mas seus olhos voltaram a sorrir, dizendo que em todo caso também não era motivo de preocupação deixar o corpo para trás, se for o caso, se já se cumpriu com o cometido, e terminou com um grande sorriso.

Ficou um tempinho pensativo e finalmente olhou novamente para eles e as-sentiu como ficando de acordo com algo que tinha pensado.

Comentou que, já que sua pele era branca, o melhor disfarce seria o de judeus ortodoxos. Riu de sua ocorrência. E pediu que o acompanhassem para comprar numa loja próxima.

Saíram e andaram vários quarteirões pela populosa cidade, entrando num bairro de ruas estreitas e antigas com muitas lojas. Em meio à multidão viram varias pessoas vestidas como judias ortodoxas. Entraram por fim na loja onde Annand cumprimentou o atendente pedindo roupas ortodoxas para eles. O dono duvidou um pouco ao ver que não eram judeus, mas o afeto de Annand e o fato de conhecê-lo de anos facilitaram as coisas. Em poucos minutos os dois estavam transformados em suas roupagens de preto rigoroso, com chapéu largo, também preto. Ela, por seu lado, com lenço na cabeça ocultando o cabelo e com todo o corpo coberto, com saia e grossas meias pretas. Saíram para a rua e ao se olharem brincaram e riram um do outro por um bom tempo, contagiando o circunspecto Annand com suas palhaçadas. Depois entraram numa loja onde compraram barba, bigode e uns bucles de cabelo que caiam pelo lado da cabeça de Lorién, paralelos às costeletas. Zule nem conseguia andar do riso ao ver Lorién com esse aspecto, assim é que o regresso para a casa de Annand foi mais lento e bem mais divertido.

Já em casa, Annand tirou fotos com as quais preparou novos passaportes dos Estados Unidos, incluídos os carimbos de entrada no país, que se não os olhassem bem de perto, passavam como verdadeiros. Depois compraram passagens para Nova Iorque pela internet na United Airlines para essa mesma tarde às dezenove horas, e já eram às quatro da tarde. Pediram um táxi e partiram os três para o aeroporto. No caminho conversaram sobre como tudo estava mudando mais rápido do que ele teria sonhado. Annand contou que em Deli havia bairros inteiros convertidos. Depois de uma hora de viagem percorrendo ruas e de engarrafamentos finalmente saíram da cidade para pegar a estrada para o aeroporto. No caminho os deteve um controle. Na barreira, dois dos cinco policiais tinham cascos de isolamento sensorial para evitar ‘contágios’. Os três tomaram contato com a Força e quando os fizeram descer do carro se aproximaram aos dois que tinham cascos e dirigiram o foco de seu afeto para eles. Rapidamente, tanto o taxista como os três policiais sem casco, cambalearam ante a onda de amor que lhes chegou começando a chorar, profundamente comovidos. Os que tinham casco ameaçaram levantar suas armas e finalmente tiraram os cascos entre profundas convulsões e se ajoelharam ante eles pedindo desculpas por seu mau coração e sua pérfida intenção, dizendo que queriam abandonar seu trabalho como policiais e que jamais iam violentar ninguém. Zule pediu a eles para terminarem seu turno, para não descobri-los e para atuarem

de forma normal no controle, já que se estavam juntando vários carros atrás deles que não entendiam o que acontecia.

Os policiais voltaram para seus postos e seus papéis habituais, mas notava-se que seus rostos estavam mudados e eram outras pessoas.

No aeroporto pediram para Annand que voltara no mesmo táxi para que não corresse riscos. Despediram-se dele com um grande abraço e do taxista, quem agradecia emocionado por seu Despertar.

Foram até o balcão da United andando sérios, Zule um passo atrás de Lorién, compenetrados nos seus papéis. Uma vez no balcão, Zule pediu permissão a Lorién para falar e Lorién permitiu com um movimento de cabeça. Ela apresentou os passaportes e Lorién olhava sem expressão para o lado. Embarcaram as malas que Annand tinha emprestado com roupas e alguns livros. Receberam seus cartões de embarque e foram direto para a zona de embarque internacional. Ficaram na fila e esperaram até que chegou a vez deles. O funcionário olhou para os passaportes e para eles com olhar estranho, até que suavemente lhe enviaram uma onda de afeto que o inclinou a sentir simpatia por eles. O funcionário começou a rir suavemente e aos poucos, sem dissimulo, olhou de novo, carimbando os passaportes ao tempo que desejava uma agradável viagem. Passaram sem problemas e soltaram um suspiro de alívio.

Faltava pouco mais do que uma hora para o avião decolar. Foram até uma cafeteria e aproveitaram para comer algo enquanto viam as notícias na TV. Nela viam-se os apresentadores falando das perturbações que estavam acontecendo no país por conta de alguns grupos terroristas que queriam sumir a Índia no caos, mas que já estavam quase totalmente controlados, já que tinham detido seus dirigentes e logo tudo voltaria ao normal. Mas, no momento continuava o estado de exceção e a lei marcial. Pedia-se compreensão pelos controles e o toque de recolher e a colaboração da população para denunciar quem vissem que convocasse reuniões.

—Bem — disse Zule com um sorriso —, então já detiveram os cabeças e está tudo controlado — ria ela.

—Shhh — fez Lorién—, temos que nos comportar e não despertar suspeitas. Lembra que há câmeras por todas as partes. Tentemos não sair de nossos papéis.

Ela olhou para ele séria, baixou a cabeça com gesto compungido enquanto tirava sua língua para fora num rápido gesto de descontração, dizendo com tom contrito:

—Desculpe, meu amo e senhor, esta sua escrava, por não estar à altura de sua magnificência — enquanto baixava novamente a cabeça e fechava os olhos com gesto respeitoso e seu corpo sacudia-se pelo riso.

Lorién fechou os olhos e, com as mãos em posição de rezar, cobriu sua cara, enquanto seu corpo também começava a sacudir com espasmos arrítmicos.

Depois de um tempo, quando puderam voltar a se olhar, Zule comentou que já ficava pouco tempo para subir ao avião e que tinham quinze horas e meia de voo pela frente. Assim é que se dirigiram à porta de embarque onde já estavam cha-

mando os passageiros. Puseram-se na fila e enviaram uma suave onda de bem-estar para a aeromoça que revisou seus cartões de embarque e passaportes, deixando-os passar com um grande sorriso de boas vindas.

Localizaram seus assentos e ao sentar, Lorién, seguindo as instruções de Annand, tirou seu chapéu e colocou uma kipá. Zule olhou para ele e rapidamente baixou sua cabeça em sinal de respeito, enquanto seu corpo novamente sacudia e se ouvia uma espécie de gemido devocional.

Lorién, por seu lado, fechou os olhos e colocou suas mãos unidas em oração diante dele, enquanto seu corpo também começava a sacudir por conta do riso contido. Estiveram alguns minutos nessa piedosa postura, até que levantaram as cabeças e abriram os olhos que precisaram secar por conta das lágrimas.

Logo serviram o jantar e eles comeram com apetite.

—Sabe — disse Lorién quando tiraram as bandejas —, ainda estou dando voltas à frase subversiva com que nos presenteou Jaidev.

—A verdade é que eu também estava nisso — disse Zule surpresa —, adoro o nível de sintonia que temos.

—Sim, muito forte isso de ‘queremos o futuro da espécie humana agora, não nos tempos da evolução natural’. É a rebeldia suprema ante o dado, ante o estabelecido, ante o já decretado.

—Verdade! É constrangedor por demais. Faz-me evocar alguns mitos como o de Prometeu, quem não se ajoelhava ante nada nem ninguém, apesar dos castigos duros aos que o submetia Zeus. Uma e outra vez se punha em pé, digno, uma e outra vez, sem lhe importar a ira ou os castigos a receber. Como esse xamã que se negou a aceitar as coisas como são porque sabe que somos mais velhos, maiores e mais fortes que os deuses. Sabe ou intui que nós é que criamos eles e não ao contrário, que a intenção que pus em marcha a criação do universo não é outra que o poder dentro do ser humano. Nossa espécie é a única a ter a possibilidade de tomar consciência de que tal poder existe em nosso interior — disse Zule, reflexiva.

—Nossa... Você me deixou louco, Zule, que coisa grande acaba de expressar. De fato, vou tomar nota, é tremendo e concordo absolutamente. Sobretudo agora que tomei consciência que levamos em nós esse Fogo Sagrado que só os seres humanos fomos capazes de fazer consciente e, portanto, de entrar em ressonância com o Plano maior, com a Intenção original que pus em marcha o universo.

—Fico estremecido de pensar nesse homínido mal equipado fisicamente, que não era muito rápido, não era muito forte, não tinha grandes garras, nem grandes dentes para se defender, não tinha a agilidade de outras espécies. Esse homínido que começou a caminhar num mundo onde tudo o espreitava e ele era uma das presas mais desvalidas. É de verdade um milagre que ele tenha sobrevivido dois milhões de anos atrás, desde que partiu da África. É épico, estamos aqui por milagre. Sem dúvida porque temos um destino maior — falou Zule emocionada.

—Essa é a minha erudita — disse ele festivo, mas com cara de supressa pelo que estava dizendo Zule —, já nesses tempos imemoriais estava essa faísca divina,

essa intenção abrindo caminho dentro desse rudimentar ser humano de dois milhões de anos atrás, incrível! – agora estremeceu Lorién.

–É estremeecedor mesmo – comentou ela –. É o único ser vivo que pôde rebelar-se contra seu instinto de sobrevivência e ao invés de fugir do fogo, como sempre fez e como fazem até hoje todos os seres vivos, ele o observou, o estudou e o domesticou. É realmente maravilhoso esse fato que não é destacado o suficiente. Esse romper com o imperativo da própria sobrevivência e se virar para o fogo.

Está certo, contam isso para nós como se fosse normal, porém algo insólito se passou nesse ser estranho, nesse hominídeo que apenas levantava o rosto para a paisagem, que estava apenas incorporando-se sobre seus pés. Primeiro ele se aproximou do fogo com temor e certa reverência. Depois o observou, e mais tarde se atreveu a pegar uma amostra, talvez uma rama acesa por conta da lava de algum vulcão ou de um incêndio em um bosque, e finalmente aprendeu a conservá-lo. Passaram-se meio milhão de anos até que vinte mil anos atrás, ele aprendera a produzi-lo.

Lorién ficou pensativo uns segundos e logo prosseguiu apaixonado:

–Algo deveu ressoar dentro dele ao ver o fogo externo, algum tipo de intuição se disparou nele sobre a grandeza do fogo que tinha a ver com um enorme poder dentro de si. Isso tudo com certeza foi muito obscuro e vago. Mas algo houve desde essa intuição, desde esse Fogo Sagrado que o ser humano leva dentro, que o fez se aproximar de uma das coisas mais temidas e aterradoras que existia e conseguir domesticá-lo. Assim como fez com tudo o mais.

–Realmente comovente – comentou Zule –, essa faísca divina que se produziu no interior do primitivo hominídeo e desencadeou tudo o que veio a partir daí. Desde esse momento se acelerou a produção de ferramentas, instrumentos e utensílios de todo tipo. Em definitivo, dispara-se a geração de tecnologia. Com o fogo deixou de viver num mundo de obscuridade e temor, com ele afugentou as feras, conseguiu dar forma e construir armas mais duras e eficazes. O fogo finalmente permitiu viver mais anos. Cozinhando sua comida, a digestão melhorou, gerando grande economia de energia. Seus dentes duraram mais, permitindo roer a comida por mais anos. O fogo transformou sua estrutura física, suas mandíbulas diminuíram o tamanho, deixando maior espaço para o cérebro na sua cabeça, assim este pôde crescer e gerar conexões neuronais que lhe permitiram dar um pulo qualitativo e acelerar a sua evolução. O fogo converteu-se no centro da vida da tribo.

–Eu fico estremecido pensando na tragédia que deveu significar a perda do fogo em meio a uma tormenta, ou um cataclismo, em meio a uma luta com outros clãs e, sobretudo, com feras. Ficariam outra vez indefesos, expostos e vulneráveis. Essa tribo estaria condenada a desaparecer ou se reduzir dramaticamente, a menos que conseguisse retê-lo novamente com rapidez. O fogo era tudo – terminou Lorién.

–Também estive dando voltas a isso de se rebelar inclusive contra a morte. É a máxima rebeldia, primeiro com os deuses e depois com o maior determinismo: a morte. É grandioso! *Aspiramos a incorporar em nós esta grandeza humana.*

—Depois das experiências de contato com a Força interior, com nosso fogo sagrado — continuou Lorién —, se produz uma mudança na entidade com quem a gente se identifica. A vida toda nos temos identificado com nosso corpo e acabamos acreditando que somos o nosso corpo. Então, quando este organismo físico morre, a gente morre. É a grande tragédia! Agora podemos ver o corpo como um veículo, como uma prótese, como um aparato maravilhoso que nos permite cumprir com as necessidades básicas para nos desenvolvermos neste plano evolutivo, neste tempo e neste espaço. Mudou totalmente a minha identificação pelo fato de conectar com minha faísca divina. No começo me perguntava: eu sou o meu corpo ou sou esse fogo interior? Sem perceber fui me identificando cada vez mais com o meu fogo interior, com minha consciência profunda. Até agora que falamos do tema, não tinha me apercebido da mudança que houve em mim. Agora vejo a morte como deixar ir com gratidão o veículo, o corpo que nos serviu também neste plano. Deixa de ser uma tragédia para se transformar numa maravilhosa aventura para outro plano de consciência, de evolução. É claro que sem estas experiências, sem o contato com a Força, isto seria apenas palavras. Por isso sou tão grato a Federico, que apareceu em minha vida e me encomendou esta missão. Hoje, se eu morro, abre-se outra dimensão de desenvolvimento e crescimento. A morte transforma-se no umbral, na passagem de uma forma para outra, na transição para outro estado evolutivo, para este ser consciente, este espírito que sinto que se configurou dentro de mim.

—Que espetacular o que conta, Lorién — disse Zule —, realmente se transformou num místico. Sinto que a qualquer momento vai esvaír na minha frente — brincou ela —. Na verdade — seguiu agora com tom sério — comigo aconteceu igual, quando você foi comentando eu percebi. Obrigada, Lorién.

—Obrigado a você, Zule, por ser a minha companheira e meu amor, sem você não teria chegado até aqui, sinto que temos nos complementado muito bem.

—Está bom, tá, tá. Deixa de falar tanto e me dá um beijo, quando você dá uma de místico não sabe o chato que fica — brincou ela enquanto o abraçava e beijava —. *A morte não existe na direção na qual estamos avançando* — repetiu Zule pensativa—. Eu sinto que você o expressou bem: ao tomar contato com a Força interior levamos a energia para esses lugares altos no espaço de representação e os sinais nos chegam agora com mais força, diretamente.

—Sim — concordou Lorién—, antes nos chegavam como sombras, como intuições, como alguma vaga sensação ou alegoria em algum sonho. Agora nasce em nós uma nova conduta, uma expressão de nossa experiência, com base nas novas construções feitas em nosso interior. E dentro destas construções novas, a de que a morte não existe é maiúscula.

—Antes lembramos Prometeu — comentou Zule —, agora me veio à mente Enki, o deus sumério que dotou os seres humanos com o fogo, as artes, os ofícios, a tecnologia e sua preservação. Avisou quando Enlil, o deus supremo, temeroso da proliferação dos humanos, enviou o dilúvio. Aliás, era o Custódio, o gestor dos 'Me'. Estes, ao que parece, eram os fundamentos imutáveis dos deuses e davam sustento

às instituições sociais, às práticas religiosas, às tecnologias, os comportamentos, costumes e condições humanas, que fazem possível a civilização. Eram leis fundamentais para entender a relação entre os humanos e os deuses.

—Quantos xamãs, quantos rebeldes buscadores do conhecimento e divulgadores dos mesmos terão havido em nossa espécie? — perguntou Lorién —, lutando sempre contra o obscurantismo, contra a censura e a autocensura. Quantos Prometeus e Enkis anônimos há entre nossos antepassados? Sem eles ainda estaríamos na idade da pedra, pior ainda, os conhecimentos estariam controlados e manipulados por um pequeno grupo de tiranos, como os que nos perseguem incansavelmente. Ao que parece hoje é a nossa vez de sermos os Prometeus e levarmos o fogo sagrado aos nossos irmãos. Estamos cada vez mais perto de conseguirmos as Quatro Disciplinas para facilitarmos que cheguem até o mundo todo — ficou pensativo—. Ouvindo você sobre os ‘Me’ penso que todos eles estão mais ou menos à disposição de todo mundo, embora sigam concentrados e manipulados por esse grupinho de tiranos que nos perseguem, com exceção dos próprios deuses. Penso que as Quatro Disciplinas são o último ‘Me’ que falta difundir, que nos dá a possibilidade de transmutar como indivíduos e como espécie. Para assim passarmos ao próximo estágio evolutivo que já vislumbramos pelas experiências que temos visto em nós e nas pessoas com quem tivemos contato. Por isso é tão necessário que não caiam nas mãos destes opressores, destes policiais do espírito — terminou de forma acalorada Lorién.

—Sabe que sim? — começou Zule, mas foi interrompida por um bocejo —. Desculpa, acho que acabaram os meus neurônios, estou cansada e com sono, conforme a hora na Índia, são onze da noite e nos restam mais onze horas de voo. Com o movimento que temos levado e a mudança de horários, estou morta mesmo.

—Está certa. Com o entusiasmo não percebi que eu também estou esgotado. Durmamos o que possamos que em Nova Iorque com certeza teremos baile — concordou ele com outro bocejo.

Em menos de cinco minutos os dois dormiam profundamente e assim continuaram até às oito da manhã, quando ouviram as aeromoças se movendo no avião com os carrinhos do café da manhã.

—Dormi muito bem — disse Zule—, realmente precisava dormir.

—Eu também — comentou Lorién bocejando e se esticando —, que falta fazia um bom sono.

—Realmente, se você fosse igualmente aplicado em outras coisas como é para dormir, outro galo cantaria — brincou ela batendo no ombro de Lorién e beijando—o na bochecha —. Está certo, não precisa ficar bravo — disse ela divertida—, mas dá um jeito na barba, que está grudada no pescoço e o bigode no queijo.

Lorién se tocou preocupado e apalpou que tudo estava no lugar.

—kkkk, você é terrível, Zule — disse fazendo cócegas nela.

Zule pulou do assento como impulsionada por uma mola, soltando um grito involuntário.

–Shhhh – murmurou Lorién – Não podemos sair de nossos papeis.

–Certo! – disse ela com sua cabeça inclinada, com expressão contrita.

Mas lhe dizia por baixo: vou te matar se voltar a me fazer cócegas.

Ficaram nessa postura piedosa alguns minutos até que chegaram as aeromoças e deixaram as bandejas. Beberam o café de maneira ordeira, como mandava o figurino, cumprindo com seus papeis, mas por baixo faziam piadas que os obrigavam a baixar a cabeça enquanto os corpos sacudiam pelo riso.

Terminaram de comer e levantaram para ir ao banheiro para lavar o rosto.

De regresso, Lorién foi olhando para os passageiros e em um momento comentou com Zule:

Incomoda-me não poder entregar a toda essa gente a experiência com a força. Dá para ver em seus olhos a busca da felicidade, suas preocupações, suas rugas, seus temores. Mais além da casca, todos iguais, buscando dar algum sentido a suas vidas, todos tentando ser felizes. Todos são boa gente, alguns, um pouco difíceis pelas experiências de vida que tiveram, sentem que os outros, a vida ou o mundo, lhes deve algo. Todos sofrendo, uns pela imaginação pelo que temem que ocorra no futuro, outros pela memória, pelo que aconteceu no passado com eles, e outros pela sensação, pela situação atual pela qual atravessam.

–Verdade que é uma pena, mas a boa é que logo o mundo todo terá a possibilidade. No momento temos que ser prudentes, sobretudo agora que estamos chegando à última etapa de nossa missão.

Seguiram andando para seus assentos olhando para as pessoas, conectados com elas.

Depois de sentar, Zule comentou:

–De fato, estou com um palpite ruim sobre nossa chegada a Nova Iorque, tive uns sonhos pouco tranquilizadores esta noite. Tenho a intuição de que vamos ter problemas. Depois do nível tecnológico que vimos na Índia, não sei o que podemos esperar de Nova Iorque, com todo o desenvolvimento tecnológico que eles têm. Enfim, que sinto que temos que ser muito cuidadosos e estarmos muito atentos. Desculpa as minhas apreensões, mas prefiro comunicá-las, assim me tranquilizo um pouco.

–Tudo bem, Zule, até agora compartilhamos tudo, temos que seguir assim. Confesso que eu também tenho algumas apreensões, mas espero que não se cumpram. Depois de tudo, temos saído de situações bastante complicadas – terminou Lorién, rindo de seus próprios temores.

–Bom, em todo caso, já não falta muito para chegarmos ao destino, em meia hora estaremos pousando – disse ela.

CAPITULO VIII – NOVA IORQUE

Nomeador de mil nomes, fazedor de sentido, transformador do mundo... Teus pais e os pais de teus pais se continuam em ti. Não és um bólido que cai e sim uma brilhante seta que voa para os céus. És o sentido do mundo e quando aclaras teu sentido iluminas a Terra.

O comandante da nave avisou que estavam para começar o descenso para pousar e pediu para colocarem os cintos. Em minutos o avião começou a descer. Atravessaram as nuvens e abaixo foi aparecendo a cidade, no início como um mosaico quadriculado, para ir aos poucos cobrando tridimensionalidade e relevo.

–Ai está – comentou Zule –, a cidade mais importante do planeta, a mais influente, a mais poderosa. Ai está o mar, a ilha de Manhattan, os enormes prédios e arranha-céus e o imenso Central Park, um dos maiores parques urbanos do mundo. Uma das cidades com maior mistura de culturas, de raças, de conhecimento. Uma das três mais populosas do mundo, com vinte e três milhões de habitantes.

Passaram acima de um enorme arranha-céu.

–Olha, Lorién, ali estavam as torres gêmeas que os aviões derrubaram em 2001. Depois construíram esse prédio enorme. Um verdadeiro massacre. Morreram perto de três mil pessoas. Nova Iorque – continuou Zule – com sua poderosa Bolsa, sua ainda mais poderosa influencia na arte, a cultura, a moda... Aqui se encontra também a sede das Nações Unidas. Enfim, quase a capital do mundo.

Apareceu ante seus olhos o aeroporto e em dez minutos estavam pousando.

–Desta vez será melhor sair no meio das pessoas e não ao final, para ficarmos mais misturados. Embora com este aspecto vai ser difícil passar despercebidos – riu Zule.

–De acordo, vamos então – falou Lorién ficando em pé e avançando junto aos passageiros das primeiras filas para a saída.

Desceram do avião atrás do pessoal que os foi guiando até os módulos de controle de acesso ao país, com os funcionários da polícia internacional. Viam-se muitos policiais, muitos deles com cascos de isolamento sensorial, parecidos com que tinham visto na Índia. O acesso era lento, interrogavam as pessoas, sobretudo os jovens, como já tinham observado em Deli. Lorién e Zule conectaram com a Força e se tranquilizaram enquanto avançavam devagar.

–Eu falarei pelos dois, direi que você está sem voz – disse Zule. Quando chegarmos ante o funcionário lhe enviaremos uma suave onda de afeto e bem-estar, suficiente para que tenha uma atitude favorável conosco, sem parecer algo estranho ou excessivo. Aqui são quase duas da madrugada.

Assim fizeram e quando chegaram ao funcionário este dirigiu um olhar frio que foi suavizando aos poucos. Passaram os passaportes e ele fez varias perguntas. Zule explicou com voz envergonhada e tímida a afonia do marido, por causa do ar

condicionado e a mudança de clima, coisa que ele recebeu compreensivo. Deu os nomes de supostos parentes morando no bairro judío, nomes reais e endereços reais que Annand tinha lhe proporcionado. O funcionário assentiu finalmente e carimbou os passaportes desejando uma feliz estada. Agradeceram com um breve sorriso e avançaram dissimulando o profundo suspiro que saiu do seu interior.

Foram orientados a passar por um corredor que os levou a uns cubículos onde lhes pediram para entrar. Encontraram-se num pequeno espaço fechado hermeticamente, com um leitor de impressão digital. Ouviu-se uma voz no alto-falante dizendo para colocar o dedo indicador no leitor eletrônico. Zule e Lorién ficaram de queixo caído sem saber o que fazer. Lorién aproximou o dedo ao leitor lentamente, enquanto fazia sinais para Zule soltar toda a Força acumulada em seu interior com toda a potencia que pudesse, dirigindo-a para todo o pessoal, esperando para ver o que acontecia enquanto a onda expansiva de amor e bem-estar fazia efeito.

Ouviu-se uma voz com tom emocionado e suave dizendo que tudo estava correto, que a vida era linda, que saíssem do cubículo. A porta começou a abrir, mas fechou-se de repente e um gás que começou a emanar por algum lugar os fez perder a consciência. O último gesto de Lorién foi o de tomar a mão de Zule com força antes de cair num buraco de negrura.

Lorién voltou a si ao ouvir uma voz potente no alto-falante que o chamava pelo nome e mandava abrir os olhos em um espanhol com sotaque do caribe: *acorda, Lorién, acorda!*

Lorién abriu os olhos, confuso, sem saber onde estava e se encontrou deitado numa maca e imobilizado com argolas metálicas nos pés e nas mãos. Era um pequeno quarto de três metros quadrados, com uma parede e uma porta na frente, um espelho grande, no que se refletia todo o quarto e as paredes escuras dos lados.

—Lorién, acorda! — instou uma voz de forma firme.

Ele piscou ainda tonto e de repente lembrou-se do que tinha acontecido.

—Onde está Zule? — perguntou.

—Não está aqui para fazer perguntas — respondeu a voz com firmeza —, mas para respondê-las. Mas posso dizer que ela está bem. Igual a você, está sendo interrogada neste momento num local similar. Estaremos acareando as respostas e haverá sérios castigos caso mintam.

Lorién ficou em silêncio, sobrepassado pela situação, frustrado por ter falhado no cumprimento de sua missão. Pensou nas Três Disciplinas que estavam com Zule e que com certeza já teriam arrebatado dela. Também teve certeza de que não sairiam vivos daí e que nunca voltaria a vê-la. Caíram enormes lágrimas pelo seu rosto enquanto a voz o fustigava.

Tomou consciência do total fracasso de sua missão e um desespero total o invadiu, sumindo-o na obscuridade. Só queria morrer o quanto antes.

—Quem você achou que era. Superman, Deus? — ironizou a voz —. Pobre diabo! O que você achou? Que podia ir deixando o caos a seu passo pelo mundo im-

punemente? Sonhou acordado, pobre imbecil, apenas um pirralho brincando de ser deus, que coisa mais ridícula! Não te dá vontade de rir? – riu às gargalhadas a voz anônima –. Pobre infeliz, me dá pena. Estivemos observando cada um de teus passos desde Teruel com teu grupo de amiguinhos. Nunca pôde nos ocultar nada, você é uma marionete. Foi um bobo útil nas mãos de subversivos desalmados que só buscam a loucura, a anarquia e acabar com a civilização. Você foi ingênuo e acreditou em tudo, engoliu o anzol e até a vara de pesca completa mesmo, haja estupidez! – voltou a burlar-se a voz.

As palavras deixaram marca na profunda debilidade de Lorién.

–Ele tem razão – pensou –. Por minha culpa tudo foi para o beleleu, em que fui acreditar? Por minha soberba e prepotência o projeto mais importante da humanidade morreu e eu serei o causador das torturas e vexações a Zule até a sua morte.

–Bem, é importante que você saiba quem manda aqui e o que vai acontecer com você se não responder – disse a voz enquanto entregava uma terrível descarga elétrica que quase o fez perder o conhecimento de novo.

Lorién gritou e com ele todo seu ser, até a última célula de seu corpo, sacudido por uma dor como nunca antes tinha experimentado.

–Bem – prosseguiu a voz –, agora que sabe o que vai acontecer se não responder, me diga, quem foi que te meteu nisto?

O silêncio continuou, com a boca ensanguentada por ter mordido a língua e os lábios com a descarga. Já nada mais importava e estava bem que o castigassem por ter feito mal as coisas. Ele tinha estragado tudo. Por sua culpa a missão não se levaria a cabo e a humanidade perderia a possibilidade de ter à disposição as Quatro Disciplinas. Seu sonho de todos poderem conectar com o Sagrado, com a transcendência, morreu, e ele queria morrer também. Tudo que tinha feito era inútil. Ele tinha falhado com Zule e com o mundo inteiro.

Chegou outra forte descarga, maior que a anterior, enquanto a voz o increpava com mais rigor para ele responder.

Lorién rugiu de dor e foi perdendo o contato com a vigília. Deixou-se ir, deixou-se afundar num buraco negro, foi caindo numa obscuridade insondável que o engoliu. Sentiu que abandonava seu corpo e seu espírito saía como um canhão de luz para cima e para fora de seu corpo. Algo nele disse:

–Então isto é que é morrer.

Toda a sua existência, todas suas lembranças, passaram rapidamente ante seus olhos. Num instante lembrou–sentiu–ouviu as seguintes frases:

Rechaça agora o sobressalto e o desalento...

Rechaça agora o desejo de fugir para regiões obscuras...

Rechaça agora o apego às lembranças...

Fica em liberdade interior, com indiferença para o devaneio da paisagem...

Toma agora a resolução da ascensão...

A luz pura clareia nos cumes das altas cadeias montanhosas e as águas de mil cores descem por entre melodias irreconhecíveis em direção aos planaltos e às campinas cristalinas...

Não temas a pressão da Luz que te afasta de seu centro cada vez com mais força. Absorve-a como se fosse um líquido ou um vento, porque nela certamente está a vida ...

Algo nele soltou-se e ele se deixou ir finalmente.

De pronto se encontrou numa bela paisagem, onde já não tinha lastre do corpo e sentia-se livre e totalmente consciente, uma consciência de todo seu ser e de tudo o que o cercava, Era como sentir-se deus com tudo, expandido e ampliado com uma consciência total. Sentia um gozo e uma felicidade incomparável, total plenitude em meio de uma grande luminosidade. De alguma forma ele sabia que estava no Centro Luminoso...

Estava desfrutando quando escutou uma voz em seu interior, suave e firme ao mesmo tempo.

Teu tempo não chegou, este ainda não é teu lugar, tua missão não concluiu. Tens que regressar. Lembra-te da tua rebeldia.

Enquanto Lorién morria na sala onde seu corpo estava confinado, ouviu-se outra voz que acusava àquela que tinha estado torturando Lorién.

–Você é um imbecil e uma besta! O matou, estúpido! Exagerou. Agora não vamos poder tirar dele a informação. É que você não tem um grama de cérebro nessa cabeça animal? Olha! Os signos vitais desapareceram do monitor.

–Mas a descarga não foi tão forte – disse a primeira voz com tom inseguro–, nunca tinha me acontecido isto, estes moleques não aguentam nada.

–Moleques? – replicou a segunda voz – você é um idiota total! O matou. Estúpido. Não percebe? Depois disto vamos ser degradados e seremos policiais de rua, ou pior, se nos virem como cúmplices por não tirar informação deles. Entende? Nos vão acusar de sermos cúmplices, de tê-lo matado para que não confesse. Seu animal! Baixemos para ver se podemos revivê-lo com massagem cardíaca. Vamos logo.

Abriu-se a porta da cela onde estava o corpo de Lorién e entraram os dois torturadores com uma roupa especial de supressão sensorial. Enquanto eles se aproximavam do corpo, o espírito de Lorién via seu corpo de fora e os sinistros personagens entrando na cela. Então compreendeu.

Seu espírito voltava a estar confinado nesse corpo, regressava à sua dor, ao peso, a sentir-se denso e amarrado. Entretanto, ele arrebatava o corpo da morte e renascia, trazendo consigo essa consciência total que continuava vinculada ao Centro Luminoso, com o que se tinha fusionado por eternos segundos. E num milésimo de segundo conectou com a Força, tomou contato com uma quantidade de Força muito superior da que tinha sentido antes, produto da necessidade e de sua resolução total. E quando as mãos tocaram seu corpo se produziu uma verdadeira conflagração, um estouro de amor universal, de vida, de afeto, de bem-estar, que

impactou nos dois personagens. E, apesar do isolamento da cela, este se expandiu num raio de centenas de metros, convertendo a seu passo todos os seres humanos em seres Despertos e Conscientes.

Os dois torturadores caíram de joelhos, chorando amargamente por sua obscuridade, por suas más intenções, por todo o dano que tinham causado durante suas vidas. Por toda a dor que estavam causando a esse ser sagrado que era Lorién e por todo o dano que estavam prestes a fazer a toda a humanidade, privando-a dessa experiência de êxtase, de vida plena, de contato com o sagrado. Pediam perdão a Lorién uma e outra vez, enquanto tiravam a roupa e a máscara e batiam em si mesmos por sua ignomínia, desesperados.

Lorién, por sua parte, levou sua percepção ampliada para além da cela, procurando Zule. Reconheceu a sua vibração energética numa cela perto da sua.

–Alto! – disse Lorién com voz fraca, mas firme –. Vocês não sabiam o que estavam fazendo. Não são culpados – disse –. Necessito que me levem até Zule, minha companheira, e me ajudem a libertá-la.

Eles se apresaram a pôr-se em pé, enquanto agradeciam por sua bondade e pela alegria que tinha trazido para suas vidas, admirados pela aura luminosa que cercava Lorién. O libertaram das argolas e dos fios conectados a seu corpo. O colocaram numa cadeira de rodas que havia num canto e o conduziram, seguindo as suas indicações por luminosos e assépticos corredores brancos até uma cela similar à sua, onde Lorién sentia a presença de Zule.

A cela tinha uma porta aberta e via-se duas pessoas do lado da maca de Zule, Lorién entrou na cela enquanto as duas pessoas que a cercavam tiravam seus cascos com grandes lágrimas nos olhos e se ajoelhavam ante ele. Todos o reconheciam como o gerador dessa onda de amor e consciência que os tinha transformado. Lorién viu a cara de Zule, tão comovida e transformada como os demais, também com lágrimas nos olhos e com um belo sorriso no rosto. Enquanto a desamarravam, Lorién a abraçou cercado-a com essa profunda consciência de amor da que agora fazia parte. Com sua percepção amplificada explorou Zule para ver se tinha algum dano. Com um suspiro percebeu que ela estava bem, parecia que tinham começado por ele e não tiveram tempo de fazer mal a ela.

Zule observava esse novo ser que era Lorién, renascido, transfigurado e luminoso, com amor, mas também com devoção. Dele chegava uma Força e uma Bondade irresistíveis. Abraçaram-se finalmente os dois em um abraço luminoso.

–Está viva, minha amada – disse ele.

Ela o abraçou e beijou amorosa. Quando se separaram, Zule disse:

–Estava tão preocupada que te fizessem mal... Mas o que se passou com você? Está diferente – perguntou olhando para ele em detalhe –, algo mudou profundamente em você.

–Nós o matamos – estouraram seus carcereiros em pranto de novo –, mas de alguma forma ele reviveu e voltou diferente. Não merecemos perdão! Por favor, nos castigue ou deixe que nós mesmos nos castigemos como merecemos.

—Já disse que não há culpados — voltou a dizer Lorién, enquanto sentava na cadeira de rodas, ainda fraco, mas com voz profunda —. Como vencerá o ser humano sua sombra? Por acaso fugindo dela? Por acaso enfrentando—a em incoerente luta? Se o motor da História é a rebelião contra a morte, rebela—te agora contra a frustração e a vingança. Deixa, pela primeira vez na História, de buscar culpados. Uns e outros são responsáveis pelo que fizeram, mas ninguém é culpado do que aconteceu. Oxalá se possa declarar: *Não há culpados*, e se estabeleça como obrigação moral para cada ser humano se reconciliar com seu próprio passado. Isto começará aqui hoje e você será responsável de que isto continue entre aqueles que te cercam, até chegar ao último canto da Terra.

Lorién ficou em silêncio alguns instantes, enquanto todos seguravam a respiração, era como se o tempo e até as batidas do coração tivessem congelado.

—Na verdade, é graças a vocês que morri e renasci em uma condição nova — continuou, agora com a voz mais suave, mais ‘deste mundo’—. Não há o que chorar, nem nada para recriminar. Está tudo bem. Agora precisamos sair daqui rapidamente, antes que se organizem para voltar a capturar—nos.

—Vamos! O que estão esperando? — disse ela com firmeza—. Algum de vocês sabe onde estão as Três Disciplinas que tiraram de mim?

Os homens se olharam compungidos e um deles disse:

—Levaram—nas aos nossos superiores, não sabemos onde. Sentimos muito — terminou desconsolado.

—Nos tirem daqui o mais rápido possível. Precisamos de um carro e chegar assim que puder a este endereço — disse Zule, dando as indicações de Alejandro Fernandez. Ficou olhando para a bata, como de hospital, que tanto ela como Lorién vestiam —. Mas antes temos que arranjar roupas, não podemos andar assim pelo mundo. Por certo, como vocês se chamam?

—Jonhathan — disse um dos que acompanhavam Lorién —, e meu colega é Ian.

—Eu sou Nicolás e meu colega é Marc.

—E por que todos falam espanhol? — perguntou ela.

—Sabíamos que os dois falam espanhol, embora você fale varias línguas — respondeu Jonathan —. Sobre as roupas, mais adiante talvez encontremos algo.

Puseram—se em marcha rapidamente com Nicolás e Marc adiante guiando, e com Ian e Jonathan atrás, empurrando a cadeira de Lorién, com Zule a seu lado, que o olhava com curiosidade e adoração ao mesmo tempo.

Pelos corredores foram encontrando pessoas com os rostos transfigurados e sorridentes que se olhavam maravilhadas. Ao vê—los ajoelhavam—se e agradeciam a Lorién, reconhecendo de algum jeito a sua energia, mesmo que estivesse muito baixa no momento. Jonathan se deteve frente a uma das pessoas ajoelhadas, olhou para Lorién e assentiu. Em segundos estava com as roupas do senhor que não podia estar mais feliz por Lorién usar as suas roupas. Mais adiante Nicolás se fixou numa mulher jovem e fez o mesmo. Levou para Zule a roupa, que não ficou perfeita, mas quebrou o galho.

Tomaram o elevador que subiu dez andares. Entraram num hall onde o pessoal também estava comovido, e com esse olhar agradecido e desperto tão característico dos que tomaram contato com a Força. Todos se inclinavam e se dirigiam a Lorién como se fossem girassóis, direcionando seus rostos para o sol que lhes dá a vida.

Saíram para a rua. A enorme avenida estava engarrafada com centenas de carros que tinham gerado um engarrafamento gigante, e com pessoas a pé e condutores olhando para Lorién como buscando a luz que os nutrisse. De ambos os lados da avenida, a centenas de metros, escutavam-se as buzinas dos veículos que não tinham sido afetados pela onda impulsionada por Lorién querendo passar.

—Com essa imensa congestão de carros é impossível ir para algum lugar, a não ser de metrô — disse Jonathan —. Temos uma estação a dois quarteirões daqui.

—Totalmente de acordo — disse Zule —, vamos.

Dirigiram-se ao metrô rapidamente, seguidos pelos rostos agradecidos de milhares de pessoas. Pegaram o elevador do metrô e chegaram até a plataforma onde havia dezenas de pessoas transformadas, sentadas no chão ou andando e que, ao sentir a presença de Lorién, dirigiam para ele seus rostos. Eram todos cientes de que ele tinha facilitado o Despertar.

Chegou o metrô e entraram os seis. Jonathan voltou a tomar a palavra dizendo que o melhor seria percorrer oito estações, para depois saltar e pegar um táxi que os levasse até o endereço indicado. Estiveram de acordo.

Enquanto percorriam as oito estações Zule perguntou a Lorién como se sentia.

—É complexo o que sinto — disse ele com um sorriso —. A este corpo o sinto dolorido, sinto ele como um cárcere. Sinto sua debilidade e, por outra parte, sou grato a ele por ter me permitido mover-me e agir no mundo. Com minha morte se produziu uma identificação total com minha consciência, com meu ser energético, com meu espírito. A este o sinto exultante, poderoso, consciente, pleno. É algo que não posso descrever. Assim é que nestes momentos sinto-me dividido entre estas duas sensações de mim mesmo. Meu ser energético gostaria de voar para o plano ao qual pertence, para deixar para trás o corpo e ser livre de novo, mas também meu espírito sabe que tem uma missão para cumprir e que te ama. Aliás, amo todas estas pessoas que nos rodeiam e quero facilitar seu Despertar antes de voar livremente.

—Mas então é verdade que morreu.

—Sim. Estiveram torturando-me com descargas elétricas e me senti totalmente fracassado. Comecei a me culpar por tudo que tinha acontecido, por privar a humanidade das Quatro Disciplinas, pelo sofrimento e a dor que iam causar a você, sem poder te ver novamente. Senti que tinha pecado de arrogância e de ingênuo. Comecei a me tratar muito mal internamente e com a fraqueza que sentia, algo se soltou dentro de mim e me deixei ir, não queria viver mais e o meu corpo deixou de funcionar. Meu espírito voou para um lugar maravilhoso, cheio de luz, onde se sentia parte de tudo em total plenitude. Ali queria ficar, era o lugar ao que pertencia. Já

praticamente não me lembrava de meu passo pela terra quando senti—escutei uma voz em meu interior que me disse que nem meu tempo nem minha missão tinham terminado. Que lembrasse minha rebeldia. Então me lembrei da minha missão, lembrei—me de você e de algum jeito voltei para a cela onde estava meu corpo morto, numa maca igual à tua. Nesse momento Ian e Jonathan entraram e tentaram me devolver para a vida para seguir me interrogando e eu compreendi. Voltei para meu corpo e conectei com toda a Força do sagrado do Centro Luminoso, ainda vinculado com o outro plano e se produziu um estouro impressionante de poder, de bondade, de amor. Bom, já viu os resultados — terminou ele um pouco cansado.

—Vi e os senti — disse ela reflexiva —. Foi algo impressionante, eu soube que era você, mas tinha algo a mais que não estava antes no Lorién que conhecia, agora entendo do que se tratava. Apesar de estar acostumada ao contato com a Força isso foi tremendo, senti como cada uma de minhas células estourava de gozo, enquanto era consciente de cada uma delas e de tudo que me rodeava. Senti como, em um microssegundo, nos fusionávamos com essa enorme energia que você tinha me enviado e com todas as pessoas por perto. Isso apesar de estar em celas de isolamento total. Foi algo enorme, para o que não tenho palavras.

—A verdade é que toda a percepção de mim mesmo, do mundo e das coisas, mudou e nestes momentos posso perceber você por dentro e por fora. Como posso perceber todas estas pessoas ao redor. Sinto cada célula de meu corpo, cada hálito energético a nosso redor. Posso sentir as pessoas lá acima, nas ruas e nas suas casas. Posso deixar de perceber através dos sentidos de meu corpo para perceber tudo de forma energética.

Com tanta percepção sinto que estou no limiar da loucura. Espero que esta vá diminuindo a intensidade, conforme volte a me recomodar no meu corpo e neste plano. Tudo isto está exigindo o máximo deste pobre e castigado corpo. Por momentos sinto que pode chegar a explodir. Espero que aguarde até chegarmos onde Alejandro para ver se ele pode me ajudar.

—Nossa — exclamou ela—, realmente você morreu e renasceu — disse preocupada —. De todas as formas, *quem morre antes de morrer, não morrerá jamais*. Bem, agora isto é algo muito tangível e claro para você.

Lorién concordou com um sorriso esvaído.

—Efetivamente, quem morre antes de morrer não morrerá jamais. Antes era uma direção a seguir, isto que falávamos, de que progressivamente a gente ia deixando de se identificar com seu corpo para identificar—se cada vez mais com essa consciência, essa Força que está em nosso interior. Bem, agora é um fato. A minha dificuldade neste momento é voltar a me identificar com este corpo para poder continuar agindo neste plano e terminar a missão encomendada. Agora estou com pouca energia, mas sinto que aos poucos vou encaixando cada vez mais em meu velho e dolorido corpo — disse com um sorriso tranquilizador, mas debilitado demais.

—Aqui temos que saltar — disse Jonathan.

Subiram no elevador até a saída da rua e pegaram um táxi se despedindo afetuosamente de Nicolás e Marc.

O condutor, ao ouvi-los falar em espanhol, comentou:

—Já souberam o tremendo engarrafamento ao redor da Worth St. com a Broadway? Está tudo colapsado e as informações no rádio são estranhas, parece que houve acidentes, que há um grupo de terroristas, que há milhares de pessoas ao redor contaminados por um vírus. O tema é que vocês tiveram sorte, se a confusão os pegasse nessa zona não iriam a parte alguma. Todas as ruas e avenidas, nesse ponto e em vinte quarteirões em volta, estão cortadas e umas cem estão colapsadas porque dirigiram o trânsito para as laterais. Então, temos uma boa festa no centro mesmo de Manhattan. Tanta modernidade para isso — riu o taxista —. Agora estão dizendo que já colapsou também o metrô. Depois de deixar vocês terei que ir trabalhar no Brooklyn, aqui não há nada a fazer hoje.

Eles se olharam com um sorriso cúmplice sem dizer nada. Também se via o trânsito denso pelas ruas que iam percorrendo, apesar de ter saído de Manhattan. Finalmente o táxi se deteve frente a um prédio. Pagaram e se despediram com afeto, deixando uma boa gorjeta. Aproveitaram para agradecer e se despedir dos dois funcionários. Estes, um pouco reticentes de se separar deles, finalmente foram embora no mesmo táxi, agradecendo os rapazes com gestos de afeto.

Zule e Lorién se olharam e finalmente Zule empurrou a cadeira até a entrada do prédio, onde chamou.

Ouviu-se uma voz que parecia familiar.

—Quem é?

—Alejandro Fernandez? — perguntou Zule

—Quem deseja?

—Lorién e Zule — disse a garota.

—É maravilhoso! — ouviu-se a voz que parecia tão familiar para os dois. Subam por favor, é o décimo terceiro andar — disse com alegria.

Enquanto entravam no prédio e esperavam o elevador, Lorién disse para Zule intrigado:

—Essa voz me parece familiar, mas não consigo saber de quem me lembra.

—Comigo acontece o mesmo. Tenho grande curiosidade por saber quem é.

Chegaram ao andar, e na saída do elevador os esperava...

—Federico! — exclamaram totalmente surpresos, ao unísono.

—Está vivo e aqui em Nova Iorque — disse incrédulo Lorién.

Abraçaram-se os três. Com a surpresa Lorién esqueceu o fraco que estava e quase caiu no chão tentando levantar-se para abraçar Federico. Federico e Zule o seguraram. Os três choravam de alegria. Estiveram assim alguns minutos, abraçados, sem dizer nada. Até que finalmente Federico ajudou Lorién a sentar.

—Que péssimo anfitrião sou, estou deixando vocês na escada em lugar de convidá-los a entrar. Adiante, meus queridos. Não sabem quanto me alegro de voltar a ver vocês são e a salvo.

—E nós, de ver você — disse Zule se jogando no sofá —. Que cansaço tenho! Com a tensão e a adrenalina nem tinha percebido.

—Espero que o de Lorién não seja grave — expressou com tom preocupado—. Não — disse Lorién —, só é fraqueza pelo maltrato que deram a este pobre e fiel corpo. Também por tê-lo submetido a uma grande descarga de Força para o mundo.

—Bom, bom, me contem tudo, por favor. Desculpem outra vez, estão com fome?

Zule e Lorién se olharam e riram ao mesmo tempo...

—Bem, agora que o menciona... Sim — disse ela —, eu comeria um boi.

—Sim, eu também. Não tinha percebido, mas estou com muita fome, parece que já estou me acomodando novamente neste corpo, já não o sinto tão alheio.

—Como é isso? — perguntou Federico com expectativa —. Desculpa a pergunta, mas a curiosidade me mata. Preparo algo para comer e, enquanto comemos, me contam.

Federico foi para a cozinha enquanto Lorién e Zule fechavam os olhos e descansavam um pouco.

Em minutos Federico voltou com a comida cheirando.

—Espero que gostem de lasanha, é o único que tinha a mão para fazer rápido.

—Eu comeria até os meus sapatos, então lasanha parece muito boa alternativa! — exclamou Zule divertida, sentando-se à mesa.

Os dois começaram a comer, afobados como náufragos. Federico quase nem comeu, só olhava expectante e com grande afeto.

—Desculpa nossos modos, Federico, mas estamos morrendo de fome. Alguns não somente de fome — disse Zule, olhando para Lorién com tom de preocupação.

—Vamos, me contem que estou por fora.

—Não — disse Lorién —, primeiro conta você, o que faz aqui? Onde está Alejandro Fernandez, o Protetor da Quarta Disciplina?

Federico lançou uma gargalhada. Quando terminou de rir olhou para eles com olhar alegre e resplandecente, e disse

—A Alejandro, o tem na sua frente.

—Como? — exclamou Zule —. Você é Alejandro Fernandez?

—Sim, é meu nome original. Federico é um nome que adotei faz vinte anos, quando A Escola começou a ser perseguida. Pensei que Jaidev tivesse contado.

—Claro — disse Lorién —, o insinuou, como se nós já soubéssemos, mas como estávamos convencidos que Federico e Alejandro eram duas pessoas diferentes, não conseguimos fazer o nexo.

—Você é um maldito sem-vergonha — disse Zule —, nós, o tempo todo acreditando que tinha morrido e passando mal, e você vivinho e rindo de nós — lhe reprochou.

—Não, Zule — disse ele com cara séria —, não foi fácil sair vivo de Teruel. De fato, ainda estou me curando de um balaço que levei — comentou enquanto subia a camisa e mostrava a ferida que estava cicatrizando no lado.

—Desculpa, Federico, não foi minha intenção duvidar de você. É que os últimos tempos foram difíceis... — e começou a chorar acima da mesa —. Pensei que nunca ia ver Lorién vivo de novo, e a certeza que me iam torturar até a morte me teve no limite da loucura.

Limpou as lágrimas.

—Os últimos tempos... Parece que falo de anos e não passaram nem duas semanas desde que o senhor chegou à minha loja. Eu vivia muito tranquila — riu Zule olhando afetuosa para Lorién —. Quanta habilidade tem para enredar tudo, Lorién! Federico, não podia ter enviado alguém mais normalzinho? — brincou Zule .

Riram os três com vontade, o que ajudou a relaxar o ambiente que tinha ficado um pouco tenso.

—Suponho que sim, podia, mas tenho certeza que você não o teria valorizado — riu por sua vez Federico —. Ao que parece não lhes foi tão mal a vocês juntos — terminou Federico com um sorriso satisfeito.

—Não me diga que isso também foi planejado, que te mato! — exclamou Zule.

—Huahuahua. Não, mas era uma possibilidade. Os biótipos dos dois se complementavam com perfeição, então devo reconhecer que, mesmo não estando planejado, pensei que havia muitas possibilidades de haver algo entre vocês. Sei que estão esgotados, queridos — disse com tom sério —, foi uma barbaridade o que fizeram. É incrível tudo que vocês aguentaram, acho que ninguém mais poderia ter passado por semelhante prova. Têm percorrido cinquenta e sete mil quilômetros em apenas quinze dias. Foi realmente desumana a missão que lhes demos. O incrível, o verdadeiramente incrível, é que o tenham conseguido. É um verdadeiro milagre — disse Federico emocionado —. Realmente, abriu-se o tempo dos milagres e vocês dão testemunho disso. Sem contar tudo o que fizeram no caminho. Deixaram tremenda desordem ao seu passo!

Riu ele com vontade.

—A América do Sul toda ligada. Tentaram freá-lo, isolar os países, mas não teve jeito. Até o Chile, que é o país mais isolado, ‘viralizou’. A Turquia toda, Espanha, Grécia, Bulgária, Romênia, Síria, Alemanha, França, Índia. Tudo feito diretamente por vocês. Paralelamente o fenômeno disparou quando os jovens também fizeram sua parte, divulgando nas redes sociais até chegar a todo o planeta, apesar de cortarem rapidamente a internet. Aliás, nosso pessoal da Escola se mobilizou muito bem, com resolução, para facilitar que a experiência tivesse direção e sentido, que se pudesse interpretar de boa forma. Enfim, não tenho palavras para a terrível desordem que vocês originaram — riu com vontade.

—Não conseguimos — disse Zule olhando com pesar para Lorién —, fracassamos. Detiveram-nos no aeroporto de Nova Iorque quando já parecia que tínhamos passado e tiraram de nós as Três Disciplinas que tínhamos em custódia. Sinto muito, Federico — terminou Zule sinceramente triste, enquanto caíam algumas lágrimas silenciosas.

—Não, não! Ao contrário. Óbvio que conseguimos! Embora o principal foram vocês que fizeram.

—Que? — pulou Lorién incrédulo —. Quer dizer que ainda há esperança?

—É claro que há esperança, hoje mais do que nunca, graças a vocês. Permitam que explique. Mas, antes, insisto em saber o que aconteceu com sua missão, com sua captura e com sua viagem.

Zule e Lorién detalharam a viagem desde que Lorién saiu de Teruel. Federico não deixava de expressar sua surpresa uma e outra vez, principalmente com Lorién, por seu aporte para a recuperação miraculosa de Haluk, filho de Erkin, em Istambul.

—É incrível, Lorién, você estava sempre tomando contato com a Força, não tinha dados, não tinha experiência nem conhecimento sobre o tema. É realmente incrível.

Depois em Lima com os torturadores.

—Mas, isso é impossível, que sensibilidade a deste rapaz, que capacidade para sentir empatia com o sofrimento dos demais e com essa gente tão dura, e em condições tão extremas. Extraordinário.

Depois, quando descreveram a viagem por terra pelos Andes desde Huan-cayo até o Cusco, Federico não pode se conter. Ficou em pé e começou a andar pela sala.

—Não sei se percebem o que fizeram. Ninguém, absolutamente ninguém, por mais conhecimento e bondade que tenha, teria podido sequer imaginar que se pudesse fazer o que vocês fizeram ao longo dos Andes. É realmente incrível. E são apenas dois jovens que ainda não têm vinte anos. Você voltou a salvar uma vida, percebe tudo o que fez, Lorién? Percebe o ser extraordinário que você é? Um mês atrás ainda nem tinha ouvido falar de mim, nem da Escola.

A anedota do helicóptero em Puno o exaltou de novo.

—Mas, de onde tira essas ideias?! Como pôde pensar em semelhante coisa? Que personagem!

A anedota da Bolívia com a celebração maciça do aniversário de Lorién o fez rir muito.

—Vocês são tal para qual, que par!

As histórias dos aviões não deixaram de tirar risos constantes. A dos velhinhos indianos o fascinou.

—Que beleza o que contam, que coração e que sensibilidade — se extasiava Federico.

—As anedotas com Jaidev no escritório fizeram rir os três às gargalhadas.

—Que grande cara é Jaidev, não é mesmo? E também salvaram a sua vida! Vocês são realmente excepcionais. E cada vez mais difícil, na Índia estiveram duas vezes perto de serem pegos, mas vocês são como enguias — ria —, completamente inascíveis.

Até chegar a Nova Iorque — disse Lorién, começando a contar sobre a tortura e a morte que sobreveio. Mas Federico não o deixou respirar, o bombardeou com perguntas sobre o que tinha experimentado, sobre o fracasso enorme que sentiu e como isso facilitou sua morte e renascimento. Perguntou uma e outra vez sobre seus registros, sobre as coisas que sentiu a cada momento.

—*Quem morre antes de morrer não morrerá jamais* — murmurou pensativo —. Agora entendo o que comentou na chegada, sobre o desencaixe com o corpo e tua

nova identificação, e que te estava custando voltar a senti-lo como teu e deixar de te sentir confinado, depois dessa singular experiência de conexão com o Centro Luminoso. E é mais difícil ainda. Quando choramos juntos abraçados e quando comeu, com certeza, esses dois atos facilitaram que te sentisse mais integrado ao corpo novamente, certo?

—Tem razão — comentou Lórién —, já não sinto o desencaixe tão forte, neste tempo, falando, até tinha esquecido os incômodos — disse surpreendido.

—Com toda a força que canalizou através de seu corpo não sei como ainda o manteve em pé. Como não se imolou. Nesse momento ainda estava com um pé em cada plano, no de cá e no de lá. Ao longo da história humana não tinha ouvido algo semelhante. Você esteve a ponto de desaparecer, até o seu espírito chegou a ficar a perigo com a enormidade do que fez — comentou preocupado —. Você estava numa cela isolada, num porão do FBI completamente impermeabilizado, num prédio que é um bunker, porém canalizou tanta Força, que não só afetou todas as pessoas do prédio como todos os que estavam a centenas de metros dele. Agora compreendo as notícias tão incoerentes que chegavam pela internet e pelo rádio. Claro! Ninguém entendia nada. Somente quem sabia de vocês e esse pessoal estava todo dentro do prédio. Apesar de terem passado várias horas, essa zona ainda continua colapsada, dezenas de quarteirões. Que incrível consistência interna você tem, Lórién, realmente excepcional. Nota-se que é de Teruel.

—Não podia arriscar que não fosse forte o suficiente para atravessar essas roupas especiais, não podia arriscar que torturassem Zule. E, claro, me extralimitei um pouco.

—Um pouco?! — comentou Zule divertida—. Se quase pega fogo o prédio. Apesar de estar acostumada ao contato com a Força, não tem ideia do que me chegou, me remexeu inteira e bateu de tal forma no meu espírito que se fez consciente. Então, desde esse momento, ao que parece, estou em consciência de si o tempo todo, e não posso sair deste estado.

—Aliás, isso produziu a conversão de centenas, talvez milhares de pessoas que estavam próximas. Algo inusitado. A experiência transcendental como estamos vendo, produz conversões massivas de sentido — acrescentou Federico.

—Pode nos explicar isso da conversão das pessoas? — perguntou Zule

—As conversões são a aceitação massiva a um novo estilo de vida — ficou pensativo alguns instantes para logo prosseguir —. A conversão das pessoas é a transformação de seu sistema geral de ideação de modo rápido, de maneira que se pode concentrar a direção de sua vida num sentido muito preciso.

—Pode explicar de forma mais simples? — perguntou Lórién.

—Claro, desculpem. Vejamos. Uma pessoa de repente atende a uma espécie de chamado, não a uma ideologia, tem uma experiência e algo acontece com ela que a partir daí ela muda a forma de se mover no mundo. Adquire um sentido, uma direção e um significado. O sistema geral de imagens do sujeito se transforma de modo rápido e a direção vital dele se converte. Desde esse momento em diante, a

sua vida errática toma uma direção com muita força. A isso nos referimos com a ‘Conversão massiva do Sentido da vida’.

—Isso significa que a consciência humana pode ser controlada? — perguntou Lorién

—O exercício do poder atual é baseado na teoria ingênua que supõe que, monopolizando os meios de produção e manejando os meios de comunicação, com o monopólio da imagem, as pessoas, que supostamente estão em consciência passiva, vão responder de maneira mecânica, predeterminada e reativa aos estímulos que são enviados, portanto, sempre se poderá prever o que farão no futuro. Mas não, a consciência humana não é passiva, a consciência humana é ativa. Isto quer dizer que se é lançado um estímulo à consciência esperando uma resposta predeterminada, pode resultar que essa consciência faça algo totalmente inesperado, precisamente porque a consciência é ativa, intencional. Esse é um olhar muito comportamental. Eles não têm ideia do que seja o ser humano. O real ser humano está aparecendo.

—Que quer dizer com isso?

—O real Ser Humano, esse que vai para o infinito, esse que descobre e manipula o átomo, esse que transforma o perceptual em bits, esse que decodifica e pode manipular a seu gosto o código genético e com isso transformar mais ainda a sua natureza, esse que quando lhe dizem que a técnica gera desemprego, se dispõe a reestruturar a organização social para libertar o homem do trabalho e permitir que a tecnologia siga seu desenvolvimento. Esse que se rebela por ser considerado apenas um animal que nasce, cresce, se reproduz, capacita-se, trabalha, adoece e morre. Esse que olha para seu corpo e o considera uma antiguidade primitiva para o desenvolvimento de sua consciência, esse que se rebela ante a morte. Esse ser humano que ainda não é definido pela filosofia, nem a psicologia, nem as ciências sociais... Esse ser humano, o real ser humano, o ser humano do futuro, esse, já está aparecendo. O homo sapiens está fazendo força para abrir

seu universo, para ir além de seu aparato de crenças básicas. Nessa busca, o ser humano vai descobrir a consciência.

—Que quer dizer com isso de ‘o ser humano vai descobrir a consciência’? — pulou Zule.

—A dinâmica real da consciência é transformar-se, transformar o corpo e transformar o mundo. Compreender que a consciência não é algo mecânico nem reativo, mas a estrutura evolutiva intencional, estar em condições de aceitar que o corpo humano é uma antiguidade primitiva, que não se corresponde com seu desenvolvimento na velocidade de evolução da consciência, contar com o conhecimento e a tecnologia para modificá-lo, estar próximos de libertar o homem da escravidão do trabalho... Isso tudo é um claro sinal de que o ser humano está buscando se libertar de seu aparato de crenças básicas. Com a desestruturação do aparato básico de crenças do ser humano, a sua imagem do mundo ruirá, e com isso se abrirá um novo sistema de possibilidades de desenvolvimento para a consciência.

—Outra vez aparece a desestruturação — observou Lorién.

—Rrsrs... Sim, ao que parece, ela se enfia em tudo. Nos tempos que vivemos tudo está tingido pela desestruturação — riu Federico —. Esse novo sistema de possibilidades para a consciência vai transformar tudo. O ser humano do futuro não vai querer ganhar e possuir coisas. Vai querer sentir, criar, construir, aprender sem limites. Não vai querer possuir, ter, controlar. Esse humano compreenderá que há milhões de formas de desenvolver a emoção e o pensamento, que há uma diversidade inimaginável de formas de sentir e pensar. Agora a visão do ser humano é muito comportamental e reduzida, mas no futuro tudo irá bem, tudo irá para onde tem que ir.

—Nossa — exclamou Zule—, acabou de por letra à minha fé no ser humano. Obrigada!

—Sim — comentou Lorién pensativo—, me lembra as palavras que Jaidev leu para nós em Benares.

—Bem, chega de conversa! Sou um velho descuidado e conversador. Ainda corremos perigo, temos que sair daqui rapidamente. Vamos pegar um táxi, daremos umas voltas de metrô caso alguém estiver nos seguindo, e depois iremos para um apartamento mais discreto do que este. Você está com forças, Lorién? Sei que precisam dormir, mas peço um pouco mais de paciência para estarmos seguros.

—Estou de acordo — disse Lorién —. Depois do que passamos toda prudência é pouca.

—Vamos então — disse Zule com um suspiro.

Desceram pelo elevador, Lorién em sua cadeira de rodas, economizando forças. Na rua pegaram um táxi enquanto continuavam falando.

—Quando conheci Zule — disse Federico— soube logo que era um ser extraordinário. Apesar dos golpes que recebeu desde criança, da perda de seus maravilhosos pais, de estar no limite da loucura tão cedo, ela se levantou e deu a volta por cima. Afastou de seu coração o rancor, o ressentimento e a tendência à vingança e se dispôs a aportar o seu melhor para o desenvolvimento e liberação do ser humano. Eu fiquei profundamente admirado frente a sua pouco comum capacidade de resiliência e essa sensibilidade maravilhosa. Estava certo de que algum dia chegaria a hora de fazer seu aporte e que este seria muito importante para a humanidade.

Acariciou a mão dela com afeto enquanto sorria.

—Depois, quando conheci Lorién, com seu aspecto de vir dos infernos, apesar de ser tão jovem, de ter sido tão golpeado pela sociedade, de acreditar que não era nada, que era um João ninguém, de crer que era um fracassado total, em uma minúscula cidade perdida, quase sem existência e ignorada por todos... vi logo nele essa brasa imortal que estava coberta por todo tipo de crenças negativas a respeito de si mesmo. Essa brasa brilhava com força ante o mais mínimo sopro, ante o mais mínimo alento. Lembro-me de nossa primeira aula, de estar numa postura quase deitado na cadeira, passou a ficar erguido e com os olhos brilhando. Esse brilho foi tendo cada vez mais profundidade. Imagina, Zule, ele, o maior lixo social, na cidade

mais perdida e esquecida do mundo aceita uma missão de um velho louco que acabou de conhecer, deixa tudo num segundo para ir enfrentar todo tipo de perigos. Que tal? – dizia sacudindo a cabeça de um lado para o outro, surpreso –. Vocês são duas pessoas extraordinárias. Por momentos eu mesmo me perguntei se não era uma loucura total o fato de pôr vocês nessa situação, carregando semelhante peso e responsabilidade, havendo gente na Escola com muito mais experiência, gente provada e com trabalho interno e externo. Porém, internamente tinha certeza de que era a melhor decisão. Finalmente os fatos confirmaram minha certeza.

–Bem, Federico ou Alejandro, nem sei como chamar você agora – comentou Lorién com os olhos brilhando, mas um pouco frio e distante –, por que diz que conseguimos, se perdemos as Disciplinas que nos entregaram, quando era nossa missão conserva-las? Conta a verdade, queremos saber se tudo que fizemos foi inútil – concluiu com sua suave voz, que soou mais dura que uma rocha.

–Querido Lorién, como pode pensar assim?

–O interrogador me disse que tínhamos sido usados por vocês e agora estou um tanto confuso.

–E que diz o teu coração? Esse foi sempre teu tesouro mais valioso.

Depois de alguns instantes em silencio o olhar de Lorién mudou, ficou mais brando, adquiriu um brilho ainda mais potente e cálido e um sorriso suave apareceu em seu rosto iluminando tudo a sua volta.

–A verdade é que não sei o que pensar sobre as Quatro Disciplinas. Mas sei que o que vivi compensou largamente as fadigas e sacrifícios, inclusive a minha morte – voltou a sorrir –, valeu a pena. Vi o que há do outro lado, tomei contato com o Centro Luminoso de onde vem tudo, tenho a experiência direta de que a morte não existe, e, nestes momentos, todo o meu ser está consciente de uma forma inconcebível e extraordinária. Vejo tudo com absoluta e total clareza – sorriu outra vez –. Aliás, sempre quis viajar, conhecer muitos dos lugares que visitamos e viver aventuras.

Fez outra pausa e seu sorriso desta vez se fez enorme.

–E, como se fosse pouco o meu desenvolvimento, meu crescimento, todas as aventuras, todo o conhecimento, o contato com o transcendental e com a vida verdadeira, como se isso fosse pouco – repetiu –, ainda conheci a Zule.

–Estava na hora de você dizer isso, não? Olha o quanto custou, já estava pronta para te bater para ver se te ajudava. Com tanto mundo interno e tanta coisa... Lembre que de mim não vai safar, nesta vida nem na outra – terminou com voz ameaçadora, mas com um brilho emocionado e tenro nos olhos.

Bem, estamos chegando ao Harlem, aqui pegaremos o metrô e daremos um rolê antes de chegar a nosso destino, por via das dúvidas.

Continuaram conversando animados enquanto faziam conexões nas diferentes linhas do metrô. Finalmente, após uma hora, saíram e pegaram outro táxi até uns bairros periféricos onde claramente o nível de vida era mais modesto. Os subúrbios pelos quais passavam tinham cada vez mais aspecto de abandono e pobreza.

Viam-se muitas pessoas nas ruas sem muito o que fazer, principalmente latinos e negros. Já estava entardecendo.

Federico disse ao taxista para se deter do lado de um prédio de quatro andares muito deteriorado, com quatro jovens mal vestidos e com cara de poucos amigos, sentados nos degraus de acesso. O taxista recebeu o pagamento e uma gorjeta e pediu a eles para se cuidarem porque esses bairros eram muito perigosos. Agradeceram e saltaram do carro. Federico perguntou a Lorién se podia caminhar. Ele afirmou que com alguma ajuda conseguiria sim, que tinha recuperado energia e força.

Ao vê-los saltar do táxi os quatro jovens ficaram em pé e caminharam lentamente até eles. Zule, que ajudava Lorién a se manter em pé, se apertou com força contra ele. Para sua surpresa, os quatro jovens se dirigiram com familiaridade a Federico e o abraçaram. Dois deles pegaram a cadeira e os outros ajudaram a sustentar Lorién com um amplo sorriso no rosto, afáveis e amigáveis.

—Estes são Lorién e Zule — disse Federico —. Eles são Rebeca, Emilia, Gregório e Frank.

Todos se cumprimentaram com afeto.

—Escolhemos eles porque falam espanhol. Rebeca é da Guatemala, chegou aqui pequena com sua família. Emilia e Gregório são filhos de mexicanos e a mãe de Frank é cubana.

—Bem-vindos! Esperávamos por vocês. Ouvimos tanto falar de vocês que ficamos ansiosos para conhecê-los.

—Sim, eles também tomaram contato com a Força, como a maioria do pessoal deste bairro — aclarou Federico.

Chegaram finalmente a um apartamento com a porta deteriorada, mas que, ao girar a chave, notava-se que não era o que parecia. Ouviram um barulho de barras sendo retiradas e ao abrir viram que era uma porta de segurança mascarada. Dentro, o espaço estava decorado com muito bom gosto, precioso, limpo, com cuidado nos detalhes, realmente chamava a atenção, ninguém poderia imaginar isso nesse bairro.

—Hahaha — riu Federico ao ver a cara de surpresa deles —. As coisas não são o que parecem. Já faz tempo que este bairro não é o que era. Mas pedimos ao pessoal que continue com a aparência de que tudo segue igual para mantê-lo longe dos olhares que não interessam.

Após deixá-los instalados, os quatro amigos se despediram e voltaram para a porta para ficarem atentos a qualquer situação anormal.

—Como veem, aqui estamos mais seguros que em qualquer outra parte — riu de novo Federico —. Efetivamente, vocês merecem uma explicação.

Ofereceu bebidas e sentou-se com um suspiro.

—Lorién, quando nos conhecemos, eu acabava de chegar a Teruel. Vinha fugindo da policia do espírito que vocês conhecem tão bem. Anos atrás eles sequestraram um dos nossos e o torturaram até a morte. Então ficaram sabendo das

Disciplinas e dos dados de alguns de nossos companheiros na Escola. Tivemos que reestruturar tudo rapidamente. A morte dos pais de Zule e de outros amigos foi produto dessa situação – expressou com o rosto obscurecido –. Fazia anos que sabíamos que a crise mundial estava chegando ao fundo e que a conseqüente desestruturação social e pessoal se ampliaria, com seus desbordes psicossociais. Prevíamos também que a começar do século XXI se abriria uma janela, uma possibilidade para instalar o novo Mito. O primeiro Mito Mundial, a nova sensibilidade que daria impulso à Nação Humana Universal. A primeira civilização planetária que nos lançaria a um salto qualitativo como espécie, um salto similar ao que aconteceu com a domesticação e posterior produção do fogo.

Bebeu um longo gole de café e continuou

–De tempos em tempos tomávamos amostras na sociedade para ver como ela respondia ao estímulo da Força e para saber se era o momento certo. Sempre buscamos lugares marginais, com pouca população, para não chamarmos muito a atenção. Foi assim como cheguei a Teruel, um lugar que, por uma parte, me permitiria passar despercebido para os perseguidores e, por outra parte, permitiria tomar amostras de como estavam de receptivas as pessoas para o transcendental. O caso é que me acharam muito antes do que eu podia imaginar. Acabava de conhecer você e o grupinho com quem estávamos começando a trabalhar nossos temas.

Agora posso confessar que quando vi você pela primeira vez tive a sensação de reconhecimento, de certeza que o momento tinha chegado e que você seria o escolhido para impulsioná-lo. Bem, as primeiras amostras com vocês foram extraordinárias, muito melhores do que nunca antes. Em alguns momentos tinham aparecido bons indicadores, mas depois declinavam. Desta vez, os resultados foram verdadeiramente incríveis. Eu fiquei surpreso de como estava dando-se o fenômeno e por isso tentei não influenciar, para que a amostra fosse o mais limpa possível, a respeito da irrupção do Transcendental neste plano. O pessoal de Teruel era duro, suave e sensível ao mesmo tempo, o caldo de cultivo adequado, gente com enorme resistência ante a adversidade e de enorme delicadeza interna.

–Com Charlotte em Cusco estivemos falando destes temas – disse Zule.

–Sim, nossa boa amiga Charlotte, uma de nossas melhores cabeças. Certamente ela comentou que de tempos em tempos se produz uma irrupção neste plano, que facilita que a semente, a brasa sagrada, os procedimentos para conectar com o Profundo, com o Sagrado do ser humano, guardada com muito cuidado pela Escola, possa encontrar o terreno fértil para se desenvolver. Estas acometidas do transcendental mudam radicalmente a história.

–Sim, isso mesmo nos comentou ela – disse Zule.

–A experiência transcendental bate em um momento histórico, afetando profundamente as pessoas contemporâneas desse aparecimento do transcendental. Quando estas arremetidas se aproximam, o meio histórico começa a variar e se produzem fenômenos extraordinários, enormemente perturbadores, no psiquismo coletivo. Desde esta perspectiva, entendemos as lendas de ciclones, aerólitos

e cometas que precedem estes fenômenos. As alegorias de cada época apresentam, de modo plástico, as mudanças dramáticas da consciência coletiva. O transcendental necessita de condições psicossociais para poder irromper na história humana. Esta irrupção afetará o tempo particular de cada pessoa. É um momento de muita convulsão.

–Pode nos dar alguns exemplos na História? – pediu Lorién.

–Claro. Por exemplo, o que começou a acontecer dois séculos antes de nossa era, no Mediterrâneo todo, abruptamente mudou a forma de ver dos seres históricos daquele tempo. Isso é notável e pode ser observado, os historiadores os rastrearam. Esta irrupção do transcendental mudou a forma histórica, construiu outra visão do mundo em todos os campos: social, cultural, artístico, em tudo, não foi uma coisa pequena. Terminou se expressando no cristianismo e depois no Islã – Federico ficou pensativo alguns instantes e continuou – e mesmo tomando os elementos da civilização que tinham a mão, reorganizaram estes elementos numa visão de mundo totalmente nova. É fato que eles mudaram as coordenadas e os pontos de referencia históricos. Foi totalmente imprevisível isso do Islã, totalmente fora de lugar. Ninguém podia pensar que desse lugar saísse algo. O mesmo pode se dizer da Palestina, um lugar com conflitos, com um monte de problemas, lugar pequeninho se comparado aos impérios daquele tempo, que eram Pérsia e Roma. Foi uma coisa estranha realmente.

–Sim, no momento do nascimento do cristianismo houve uma crise terrível em todo o mundo ocidental. Uma crise espantosa, muito similar à que estamos vivendo agora. A crise já se arrastava havia um par de séculos – comentou Zule.

–Assim é – corroborou Federico.

–O que determina o momento histórico que corresponde ao surgimento do novo Mito? – voltou a perguntar Lorién.

–O desabamento das culturas. É esse colapso o que determina o clamor dos seres humanos e é o clamor dos povos o que possibilita a irrupção do mundo transcendental no processo histórico e, com isso, o surgimento do mito.

Ficou olhando pela janela.

–Há uma mudança – continuou – na forma de ver o mundo. A religião tradicional fica para trás, as pessoas se encontram sem nada que as sustente internamente, no meio de uma organização social mais ou menos firme, com suas obrigações econômicas e com uma grande capacidade de comunicação, no caso do Império Romano, mas com uma crise profunda no interior da consciência, como se os elementos de referência que esses povos tiveram já não existissem, desapareceram. Já ninguém acreditava na religião tradicional. Começaram as religiões pessoais de salvação. Recuperaram rituais esquecidos. Todas as seitas chegavam a Roma. Resurgiu a busca religiosa e tomou corpo nas diferentes organizações. É como se tivessem ficado mais receptivos. Com outras palavras, como se Deus se aproximasse.

–Ao que parece – comentou Zule – na origem das religiões encontra-se sempre a experiência transcendental. Esta experiência, no momento de sua irrupção

ção histórica, produz um impacto tão forte que, apesar de que depois a experiência se dilua e se perca, a inércia que deixa é de tal magnitude que as próximas gerações criarão rituais, igrejas, organizações hierárquicas que se manterão por milhares de anos, após o impacto original. É tão poderoso este impacto que depois de ele desaparecer aguenta tudo que surge, e que não tem nada a ver com a experiência original. Em definitivo, primeiro se tem a experiência original, depois algumas gerações conseguem vislumbrar algo disso e depois se afastam e vai se formando essa superestrutura toda de rituais, igrejas, hierarquias, etc.

—Sim, isso é exatamente assim. Que boa síntese. Você se converteu numa erudita, Zule — disse Federico —. Mas, voltando ao tema, desculpem este velho que se dispersa facilmente, eu estava feliz vendo que, com pequenos contatos com a Força, estavam se produzindo profundas conexões nesses jovens. Fiquei surpreso. Essa tarde, quando pedi a você para tomar a missão nas tuas mãos, estava chegando a minha casa quando comecei a sentir uma sensação incômoda de perigo. Olhei em volta e tudo estava calmo, tranquilo. Continuei andando com essa sensação cada vez mais forte. Então fiz um pequeno rodeio para entrar na minha rua por outro lado. Olhei dissimulado desde a esquina e nada, tudo estava calmo. Ia sair, quando vi a cabeça de alguém que espionava desde o jardim da casa vizinha à minha. Detive-me, gelado. Fui embora para um quarto que eu tinha alugado como resguardo, em outro canto da cidade. Lá, eu tinha algumas coisas para emergências. Um computador, umas poucas roupas, algum dinheiro. Preparei rapidamente a mochila e fiquei pensando o que fazer. Conectei com a Força e pedi internamente que me chegasse uma resposta sobre os passos a seguir. Então você apareceu em minha cabeça. Seguindo esse impulso, pequei o computador e escrevi essa carta que conhece, e a salvei junto com outros arquivos em um pendrive. Quando sai para a rua escutei alguém de cima gritando: 'aqui está, na esquina!'. Corri tudo o que pude e, no meio da rua, detive um carro, que quase me atropelou, dizendo que tinha um filho muito grave, e pedi, por favor, que me levasse até a estação de trens.

O carro mal arrancou e chegaram seis caras correndo de diferentes lados, um segundo mais e teriam me pegado. Antes de chegar à estação, agradei o homem pela carona e saltei do carro. Vi que tinha um par de pessoas lendo o jornal, como distraídos, gente diferente daquela que estava acostumado a ver em Teruel. Então me escondi nos jardins próximos, perguntando-me o que fazer. Fechei os olhos, relaxei e tomei contato com a Força para que te chegasse um sinal de que necessitava te encontrar. Sem saber bem o porquê, fiquei em pé e comecei a andar, já de noite, entre o mato, as plantas e flores dos jardins até o muro do óvalo, onde sentei, no escuro. Voltei a tomar contato com a Força e coloquei a tua imagem. Depois de vinte minutos miraculosamente você chegou.

—Isso foi estranho mesmo — disse Lorién —, nesse dia eu tinha saído a caminhar pelo bosque de pinheiros próximo de Teruel. Parece que falo de um século atrás! — se surpreendeu ele, mais uma vez —. Estava indo para casa e de repente senti a necessidade de ir dar um passeio no óvalo e aí encontrei você, ou você me encontrou, na verdade.

–Foi um sinal de que você era a pessoa certa para a missão.

–Mas qual era a missão? – impacientou-se Lorién –. Por que você diz que conseguimos, quando perdemos as Disciplinas? Continuo sem entender.

–Está certo, não estou sendo claro. Tentarei sê-lo a partir de agora, mas estes temas sempre são complexos – disse Federico com um suspiro, passando as mãos pelo rosto como para se situar –. O ponto – prosseguiu – é que estes personagens sinistros estavam atrás das Quatro Disciplinas, queriam pegá-las e manejar o seu poder, além de privar as pessoas de experimentarem com elas e, desse modo, evitar o *Despertar*. Para eles quanto mais adormecidas estão as pessoas, tanto melhor, assim são mais fáceis de manejar e controlar. Acreditaram que ao ser algo precioso, seria muito secreto e em parte tinham razão, assim é que pensaram que o manteríamos oculto nas mãos de uns poucos.

As Quatro Disciplinas são o maior tesouro que a humanidade tem, por isso sua preservação é o mais importante. Sempre aparece gente querendo se apropriar delas, ou pode haver um sinistro natural ou social e perder-se os manuscritos, a eletricidade pode deixar de funcionar e os aparatos eletrônicos de apoio já não serviriam de nada. Por isso, há centenas de anos, ficou acordado que sempre haveria um Protetor oficial que velaria por cada uma, com dedicação quase exclusiva e outro coordenador que teria as quatro. Neste caso, o coordenador sou eu.

Federico bebeu um gole de sua xícara.

–Essa é a missão da Escola. Velar para que as Quatro Disciplinas sejam conservadas, protegê-las e facilitar que cheguem a toda a humanidade. Manter os procedimentos básicos para conectar com O Profundo do Ser Humano, com o Sagrado em seu interior. Manter a brasa viva, como foi com o fogo na etapa da conservação.

Ficou em pé e andou um momento pelo quarto.

–Acho que entendo – comentou Lorién –. O momento de fazê-las chegar a toda a humanidade tinha chegado, ao estar em perigo a tua vida e por ser o coordenador e principal custodio das Disciplinas, estas podiam desaparecer. Já que ficariam somente os Protetores com uma Disciplina cada qual.

–É isso! O momento de fazê-las chegar a toda a humanidade tinha chegado, mas tudo indicava que eu não ia sair vivo de Teruel. Errei por pouco. O balaço que recebi quase me matou. Por isso tive que recorrer a você para que fosse resgata-las e pudesse divulga-las.

–Bem, Federico, está claro a importância das Quatro Disciplinas e a necessidade de cuidá-las e leva-las até a humanidade toda neste momento, mas intuo que tem algo mais – comentou Lorién.

–Efetivamente, não te escapa nada... – riu Federico –. A segunda parte da missão era atrair a atenção desses seres sinistros. Sua perseguição poria vocês em situação de grande risco. Era essencial que sentissem essas duas coisas: tanto que suas vidas corriam perigo, como que toda a humanidade corria. Estas eram condições necessárias para que vocês atuassem por total necessidade, e desde o amor e a compaixão para com a espécie. A intensidade de suas ações facilitaria a conexão

de vocês com o Profundo e a transmissão do espírito para outros. Depois daquela amostra tomada em Teruel, a perseguição da que estava sendo vítima o pessoal da Escola, a clara percepção do perigo de morte e a convicção de que era o momento certo, ajudaram a tomar a decisão de te entregar essa perigosa e difícil missão, Lorién. A mais importante! E vocês a levaram adiante de forma irretocável.

—É verdade que nos viu adequados para a missão desde o começo? — perguntou Lorién.

—Sem dúvida. Sabia que a missão de levar a Mensagem ao mundo tinha que ser de alguém muito jovem, produto destes tempos, desta época de necessidade e de sensibilidade, não podia ser qualquer um, e quando te conheci tive a certeza. Esperava também que pudesse trabalhar em equipe com Zule, a quem já conhecia e sabia de seus extraordinários dotes. Estava certo que eram os indicados.

—Pois eu quero que saiba que está a ponto de ser escolhido para levar uma paulada na cabeça — disse Zule com tom de chateação, mas com um sorriso no rosto.

—A missão de vocês — riu Federico enquanto prosseguia — podemos dizer que se concretizou no momento em que chegaram a Cusco, e Charlotte nos enviou aquele e-mail. Ela sugeria que A Escola toda saísse com resolução, em todo o planeta, para levar a todos nossos irmãos estas sementes sagradas, guardadas por tanto tempo no *silo* da Escola. De todas as maneiras, a sintonia de vocês com o Profundo é tão potente que vocês dois afetaram mais pessoas do que A Escola inteira. Vocês geraram a condição inicial deste fenômeno psíquico que era o mais difícil, depois ele próprio foi se multiplicando de forma exponencial e já não há quem o freie. Sobretudo, depois que os jovens fizeram sua a Mensagem e a viralizaram velozmente através das redes sociais. Essa foi a parte mais importante de sua missão e a cumpriram de uma forma que nenhum de nós teria sonhado, nem os mais delirantes — se exaltou Federico, andando pra cima e pra baixo outra vez, incapaz de ficar sentado.

—Sim, é verdade, se não tivéssemos sido arrastados pela necessidade, as nossas ações não teriam a intensidade nem o sentido suficiente para cumprir a missão — refletiu Lorién, fechando com um bocejo.

—Com a conversa tão apaixonante eu esqueci o muito que vocês precisam descansar. Os rapazes têm umas pizzas deliciosas, mas antes vou mostrar o seu quarto.

Tanto Zule como Lorién agradeceram. Sentiam-se destruídos, sobretudo Lorién. E com essas roupas desajeitadas que vestiam tinham um aspecto desastroso.

Em poucos minutos estiveram novamente na sala onde devoraram as pizzas e logo depois foram dormir.

—Eu também dormirei aqui e os vizinhos estarão vigiando por qualquer coisa — disse Federico.

Lorién, sem forças, nem tirou a roupa e apenas se cobriu, para dormir logo.

Ele teve um sonho muito especial. Sonhou que levantava da cama e saía para a rua, olhava a noite estrelada e seu espírito voava para as estrelas, viajava com velo-

cidade cada vez maior, enquanto o céu escurecia e a Terra se afastava, cada vez mais rápido. As límpidas estrelas foram virando de cor até desaparecer na escuridão total.

Na frente viu um único ponto de luz dourada que foi aumentando de tamanho. Foi até ele. Segundos depois se destacou um grande aro que se continuava num longo corredor transparente. Subitamente deteve-se. Tinha descido num lugar aberto. Atravessou uma cortina de ar morno e entrou.

Viu-se entre paredes transparentes que ao atravessá-las produziam musicais mudanças de cor.

Continuou avançando até chegar a um plano em cujo centro viu um grande objeto móvel impossível de capturar com o olhar, porque ao seguir este em uma direção, esta terminava envolvida no interior do corpo. Sentiu tontura e afastou o olhar.

Finalmente achou uma figura, ao parecer humana. Não pôde ver seu rosto. A figura estendeu uma mão na qual ele viu uma esfera transparente. Começou a se aproximar e, num ato de plena aceitação, tomou a esfera e a apoiou na sua testa.

Então, em silêncio total, percebeu que algo novo começava a viver em seu interior. Ondulações progressivas e uma força crescente banharam seu corpo, enquanto brotava em seu ser uma profunda alegria.

Soube que a figura lhe dizia sem palavras: *Regressa ao mundo com tua frente e tuas mãos luminosas.*

–Assim, pois, aceito meu destino – disse para si.

Logo depois a borbulha e o aro, as estrelas e a Terra. Por fim, a rua e ele, humilde peregrino que regressava à sua gente.

–Eu, que volto luminoso às horas, ao dia rotineiro, à dor do homem, à sua simples alegria. Eu, que dou de minhas mãos o que posso, que recebo a ofensa e o cumprimento fraterno, canto ao coração que do abismo escuro renasce à luz do ansiado Sentido – terminou emocionado.

Acordou chorando, muito movido pela bela experiência e por seu compromisso com sua gente, com sua espécie, que logo ia voar para as estrelas. Mas, antes, tinha muito por fazer neste maravilhoso planeta que o tinha acolhido. Buscou papel e lápis para escrever a experiência e as palavras finais que tanto o comoveram.

Depois de algum tempo voltou a dormir. Zule o acordou já avançado o dia.

–Vamos, dorminhoco, que homem! O mundo pode cair a sua volta que ele dorme tranquilo. Para você não há situações excepcionais nem nada parecido, não é? Você na sua, a comer, dormir e pronto – disse ela com um sorriso de orelha a orelha –. Como se sente, pedaço de preguiçoso? – perguntou com tom meloso beijando-o com carinho.

Lorién despreguiçou e expressou algumas queixas, mas sorriu com afeto para Zule.

–Sinto-me como se um trem tivesse passado por cima de mim, estou dolorido, mas descansado, e volto a me sentir perfeitamente engajado no meu corpo, embora morrendo de fome. É muito cedo?

—Caso meio—dia seja cedo para você, então sim, é cedo — brincou ela mostrando a língua.

Lorién levantou e foi tomar uma ducha. Desfrutou do banho como há muito tempo não fazia, saiu dele relaxado e descontraído, contente e com uma boa sensação vital.

Na sala o esperavam Federico e Zule, sentados à mesa cheia de suculenta e aromática comida.

—Descansou? — perguntou Federico.

—Sim, muito. A verdade é que precisava. Além do mais, o descanso me permitiu voltar a me sentir instalado no meu corpo, voltei a senti—lo meu, voltei a sentir que somos um. Embora uma parte de mim siga desperta e saiba que pertence a outro lugar. A ducha também fez sua parte. Aliviou meu corpo contraturado, pesado e denso. Agora sinto que volto a fluir com ele. Já não preciso da cadeira de rodas e sinto a energia circulando com força dentro de mim. A verdade é que a sinto mais potente que nunca.

—Fico feliz então, querido amigo— expressou Federico com afeto.

—Tive um sonho muito particular — continuou Lorién, tirando o papel e contando com detalhes seu sonho.

—Que beleza! — exclamou Zule—, fiquei emocionada com isso de: *Eu, que volto luminoso às horas, ao dia rotineiro, à dor do homem, a sua simples alegria. Eu, que dou de minhas mãos o que posso, que recebo a ofensa e o cumprimento fraterno, canto ao coração que do abismo escuro renasce para a luz do ansiado Sentido.*

—Realmente foi um sonho significativo, produto da consciência inspirada.

—A que se refere com ‘consciência inspirada’? — perguntou Lorién.

—É uma estrutura da consciência cuja função é conectar os dois mundos e traduzir os sinais que provêm desse espaço profundo, cobrindo—os com vestes poéticas. Sem dúvida, essas traduções têm a ver com tua experiência de renascimento. É maravilhoso ver como o amor e a compaixão estão presentes nessa tradução, elementos fundamentais para ter certeza que a interpretação desses sinais é feita desde a bondade profunda. Está claro que o Transcendental enviou um sinal poderoso através de você. Lembro—me de um poema de um amigo francês, Oliver Georges, sobre a bondade, querem ouvir?

—É claro que sim! — disseram os dois ao mesmo tempo.

A Bondade

Tu que não fazes diferenças
Que não consideras os corpos
Que não consideras os sexos
Que não consideras a aparência das pessoas

Tu, que das sem contar
Que não buscas seduzir

Que não buscas parecer
Que não buscas ser amada

Tu, que admiras ou ignoras
Sem pensar quem merece ou não
Tu ofereces tua suave luz a tudo o que encontras
Sem temor a desagradar, sem temor a incomodar,
Sem temor a qualquer reação
Sem temor nenhum de Ser,
com liberdade total, tu das
Porque és imortal, porque és Eterna

Oh, Bondade Eterna, que vens de tão longe,
Invade todo meu ser e expressa-te através de mim
Somente desejo-te como corrente de Vida
Somente desejo-te em mim para que vás até os demais

Afastarei cada pedra que se oponha à tua existência
Até que meu coração seja o caminho mais puro
Até que minha alma se pareça a ti
Até que tudo se reúna pela Eternidade.

—Realmente precioso, o sinto profundamente próprio, sinto uma ressonância profunda com o que expressa este poeta — se emocionou Lórién.

Ficaram em silêncio comendo reflexivos.

—Os policiais do espírito reagiram — começou Federico —, fecharam toda Manhattan, não se pode sair nem entrar por terra, por mar ou pelo ar. Tudo está selado. Estão desesperados, tentando evitar a propagação do fenômeno. Agora já entrou na casa deles, hahaha..., já não é em ‘lugares distantes’ ou em ‘países tercermundistas’, como eles dizem, de pessoas crédulas e pouco racionais. Não, no mesmíssimo coração da besta, em plena Manhattan. O coração histórico do distrito financeiro, o lar da Bolsa de Valores de Nova Iorque. No coração do Império. Aqui, onde os grandes magnatas têm seu trono. Aqui se encontra o paraestado, o que está por trás dos governos, o verdadeiro poder nas sombras, os que governam o mundo a seu bel prazer. O paradoxo é que seus melhores soldados agora estão de nosso lado. Ontem se viram afetadas a maior parte das pessoas que trabalham na Bolsa, produto da ação de Lórién. Finalmente, a atividade desta foi paralisada e, ao que parece, vai ficar sem operar por bastante tempo. Quase todos os operadores, de uma forma ou de outra, conectaram com seus espaços sagrados e estão renegando do trabalho especulativo e manipulador que vinham desenvolvendo contra os povos do mundo. Agora tem que reorganizar, mas o dano recebido pode ser irreversível. Que justiça poética! — se deleitou Federico —; com esta situação, ante a incerteza, a Bolsa caiu no

mundo todo. Estão todos confusos, não sabem o que fazer. É a maior queda de toda a sua história.

—Realmente paradoxal — comentou Zule—, a besta mesma nos meteu em sua barriga, como os Troianos com o cavalo dos Aqueus. Agora esta semente sagrada os está apodrecendo desde adentro.

—Estados Unidos todo está neste momento em estado de confusão como nunca antes, enquanto a Mensagem continua se expandindo aceleradamente — retomou Federico —. Ninguém sabe o que se passa, foi declarado estado de emergência no país todo. O exército e a polícia estão em alerta e aquartelados. O direito de reunião foi suspenso para evitar contágios. Porém, com isso tudo, paralisaram as indústrias e o país ficou detido. Com o qual está ruindo a velha organização. A TV e os meios de informação estão sob a supervisão do governo. Quer dizer que o único que transmite é o que o governo quer. A internet está suspensa. Também a telefonia móvel. As pessoas não sabem o que pensar, surgem todo tipo de teorias da conspiração, desde os judeus até os óvnis, passando pelos russos, pela guerra bacteriológica, até o golpe de estado orquestrado por gente que apoia o Islã. Em definitivo, uma generosa e enorme confusão. Enfim, um belo momento, e o melhor é que, apesar de tudo, praticamente não se disparou uma arma. Apenas houve algum ferido pelas confusões, mas, por outros motivos — Federico ficou em silêncio, meditando sobre a situação.

—Tenho certeza que logo o exército vai se manifestar, que é o grande recurso final. É ali onde temos que pôr a nossa direção mental. Dependerá de suas decisões que isto termine em massacre ou em ato poético. Mesmo não tendo acontecido ainda, vamos para a lei marcial.

—Caramba! Então, para bem ou para o mal, estamos nos momentos cruciais para o futuro da humanidade — disse Lorién pensativo, enquanto terminava de comer.

Ficaram alguns minutos em silêncio ponderando as implicações do momento.

—Como comem alguns — disse Zule olhando para Lorién com o canto do olho.

—Nossa! Que fome tinha! — comentou Lorién passando a mão na barriga —, fiquei estufado de tanto comer.

—Já te vi — comentou Zule —, a única graça que você sabe é nos deixar com vergonha por onde passamos, que coisa! Que falta de delicadeza e discrição.

—Também não foi para tanto, Zule — se justificou Lorién com um sorriso de orelha a orelha.

—Como não? Até eu tive que mudar de lugar por medo de você me dar uma mordida e comer a minha mão. Você não tem medida.

Federico olhava confuso para os dois, mas rapidamente sorriu ante as expressões deles.

—Bem, parece que se entendem de maravilha — terminou rindo.

—Entender-se com ele? Você não sabe o que custa! Agora com certeza sentirá sono e vai querer dormir uma sesta. Com você não se pode, não tem o mais mínimo

senso do que são as prioridades. Como vê, Federico, o mundo pode estar caindo e ele aí, pensando em dormir uma sesta. Que você acha? O que vai me custar criar-te! – disse para Lorién com os olhos faiscantes.

–E que fazemos com ele então? – perguntou Federico com cara de preocupado.

–A verdade é que não tem jeito. A gente imagina que alguém que passou tudo que ele passou e que percorreu meio mundo, que esteve com gente sensível, com gente inteligente e trabalhadora, que sabe dar a importância devida a cada momento, tivesse aprendido algo. Mas aí está, nada de nada! – disse Zule com seu particular tom indignado que os faiscantes olhos desmentiam.

–Mas algo temos que fazer! – continuou Federico seguindo o jogo –. Afinal, somos responsáveis por ele.

–Pelo muito que importa a ele a responsabilidade... Nem sabe o que é isso. Se lhe perguntar ele dirá que parece algo que já ouviu em algum lugar, mas saber o que significa mesmo, nada de nada. Estou dizendo, é uma calamidade! Bela cruz tive que arrastar com ele. Está numa idade muito ruim. A gente esperaria que a essas alturas já tivesse saído da adolescência, mas não tem jeito não! – finalizou Zule e os três caíram na gargalhada.

Lorién caiu da cadeira e assim ficou, com seu riso silencioso. Federico chorava sem recato. Por sua parte, Zule fazia barulhos terríveis. O escândalo era tão grande que os quatro amigos que esperavam fora do portal entraram, com cara de preocupação, para ver o que se passava.

Quando os três viram os rapazes entrarem com expressão de angustiados, redobram seus uivos, gritos e todo tipo de sons onomatopéicos de duvidosa procedência. Terminaram dobrados sobre si, no chão, e Federico, se segurando na cadeira, arrugado como uma passa, contorcia-se fazendo malabares para não cair. Os três choravam sem freio.

Por sua parte, os quatro rapazes estavam cada vez mais preocupados, e cada intento por perguntar o que acontecia e como podiam ajudar potencializava os prantos, gritos uivos e sons preocupantes, numa algazarra aterradora. Até que, aos poucos, se foram contagiando e começaram a rir também, lentamente no começo, para em poucos segundos estarem dando pulos, segurando o estômago, se apoiando nas mesas, cadeiras e paredes, para não cair. O alvoroço foi maiúsculo. Para piorar, como tinham deixado a porta aberta, começaram a entrar mais vizinhos que se foram contagiando da zueira geral. Finalmente, pelo prédio todo, nos corredores e até na rua, havia uma cadeia de pessoas jogadas no chão, ou apoiadas umas nas outras, chorando a mares, ante o ridículo e divertido da situação. O pior aconteceu quando já estavam quase calmos e chegou outro tanto de gente a perguntar do que riam. Isso detonou um estouro geral, alaridos, gritos e gargalhadas, que tiveram como resultado centenas de pessoas disseminadas na rua, sem forças para levantar nem para deixar de rir.

Congregaram-se em volta de mil pessoas que, com maior ou menor intensidade, compartilharam da folia e da alegria geral.

Quando eles se acalmaram saíram na rua e não puderam acreditar no caos que tinham gerado.

–Não falei para você, Federico? Com ele não se pode sair a nenhum lugar! – continuou Zule –. Acabamos de chegar e já deu um jeito de armar uma tremenda confusão. Lorién, tudo bem que você teve uma infância solitária e ninguém te dava atenção, mas assim já é demais. Não pode tentar ser mais discreto e passar um pouco despercebido?

Os três voltaram a rir com vontade

CAPITULO IX – A NAÇÃO HUMANA UNIVERSAL

Estamos no final de um período histórico obscuro e já nada será como antes. Aos poucos começará a clarear a aurora de um novo dia. As culturas começarão a se entender, os povos experimentarão uma ânsia de progresso para todos, entendendo que o progresso de uns poucos termina no progresso de ninguém. Sim, haverá paz e por necessidade se compreenderá que começa a perfilar uma Nação Humana Universal.

Federico dirigiu-se aos mais de mil vizinhos que os cercavam e apresentou Zule e Lorién, lembrando que já tinham ouvido falar muito deles. Começaram a se ouvir aplausos e gritos de alegria, terminando tudo numa ensurdecidora gritaria como homenagem a eles.

As pessoas foram passando, uma a uma, para cumprimentar, dar a mão, e abraça-los, agradecendo com afeto o muito que tinham feito por toda a humanidade. Tanto Zule como Lorién estavam absolutamente sobrepassados pela devoção, o afeto e a admiração que lhes foram expressando. Enquanto eram cumprimentados, foram se formando grupos que falavam de poesia, de sonhos, de projetos para transformar seu bairro, seu país, o mundo inteiro.

Falavam de experiências que tiveram, acordados ou em sonhos, sobre o transcendental, de como tinha mudado sua vida, de seu renascimento como seres humanos, de tomarem consciência de sua existência e da existência dos outros. Como algo que, apesar de sempre estar ai, nunca tinham percebido. O Humano se expressava com clareza em todos eles, de diferentes e maravilhosas formas, cada qual fazendo suas particulares traduções dos sinais que vinham do Profundo de seu Ser.

Quando todos terminaram de se apresentar, vários deles pediram que lhes guiassem uma experiência de contato com a Força.

–Bom, Zule, aqui a única que fala inglês é você, então é tua vez ou de Federico – riu ele.

–Não, não, nada disso. Você sempre tirando o corpo fora, escamoteando tua responsabilidade – respondeu ela rápida e vivaz –. Aliás, aqui o místico da banda é você – riu –, então assuma, que nós traduzimos – terminou ela.

–Não olhe para mim – disse Federico muito sério –, de morrer e renascer eu não tenho muita experiência. Estou de acordo com Zule, você tem que assumir sua responsabilidade, nós traduzimos com prazer – e desviou o olhar.

As pessoas mais próximas deles se olharam sem saber o que acontecia, mas alguns descendentes de hispânicos foram traduzindo até que foi se estendendo rapidamente a conversa deles, e o riso de todos.

Finalmente Lorién tomou uma folha com a experiência da Força enquanto dizia entre dentes para Zule e Federico que eles iam pagar por isso, e começou a guiar a cerimônia.

Relaxa plenamente teu corpo e aquieta a mente...

Então imagina uma esfera transparente e luminosa que descendo até ti termina por alojar-se em teu coração!...

Lorién imediatamente sentiu como um enorme caudal de Força se abria caminho, através dele, para o resto dos presentes e como conectava com a Força de cada um. Como se fossem um único ser, numa teia de aranha, numa rede humana através da qual o transcendental irrompeu, deixando todos mudos, pela poderosa e transformadora experiência à qual tiveram o privilégio de assistir. Depois de terminar a experiência ficaram em silêncio por um bom tempo. O céu, nublado até esse momento, abriu-se e as nuvens sumiram, deixando que o radiante sol lhes entregasse seu calor no frio dia de outono. Todos ficaram sobrepuxados pela experiência e pelo milagre. Teve pessoas que tinham problemas físicos e sanaram. Todos se sentiram transfigurados ante o milagre compartilhado. Todos sentiram o transcendental alojado no interior de cada qual, como selo indelével da experiência direta com o transcendente.

—O ser humano em sua bondade — Lorién surpreendeu a si mesmo falando em voz alta para todos —, na eliminação das contradições internas, em seus atos conscientes e sua sincera necessidade de evolução, faz nascer o espírito. Para a evolução são necessários o amor e a compaixão. É graças a eles que é possível a coesão interna e entre os seres, que possibilitam a transmissão do espírito de uns para outros. Toda a espécie humana evolui para o amor e a compaixão. Quem trabalha para si no amor e na compaixão o faz também para outros seres.

Zule e Federico também o escutavam surpresos, enquanto traduziam para os demais com a ajuda dos que sabiam espanhol.

—Todos fomos testemunhas da irrupção do plano transcendental aqui. Tudo indica que o momento chegou e a ação desse plano tenderá a se manifestar neste outro, no mundo dos acontecimentos, em nosso momento histórico. Com certeza, a consciência humana está chamada a desenvolver um papel importante como receptáculo da ação desse outro plano. Nossa ação, portanto, tem que ir encaminhada para a criação de âmbitos físicos e psicológicos, para que estes sirvam como receptáculos da ação desse plano, a ação do transcendental, neste mundo.

Fez um silêncio e prosseguiu:

—Necessitamos criar âmbitos físicos de estudo e reflexão, de experiência transcendental, onde centenas de pessoas possam se juntar e ser receptáculos desse plano transcendental, facilitar a sua irrupção e sua expressão neste mundo. Chegou a hora.

Voltou a ficar em silêncio por instantes. Havia um silêncio sagrado em volta dele, cercado de milhares de pessoas. Não se ouvia o mais mínimo barulho. Era como se esse momento estivesse congelado no tempo, como se tivesse pulado fora do plano do transcorrer habitual.

—Meus irmãos, estamos em uma situação precária, necessitamos tomar contato com as forças armadas e pô-los de nosso lado, para evitar um massacre e a destruição desta oportunidade. É a oportunidade histórica que tem o ser huma-

no de dar um salto qualitativo em sua evolução e deixar instalada a Nação Humana Universal – terminou Lorién, com a expressão transfigurada, como se fosse outro a falar através dele.

–Já ouviram, queridos amigos – falou Federico –. Chegou o tempo, chegou o momento. Temos que nos organizar rapidamente para levarmos esta Mensagem para todos os bairros, para que nossas ações e nossos pedidos convirjam para formos o exército de nosso lado. Principalmente, necessitamos que todos os que tenham algum familiar no exército se dirijam ao lugar onde eles estão aquartelados para levar–lhes esta urgente mensagem. Temos uma hora para organizar tudo e partir, cada qual para sua tarefa e destino.

Esse silencio e quietude sagrada que tinham se instalado sumiram rapidamente e se gerou um furacão de atividade, de auto–organização. Em menos de uma hora estavam organizados, tanto os que se dirigiam a outros bairros e cidades para levar a mensagem como os que tinham algum familiar nas forças armadas. Dez minutos depois todos tinham partido, deixando o bairro praticamente deserto. Ficaram eles três e os rapazes que tinham conhecido na noite anterior, Rebeca, Emilia, Gregório e Frank.

Voltaram para o apartamento onde estavam alojados. Emilia e Frank ficaram na porta. Rebeca e Gregório entraram com eles.

–O que fazemos agora? – perguntou Lorién.

–E você é que pergunta? – riram Federico e Zule

–Fica claro que quem está à frente disto agora são vocês dois – afirmou Federico –. Sim, Zule, não me olha assim, você também.

Ficou em silencio um instante e continuou

–Há um elemento a mais. Em algum momento eu percebi que a este processo deviam levá–lo adiante pessoas muito jovens. Pessoas que não tivessem limites em seu interior, que seu nível de censura externa e de autocensura fosse o menor possível, que em algum momento se sentissem capazes de tudo, sem limitações. Esse é o tempo de vocês, não dos velhos mestres como nós. Vocês podem imaginar algum de nós fazendo o que vocês fizeram nos Andes? Não teria funcionado. Por isso é que isto tem que ficar nas mãos de vocês, representantes da nova sensibilidade. Este tempo pertence a vocês, é de vocês e são os únicos capazes de leva–lo adiante, nós iremos nos retirando silenciosamente – disse Federico.

–Mas do que está falando? Com o que custou te achar, vai nos deixar sozinhos de novo? – disse Lorién.

–A verdade é que não se sentiu a minha falta, tudo o fizeram vocês – riu Federico.

–Pode descrever essa suposta sensibilidade que temos? – perguntou Zule.

–Já comentamos que, para que o Novo Mito se instale e permita dar esse salto qualitativo como espécie, é necessário um relato transcendental da experiência que traz a irrupção do transcendental neste plano. Acabamos de viver isso ai fora e foi impressionante. Finalmente, tem que aparecer uma geração com uma nova sensibilidade. – Ficou pensando uns instantes.

—Neste cenário de desestruturação está começando a aparecer essa nova geração, que vocês representam perfeitamente bem. Sabemos que as gerações não se sucedem mansamente. O fazem com dialética, com choque. É melhor que os valores instalados vão dizendo adeus, esta geração é diferente e começou a aparecer, ela não vem com as mesmas valorações. Esta mudança será feita pelos jovens, eles são o futuro que vem. Eles começam com o novo, isso é certo. Não se surpreendam se desta vez for ao contrário, e os maiores resultem ser os superficiais e os jovens sejam os que consigam profundidade. Está aparecendo o pessoal jovem. Eles são outra coisa, são o que temos esperado por décadas. É a geração que aparece nos momentos críticos para motorizar e protagonizar as mudanças. — Ficou em pé e andou alguns passos, reflexivo.

—Os jovens cumprem, não são como os maiores, estes já tiveram a sua oportunidade, e o que fizeram além de se instalar confortavelmente? Não parece que tenham mudado nada substancialmente. Não fizeram outra coisa que procurar seu lugar no sistema. — Olhou para eles alguns instantes e continuou.

Tanto que temos esperado esta geração! Vemos que são criticados, que se fala deles como ‘grupo de risco’, como ‘vulneráveis’, quase como se tivessem doenças, como pestilentos. Parece que os adultos não têm a mais mínima autocrítica. Nem sequer lembram—se de sua própria juventude. Os jovens estão aparecendo na cena pública de todas as latitudes, eles são um fenômeno mundial. Muito desordenados, sem referências, com muita confusão, mas com novos impulsos. Criativos, rebeldes. Ai estão, esperando, tem dezessete ou dezoito anos. Está aparecendo essa nova faixa de geração.

Os jovens não querem participar de nada que lhes resulte contraditório, não querem ser cúmplices das asquerosidades que veem. Querem outra coisa, nem eles sabem exatamente o quê... Eles dizem *outra coisa, queremos outra coisa...* Bom, vocês sabem melhor do que eu. Não sei para que estou perdendo o tempo dizendo estas coisas para vocês.

—Não, não, por favor, isso nos aclara muito — pediu Lorién.

—É a diferença entre os teóricos da mudança e os que encarnam a mudança. Vocês são isso último. Lembro uma espécie de carta—poema que mostra como esta nova sensibilidade foi aparecendo. Foi durante a revolta da Grécia em 2008. Foi escrita pelos jovens gregos, amigos de Alexandros Grigoropoulos, um jovem que perdeu sua vida pelo tiro de um policial. Sua morte disparou as revoltas. Querem que a leia? A tenho por aí — disse enquanto procurava no computador.

—Sim, claro! — exclamaram os dois.

—Bem, aqui está! Foi lida no funeral de Alexandros.

CARTA LIDA PELOS COMPANHEIROS DE ALEXANDROS NO FUNERAL

Queremos um mundo melhor, Ajudem—nos

Não somos ‘terroristas’ nem ‘encapuzados’ nem os ‘conhecidos—desconhecidos’
Esses conhecidos, desconhecidos...

Somos seus filhos.

Temos ilusão, não mateis nossa ilusão.
Temos ímpeto, não detenham nosso ímpeto.
Lembrem, uma vez foram jovens vocês também.
Agora perseguem o dinheiro, só os importa vossa 'vitrine', engordaram, ficaram carecas, ESQUECERAM.

Esperávamos que nos defendessem,
Esperávamos que se interessassem, que nos fizessem sentir orgulhosos por uma vez.

EM VAO

Vivem falsas vidas, abaixaram a cabeça, arriaram as calças e esperam a morte.

Não têm imaginação.

Não se apaixonam

Não são criativos.

Somente compram e vendem

O material é o mais importante.

Amor em parte alguma.

Verdade em parte alguma.

Onde estão os pais?

Onde estão os artistas?

POR QUE NÃO SAEM PARA A RUA?

Nos ajudem aos jovens.

PD: Não nos joguem mais gases lacrimogêneos. Choramos por nós mesmos.

—Caramba, forte e dura! — comentou Zule—, mas muito certa.

—Hoje as coisas já não se podem propor em termos ideológicos, mas em termos afetivos. Uma afetividade que, quando experimentada, tem sabor de verdadeira.

Os jovens estão se comunicando com os demais através dessa afetividade verdadeira. Isso que nos aproxima no mundo hoje não são as ideologias. É um registro interno profundo da proximidade do outro...

—Eu existo porque você existe — expressou reflexivo Lorién.

—Isso ai! — se entusiasmou Federico —. Tá vendo? Eu posso teorizar horas e horas enquanto vocês, que o estão vivenciando, o sintetizam com uma frase, e o fazem tangível e compreensível — riu de si mesmo —. Esta geração tem um grau de profundidade inusitado. Uma facilidade para conectar com a dimensão Z incrível.

—Dimensão Z? — perguntou Zule

—Sim, falamos de uma dimensão, 'adiante e atrás', de duas dimensões, 'para direita e esquerda', mas continua a ser um universo plano. Ao acrescentar a terceira dimensão, 'acima e abaixo', gera-se profundidade, volume. As pessoas, sobretudo as jovens, estão descobrindo aos poucos essa dimensão profunda. É claro que o estão fazendo! Quando individualmente aprofundam neles e começam a olhar dentro

de si, tem que ver! São verdadeiros mundos, não são pessoas planas, figurinhas de papelão que a gente olha pelo outro lado e não há nada. Descubrem que são muito mais do que formas planas. A gente vê figurinhas, não vê profundidade, é muito curioso. Cada qual tem sua história, cada qual tem seu projeto, cada qual tem sua biografia, cada qual tem seu meio, cada qual tem suas relações de amizade, familiares e outras, operando nele e através dele. Toda uma sociedade está operando através dele, bem ou mal, não tem importância, mas muitas intenções humanas estão operando através dele.

—Caramba, dimensão Z! — exclamou Zule.

—Assim é que aí estamos — riu Federico e continuou —, começam a ver sua dimensão, o eixo Z, sua profundidade, e começam a descobri-la em outros. Começamos a conectar com o sagrado que cada um leva dentro, e a vê-lo nos outros também. Aparece o espiritual, entendendo o espiritual como um caminho para a profundidade do humano, como um caminho para a evolução, não um caminho de retrocesso ao obscurantismo. Um caminho que se abre para o futuro. Um caminho que permite novas perguntas, mas do que respostas fechadas e dogmáticas. Um caminho entendido como um percurso que nos leva de um ponto para outro, de uma realidade para outra. O espiritual, entendido como uma escolha evolutiva, o espiritual entendido como futuro, como o ‘para onde’ da espécie. Entre abscissas e ordenadas eles vão marcando o eixo Z da profundidade. O caminho do acesso ao Profundo do ser humano, onde o espaço é insondável e o tempo, eterno. Aqui conectamos com a certeza da imortalidade. É por isso que alguns põem o nome de geração Z à geração que acompanha a instalação do Novo Mito, à irrupção do Transcendental neste plano.

Ficaram em silêncio meditando sobre as implicações do que Federico tinha falado.

—Voltando para tua partida e sobre tua intenção de jogar a batata quente para nós, há mais um tema. Não temos ideia da Escola, nem das Quatro Disciplinas — espetou Zule.

—Bem, isso é bem simples. Alguns de nós ficaremos como espécie de consultores para estes temas chatos. Mas a faísca do sagrado a levam vocês, os mais jovens. Sobre a informação da Escola e as Quatro Disciplinas, passo para vocês em um pendrive, para que as possam divulgar indiscriminadamente. A melhor forma de preservá-las é que cheguem até todo mundo. Aliás, vai também um listado de todos os amigos da Escola, com seus endereços. A Escola já não corre mais risco do que o resto da espécie humana. Cada um deles, uns poucos milhares no mundo todo, receberam a mesma informação. Então, com isso não tem que se preocupar. O mais importante o vivemos aqui fora, há pouco. Facilitar que o transcendental se expresse neste plano. A transmissão do espírito. Tudo o mais é secundário.

—Com minhas palavras, levar o fogo sagrado a meus irmãos — disse Lorién.

—Que belo, que poético, sem dúvida esse é teu Propósito e te chegou desde o Profundo.

—Sim, acho que é assim. A verdade é que sinto que sempre me acompanhou, talvez viesse comigo desde antes de eu nascer... — disse Lorién reflexivo.

—Bem, o primeiro é fazermos uma cópia para cada um da informação da Escola, com as Quatro Disciplinas e outros materiais de interesse, além do listado de contatos dos amigos — disse Federico enquanto trabalhava no computador —. Sobre tua pergunta, Lorién, do quê fazermos, a verdade é que eu tinha pensado em algo mais calmo: esperar aqui alguns dias, descansar e planificar os próximos passos. Mas, você, ou melhor, o transcendental através de você, acelerou as coisas e me parece que é o mais conveniente. Eu mesmo tinha dito que o que se via crítico era o exército, mas vi vocês tão cansados, tiveram uma maratona brutal nestas duas semanas, que pensei que por esperar uns dias nada de grave passaria. Não me atrevi a voltar a colocar vocês na dança de imediato. Bom, mas isso já não foi, este também deixou de ser um refúgio seguro, porque era o pessoal que o fazia seguro. Agora que está vazio, voltamos a estar em situação vulnerável. Assim é que temos que fazer planos rápido para sair esta mesma noite, se possível — comentou enquanto seguia trabalhando no computador.

Passados alguns minutos continuou:

—Por certo, Lorién, surpreendeu-me muito o que você disse sobre criar âmbitos físicos de estudo e reflexão para facilitar a irrupção do transcendental neste plano. Comento que na Escola, com muito esforço de todos os membros, compramos alguns terrenos e fomos construindo mais de 40 parques de estudo e reflexão nos últimos anos. Bom, o momento chegou e finalmente você deu o sentido e propósito que terão estes parques, para aportar ao desenvolvimento de nossa espécie. Você é impressionante mesmo. Nota-se que está quase que permanentemente em consciência inspirada.

—Nos conte mais sobre a Consciência Inspirada — pediu ele.

—Como disse, a consciência inspirada é uma estrutura global, capaz de conseguir intuições imediatas da realidade. Por outra parte, ela é apta para organizar conjuntos de experiências e priorizar expressões que costumam ser transmitidas através da Filosofia, da Ciência, da Arte e a Mística. Na vida cotidiana, a consciência inspirada atua com frequência nas intuições ou nas inspirações da vigília, do semissono e do sono paradoxal. Exemplos cotidianos de inspiração são o ‘palpite’, o enamoramento, a compreensão súbita de situações complexas e a resolução instantânea de problemas que perturbaram por muito tempo o sujeito. Estes casos não garantem o acerto, a verdade ou a coincidência do fenômeno a respeito de seu objeto, mas os registros de ‘certeza’ que os acompanham são de grande importância. Bem, isto já está — disse passando um pendrive para cada um —. Ai está a informação da Escola. Vocês têm dinheiro?

—Não temos nada, tiraram tudo nas dependências do FBI — disse Zule.

—Bem, aqui tem dez mil dólares cada um e em cada um destes cartões mais dez mil, por qualquer coisa que acontecer, para que possam se manejar de forma autônoma, embora não saiba quanto tempo mais continuará a valer o dinheiro dos

cartões de crédito... Finalmente, quero comentar que assim que soubemos por vocês que o momento tinha chegado, os nossos saíram para a rua em todos os lugares, mas priorizamos os países que têm a bomba atômica. Então, nos EUA, Inglaterra, Índia, França, Israel, China, Rússia, Coreia do Norte e Paquistão, nossos companheiros imediatamente tomaram contato com familiares e amigos dos chefes de estado e do exército. Enquanto nós fazemos a nossa parte aqui, para evitarmos um massacre, podemos confiar que eles estão fazendo o mesmo em seus países.

—É um alívio — comentou Zule —, porque se conseguirmos que os Estados Unidos deixem para trás o uso da violência, principalmente através das armas nucleares, corremos o perigo de que outros países, onde não tenhamos tanto sucesso, aproveitem o momento para utilizar as suas e tentar invadir ou impor-se sobre o resto dos países.

—Então, vocês não aportaram nada, não é? — brincou Lorién.

E de forma mais íntima disse:

—Obrigado, Federico, obrigado por preservar a vida de nossa espécie, obrigado por prevenir a possível explosão do planeta em pedaços e obrigado por ter confiado em nós. Quero te pedir desculpas por ter duvidado de você. Naquele momento, algo de antigo, dos tempos em que eu andava no sem-sentido, aflorou e quis voltar a negar que a vida tivesse sentido e valesse a pena, apesar das centenas de provas que tive desde que te conheci. Que forte é a inércia e que fácil é voltar atrás — se maravilhou Lorién, um pouco pesaroso.

—É verdade o que diz, a respeito do fácil que é voltar atrás, mas somente quando os âmbitos seguem iguais. Neste momento não há onde voltar, só se pode ir enfrente. Por outro lado, tuas dúvidas teriam durado pouco, mesmo se eu não estivesse para saná-las. Depois de teu *renascimento* teu *eu* encolheu e ficou atrelado a teu Propósito. Quer dizer que, de tanto em tanto, pode se dar ao luxo de espernear, mas dura pouco porque você já não é o teu corpo nem teu 'eu'. Você está identificado profundamente com teu espírito, com teu ser transcendente — terminou com afeto Federico, dando algumas palmadas afetuosas em Lorién.

—Para onde te parece que deveríamos ir? — perguntou Zule.

—Deixa que pense — disse Federico.

Rebeca pigarreou

—Desculpem que interfira, mas tenho dois irmãos no exército, e a base onde estão aquartelados fica a vinte quilômetros daqui. Ninguém me perguntou, mas dada a situação, o mais inteligente parece ser avançar, ao invés de se esconder.

Os três se olharam surpresos pela interrupção.

—Estou completamente de acordo — disse Zule —, vamos com Rebeca para a base onde estão seus irmãos e façamos o nosso trabalho também. Parece que a consciência inspirada não é patrimônio de Lorién. Rrsrs.

—Sim — concordou Lorién —, também me parece o melhor, cada um de nós tem que fazer sua parte. Aliás, se conseguirmos que os uniformizados dessa base se ponham de nosso lado estaremos mais seguros que em qualquer outro lugar.

–Acordado, então – falou Federico, sorrindo para Rebeca como valorizando a sua intervenção –. Recolhamos algo de comer e partamos logo.

Nesse momento entraram precipitadamente Emilia e Frank.

–Federico – disse Frank –, está chegando um monte de veículos blindados, estamos cercados. Sem duvida alguém nos dedurou – disse incomodado.

–Tudo se acelera, é o signo dos tempos. Entende porque é o tempo de vocês e não o meu? Eu estou acostumado a funcionar de forma mais lenta e tudo isso me sobrepassa. Bem, Rebeca e Gregório, levem Zule e Lorién ao esconderijo no subterrâneo do prédio ao lado. Emilia, Frank e eu pegaremos o carro que está atrás do prédio, para tentar despista-los. Vocês terão que ficar em silencio até que eles vão embora. Eu sugiro que esperem até amanhã. De noite, com o estado de emergência, seria um suicídio.

–Mas, eles podem matar vocês! – exclamou Lorién.

–Olha, todos corremos perigo, mas depois de ter experimentado o impacto do transcendente em nossas vidas, a morte já não tem muita importância, não é mesmo, pessoal?

Todos assentiram com um sorriso.

–Aliás, vocês também estarão correndo risco, cada um tem que fazer sua parte. Sorte para todos!

Despediram-se com um abraço sentido.

–Tomara que amanhã possamos nos encontrar na base que comentou Rebeca

Saíram os três correndo por uma porta de atrás e logo depois se ouviu o motor de um veículo se pondo em marcha. Os quatro se dirigiram rápido para o prédio ao lado onde Gregório os guiou até a despensa, no subsolo. Uma vez nela, ele tocou algo no canto e um quadro na parede se abriu, deixando ver um buraco grande o suficiente para passar um de cada vez, engatinhando. Dentro havia um pequeno espaço que apenas comportava os quatro. Fechou a pequena porta e ficaram ouvindo.

Pouco depois ouviram o barulho de grande quantidade de veículos pesados fazendo tremer o chão e as paredes. Ouviram amaldiçoar e a maioria dos veículos partiram na mesma direção que tinha levado o carro de seus amigos. Logo depois ouviram passos e vozes no prédio. As portas estouravam, provavelmente pelo chute dos soldados. Ouviram-se passos descendo até a despensa, quebraram a porta para entrar e se ouviu uma voz dizendo que não tinha ninguém no subsolo. Os passos se afastaram para cima. Depois o prédio ficou em silencio. Os quatro suspiraram aliviados e sentaram no chão, apertados.

–Vamos passar a noite aqui – disse Rebeca–, amanhã cedo pegaremos um carro e iremos embora. Espero que não fique ninguém fazendo guarda. Duvido, já que a maioria foi atrás de nossos amigos e só ficaram poucos para registrar este local, mas tenho certeza que logo seguirão seus colegas. Assim é que sugiro se ponham tão confortáveis quanto possível e descansem, porque amanhã teremos um dia agitado. Eu farei o primeiro turno de vigia, por qualquer coisa.

Todos concordaram. Ao longe se ouviram vários tiros.

–Espero que não os alcancem – disse Zule com preocupação.

–Isso esperamos – expressou Rebeca –, a vantagem é que embora esteja escurecendo, ainda fica alguma claridade que permite que nossos amigos possam conduzir sem ligar as luzes. Eles conhecem todos os becos destes bairros. Tenho certeza que encontrarão algum modo de atravessar o cerco ou algum esconderijo onde passar despercebidos.

–Tomara que seja assim – disse Lorién.

A pesar da preocupação e do pouco espaço, tanto Lorién como Zule dormiram logo, produto do enorme cansaço acumulado. Estavam esgotados, tanto física como emotiva e mentalmente.

Lorién sentiu que o cutucavam e abriu os olhos na escuridão sem saber onde estava. Ficou a ponto de gritar, mas ouviu a voz de Zule, tranquilizando–se.

–Levanta, dorminhoco, sou eu.

–É a minha vez de fazer guarda? – perguntou esticando–se dolorido.

–Não! Rebeca e Gregório trapacearam e nos deixaram dormir, já está amanhecendo.

–Sério? – se surpreendeu ele –. Como é possível que tenha dormido tanto? Pensei que não seria capaz de dormir no chão... e quase sem esticar as pernas!

–Para que veja que está feito um zangão, capaz de dormir numa cama de pregos – brincou ela enquanto saía pela porta engatinhando.

Lorién a seguiu, sentindo que todas as suas articulações se queixavam, anquilosadas pela imobilidade.

Custaram a se pôr em pé, com as pernas doloridas e intumescidas. Aos poucos voltaram para a normalidade. Tudo estava escuro no subsolo. Subiram a escada seguindo Rebeca. Ela comentou que Gregório tinha se certificado que todos os soldados tinham ido embora e que ele tinha ido procurar o carro. Logo se ouviu o bramido do motor em marcha. Saíram para a rua onde começava a se vislumbrar uma claridade no horizonte, enquanto as luzes de um carro se aproximavam até onde eles estavam.

Entraram no carro e cumprimentaram Gregório, que estava sorridente na direção.

–Sinto não ter podido fazer meu turno na guarda – comentou Lorién envergonhado.

–Não se preocupe – disse Gregório –, comparado ao que vocês já fizeram, um par de horas de sono não é nada.

–Obrigada, amigos – disse Zule.

–Vamos enfrente – disse Rebeca–, em duas horas estaremos na base, ai é que vai começar a festa – terminou ela também sorrindo.

–Que terá acontecido com Federico, Emilia e Frank? – perguntou Lorién preocupado.

–Federico? – perguntou Rebeca.

—Refere-se a Alejandro — disse Zule rápida.

—Claro, a verdade é que não sabemos nada deles. Eles cumpriram com sua missão de nos tirar os milicos de cima, agora nós é que temos que cumprir com a nossa — terminou ela com resolução.

O céu foi ficando claro enquanto viajavam por uma série de bairros do subúrbio, até que chegaram a uma estrada e puderam aumentar a velocidade. O sol já estava assomando entre os prédios. Viam-se poucos carros, ao parecer, por conta do estado de emergência e da incerteza sobre a situação. Rebeca tirou uns sanduiches de uma sacola e repartiu um para cada, junto ao café que tirou da garrafa térmica.

—A verdade é que me cai muito bem — disse Lorién —, com a preocupação nem lembrei, mas ao ver a comida, a fome apareceu, a julgar pelas tripas que estão fazendo a festa.

—Lamento não ter podido trazer algo mais, mas é importante que nos movamos rápido — se justificou ela.

—Para mim isto é um banquete — voltou a agradecer Lorién, mastigando com entusiasmo.

Comeram em silencio, Zule e Lorién olhando com curiosidade pela janela.

—Que vamos fazer quando chegarmos à base? — perguntou Rebeca

—Boa pergunta — falou Zule.

Todos ficaram olhando para Lorién.

—Eu hein! Que se passa, não olhem para mim desse jeito, que eu não sou o messias — disse ele.

—Pois até agora dissimulou bastante bem — riu Zule.

—Bem, eu acho que, chegando na base, o primeiro a fazer é tomar contato com as pessoas que têm parentes lá. Elas estarão esperando fora. A seguir, perguntar por eles, para que deixem entrar os familiares ou sair os uniformizados. Tomamos contato com eles de uma ou de outra forma, facilitando sua conexão com a Força. Depois disso, pedimos a eles que voltem para a base e lhes avisamos que uma hora depois todos começaremos a conectar com a Força, com a Bondade profunda, e enviaremos uma poderosa onda de amor e bem-estar às pessoas dentro da base. Os soldados familiares de nossos amigos serão uma espécie de repetidores e amplificadores do sinal, lá onde estejam. Pediremos a eles para ficarem o mais perto possível dos altos comandos para podermos canalizar até eles a compreensão, a bondade e o bem-estar. Isso é tudo o que me ocorre. Como veem, não é muito brilhante, então, se alguém tem alguma ideia melhor, que o diga — terminou Lorién.

Todos ficaram olhando com um sorriso de orelha a orelha.

—Bom, o que significam esses sorrisinhos? Parem de olhar para mim que me estão deixando nervoso — terminou rindo.

—É que não pode evitar esse afã de controlar tudo e dizer para as pessoas o que têm que fazer — voltou a brincar Zule.

Rebeca e Gregório morriam de rir. Terminaram os quatro rindo a vontade, tanto que Gregório teve que parar o carro por um momento no acostamento, para não se acidentarem.

Recuperados da brincadeira e secando os olhos, voltaram a pôr-se em marcha. Logo viram um cartaz que anunciava que a base militar estava a cinco quilômetros.

Chegaram até a barreira da base onde já havia umas trinta pessoas falando com os militares que controlavam o posto de inspeção.

Os quatro saltaram do carro e encontraram Federico, Emilia e Frank, aos que abraçaram com alegria.

—Estávamos preocupados por vocês — disse Zule apertando-se com força ao pescoço de Federico.

—Certo, mas não precisa me enforçar — disse ele sorridente.

—Que maravilha! Exclamou Lorién — Como se puderam liberar de tamanho exército perseguindo vocês?

—Isso? Na verdade foi fácil — sorriram Emilia, Frank e Federico —. Como havia um pouco de luz fomos com os faróis apagados. E eles com suas luzes ligadas se delatavam a quilômetros de distancia. Então os despistamos facilmente entre as ruas. Finalmente nos detivemos e nos escondemos num beco. Pouco tempo depois chegou um veículo militar e entrou para inspecionar o carro que tínhamos deixado. Nós, escondidos nas sombras, soltamos um grande caudal de força e afeto para eles, o que nos permitiu nos aproximar e conversar com eles na boa. Explicamos o que estávamos fazendo, sem ocultar nada, com toda a sinceridade e transparência. Eles compreenderam e concordaram em ajudar. Então entramos no carro com eles, que nos trouxeram até aqui, na base. Eles agora estão lá dentro para facilitar as coisas — terminou Federico, com seu encantador sorriso.

—Excelente! — Disse Lorién e explicou o que eles tinham pensado.

—Estou de acordo com o plano — disse Federico —. Vamos falar com os outros.

Reuniram-se com o resto dos familiares e acordaram o plano com todos. Primeiro pediram para entrar e ver os familiares, mas não os deixaram, então pediram que avisassem a eles para saírem, e eles foram saindo um por um. Quando eles chegavam, os familiares lhes contavam em que estavam e lhes ajudavam a conectar com a Força e a Bondade profunda. Aos poucos, todos foram saindo e conectando com esse bem-estar e essa vontade de leva-lo a outros. Finalmente, às dez da manhã todos fizeram uma cerimônia de conexão com a Força e a dirigiram para os militares que estavam no interior, principalmente para os altos comandos.

Algo pareceu se deter, tudo ficou em silencio. Os militares que custodiavam a entrada ficaram imóveis, olhando para eles, primeiro sem entender e logo depois com belos sorrisos no rosto. Cinco minutos depois tudo tinha acabado. Os militares do controle e da porta abriram passagem e os acompanharam. Vários soldados saíram ao passo, duvidando e as poucos, convencidos de modo que, rapidamente foram integrando o grupo que foi crescendo e se dispersando pelo enorme recinto militar. Dividiram-se em grupos para irem cada um deles até as dependências do alto comando. Logo se viu muitos soldados andando, como desorientados, pelo lugar.

Um sargento deteve o grupo de Federico, Zule e Lorién apontando com um fuzil, cominando para voltarem e saírem do lugar, sob ameaça de atirar de imediato. Federico ficou adiante dos jovens e avançou com seu melhor sorriso e seus melhores sentimentos. O sargento, surpreso, ficou tonto pela onda de bondade que lhe chegou, mas não desistiu de sua intenção de detê-los. Ordenou a Federico que não desse mais um passo. Federico continuou avançando com os braços abertos, cobrindo com seu corpo a Zule e Lorién. De repente se ouviu um estrondo e Federico caiu no chão, ferido de morte. O sargento jogou a arma, como se fosse uma cobra, e se ajoelhou junto a Federico, pedindo perdão aos berros, chorando desesperado e implorando a Federico para não morrer, para perdoá-lo, explicando que tinha sido um acidente, produto dos nervos e da ansiedade. Lorién e Zule se ajoelharam com lágrimas nos olhos ao lado de Federico, tomando-o cada um de uma mão, foram canalizando a Força, tentando ajuda-lo em sua recuperação física. Lorién logo percebeu que o tiro tinha sido no coração e que não tinha remédio.

—Por que, Federico, por quê? — perguntava desconsolado.

Federico sorriu com suas últimas forças e, com apenas um fio de voz, falou ao ouvido dos dois:

—Não há nada pelo que chorar, ao contrário, há muito para agradecer. Agradeço profundamente a sorte de tê-los conhecido, antes e depois de suas transformações. São dois seres excepcionais.

Fez uma pausa para ganhar fôlego e continuou, com dificuldade.

—Um dia antes de vocês chegarem, eu tive a premonição, me vi como estou agora, com um tiro no coração e com vocês a meu lado. Pareceu a melhor morte que se poderia ter.

Voltou a tomar ar e prosseguiu obstinado

—A minha missão neste plano concluiu, por isso fiz o transpasso ontem.

Voltou a engasgar enquanto seu rosto ganhava uma palidez terrível.

—Não, Federico, por favor, não vai, te necessitamos — implorou Zule.

Federico esboçou um sorriso sem jeito.

—Quando aprofundes em ti e eu aprofunde em mim, ali nos encontraremos. Eu vou para o Profundo agora, para seguir a minha viagem evolutiva em outro plano. Quando quiserem comunicar-se comigo, só têm que ir para dentro de vocês e nos encontraremos.

Federico teve um espasmo que interrompeu sua voz, ao tempo que um jato de sangue saía por sua boca, deixando o corpo sem vida, com os olhos abertos olhando para o nada. Finalmente ficou um suave sorriso no rosto.

Zule começou a recitar a seu ouvido umas palavras com voz suave, clara e pausada...

As lembranças de tua vida são o juízo de tuas ações. Podes, em pouco tempo, lembrar muito do melhor que há em ti. Lembra então, mas sem sobressalto, e purifica tua memória. Lembra suavemente e tranquiliza a tua mente.

Fez um pequeno silencio retomando logo a palavra com o mesmo tom e intensidade:

Rechaça agora o sobressalto e o desalento

Rechaça agora o desejo de fugir para regiões obscuras

Rechaça agora o apego às lembranças

Fica agora em liberdade interior, com indiferença ante o devaneio da paisagem

Toma agora a resolução da ascensão

A Luz pura clareia nos cumes das altas cadeias montanhosas e as águas de mil cores descem por entre melodias irreconhecíveis em direção aos planaltos e às campinas cristalinas...

Não temas a pressão da Luz que te afasta de seu centro cada vez com mais força. Absorve-a como se fosse um líquido ou um vento, porque nela certamente está a vida...

Quando na grande cadeia montanhosa encontrares a cidade escondida, deverás conhecer a entrada. Mas, isso só saberás no momento em que tua vida for transformada. Suas enormes muralhas estão escritas em figuras, estão escritas em cores, estão 'sentidas'. Nessa cidade, guarda-se o feito e o que se está por fazer...

Fez outro breve silencio, retomando depois com o mesmo tom suave, pausado e afetivo:

Estás reconciliado...

Estás purificado...

Prepara-te para entrar na mais formosa Cidade da Luz, nessa cidade jamais percebida pelo olho, nunca escutada em seu canto pelo ouvido humano...

Vem, prepara-te para entrar na mais formosa Luz...

Ficaram em silencio os dois por alguns instantes, profundamente conectados ao espírito de Federico, acompanhando-o em sua partida, em seu voo livre, agora que tinha se libertado de seu corpo. Terminaram os dois com um sorriso de paz em seus rostos. Incorporaram-se e ajudaram o sargento a se levantar, banhado em lágrimas. Tiveram para ele palavras de profundo afeto enquanto o faziam sentir seu mais profundo amor e seus melhores desejos de bem-estar. O militar se abraçou a eles com desespero e finalmente caiu de joelhos agradecendo com todo seu ser a bondade e o amor deles, que tinha aberto a porta de sua bondade profunda, coberta desde muito tempo. Eles voltaram a ajuda-lo a se levantar e o abraçaram com afeto. De repente perceberam que estavam cercados por centenas de pessoas, entre civis e militares, que os ouviram em silencio reverente, profundamente mexidos pela cena, e pelo profundo amor e compaixão que vinha deles. Zule e Lorién, junto com o sargento, tomaram com delicadeza o corpo sem vida de Federico e o levantaram. Imediatamente Emilia, Gregório, Frank e Rebeca ajudaram a levantá-lo e sustentá-lo. Espontaneamente, o cortejo fúnebre dirigiu-se para uma formosa zona verde com várias árvores de grande tamanho e ali depositaram o corpo com muita suavidade. Sem saberem como, apareceram picaretas e pás e, em questão de minutos, escavaram um poço na terra fofa e fértil.

Para esse então tinha milhares de pessoas ao redor, em primeira fila os civis e logo todo o contingente militar da base.

Voltou a se escutar a voz de Zule, forte e serena:

A vida cessou neste corpo. Devemos fazer esforços para separar, em nossa mente, a imagem deste corpo e a imagem de quem agora lembramos...

Este corpo não nos ouve. Este corpo não é quem nós recordamos...

Aquele que não sinta a presença de outra vida separada do corpo, considere que, mesmo que a morte tenha paralisado o corpo, as ações realizadas seguem atuando e a sua influencia não se deterá jamais. Esta cadeia de ações desatadas em vida não pode ser detida pela morte. Que profunda é a meditação em torno desta verdade, ainda que não se compreenda totalmente a transformação de uma ação em outra!

Ficou em silencio um par de minutos para prosseguir depois com sua voz transparente e cantarina.

E aquele que sinta a presença de outra vida separada, considere igualmente que a morte só paralisou o corpo, que a mente mais uma vez se liberou triunfalmente e se abre caminho para a Luz...

Seja qual for o nosso parecer, não choremos os corpos. Meditemos melhor na raiz de nossas crenças e uma suave e silenciosa alegria chegará até nós...

Paz no coração, Luz no entendimento!

Depois de alguns instantes ela retomou a palavra.

—Agora vamos dar espaço para que todos expressem a Federico o que queiram.

Um atrás do outro, os que o tinham conhecido, foram expressando diferentes coisas sobre Federico. O muito que aprenderam com ele, o coerente que tinha sido até o dia de sua morte, o bom exemplo e modelo a seguir que tinha sido. Os testemunhos se multiplicaram, contando anedotas significativas, divertidas, profundas. Finalmente, em meio a esse maravilhoso clima humano, sagrado e alegre, vários militares que não o tinham conhecido agradeceram por esse dia maravilhoso com que os tinha presenteado, pelos ensinamentos e pela profunda compreensão da vida e da morte que lhes tinha ficado com seu exemplo. Agradeciam também por retirar o último obstáculo para a vida, a última ilusão, o absurdo da morte, e por ter colocado em seu interior a pedra angular que os encaminhasse para a transcendência imortal.

Introduziram o corpo no túmulo com ternura e delicadeza e rapidamente o cobriram com terra.

Terminada a cerimônia todos os presentes se abraçaram espontânea e alegremente, sentindo que estavam colocando os alicerces para a fraternidade entre todos os seres humanos.

Sem perceber, o dia tinha passado e o ocaso trouxe como presente um belo entardecer, com muito colorido que contemplaram em silencio, extasiados e enal-

tecidos pelo privilégio de terem sido testemunhas de uma experiência tão importante para todos que, sem dúvida, ia marcar o resto de suas vidas.

Na base, habilitaram os espaços para que pudessem comer todos juntos e acordar quais seriam os passos seguintes.

Rebeca, Frank, Emilia e Gregório contaram durante o jantar que, enquanto eles cuidavam do corpo de Federico, a maioria dos altos comandos tinha manifestado seu acordo sobre a impossibilidade de usar armas concebidas para defender o povo, em contra do mesmo. Com mais razão ainda quando este não fazia mal a ninguém. Os poucos comandos que não estiveram de acordo foram arrestados e ficaram confinados. O processo tinha sido muito rápido. A cerimônia de morte do corpo de Federico tinha sido a cereja do bolo para os poucos que tinham ficado com dúvidas.

Por sua parte, eles contaram como tinha sido a partida de Federico. Lorién comentou sobre a belíssima cerimônia que Zule tinha guiado ao ouvido para Federico, para facilitar sua partida. Eles pediram para Zule repeti-la para eles. Ela o fez com gosto.

—Você é verdadeiramente uma caixa de supressas. De onde tira essas cerimônias tão profundas e poéticas? — perguntou Lorién.

—São cerimônias da Escola, lembra que meus pais eram membros e que desde pequena me passaram muitas coisas. Muitas delas foram aflorando nestas últimas semanas. Parece que o contato com você traz sempre danos colaterais — riu ela.

—Que beleza e que poesia! — confirmou Frank—, mas, sobretudo, que precisão, que justas as palavras, não sobrou nem faltou nenhuma.

—Sim, diferente das cerimônias a que estamos acostumados todos, estas não te deixam afundado na miséria, na tristeza, no temor, na perda, mas te deixam muito, muito para cima, com tom alto, inspirado e que abre o futuro — expressou Emilia.

—Parecem tão acertadas, atinadas e adequadas para estas situações que obviamente vêm da consciência inspirada, não pode ser de outro mundo — terminou Gregório.

—Foi impressionante ver como todos foram passando da surpresa, do pasmo, do susto inicial para a pena da perda. E, finalmente, com a cerimônia, todos ficaram com o astral muito alto, para cima. O transcendental voltou a ser presença — disse Rebeca reflexiva.

Nesse momento se ouviu pelos alto-falantes uma voz que convidava os presentes a passar para frente e pegar o microfone para manifestar quais seriam os passos que deviam seguir. Todos viraram para Lorién e Zule, eles se olharam entre si e deram de ombros, enquanto se punham em pé.

Lorién lembrou o sonho tão significativo que tivera duas noites antes e murmurou algumas palavras.

—Aceito meu destino. *Eu que volto luminoso às horas, ao dia rotineiro, à dor do homem, a sua simples alegria. Eu que dou de minhas mãos o que posso, que recebo a ofensa e o cumprimento fraterno, canto ao coração que do obscuro abismo renasce para a luz do ansiado Sentido.*

—Realmente, essas frases nos colocam no lugar certo que Federico nos transmitiu — disse ela pensativa, caminhando para o microfone com ele.

—Vai, Lorién, eu traduzo.

—Você é uma fresca — riu ele, aceitando seu destino.

—Queridos amigos, todos nós fomos protagonistas de uma situação extraordinária — começou Lorién —. A resolução de forma não violenta de uma situação que podia ter acabado num massacre.

Fez silêncio alguns instantes. Todos escutavam atentos, sentia-se no ambiente a intensidade dos grandes momentos.

—Hoje, umas poucas dúzias de valentes e generosas pessoas entraram neste recinto militar armados com sua boa vontade, seu afã de levar o melhor de si a outros e evitar que milhões de pessoas no mundo todo morram de forma absurda. Apenas contando com a persuasão e suas mãos e com o peito descoberto, em posição de total vulnerabilidade. Encontramos quase dez mil heróis que compreenderam rapidamente a importância de tratar os demais como queremos ser tratados. Que rapidamente sintonizaram com a mensagem simples de fraternidade que as pessoas trouxeram. Fomos testemunhas da morte de uma das pessoas que pôs em marcha este grande movimento no mundo, assassinado pelo temor, a intolerância e a contradição de uma forma de estar no mundo, que já não tem cabimento nesta primeira civilização planetária que está nascendo. Fomos testemunhas de como o espírito de Alejandro Fernandez seguiu seu trânsito para a transcendência imortal, voando livre das ataduras de seu corpo, uma vez cumprida a sua missão. Antes de partir ele passou a responsabilidade de seguirmos seus passos para Zule e para mim. Agora, quero aproveitar para passá-la para vocês. Com a partida de Alejandro, já não corresponde que ninguém lidere esta mensagem de alegria e liberação, ela é de todos. Este é o legado que ele nos deixa. É o legado para toda a humanidade: o fogo sagrado, a transcendência. Assim como em seu momento, nossos antepassados aprenderam a manipular o fogo e isto impulsionou um salto qualitativo em nossa espécie, hoje, todos os seres humanos estão prontos para aprender a conectar com o sagrado, com o transcendente que vive dentro de todos, com o seu fogo sagrado. O salto qualitativo que isto supõe para nossa espécie, neste momento, é impossível de imaginar, mas somos conscientes de que vai mudar tudo. Todos nós temos experiências que modificaram nossa visão sobre nós mesmos, sobre os demais e sobre o mundo. Sobre quem somos, de onde viemos, e para onde vamos. O dia de hoje ficará marcado na memória de toda a humanidade como o dia da morte da morte, como o dia do começo da vida. Portanto, declaro ante vocês minha fé e minha certeza de experiência a respeito de que a morte não detém o futuro, que a morte, ao contraio, modifica o estado provisório de nossa existência para lançá-la para a transcendência imortal.

Ficou alguns instantes em silêncio, claramente conectado com o sagrado, nada se ouvia na enorme sala, lotada, com quase dez mil pessoas. Sentia-se uma vibração muito poderosa no ambiente.

—Bem, é hora de nos movermos. Sugerimos que o General Ryan, a cargo deste lugar, concretize uma urgente e rápida reunião com o comandante—em—chefe do exército para persuadi—lo da necessidade de renunciar às respostas violentas, para evitar o massacre. O restante do alto comando terá a seu cargo visitar e persuadir os generais no comando das principais bases militares do país, sobretudo das que tem armamento nuclear, com total urgência. Nós dois, mais alguns companheiros, ficaremos na base como equipe reserva para dar resposta a situações de urgência que possam se apresentar, assim poderemos ir rapidamente onde formos necessários. Esta base converte—se em nosso centro de operações até que a crise tenha passado. Nela só ficarão os militares necessários para seu normal funcionamento. Ao resto, pedimos que vá até os lugares onde tenha algum familiar ou amigo para fazer—lhe chegar a mensagem. Caso todos estejam de acordo, comecemos a nos organizar. Temos meia hora para ficarmos prontos para cumprir a nossa missão. Nossos melhores desejos para todos. Neste momento crucial é vital o aporte de cada um.

Houve aprovação e rapidamente se organizaram para ver o que fazia cada qual e resolver os temas logísticos para seus deslocamentos. Em menos de meia hora o enorme comedor tinha se despejado quase totalmente.

—Querido Lorién — informou o general Ryan—, acabo de acordar com o general Whitman, comandante—em—chefe do exército, uma reunião presencial. Custou convencê—lo devido às milhares de urgências que está coordenando, mas ele me receberá graças a que fomos colegas e amigos por muitos anos. A propósito, você estava certo. Meia hora atrás o exército se fez cargo do mando do país, pelo desgo—verno, a emergência e a crise que se esta vivendo. Em definitivo, para preservar o país. É mais um motivo para ir ver o Comandante—em—chefe Whitman.

—Que boa notícia! — disse Lorién —. Essa reunião poderá facilitar, e muito, que a crise se resolva de forma não violenta. Adoraria te acompanhar, mas levantaria suspeitas. É melhor que vá sozinho e logo, não seja que aconteça alguma barbáridade antes que você chegue.

—Sim, pensei o mesmo. Mas, já que não pode me acompanhar, quero pedir a sua bênção para esta crítica missão.

—Você é que me abençoa com sua presença — disse Lorién comovido—. Será como pede.

Pôs a mão esquerda nas costas e a direita no coração do general e compartilhou com ele seu enorme caudal energético e sua bondade mais profunda. O general teve um poderoso espasmo enquanto abria os olhos de forma desmedida, para passar rapidamente a uma expressão de inebriamento e doçura que suavizou o seu rosto que se encheu de lágrimas de agradecimento. Olhou para Lorién e tentou se ajoelhar para agradecer, mas ele não permitiu. Ao contrário, fundiu—se com ele num profundo e afetuoso abraço. Depois de alguns segundos separaram—se e o general fez uma inclinação de cabeça em deferência e sem dizer nada deu meia volta, ainda com os olhos cheios de lágrimas e expressão de deleite em seu rosto, e andou resolutamente para cumprir o seu cometido.

Zule e Lorién, junto a Gregório, Emilia, Rebeca e Frank, o viram partir emocionados. Segundos depois estavam dando respostas aos múltiplos pedidos de auxílio, apoio e esclarecimento, vindos da base como de outras partes do país.

Depois de um tempo voltaram a se reunir.

—Tenho a intuição que neste momento deve estar a ponto de começar a reunião do General Ryan com o Comandante Whitman. Gostaria que fizéssemos uma experiência com a Força para fazer chegar nossos melhores desejos a eles e ao pessoal que os acompanha — comentou Lorién.

Concordaram e o próprio Lorién guiou a experiência. Segundos depois de terminar, o Capitão Garcia chegou correndo com um telefone.

—Lorién, Lorién, é o General Ryan, quer falar com você.

O General comunicou que no começo da reunião tudo parecia ir mal. Ele não estava encontrando as palavras adequadas e o Comandante estava cada vez mais fechado e incomodado pela proposta e por perder seu tempo. Até que num dado momento se conectou com seu interior evocando a experiência que tinha tido com Lorién. Sentiu de repente que lhe chegava uma grande paz e uma enorme bondade fluía de seu interior. Nesse instante sentiu algo como uma correnteza que os cercava de bem-estar, então expressou afetuosamente para o Comandante, tomando-o da mão: *Paz no coração, Luz no entendimento, querido amigo*. Isso produziu uma poderosa comoção no Comandante Whitman e amoleceu o olhar dos seus dois assistentes. Finalmente Whitman olhou para ele e expressou o agradecido que estava por ele ter perseverado em sua intenção de persuadi-lo, já que estava obsecado e tenso pelas preocupações e os problemas a resolver, e por não saber ao certo o que fazer. Sua intenção era impor a ordem pela força, apesar de saber que isso implicaria milhões de mortes, isso era algo que tinha decidido momentos antes de sua reunião com Ryan. Agradeceu por ajudá-lo a ver com clareza que eles se devem ao povo e que sua missão é defender e cuidar da integridade das pessoas. Compreendeu que os tempos da violência passaram e que era sua responsabilidade facilitar que esta crise fosse resolvida de forma não violenta. Rapidamente escreveram um comunicado no qual ordenavam a todos os comandos nas bases e recintos militares que, sob nenhum pretexto, fizessem uso da força. Avisavam que logo chegariam delegados com suas ordens para cada recinto militar, para entrega-las pessoalmente a cada um, e que, até lá, se abstivessem de tomar qualquer decisão. Que selaram os recintos e ninguém entrasse nem saísse. Não se admitiriam escusas, e o descumprimento dessa ordem seria penalizado com a pena de morte sumaria, sem juízo. Imediatamente enviaram o comunicado.

Ryan contou que nesse momento estavam convocando os delegados que iam transferir as ordens diretamente a cada recinto militar. Que tinha acordado com o Comandante fazer primeiro uma cerimônia de contato com a Força e depois transmitir a mensagem a cada um para que a levassem a seu destino.

Lorién parabenizou Ryan efusivamente e ficou aliviado.

—General, fez um trabalho louvável, estará nos anais do futuro. Já é tarde, imagino que depois da cerimônia e de partirem os delegados com as ordens, terão

que descansar. Quero pedir que amanhã permaneça no alto comando junto a Whitman. Uma vez que esteja segura a frente interna, necessitaremos assegurar a frente externa. Quer dizer, necessitamos chegar a um acordo com os países que têm armas nucleares para a sua eliminação e firma de um tratado que elimine todas as guerras e conflitos bélicos no planeta. Os países que não quiserem assinar terão na sua frente o resto da humanidade. Nosso pessoal está fazendo sua parte em cada país, assim como nós estamos fazendo a nossa aqui. Amanhã, a primeira hora, Whitman, com você ao lado, tem que abrir uma linha direta de negociação com o resto dos países com armamento nuclear. Descansa tudo que o que puder, você merece. Todas as congratulações e agradecimento de toda a equipe desde aqui e, através de nós, de toda a humanidade.

—Bem — gritaram de júbilo todos, quando Lorién contou sobre a situação.

—É hora de nós descansarmos também, estamos todos muito cansados e amanhã será um dia de trabalho duro para garantirmos que a paz se instale finalmente em nosso planeta — disse Zule.

Foram deitar depois de dizerem para os militares de guarda que ante qualquer urgência os acordassem sem duvidar.

Ao amanhecer chegou outra ligação do General Ryan.

Ele contou que todos os recintos e bases militares estavam assegurados, que tinha havido poucos casos de rebeldia ante as ordens recebidas e estes tinham sido detidos por precaução. Logo depois de acabar a crise seriam deixados em liberdade.

—Que alívio me dá isso que conta, tínhamos temor de que os fuzilaram por se rebelarem. É um sinal poderoso dos tempos que vem aí — comentou Lorién.

Ryan continuou contando que se tudo corresse bem, as comunicações seriam reestabelecidas, Internet, telefonia e TV, para que todo mundo soubesse o que estava acontecendo no país e no mundo. Depois contou que tal e como Lorién tinha previsto, desde a Índia, Coreia do Norte, Paquistão e Rússia tinham chegado ligações pelas linhas privadas reservadas para emergências.

Estavam sintonizados com a nova sensibilidade, mas preocupados de que algum país quisesse aproveitar a situação. No início foram se comunicando de a um, até que ficou claro que todos queriam o mesmo: eliminar todos os arsenais nucleares. Nesse momento abriram um canal de conferência para que os nove países com armamento nuclear pudessem conversar e negociar juntos. Houve um par de países que mostraram certa reticência, mas a pressão dos países maiores e mais poderosos os convenceu. Finalmente, comentou que nesses momentos estavam negociando os detalhes secundários para o acordo de destruição de todos os armamentos nucleares, o grosso estava acordado.

—É a melhor notícia que me podia dar, Jack. Terminado o acordo, tem que seguir martelando enquanto ainda está quente, para que imediatamente se assine um tratado de não agressão entre todas as nações. Para isso haverá que dar a Nações Unidas a força e o poder que nunca teve desde sua criação, para que todos os países em paridade possam assinar o tratado. Depois terá que ser criado um procedimen-

to de rápida concreção para superar a antiguidade dos países e avançar em convergência para a Nação Humana Universal. A sua coordenação deverá estar a cargo de um corpo colegiado, com um representante de cada um dos antigos países, para ir monitorando e coordenando essa grande federação de povos e culturas nos três primeiros anos. Depois disso, se autodissolverá e se acordará um novo mecanismo, caso seja necessário.

Lorién fez uma pausa.

—Finalmente, necessitamos que as Nações Unidas desenvolvam um documento no qual se comprometam a destinar todos os recursos em função do desenvolvimento e bem-estar do ser humano, para terminar de uma vez com a monstruosidade de que existam pessoas abaixo do umbral de vida digna a que todos temos direito.

Fez outra pausa.

—Com certeza, Jack, você terá percebido que essencialmente somos um povo psíquico. Tenho certeza que, assim como eu, você também sente que os pré-dialógicos, as crenças básicas que nos amarravam à barbárie, mudaram e que a copresença do resto da humanidade converteu-se em algo quase tangível em nosso interior. Hoje, quando a gente diz 'eu existo porque tu existes', isso é mais claro e tangível que nunca. A gente sente bilhões de pessoas fazendo parte desta grande consciência humana que sustenta cada uma de nossas pequenas e ilusórias consciências, com as que cada um de nós realimenta o conjunto. Temos copresente, constantemente, essa ampliação de nossa consciência, essa poesia em movimento que é o Ser Humano, esses belos sentimentos que nos acompanham e que sempre estarão conosco. Ressoam em mim algumas palavras que escutei faz tempo:

Não imagines que estas só em teu povoado, em tua cidade, na Terra e nos infinitos mundos.

Não imagines que estas acorrentado a este tempo e a este espaço.

Não imagines que em tua morte se eterniza a solidão.

Lorién ficou em silêncio meditando. Do outro lado do telefone também não se ouvia nada, mas havia uma emoção que os mantinha conectados. Segundos depois se ouviu um pranto do outro lado.

—Você está bem? — perguntou Lorién.

—Sim, melhor que em toda minha vida — respondeu a voz emocionada do general —. Não sabe quanto me alegra ter conhecido você, Lorién, não sabe o quanto! Não pode imaginar como a minha vida mudou desde que você chegou à base ontem. Parece que faz muito tempo e apenas se passara um dia — riu ele comovido—. Como você bem disse, este registro interior de existência foi crescendo, crescendo sem parar. Agora, às vezes me parece sentir toda a espécie humana e me acontece de se apagarem os limites entre este velho e tosco general e esse mar de poesia que é a humanidade. Obrigado Lorién — terminou o general com um soluço.

—Sim, eu sei — respondeu emocionado Lorién —, para mim isto é tão novo como para você. Há apenas cinco semanas eu nunca tinha ouvido falar da Força, não

tinha ideia da transcendência e muito menos podia imaginar esta copresença maravilhosa de toda a humanidade. Sim que sei, querido amigo, sim que o sei. Graças a Alejandro.

Lorién chorava de um lado do telefone e Jack Ryan, o general, o fazia do outro lado, sem recato, sem vergonha, conectados com um profundo agradecimento a toda a humanidade. Não só àquela presente nesse tempo e espaço, mas a todas as pessoas que os tinham precedido e tinham propiciado chegar a este nível. Sentiam-se em dívida com todos eles, e choravam e agradeciam e choravam pela felicidade inimaginável que estavam vivendo.

—Então Lorién, a Nação Humana Universal é o fim do sofrimento? É o fim da história? Acabaram-se os problemas?

—Não, querido amigo, não. Esse é o começo de uma nova etapa vital para a espécie. Igual que nossos antepassados, aqueles hominídeos mal equipados e vulneráveis a tudo, quando descobriram o uso e a manipulação do fogo, sentiram-se seguros pela primeira vez. Sentiram que sua vulnerabilidade tinha chegado ao fim, que esse fogo lhes daria segurança, ferramentas, comida e milhares de outras coisas. Foi, sem dúvida, um salto qualitativo como espécie, e que nos trouxe até aqui. Agora vem outro salto qualitativo e o ser humano crescerá de novo até limites insuspeitados para nós, como insuspeitados foram os avanços e desenvolvimentos conseguidos por nossa espécie, para aqueles antiquíssimos parentes nossos que descobriram o fogo. E nesse crescimento aparecerão problemas que hoje não podemos nem conceber. Não, não acabou a história da humanidade. Estamos terminando com a pré-história da humanidade, agora começa a verdadeira história e quem é que sabe para onde nos levará. Uma vez superadas as diferenças em nosso planeta, o ser humano pensará em viajar e colonizar outros planetas do universo, e experimentar outras formas de vida, de corpos ou suportes ou veículos que sustentem sua humanidade ou, talvez, até sem corpos. Quem sabe até onde chegará a criatividade humana, uma vez liberada da ditadura da violência e do trabalho que as máquinas irão realizando crescentemente. Quem sabe, meu amigo.

—Tudo isso é tão estranho. O Novo Mito, e aqui estamos nós, um general de mais de sessenta anos, recebendo aulas de sabedoria de um jovem que ainda não tem vinte —riu—. Que bons tempos temos pela frente, se o resto dos jovens se parecerem um pouco com você.

—Não tenha dúvidas, eu sou dos mais torpes, pergunte para Zule.

Riram os dois com vontade, e toda a equipe perto de Lorién que tinha seguido a conversa dos dois riu junto, conectada profundamente com as emoções deles, como se fossem eles próprios a manter esse diálogo.

—Querido Jack, não sei se voltaremos a nos ver, agora que tudo está encaminhado, minha missão terminou. De todas as maneiras, sempre estaremos conectados. Alejandro me presenteou com algo. Antes de partir, ele me disse: *Quando aprofundes em ti e eu aprofunde em mim ali nos encontraremos*. Agora isto é mais claro que ontem quando ele o disse. Todo meu afeto para ti e todo meu reconhecimento. Obrigado.

—Obrigado a você, Lorién, agora já sei como me comunicar com você sempre que tenha saudades, se é que chegar a ter. Agora é difícil sentir-se sozinho com esta copresença de toda a humanidade — riu forte —. Paz, Força e Alegria para você e obrigado também porque agora entendo o significado destas palavras.

Ao terminar a comunicação telefônica, Lorién, Zule e o resto dos amigos ficaram em silêncio durante longo tempo.

—Parece que finalmente saímos da pré-história humana! — comentou Zule emocionada.

—Como segue isto? — perguntou Rebeca

Todos voltaram a olhar para Lorién.

Ele continuou em silêncio alguns instantes.

—Acho que ficou claro que já não há líderes, por minha parte eu dou por terminada a minha missão e acho que voltarei a dar uma olhada a minha terra, espero que acompanhado... — disse olhando para Zule com o canto do olho.

—Claro! — exclamou ela — Faz o que lhe vem na telha e agora nos quer convencer de que pede licença aos demais. Será cada de pau! — terminou dando um abraço e um enorme beijo —. É claro que vou com você, babaca — disse ela —, com o desastre de pessoa que você é não chegaria nem na volta do quartelão.

Todos riram as gargalhadas e começaram a se despedir com sentidos e longos abraços, até eles ficarem sozinhos.

Falaram com o Capitão Garcia quem se encarregou de coordenar seu voo até Madrid e proporcionou o carro que os levaria cedo até o aeroporto.

Essa noite antes de dormir, Zule perguntou a Lorién:

—Entendo que quer ver sua gente, sua família, e para mim será uma enorme felicidade conhecê-los, já os sinto como se fossem a minha própria família. E depois, o que se imagina fazendo?

Lorién ficou pensativo e desenhando um sorriso disse:

—Depois de Teruel, eu gostaria de voltar para Istambul para ver teus tios. Suponho que também terá muitas coisas para ver com eles, e de passada ver a Erkin e aproveitar para conhecer a cidade. Gostaria que pudéssemos percorrer com calma e de forma anônima distintos lugares, para ir vendo como a Mensagem vai tomando diversas formas de se desenvolver e expressar, e, porque não, dar uma mão onde possamos. Poder ser testemunha privilegiada, em primeira fila, da instalação do novo Mito, da configuração da primeira civilização mundial. Em síntese, da Nação Humana Universal.

—Que alívio! Pensei que depois do que tínhamos passado, só ia querer chegar à sua cidade e ficar sentado vendo crescer os filhos e netos. Assim é que temos baile para um bom tempo, huahuahua — riu ela puxando ele pelas orelhas para lhe dar um grande beijo, no qual se perderam por longo tempo.

FIM (por enquanto)

POSFÁCIO

Querido leitor, conforme comentei na dedicatória inicial, a maioria dos textos e diálogos que aparecem neste livro são parte da extensa obra de Silo (pseudônimo de Mario Luis Rodríguez Cobos). Os buscadores que quiserem seguir explorando o seu trabalho, podem visitar WWW.silo.net, página oficial com sua mensagem, sua obra e sua vida pública.

Faço minhas mais uma vez as suas palavras: Um novo horizonte espiritual está nascendo no mundo, enquanto, simultaneamente, vão se desintegrando todas as estruturas.

Uma nova espiritualidade começa a se expressar no mundo todo; não é a espiritualidade da superstição, não é a espiritualidade da intolerância, não é a espiritualidade do dogma, não é a espiritualidade da violência religiosa, não é a pesada espiritualidade das velhas taboas e dos desgastados valores; é a espiritualidade que despertou de seu profundo sono para nutrir novamente os seres humanos em suas melhores aspirações.

Também temos que anunciar uma nova civilização que está nascendo, a primeira civilização planetária da história humana. E, portanto, aquelas crises que sobrevêm e ainda sobrevirão no futuro próximo, servirão, não obstante seu infortúnio, para superar esta última etapa da pré-história humana... e cada qual saberá se decide ou não acompanhar esta mudança, e cada qual compreenderá se busca ou não uma renovação profunda em sua própria vida.

As relações pessoais, deterioradas hoje ao máximo, mostram o aumento de uma violência surda, na qual o 'tu' e o 'nós' vão desaparecendo e na qual o indivíduo, lançado à solidão e ao aturdimento, não encontra já as saídas. Devemos reafirmar, neste campo, que todo ser humano tem direito a se perguntar pelo sentido da vida, pelo amor, pela amizade... e por tudo aquilo que diz respeito à poesia e a grandeza da existência humana e que uma estúpida e pequena cultura materialista tenta denegrir, arrastando tudo para os antivalores e a desintegração.

Em breve as novas gerações começarão a ensinar às adultas com um novo afeto e uma nova compreensão.

Estamos no final de um período histórico obscuro e já nada será como antes. Aos poucos começará a clarear o amanhecer de um novo dia; as culturas começarão a entender-se; os povos experimentarão uma ânsia crescente de progresso para todos, entendendo que o progresso de uns poucos termina em progresso de ninguém. Sim, haverá paz, e por necessidade se compreenderá que começa a perfilar uma nação humana universal.

Com muito afeto, para ti.

José Luis de Leonardo

